UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO - FAALC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

PATRICK ALIF FERTRIN BATISTA

AGENDAMENTO MIDIÁTICO E O TRATAMENTO DE TEMAS ESTIGMATIZADOS: o fenômeno suicídio nos enunciados jornalísticos de *sites* de notícia em Campo Grande

CAMPO GRANDE – MS
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO - FAALC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

PATRICK ALIF FERTRIN BATISTA

AGENDAMENTO MIDIÁTICO E O TRATAMENTO DE TEMAS ESTIGMATIZADOS: o fenômeno suicídio nos enunciados jornalísticos de *sites* de notícia em Campo Grande

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, como requisito para a obtenção do título de mestre em Comunicação. Área de concentração: Mídia e Representação Social.

Orientação: Profª Drª Márcia Gomes Marques

CAMPO GRANDE – MS
2019

PATRICK ALIF FERTRIN BATISTA

AGENDAMENTO MIDIÁTICO E O TRATAMENTO DE TEMAS ESTIGMATIZADOS:
o fenômeno suicídio nos enunciados jornalísticos de *sites* de notícia em Campo Grande

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Artes, Letras, e Comunicação da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Área de Concentração: Mídia e Representação Social

Linha de Pesquisa: Linguagens, Processos e Produtos Midiáticos

Orientadora: Profª Drª Márcia Gomes Marques

Campo Grande, MS, 30 de agosto de 2019.

COMISSÃO EXAMINADORA

Márcia Gomes M.

Profª Drª Márcia Gomes Marques (Orientadora — Presidente)
Doutora pela Pontifícia Università Gregoriana, PUG, Roma, Itália
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dr. Mário Luiz Fernandes (Avaliador — Membro Titular)
Doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre/RS, Brasil
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Profª Roseli Aparecida Fígaro Paulino (Avaliadora — Membro Titular)
Doutora pela Universidade de São Paulo, USP, São Paulo/SP, Brasil
Universidade de São Paulo (USP)

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, ser celestial motivo de minha existência, resistência e fé. Agradeço ao esforço descomunal de meus pais que encararam a lida cotidiana, despertando sempre antes de nascer o sol, para que eu pudesse alçar voos altos em minha vida. Ao meu irmão Nicolas, que me proporcionou mais leveza a esse período de produção com seu carisma. Agradeço imensamente minha namorada, amiga, confidente e cúmplice Cássia, por segurar a minha mão em momentos de tempestade e sempre compartilhar comigo os êxitos, desde os mais insignificantes até os mais gloriosos.

Com imenso carinho e reconhecimento agradeço ao corpo docente da UFMS, por proporcionarem desde a graduação, um imensurável enriquecimento intelectual e, principalmente, a minha orientadora, Profª Drª Márcia Gomes Marques, que brilhantemente me orientou para as melhores escolhas neste trabalho, ampliando meu horizonte intelectual.

Também agradeço aos professores envolvidos no PROCAD e ao Corpo Docente da USP, que me proporcionaram durante um semestre uma experiência inesquecível de formação e amadurecimento intelectual. A minha psicóloga Ana Lúcia, que procurou me auxiliar no estabelecimento de equilíbrio em algumas situações de caos. Agradeço por fim aos meus avós, que sempre colocam em suas preces o meu sucesso e bem-estar. Por fim, agradeço aos meus tios, primos, sogro, sogra e amigos, que sempre torceram e apoiaram as minhas conquistas.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Uma das páginas do jornal do Comércio, de 1964 58

FIGURA 2 – Notícia ampliada do Jornal do Comércio de 1964 59

FIGURA 2 – Notícia ampliada do Jornal do Comércio de 1964 90

FIGURA 3 – Trecho de notícia de 16 de setembro de 2014 do *CG News*: "Tabu na sociedade: suicídio foi cometido por 35 pessoas em 7 meses" 122

FIGURA 4 – Trecho de notícia de 25 de setembro de 2014 do *CG News*: "Resgate de mulher na torre do Morenão exigiu operação de alto risco" 125

FIGURA 5 – Trecho de notícia de 07 de setembro de 2015 do *CG News*: "O mês para quebrar tabu e alertar que 90% dos suicídios podem ser evitados" 126

FIGURA 6 – Trecho de matéria de 14 de setembro de 2016 do *CG News*: "Um adeus no *Facebook* e o coração de Eduardo parou, para o desespero dos amigos"..... 128

FIGURA 7 – Trecho de matéria de 14 de setembro de 2016 do *CG News*: "Um adeus no *Facebook* e o coração de Eduardo parou, para o desespero dos amigos" 128

FIGURA 8 – Trecho de matéria de 14 de setembro de 2016 do *CG News*: "Um adeus no *Facebook* e o coração de Eduardo parou, para o desespero dos amigos" 129

FIGURA 9 – Trecho de matéria de 10 de setembro de 2017 do *CG News*: "Três casos no dia de alerta confirmam: MS precisa falar de suicídio" 132

FIGURA 10 – Trecho de matéria de 14 de setembro de 2017 do *CG News*: "Com dor de perder esposa e filho de 2 anos, homem alerta para suicídio" 132

FIGURA 11 – Trecho de matéria de 19 de setembro de 2017 do *CG News*: "No Setembro Amarelo, mulher tenta suicídio, mas sequer vê psiquiatra" 135

FIGURA 12 – Trecho de matéria de 01 de setembro de 2018 do *CG News*: "Nos celulares, boneca Momo é desafio assustador que deixa escolas em alerta" 136

FIGURA 13 – Trecho com título, subtítulo e *lead* da matéria de 08 de setembro de 2018 do *CG News*: "Setembro é o mês de alerta com aumento de casos de quem não quer mais viver" 138

FIGURA 14 – Trecho do 11º ao 14º parágrafo da matéria de 08 de setembro de 2018 do *CG News*: "Setembro é o mês de alerta com aumento de casos de quem não quer mais viver" 139

FIGURA 15 – Trecho com o 18º parágrafo (em destaque) da matéria de 08 de setembro de 2018 do *CG News*: "Setembro é o mês de alerta com aumento de casos de quem não quer mais viver" 139

FIGURA 16 – Trecho de matéria de 29 de setembro de 2014 do *Midiamax*: “Garoto de 12 anos usa arma do pai policial e morre com tiro na cabeça em Campo Grande”..... 140

FIGURA 17 – Trecho de matéria de 10 de setembro de 2015 do *Midiamax*: “Com mais de 12 suicídios registrados por mês, é preciso discutir o tema em MS”..... 141

FIGURA 18 – Trecho de matéria de 10 de setembro de 2015 do *Midiamax*: “Com mais de 12 suicídios registrados por mês, é preciso discutir o tema em MS” 142

FIGURA 19 – Trecho de matéria de 30 de setembro de 2016 do *Midiamax*: “Setembro Amarelo: para quem já pensou em encerrar a própria vida, cada dia é uma vitória”... 143

FIGURA 20 – Trecho de matéria de 30 de setembro de 2016 do *Midiamax*: “Setembro Amarelo: para quem já pensou em encerrar a própria vida, cada dia é uma vitória”... 145

FIGURA 21 – Trecho de matéria de 22 de setembro de 2017 do *Midiamax*: “Mais de 11 mil pessoas se suicidam por ano no Brasil, aponta estudo”..... 146

FIGURA 22 – Trecho de matéria de 22 de setembro de 2017 do *Midiamax*: “Mais de 11 mil pessoas se suicidam por ano no Brasil, aponta estudo”..... 146

FIGURA 23 – Trecho de matéria de 22 de setembro de 2018 do *Midiamax*: “Precisamos falar de suicídio, um dos maiores tabus do jornalismo” 148

FIGURA 24 – Trecho de matéria de 30 de setembro de 2018 do *Midiamax*: “Setembro Amarelo: jovens superam preconceito sobre depressão e relatam superação”..... 149

FIGURA 25 – Trecho de matéria de 30 de setembro de 2018 do *Midiamax*: “Setembro Amarelo: jovens superam preconceito sobre depressão e relatam superação”..... 150

FIGURA 26 – Trecho da matéria de 19 de abril de 2017 do *CG News*: “Mensagem sobre 'jogo da morte' chega à polícia e põe escolas em alerta”..... 151

FIGURA 27 – Título da matéria de 19 de abril de 2017 do *CG News*: “Mensagem sobre 'jogo da morte' chega à polícia e põe escolas em alerta” 152

FIGURA 28 – Título da matéria de 19 de abril de 2017 do *CG News*: “Carta sobre 'jogo do suicídio' será enviada a pais e professores de MS”..... 152

FIGURA 29 – Trecho da matéria de 07 de maio de 2017 do *CG News*: “Polícia diz que jovem sofria de depressão e se jogou do 13º andar”..... 154

FIGURA 30 – Trecho da matéria de 07 de maio de 2017 do *CG News*: “Polícia diz que jovem sofria de depressão e se jogou do 13º andar” 154

FIGURA 31 – Trecho da matéria de 09 de maio de 2017 do *CG News*: “Jovens entre 15 e 29 anos são os que mais tentam tirar a própria vida”..... 156

FIGURA 32 – Trecho da matéria de 21 de julho de 2017 do *CG News*: “Polícia do Rio encontra jovens de MS entre aliciados para 'Baleia Azul'” 157

FIGURA 33 – Trecho da matéria de 21 de julho de 2017 do *CG News*: “Polícia do Rio encontra jovens de MS entre aliciados para 'Baleia Azul'”..... 158

FIGURA 34 – Trecho da matéria de 14 de abril de 2017 do *Midiamax*: “Adolescente brasileiro é vítima do Baleia Azul, o jogo do suicídio”..... 159

FIGURA 35 – Título da matéria de 19 de abril de 2017 do *Midiamax*: “Aviso de envenenamento em desafio do ‘Baleia Azul’ deixa escolas de MS em alerta” 160

FIGURA 36 – Matéria do *Midiamax* de 20 de abril de 2017 na íntegra: “Para vereadores, ‘Baleia Azul’ é reflexo de internet demais e amor de menos”..... 163

FIGURA 37 – Continuação da Matéria do *Midiamax* de 20 de abril de 2017: “Para vereadores, ‘Baleia Azul’ é reflexo de internet demais e amor de menos”..... 164

FIGURA 38 – Trecho de matéria do *Midiamax* de 25 de abril de 2017: “Reprodução irresponsável e satânica”..... 165

FIGURA 39 – Trecho de matéria do *Midiamax* de 25 de abril de 2017: “Crescimento constante: taxa de suicídio entre jovens sobre 10% desde 2002”..... 166

FIGURA 40 – Matéria do *Midiamax* do dia 31 de maio de 2017 na íntegra: “Violação de túmulos e cadáveres em MS pode estar ligada ao jogo ‘Baleia Azul’”..... 168

FIGURA 41 – Continuação da matéria do *Midiamax* do dia 31 de maio de 2017 na íntegra: “Violação de túmulos e cadáveres em MS pode estar ligada ao jogo ‘Baleia Azul’”..... 169

FIGURA 42 – Matéria do *Midiamax* do dia 22 de julho de 2017 na íntegra: “Pedofilia e rituais em cemitérios, a cara oculta dos curadores do Baleia Azul’”..... 170

FIGURA 43 – Continuação da matéria do *Midiamax* do dia 22 de julho de 2017 na íntegra: “Pedofilia e rituais em cemitérios, a cara oculta dos curadores do Baleia Azul’”..... 171

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – *CG NEWS*: Efeitos do agendamento do desafio “Baleia Azul” em 2017..... 65

TABELA 2 – *CG NEWS*: Efeitos do agendamento da campanha “Setembro Amarelo” em 2017 66

TABELA 3 – *MIDIAMAX*: Efeitos do agendamento do desafio “Baleia Azul” em 2017..... 67

TABELA 4 – *MIDIAMAX*: Efeitos do agendamento da campanha “Setembro Amarelo” em 2017 67

TABELA 5 – *CG NEWS*: Principais editorias relacionadas à temática suicídio e suas publicações nos meses de agendamento das campanhas “Setembro Amarelo” 70

TABELA 6 – *MIDIAMAX*: Principais editorias relacionadas à temática suicídio e suas publicações nos meses de agendamento das campanhas “Setembro Amarelo” 71

TABELA 7 – *CG NEWS*: Principais editorias relacionadas à temática suicídio e suas publicações nos meses de agendamento do desafio “Baleia Azul” 73

TABELA 8 – *MIDIAMAX*: Principais editorias relacionadas à temática suicídio e suas publicações nos meses de agendamento do desafio “Baleia Azul” 74

TABELA 9 – *CG NEWS*: Principais atributos dos conteúdos sobre suicídio publicados nos meses de agendamento das campanhas “Setembro Amarelo” 75

TABELA 10 – *MIDIAMAX*: Principais atributos dos conteúdos publicados sobre suicídio nos meses de agendamento das campanhas “Setembro Amarelo” 77

TABELA 11 – *CG NEWS*: Principais atributos dos conteúdos publicados nos meses de agendamento do desafio “Baleia Azul” 79

TABELA 12 - *MIDIAMAX*: Principais atributos dos conteúdos publicados nos meses de agendamento do desafio “Baleia Azul” 80

RESUMO

O presente trabalho entende que os veículos midiáticos contribuem na construção social da realidade, auxiliando, dessa forma, a produzir percepções, introduzir ideias, reforçar opiniões e reproduzir generalizações. Dado esse pressuposto, se explora a cobertura de temas estigmatizados (GOFFMAN, 2004), verificando dentre os múltiplos temas de tratamento complexo, o estigma relativo ao suicídio. Para isso, analisa-se a cobertura jornalística em portais de notícias de âmbito local, com o enfoque no *Campo Grande News* e no *Midiamax*, tendo como recorte temporal os meses de setembro entre os anos de 2014 a 2018, marcados pela campanha institucional Setembro Amarelo e o período de março a julho de 2017 referente a ocorrência do fenômeno Baleia Azul. O suicídio é, portanto, um tema de alta complexidade e estigmatizado, no qual seus personagens podem ser taxados como desacreditados, dependendo do tratamento que recebem. Por meio da hipótese do agendamento (McCOMBS; SHAW 2000) e de seus atributos e da exploração discursiva das heterogeneidades enunciativas (AUTHIER-REVUZ, 1990; 2004) presentes nos enunciados, verificou-se se o ciberjornalismo produzido nesses dois portais corrobora ou se opõe à manutenção do estigma em torno do autoextermínio. Com esses elementos, percebeu-se durante os conteúdos a prevalência de matérias factuais, a expressiva influência do aspecto organizacional da empresa jornalística sobre a identidade constitutiva do Eu jornalista, além de dúvidas e perplexidade dos profissionais em relação ao fenômeno.

Palavras-chave: estigma, ciberjornalismo, suicídio, heterogeneidade, agendamento.

ABSTRACT

This project to research presents as assumptions the capacity of media vehicles contribute to the social construction of reality, thus, reinforcing opinions and reproducing generalizations. Considering this aspect, the research explore to disclosures of themes stigmatized (GOFFMAN, 2004) by the press, checking among the multiple themes of complex treatment, the stigma surrounding suicide. For this, analyzes news coverage on local news portals, with the focus in *Campo Grande News* and *Midiamax* taking as a temporal cut the months of September between the years of 2014 to 2018, marked by the institutional campaign Yellow Ribbon and the period from March to July 2017 regarding the occurrence of the Blue Whale phenomenon. Suicide is, therefore, a theme complex high and stigmatized, in which your characters can be labeled as discredited, depending on the treatment they receive. Therefore, through to Schedule hypothesis (McCOMBS; SHAW, 2000) and their atributes, beyond the discursive exploration of enunciative heterogeneities (AUTHIER-REVUZ, 1990; 2004) present in the statements, the objective is to verify if the cyberjournalism produced in these two portals corroborates or opposes the maintenance of stigma around self-extermination. With these elements, it was noticed during the contents the prevalence of factual matters the expressive influence of the aspect organiztional of the journalistic enterprise about the constitutive identity from self journalistic, besides doubts and perplexity of professionals regarding the phenomenon.

Keywords: stigma, cyberjournalism, suicide, heterogeneity, schedule.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14

a) – A onipresença social de estigmas 14

b) – O tensionamento de fatores nas divulgações de temas estigmatizados ... 19

c) – O que se torna notícia? 20

d) – Influências linguísticas 23

e) – Aplicação metodológica 24

f) – Sobre os capítulos 25

1 - TRAJETÓRIA METODOLÓGICA 27

1.1 – Metodologias utilizadas 27

1.2 - A dúvida nas divulgações 33

2 – A INTERFACE ENTRE O ESTIGMA E A NOTÍCIA 35

2.1 – O estabelecimento de estigmas na sociedade 39

2.2 - O estabelecimento de papéis e as tipificações institucionalizadas socialmente 43

2.3 - O estigma do suicídio na alta modernidade 47

2.4 - A deontologia aplicada à abordagem de temas complexos 54

2.5 – A fixação de estigmas por meio de atributos do agendamento 63

2.6 – A interface entre critérios de noticiabilidade e estigma 81

2.6.1 – Linguagem jornalística 88

2.6.2 - O imediatismo e o fetiche da velocidade como influenciadores do estigma 91

2.6.3 – O jornalismo na plataforma *online* e um novo público para lidar..... 97

2.7 – Reflexões sobre dados e problematizações..... 99

3 – A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DO SUICIDA NAS NOTÍCIAS..... 103

3.1 – Dialogismo, Polifonia e seus tensionamentos com os estigmas sociais 108

3.2 – O círculo bakhtiniano e a influência do Outro no Um 110

3.2.1 – O sujeito dividido na formação constitutiva da identidade 113

3.3 – As heterogeneidades mostradas e o estigma no enunciado jornalístico 116

3.3.1 – A heterogeneidade na campanha "Setembro Amarelo" do *CG News* 121

3.3.2 – A heterogeneidade na campanha "Setembro Amarelo" do *Midiamax*139

3.3.3 – A heterogeneidade nas notícias sobre o "Baleia Azul" no *CG News*. 150

3.3.4 – A heterogeneidade nas notícias sobre o "Baleia Azul" no *Midiamax* 158

3.4 – Os efeitos do agendamento na imprensa local..... 172

4 – CONCLUSÃO..... 175

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 188

APÊNDICE 197

ANEXO..... 266

INTRODUÇÃO

a) – A onipresença social de estigmas

Os veículos midiáticos são agências de construção social da realidade, exercendo o que Thompson (1998, p. 24) denomina por "poder simbólico", pela capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, influenciar a ação dos demais e produzir eventos por meio da produção e transmissão de formas simbólicas. Com o progresso dos meios de comunicação e contatos marcados pela prescindibilidade da co-presença, a representação do Outro torna-se importante através das mídias.

Entretanto, segundo Jesús Martín-Barbero e German-Rey (2004), a imprensa costuma padronizar a opinião, a partir, por exemplo, de generalizações negligentes ou pesquisas e sondagens, acolhidas sem maiores críticas e análises. Esse fenômeno pode reproduzir o que Erwing Goffman (2004) denomina por estigma. Para o autor, tal termo designa e direciona alguns tipos de caracterização dos indivíduos ditos normais em relação aos estigmatizados.

Vários são os temas relacionados a essa problemática: sexo (pedofilia, prostituição, pornografia), violência (crimes hediondos, crimes organizados, sequestros), classe social (pobres, elites, moradores de rua, trabalhadores), política (corrupção, esquerda/direita, partidos políticos), religião (pentecostais, católicos, evangélicos, umbandistas, budistas), raça (negros, brancos, japoneses, indígenas), gerações (crianças, adolescentes, jovens, idosos), saúde (dietas, bulimia, anorexia e obesidade) e a morte, que pertence ao foco deste trabalho (drogas, doenças e suicídio). Esta pesquisa debruça-se, sobretudo, no último item, o suicídio.

Um dos trabalhos, reconhecido mundialmente a respeito do estigma, é o *best-seller O demônio do meio-dia – uma anatomia da depressão*, escrito por Andrew Solomon. No livro, o autor trata o estigma da depressão com ênfase e destaca que a maioria das pessoas ficam horrorizadas com essa patologia e reagem com aversão e afastamento aos doentes, no momento em que a solidariedade e o altruísmo são essenciais. Até por este aspecto, durante a produção do livro, Solomon pediu aos seus entrevistados que seus nomes fossem revelados, para conceder credibilidade às histórias relatadas. Segundo o autor, "num livro que tem como um dos principais objetivos remover o estigma da doença mental é importante não encorajar tal estigma escondendo a identidade de pessoas deprimidas" (SOLOMON, 2002, p. 11). Solomon afirma que a depressão não pode ser banalizada, pois pode acarretar em suicídio.

De acordo com o autor de *O demônio do meio-dia*, o estigma da depressão está enraizado na sociedade ocidental há muitos séculos e, na Idade Média, era considerado mais sério que a loucura. A patologia era vista como a manifestação do desfavor de Deus, "uma indicação de que o sofredor estava excluído do bem-aventurado conhecimento da salvação divina. Foi nessa época que a doença foi estigmatizada; em episódios extremos, os que sofriam dela eram tratados como infiéis" (SOLOMON, 2002, p. 264). Significa que a alma, como algo divino, deveria se manter perfeita e não sucumbir a uma patologia, que era considerada um fracasso. Já no século XVIII, "os mentalmente doentes eram marginais sem direitos ou posicionamento social" (SOLOMON, 2002, p. 286).

O autor destaca ainda durante sua obra, dois tipos de depressivos que sofrem dupla estigmatização: os depressivos pobres e os depressivos homossexuais. Em relação aos primeiros, Solomon ressalta que a sociedade tende sempre a desampara-los, levando a um isolamento social e ao desamparo de si mesmo. Sobre os homossexuais com depressão, o autor dá ênfase aos pais, que encaram a homossexualidade como uma punição caída sobre eles por seus próprios erros do passado. Ou seja, "a questão não é sobre a identidade dos filhos, mas sobre sua própria identidade" (SOLOMON, 2002, p. 191). Solomon reforça também o insistente foco da mídia em classificar as pessoas mentalmente doentes como perigosas, algo que reproduz o estigma sobre os indivíduos que sofrem de doenças mentais.

O processo de desacreditação envolvendo certas caracterizações, como o chamado "menor", por exemplo, é promovido pela imprensa e fortalece a força discursiva em relação à redução da maioridade penal. "Essa questão vem tornando-se pauta de debates no Congresso Nacional, onde se observa a utilização dos veículos de comunicação como difusores dessas propostas" (ASSIS; LEITE; MESTRE, 2014, p. 129).

A dissertação de mestrado, desenvolvida pela pesquisadora Fabiana Jardim Sena (2011) mostra como os encarcerados são prejudicados por formulações expostas pela mídia, que apresenta, segundo a autora, rasas reflexões sobre os inúmeros fatores que envolvem a criminalidade no Brasil, através de cenas que marginalizam ainda mais os pobres, além de omitir o debate de penalizações para indivíduos de outras classes sociais e, principalmente, não considerar esse fenômeno como resultado da própria estrutura social, que está assentada na dialética do capital.

Ramos e Paiva (2007) trabalham com a estigmatização de comunidades pobres no discurso noticioso. Segundo os autores, fatores como o desconhecimento da realidade

local pelos jornalistas, a falta de fontes locais legítimas e independentes e a insegurança e preconceito desses profissionais, que evitam entrar em periferias sem o acompanhamento policial, contribuem para a manutenção da problemática. Parte da crítica feminista pode também ser enquadrada no contexto. De acordo com Biroli (2011), as análises dessa temática pela mídia enfocam o pertencimento da mulher à esfera privada e os arranjos familiares que o justificam e reforçam, assim como o destaque dado ao corpo e à aparência física feminina.

Em relação ao tratamento da deficiência, Pontes, Naujorks e Sherer (2001) afirmam que a imprensa contribui para inserir esse assunto por meio de critérios de normalização, com pouca tolerância à diferença. De acordo com as autoras, a atuação da mídia no sistema de representações e discursos referentes ao deficiente está cercada por subjetividades, elevando, assim, o preconceito, as disparidades sociais e culturais desse segmento populacional, a partir de informações truncadas que acarretam em concepções estereotipadas.

No campo das doenças mentais, segundo Guarniero, Bellinguini e Gattaz (2012), a esquizofrenia é a doença mais usada hoje como metáfora negativa na mídia e o seu uso inadequado reforça o estigma que pesa sobre o paciente. Segundo os autores, as notícias e avanços da neurociência de alguma forma associadas a doenças como a esquizofrenia são frequentes na mídia, mas primam pela impessoalidade e, na maioria das vezes, pertencem ao território da ciência básica. Garcia (2012, p. 18) aponta que os transtornos mentais e de comportamento, compostos por vários distúrbios, são representados pelos jornais de modo "heterogêneo, diverso, complementar e contraditório". Habermas (1984) entende que, ao propagar estigmas, a mídia constrói discursos engessados, conservadores e preconceituosos, potencializando efeitos antiemancipatórios em sua audiência.

O profissional da imprensa, por sua vez, encontra diante de si limites editoriais pré-estabelecidos que podem gerar padrões comportamentais nos profissionais do setor, ligados aos conteúdos produzidos. *Deadlines* e agendas norteiam os procedimentos que os jornalistas devem seguir para coleta de informações, e, assim, as notícias acabam muitas vezes, segundo Jorge Pedro Sousa (2002), sendo dissonantes da realidade. Entre os assuntos complexos tratados também pelo jornalismo está o suicídio, em relação ao qual há escassez de guias operacionais para a mídia nacional que orientem o tratamento adequado ao lidar com essa temática. O *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*, por exemplo, não menciona o assunto.

De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), divulgados em 2014, uma pessoa se suicida a cada 40 segundos no mundo, e o Brasil (190,7 milhões de habitantes) registra, em média, duas tentativas de suicídio no intervalo de 45 minutos. O país ocupa a 11ª posição entre 20 nações latino-americanas[1], com 5,8 ocorrências de autoextermínio a cada 100 mil habitantes. Entre os 26 Estados brasileiros e o Distrito Federal, Mato Grosso do Sul ocupa o terceiro lugar no que tange ao maior índice de autoextermínio, em uma escala de 100 mil habitantes. A capital do estado, Campo Grande, fica na sétima posição entre as capitais com o maior índice de suicídios em território nacional, segundo os dados do *Mapa da Violência* de 2014.

Diante desse cenário, esse trabalho explora o tratamento de temas estigmatizados pela imprensa e, nesse contexto, objetiva verificar como o estigma suicídio repercute no tratamento jornalístico, verificando se as publicações em âmbito local estão se contrapondo a esse tabu ou corroborando com a alimentação de estigmas em torno do fenômeno. O ponto de partida é a classificação do sociólogo Émile Durkheim relacionada ao suicídio, que trata esse problema social como uma denúncia individual de uma crise coletiva, especificamente na obra "O Suicídio" (2000)[2]. Para essas investigações os conteúdos noticiosos dos portais *Campo Grande News* e *Midiamax* foram os escolhidos para análise nesse trabalho porque têm sido, nos últimos anos, os que mais publicaram conteúdos relacionados ao tema investigado no estado de Mato Grosso do Sul entre os veículos *online*.

O *Campo Grande News* foi fundado em março de 1999, se expandiu e ganhou notoriedade entre os mais importantes e influentes veículos de comunicação de Campo Grande e do Mato Grosso do Sul. Com 20 anos de atividade, o *Campo Grande News* conta atualmente com trinta e oito profissionais, que se revezam em turnos de manhã, tarde e noite, embora já tenha havido mais de um período no qual manteve inserção de notícias 24 horas por dia. A média de acessos do *site* é de 3,4 milhões de *pagerwiews*[3] diariamente, segundo números divulgados pela plataforma *SimilarWeb*[4].

[1] De Acordo com o documento "Prevenção ao suicídio: um imperativo global", divulgado pela OMS em 2014, o primeiro colocado da América Latina em média de suicídios é El Salvador, com 13,6 registros por 100 mil habitantes.

[2] Essa obra teve sua primeira edição publicada no ano de 1897.

[3] *Pageview* é a quantidade de páginas que o visitante visualiza. Assim, sempre que ele clicar em algum *link* no seu *site*, a página que abrir será contabilizada como uma nova visualização. Por isso, um único usuário pode gerar mais de um número de visualizações. Tem a função de medir a qualidade de um site, já que demonstra o quanto ele é interessante o bastante para atrair tantas visitas em suas páginas.

[4] *SimilarWeb* é uma companhia de tecnologias de informação fundada em março de 2009 por *Or Offer*. Da sua sede em Londres, Reino Unido, a *SimilarWeb* fornece serviços em *Web analytics*, mineração de dados and inteligência empresarial para corporações internacionais.

O *Midiamax* foi fundado em maio de 2002 (inicialmente denominado como *Midiamax News*) e, atualmente, é o segundo portal de notícias com mais visitas diárias, tendo 2,8 milhões de *pageviews*, segundo a *Similar Web*. Com 16 anos de atividade, o *site* tem 30 profissionais que, assim como seu maior concorrente, *Campo Grande News*, revezam-se em turnos de manhã, tarde e noite, embora também tenha tido mais de um período no qual manteve inserção de notícias 24 horas por dia. As trajetórias e os modelos desses *sites* influenciaram a criação de vários outros de mesmo gênero na capital e interior do Estado. De acordo com o *site Portal de Mídia*, a capital tem 125 portais de notícias e o Estado possui 351 *sites* de informações jornalísticas atuantes, sendo que alguns mantêm parceria com o *Campo Grande News* e o *Midiamax*, o que permite a utilização mútua de conteúdos entre os parceiros.

No que concerne à motivação para a elaboração do trabalho, relaciona-se à concepção de que o relato de um acontecimento suicida ou de suicídio está cercado por uma crença de crise coletiva, o que contribui para conferir a esse tema um discurso de alta complexidade. Logo, exige-se por parte do jornalista que narra o fato, o maior apagamento possível de traços discursivos que despertem memórias simbólicas e juízos de valor que podem vir, de alguma maneira, a trazer perdas ou prejuízos sociais ao indivíduo que tentou ou praticou o ato suicida ou até mesmo às pessoas envolvidas com o executante do ato.

Tomando como *corpus* os conteúdos divulgados pelos *sites* noticiosos *Campo Grande News* e *Midiamax*, o presente estudo analisa como a temática suicídio se insere no agendamento da imprensa e da população campo-grandense, ao pesquisar a produção de conteúdos relacionados ao tema, com o recorte temporal nos meses de setembro de 2014 a 2018, marcado por ser o mês de prevenção ao suicídio, com a campanha "Setembro Amarelo". O trabalho também enquadra a análise no ano de 2017, especificamente, nos meses de repercussão do desafio "Baleia Azul".

Devido à escassez de normas ou convenções que norteiam a divulgação do tema em âmbito nacional, este trabalho analisa como ocorre a representação do estigma do suicida na mídia *online* campo-grandense, buscando a compreensão de como é realizado o processo que leva à construção dos enunciados que se referem aos atores envolvidos nesse tipo de acontecimento, tendo como base os critérios de noticiabilidade (WOLF, 1987), o agendamento do tema pela mídia (McCOMBS, 2009) e os indícios da presença de formações ideológicas (FI) e formações discursivas (FD) presentes no fio discursivo dos textos ou não (AUTHIER-REVUZ, 1990; 2004).

b) – O tensionamento de fatores nas divulgações de temas estigmatizados

Considerando que as notícias são dissonantes da realidade (SOUSA, 2002), entende-se que os processos rotineiros e convencionais de sua produção e a estandardização na produção da informação contribuem para tal situação. Ou seja, esse processo não é intuitivo, nem decorre simplesmente de um hipotético faro jornalístico. Para Sousa, o processo de produção noticiosa é resultado da junção de alguns fatores, que, de forma inevitável, entram em tensionamento, como os aspectos sociais, culturais, ideológicos e políticos, sejam esses por parte dos próprios autores das notícias e/ou da sociedade que os cerca e os municiam e/ou induzem a publicar os conteúdos de acordo com normas, leis, regras ou valores estabelecidos localmente, regionalmente, nacionalmente ou universalmente.

> [...] isso acontece menos ou tanto devido às pessoas que processam as notícias e mais ou tanto a factores que, de certa forma, escapam ao controle dessas pessoas, como as organizações, o meio social e comunitário e as culturas e ideologias em que os jornalistas trabalham (SOUSA, 2002, p. 40).

Sousa segue a linha de Schudson (1988, p. 20), que define a inter-relação entre ação pessoal, ação social e ação cultural para justificar esse caráter direcionado à produção noticiosa no jornalismo. Por ação pessoal, entende-se o modo pelo qual as notícias são vistas pelas pessoas, além de suas intenções. A ação social enfatiza o papel das organizações (vistas como mais do que a soma das pessoas que as constituem) e dos seus constrangimentos na conformação da notícia. Por fim, a ação cultural concebe as notícias como um produto da cultura e dos limites do que é culturalmente concebível. Esses três elementos inter-relacionados integram esta dissertação.

Devido a esses fatores, Garcia (2012) reforça o conceito de notícia como produto de atividade jornalística, artefato linguístico que representa determinados aspectos da realidade, além de "uma construção social baseada em ações pessoais, organizacionais, ideológicas, sociais, históricas e principalmente da cultura" (GARCIA, 2012, p. 228). Esses elementos constituem a formação da notícia, atuando como valores simbólicos, em que os acontecimentos selecionados são enquadrados em vieses aceitos por determinada sociedade e, em seguida, transformados em narrativas.

O tempo é outro agravante no processo de produção noticiosa, principalmente no tratamento de temas de alta complexidade. Sob o viés da teoria interacionista, Nelson Traquina (2001, p. 181) afirma que "os jornalistas vivem sob a tirania do fator tempo".

Significa que os acontecimentos podem surgir em qualquer parte e em qualquer momento. Devido a essa imprevisibilidade, as empresas jornalísticas precisam impor ordem no espaço e no tempo.

Para Sousa (2002, p. 47), o fator tempo transcende a ação pessoal do jornalista, fazendo-o membro de uma cultura cronometrada. Logo, esse fator encontra expressão em "constrangimentos sócio-organizacionais e socio-económicos que condicionam o sistema jornalístico e a própria cultura profissional". Como consequência, os jornalistas atuam em situações de incerteza e o fator tempo é um empecilho à profundidade, que contribui para concentrar as notícias apenas em um primeiro plano em detrimento de um plano contextual de fundo. O anseio pelo imediatismo, segundo Traquina (2001), tem como consequência uma ênfase nos acontecimentos e não nas problemáticas. Os acontecimentos ficam enterrados na teia da factidade (TUCHMAN, 1978), acompanhados pelas perguntas do *lead* tradicional: por que, quem, o quê, quando, onde, e como.

Temas complexos necessitam inevitavelmente da prescindibilidade do fator tempo, mas é apenas um elemento entre as várias nuances que perpassam a publicação e/ou divulgação de um conteúdo jornalístico. E, dentre os vários gêneros possíveis no tratamento de temas desta natureza, esta dissertação se debruça sobre o formato notícia, responsável por estar presente na maior parte dos conteúdos publicados pelos portais *Campo Grande News* e *Midiamax*. Portanto, cabe identificar o entendimento sobre quais fatos costumeiramente se tornam notícia nos meios de comunicação de massa.

c) – O que se torna notícia?

Os pesquisadores Galtung e Ruge (1965) foram os primeiros a elencarem uma série de fatores sobre quais características fariam de um acontecimento algo noticiável. Eles denominaram esses critérios como noticiabilidade. Alguns critérios apontados pelos autores são: a intensidade ou magnitude do acontecimento, o seu momento, a inexistência de dúvidas sobre o seu significado, a proeminência social dos sujeitos envolvidos, a proeminência de nações envolvidas nas notícias, a surpresa, a composição (tematicamente equilibrada) do noticiário, a proximidade, os valores socio-culturais, a continuidade, ou seja, ser o desenvolvimento de algo já noticiado, etc. Tais critérios sobrepõem-se à teoria do *Gatekeeper* (aplicada no jornalismo pela primeira vez por David White em 1950), embora não a elimine. A pesquisadora norte-americana Shoemaker também elenca os seguintes fatores como noticiabilidade:

> [...] geralmente incluem, sob a forma de uma lista, fatores como a oportunidade, a proximidade, a importância, o impacto ou a consequência, o interesse, o conflito ou a controvérsia, a negatividade, a frequência, a dramatização, a crise, o desvio, o sensacionalismo, a proeminência das pessoas envolvidas, a novidade, a excentricidade e a singularidade (no sentido de pouco usual) (SHOEMAKER *apud* PENA, 2006, p. 21-22).

Mauro Wolf (1987) destaca o que considera por critérios de noticiabilidade, primeiramente, no que tange às características do produto: a) a brevidade; b) a negatividade; c) o insólito; d) a atualidade; e) o ritmo; f) o caráter exaustivo. Quanto aos critérios relativos ao que o público deseja, o autor elenca os seguintes: estrutura narrativa, capacidade de atração do material, o entretenimento e a importância da notícia.

Traquina (2005, p. 108) considera a existência de três tipos de critérios de noticiabilidade, os quais podem ser substantivos, contextuais e de construção. Nos primeiros, ele classifica os seguintes itens: a) a morte que surge como o valor mais elevado de qualquer sistema de relevâncias; b) a notoriedade, na medida em que os acontecimentos que dizem respeito às pessoas de elite sejam mais facilmente registados; c) a proximidade em termos geográficos ou culturais; d) a relevância; e) a novidade: f) o tempo; g) a notabilidade; h) o inesperado, i) o conflito ou a controvérsia; j) o escândalo, profundamente ligado à infracção.

Em seguida, o autor aponta os valores contextuais de seleção: a) a disponibilidade, ou seja, "a facilidade com que é possível fazer a cobertura do acontecimento" (Traquina, 2005, p. 115); b) o equilíbrio (preocupação com a existência de matérias diversificadas); c) a visualidade; d) a concorrência; e) a adequação às rotinas temporais das organizações noticiosas. Em terceiro lugar, indicam-se os valores-notícia de construção: a) a simplificação; b) a amplificação; c) a relevância; d) a personalização; e) a dramatização.

A escolha dos critérios de noticiabilidade estabelecidos por esses pesquisadores variam em diferentes épocas e contextos. Alguns ganham ênfase em determinados períodos, enquanto outros podem ficar em segundo plano. Essa dinâmica apresenta volatilidade no cenário midiático, ou seja, os temas que fazem parte da agenda pública mudam o protagonismo frequentemente. Portanto, vinculada aos critérios de noticiabilidade, faz-se necessária a observância em relação ao estudo do *agenda-setting*, elaborado pelos pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw (2000). O estudo

destaca a capacidade dos meios de comunicação de agendar temas que são objeto de debate público em cada momento, o que pôde ser observado nos portais de notícias pesquisados referentes às campanhas "Setembro Amarelo" de 2014-2017 e durante o período em que o desafio "Baleia Azul" esteve em destaque na mídia. McCombs e Shaw (2000) problematizam, por meio dessa hipótese, que a mídia é um agente determinante, no sentido de selecionar quais notícias farão parte das rodas de conversa dos seus consumidores em cada período. Consequentemente, o público concede mais ênfase aos assuntos escolhidos pelos agentes midiáticos, sugerindo, assim, que a mídia diz sobre o que o público deve falar.

O início desse estudo ocorreu durante a campanha eleitoral presidencial dos Estados Unidos em 1968, na qual se realizou uma comparação entre os temas mais relevantes pelos eleitores e os mais enfatizados pelos meios de comunicação. Eles concluíram, por meio dessa ação, que os assuntos mais expostos pela mídia eram muito semelhantes aos que os cidadãos consideravam mais importantes. Observou-se que "as pessoas têm tendência para incluir ou excluir de seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo" (Shaw, E. *apud* Wolf, 1987, p. 144). A mídia é apresentada como agente modificador da realidade social, apontando para o público receptor sobre o que se deve estar informado.

Debruça-se, nesta pesquisa, especificamente, sobre a categoria dos atributos pertencentes à hipótese do *agenda-setting*. Na hipótese do agendamento, McCombs (2009) define o atributo como um termo genérico que engloba um amplo leque de propriedades e indicadores que caracterizam um objeto. O atributo do agendamento é oriundo do processo comunicativo de compreensão, o estágio que Lippmann (2008) descreve como as imagens em nossas cabeças, na obra "Public Opinion". O autor trabalha com a ideia de que os meios de comunicação de massa são a principal ligação entre os acontecimentos do mundo e as imagens desses mesmos acontecimentos construídas no nosso imaginário. McCombs considera também que a mídia faz uso de estereótipos para simplificar e distorcer o entendimento de uma realidade que não podemos enxergar.

O foco nos atributos se dá, então, a fim de se realizar uma interface com a noção de estigma de Goffman (2004). O autor entende o estigma como uma situação em que o indivíduo se encontra impossibilitado pelo meio de obter uma aceitação social plena. Consequentemente, o estigma se constrói por meio de atributos, frequentemente carregados por estereótipos. Logo, esta dissertação analisa como a imprensa campo-

grandense lança mão rotineiramente do uso de atributos e/ou microatributos de pessoas e objetos que podem vir a construir estigmas e que se modificam ao longo do tempo. Um dos objetivos é verificar como o estigma que envolve o suicida e os outros ao seu redor é trabalhado pelos portais de notícias *Campo Grande News* e *Midiamax*, observando quais atributos foram utilizados nas publicações. Para tanto, faz-se necessário um estudo dos enunciados, para identificação de traços de subjetividade que deem indicadores sobre os discursos.

Os critérios de noticiabilidade e o *agenda-setting* têm relação intrínseca, devido ao fato que durante o processo de construção da informação é elementar à hipótese do agendamento (TRAQUINA, 2001). Pode-se dizer que a noticiabilidade precede o agendamento, visto que os jornalistas e/ou as organizações a que pertencem, conferem determinados enquadramentos aos fatos que podem ser se tornar notícia, em detrimento de outros. Essa relação estreita entre o *agenda-setting* e a construção do acontecimento, é chamada por Miguel Rodrigo Alsina (2009) de tematização. Tematizar, como é exposto por Alsina (2009) e Wolf (1987), é colocar determinado assunto na ordem do dia de atenção do público, dando-lhe importância adequada, salientando sua centralidade e tornando-o mais importante em relação ás demais informações não tematizadas naquele momento.

d) – Influências linguísticas

Esse trabalho faz uso da "Análise do Discurso de linha francesa (AD)", cujo princípio básico é a possibilidade de que o texto possa ser apreciado para além do arranjo interno (encadeamento sintático-semântico), abrindo espaço para que o analista observe a força discursiva também no campo das ideologias e das representações sociais, ou seja, a língua como um instrumento para a produção de sentidos. O discurso nessa linha de estudos não restringe o sentido somente à frase, mas analisa o enunciador e seu receptor, por meio de um contexto social e histórico.

> O discurso diz respeito a enunciados concretos, a falas/escritas realmente produzidas (e não idealizadas, abstratas, como as frases da gramática) e os estudos na perspectiva discursiva visam descrever como funciona a língua no seu efetivo, como se dá a produção de efeitos de sentidos entre interlocutores, sujeitos situados social e historicamente. Assim, o trabalho no nível discursivo tem como objeto não a frase, mas o enunciado concreto (BRANDÃO, 2012, p. 20).

A AD trabalha em três níveis: a noção de condições de produção, de formação ideológica (FI) e de formação discursiva (FD). A partir desses pilares de sustentação, se analisa o discurso, de forma dialógica (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1988) proveniente de várias vozes (polifonia), seja por meio de heterogeneidade enunciativa constitutiva ou mostrada (AUTHIER-REVUZ, 2004). Compreende-se que a materialidade do discurso e do texto é captada pelo "receptor". Este "lê" o discurso a partir do seu universo, também constituído pelo diálogo estabelecido entre discursos. Para proferir o discurso, o indivíduo usa a enunciação, combinando as palavras para formar um enunciado, manifestando suas concepções e suas ideias que são formuladas a partir de suas interações. Por isso, nessa parte da dissertação, trabalha-se com José Luiz Fiorin (1988), Mikhail Bakhtin/Valentin Voloshinov (1988), Helena Nagamine Brandão (2012), Paulo Bezerra (2006), Maria Aparecida Baccega (1995), Diana Luz Pessoa de Barros (1999; 2005), Fernanda Mussalim (2000); Sigmund Freud (1988); Jacques Lacan (1998; 2008) e Jacqueline Authier-Revuz (1990; 2004).

Nota-se que o cruzamento entre as disciplinas é importante para investigar o quanto o modo discursivo dos conteúdos divulgados pelo *Campo Grande News* e pelo *Midiamax* aderem ou se afastam aos modos de narrar entendidos como passíveis de contágio a indivíduos propensos ao suicídio, denominado *Efeito Werther* (comumente apontado como justificativa para que os veículos de imprensa não divulguem casos de suicídios, a fim de que não influenciem outras pessoas a morrerem dessa maneira).

e) – Aplicação metodológica

Para a coleta de dados *in loco* nas redações, foi utilizado o recurso da observação participante. Segundo Peruzzo (2003, p. 9), por meio dessa prática, o pesquisador "acompanha e vive (com maior ou menor intensidade) a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação". Porém, o investigador não "se confunde", ou não se deixa passar por membro do grupo. Seu papel é de observador. O observador participante esteve nos portais de notícias *Campo Grande News* e *Midiamax*, verificando como se dá o agendamento midiático da temática suicídio nesses veículos (a visita do pesquisador ocorreu por dois dias em cada jornal), além da aplicação dos questionários. Durante o processo de observação participante, também foram realizadas entrevistas, nas quais foram selecionados três perfis diferentes de entrevistados em cada portal, buscando a diferenciação em relação à idade e experiência dos jornalistas. A aplicação de questionários teve como objetivo entender como funciona a dinâmica de produção de

conteúdos relacionados ao fenômeno suicídio, sua consequente representação e por quais mecanismos éticos os profissionais se sustentam para a divulgação do tema.

f) – Sobre os capítulos

O presente trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, é demonstrada a trajetória metodológica traçada. No segundo, realiza-se uma fundamentação teórica dos fenômenos recentes da *Web*, acerca do estigma e sobre o fenômeno suicídio. Utilizando como suporte o sociólogo Goffman (2004), o capítulo problematiza os conteúdos divulgados pelos *sites* citados, que podem fazer o intermédio da condição do indivíduo de desacreditável para o *status* de desacreditado, no qual o estigma sobressai.

O capítulo ainda traz uma reflexão sobre a interface entre tipificações dos atores sociais (BERGER; LUCKMANN, 1985) situados nas mensagens jornalísticas da *web* e atributos no agendamento de temáticas (McCOMBS, 2009), que acarretam no surgimento de estigmas em torno de determinados grupos sociais (tal como ocorre com os suicidas) ou na tentativa de sua eliminação, verificando em ambas as situações os vínculos com os critérios de noticiabilidade (1987) que fazem com que determinado tenha valor noticioso ou não. Portanto, tanto a contribuição para a propagação quanto para a eliminação de estigmas, são trabalhados em torno da campanha "Setembro Amarelo" e do período de repercussão do desafio "Baleia Azul" analisando as divulgações dos portais *Campo Grande News* e *Midiamax*. A primeira etapa de análise, que está exposta no capítulo 2, ocorreu por meio de levantamentos quantitativos em relação aos conteúdos coletados (no trabalho de campo e em pesquisas exploratórias documentais).

Nesse contexto, fazendo uso da obliteração das marcas de fábrica no discurso jornalístico (MARTÍN-BARBERO, 2004), a mídia delimita a distância entre atores e plateia para que o objetivo tenha êxito, fazendo uma referência explícita ao teatro (GOFFMAN, 1985). Paradoxalmente, a mudança do capital industrial para o capital informacional (CASTELLS, 1999) constitui uma nova dinâmica na produção de informação, propiciada pelo fazer jornalístico no *ciberespaço*. Logo, ao se analisar a comunicação como inerentemente relacional e tendo vínculos com significados contextuais (JENSEN, 2002), essa primeira parte da dissertação vem problematizar, por meio da rotina produtiva do *Campo Grande News* e do *Midiamax*, o conceito de atualização contínua (SCHWINGEL, 2008), e verificar se essa situação acarreta na

priorização do “fetichismo da velocidade” (MORETZSOHN, 2002), nos *sites* estudados.

O terceiro capítulo analisa de qual modo os estigmas estão presentes ou ausentes nos discursos midiáticos, analisando os portais *Campo Grande News* e *Midiamax*, para deles extrair um panorama em relação a suas configurações discursivas, com o foco no suicídio. Logo, tratando-se de uma pesquisa qualitativa, vinculada ao estudo do *agenda-setting* e seus atributos, utiliza-se a Análise do Discurso Francesa (AD), um viés linguístico que estuda discursos a partir de uma perspectiva ideológica, estrutural e psicológica. A AD trabalha com os enunciados e suas percepções dentro de várias formações discursivas (FD) e formações ideológicas (FI), de acordo com a prática discursiva do sujeito que fala.

Entre as possibilidades de aplicação da AD, problematiza-se a prática do ato enunciativo na mensagem jornalística, à luz dos pensamentos dos teóricos Bakhtin/Voloshinov (1988) e a partir do conceito de polifonia com heterogeneidades constitutivas ou mostradas (AUTHIER-REVUZ, 1990; 2004). Essas situações são trabalhadas vinculadas aos meandros éticos que permeiam o estigma suicídio, avaliando em quais casos os veículos midiáticos selecionados corroboraram com o estigma suicídio ou procuraram neutralizá-lo. Ainda nesse capítulo é demonstrada uma reflexão dessas informações, aplicadas à hipótese do agendamento, aos critérios de noticiabilidade, além dos tensionamentos com a AD.

Por fim, nas conclusões são trazidas reflexões gerais em torno dos resultados que o trabalho apresentou, especialmente por meio das análises quantitativas e qualitativas dos capítulos 2 e 3, respectivamente, a fim de se ter um panorama de como os portais *Campo Grande News* e *Midiamax*, tratam temas estigmatizados e de alta complexidade, focalizando no fenômeno suicídio. Essas reflexões expõem os motivos que induzem tais veículos a tratarem a informação da forma como mostram os resultados desse trabalho. A partir disso, a conclusão apresenta caminhos que podem ser seguidos na abordagem desses temas em específico.

1 - TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

1.1 – Metodologias utilizadas

O presente trabalho apresenta o seguinte problema de pesquisa: 1) como os temas estigmatizados são tratados pelo jornalismo e como a imprensa lida com o estigma do suicida? A partir desse problema, o objetivo principal é verificar como ocorre a divulgação do tema suicídio, em períodos de agendamento, nos *sites Campo Grande News* e *Midiamax,* observando os atributos utilizados nas publicações.

Como objetivos específicos, investiga-se: 1) como o estigma do suicida influencia as divulgações dos portais de notícias *Campo Grande News* e *Midiamax*. O trabalho também explora, nos discursos midiáticos, os espaços de manutenção ou transformação desse estigma, identificando como as construções discursivas articulam esse fenômeno, a partir de heterogeneidades constitutivas ou mostradas.

O jornalista, mesmo dotado de nível superior, trata alguns temas estigmatizados de forma simplista, com linguagem coloquial e comumente pejorativa. É comum nessas situações, o profissional não estar familiarizado com o tema e não compreender a magnitude de temas complexos. Imagina-se também que tal fenômeno possa ocorrer devido ao fato de que, atualmente, para grande parte da imprensa, "chegar na frente" torna-se mais importante do que "dizer a verdade". Temas complexos podem ser divulgados inadequadamente e insuficientemente, segundo os meandros éticos ou até mesmo não serem noticiados.

De qualquer forma, indica-se que o papel da imprensa faz-se necessário para que o signo suicídio não seja reforçado e sim substituído. Suspeita-se, entretanto, que grande parte das redações de portais noticiosos, em suas rotinas jornalísticas, não incluam indivíduos estigmatizados em seus conteúdos, da forma mais recomendável por pesquisas e manuais sobre saúde mental. Por essa razão, tanto a manutenção quanto a prevenção de estigmas podem ter sido trabalhados em torno da campanha "Setembro Amarelo" e durante a repercussão do desafio "Baleia Azul" no *Campo Grande News* e no *Midiamax*. Supõe-se também que os atributos utilizados pela mídia ao se trabalhar a temática suicídio podem se alterar ao longo do tempo, como, por exemplo, durante o mês da Campanha "Setembro Amarelo" e a cobertura do "Baleia Azul".

Como suporte para aplicação metodológica, utiliza-se a pesquisa qualitativa de Minayo (2001). Segundo a pesquisadora, as ciências sociais possuem um nível de realidade no qual as relações, os processos e os fenômenos não podem ser reduzidos à

operacionalização de variáveis. De acordo com Alonso (1998), a pesquisa qualitativa define-se por uma abordagem processual, que prescinde de regularidades. Logo, implica na compreensão dos agentes, não apenas no campo do analisável, mas também do não-verificável, do interpretável a partir da atribuição de sentido. Adorno (2008, p. 185), por sua vez, atribui como principal característica da pesquisa qualitativa a posição crítica do pesquisador frente ao seu objeto de estudo, visto que os procedimentos devem ser adequadamente pensados, para que "não pesquise e não se reflita intempestivamente sem objetivo".

Essa posição crítica atribuída por Adorno leva ao que Braga (2011) entende por tensionamento. De acordo com o autor, a palavra "tensionar", nesse contexto, não tem o sentido de recusar, achar defeitos ou fazer restrições, "mas sim de trabalhar os componentes da articulação de modo a fazê-los relacionados em convergência" (BRAGA, 2011, p. 17). Esse tipo de abordagem qualitativa vincula-se, nesta pesquisa, à vertente fenomenológica de Schutz (*apud* CORREIA, 2005). De acordo com o filósofo, a abordagem fenomenológica trata as coisas do mundo enquanto fenômenos que nos afetam. Diferentemente do empirismo, que lhes atribui uma realidade em si, esse método adota uma perspectiva de relação: vê no empírico seu potencial de afetação; trata o sujeito a partir daquilo que o afeta. Ou seja, se pesquisa por meio dessa abordagem, como os fenômenos afetam os sujeitos e a multiplicidade de mundos que podem estar ao redor de cada pessoa que, consequentemente, influenciam no comportamento e na maneira de pensar.

> A fenomenologia de Schutz nos instiga a analisar cenários, ambientes enquanto fornecedores de elementos que vão orientar, situar os indivíduos. O conceito de realidades múltiplas permite ver a coexistência e transição de mundos no nosso mundo, e nos indica que referências e códigos que regem um território não servem, não se aplicam em outra realidade (FRANÇA, 2016, p. 168).

Aplica-se a abordagem fenomenológica, pois o estigma encontra-se enraizado nas simbologias midiáticas e, como Durkheim (2000) dizia, trata-se de uma crise coletiva, por meio de uma denúncia individual. No mesmo viés, Giddens (2002), acusa tal fenômeno de ser resultado de uma repressão de questões morais da vida cotidiana, mas às quais não oferece respostas. Esses reflexos ocorrem no cenário da alta modernidade no qual, como afirma Giddens (2002), o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição é rompido, sendo substituído por organizações muito maiores e impessoais,

com realidades múltiplas, como afirma França (2016). Logo, “[...] o indivíduo se sente privado e só num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais” (GIDDENS, 2002, p. 38).

Seguindo estas vertentes, Deslandes (2001) define sinteticamente os três principais elementos da metodologia: definição da amostragem, coleta de dados e organização e análise de dados. Por definição de amostragem, a autora entende que a pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade. Minayo (1992) afirma que a técnica de amostragem possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões.

Em relação à primeira prática, Minayo (2001) pontua que as pesquisas qualitativas trabalham com significados, motivações, valores e crenças e estes não podem ser simplesmente reduzidos às questões quantitativas, pois respondem a noções muito particulares. Porém, os dados quantitativos e os qualitativos se complementam dentro de uma pesquisa. Segundo Minayo, não existe um *continuum* entre "qualitativo-quantitativo", em que o primeiro seria o lugar da "intuição", da "exploração" e do "subjetivismo"; e o segundo representaria o espaço do científico, traduzido "objetivamente" e em "dados matemáticos". Para a pesquisadora, “a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia” (MINAYO, p. 22, 2001).

Dessa forma, esse trabalho faz uso da técnica de amostragem, ou seja, que “não abrange a totalidade dos componentes do universo” (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 110). Por isso, foram selecionados dois períodos para a análise, primeiramente com o recorte temporal nos meses de setembro[5] dos anos 2014, 2015, 2016, 2017 e 2018, em relação a conteúdos publicados pelos portais *Campo Grande News* e *Midiamax*. Foram coletadas todas as publicações que faziam algum tipo de referência ao tema suicídio durante esses períodos. Além do recorte acima citado, a pesquisa também apresenta um levantamento de publicações do ano de 2017 desses portais, no período referente ao agendamento do “Baleia Azul” (entre os meses de março e julho), a fim de auxiliar na verificação do efeito de agendamento desse fenômeno.

Para a análise quantitativa do *Campo Grande News* referente ao “Setembro Amarelo”, foram coletadas 124 publicações e 62 publicações referentes ao agendamento do “Baleia Azul”, totalizando na soma desses dois períodos 186 conteúdos. No

[5] Marcado por ser o mês de prevenção ao suicídio, com a campanha “Setembro Amarelo”.

Midiamax, foram 77 publicações durante o "Setembro Amarelo" e 25 durante o período do "Baleia Azul", totalizando 102 conteúdos na soma dos dois períodos. A soma das coletas dos dois portais totalizou 288 matérias.

Entre os tipos de amostragem possíveis, a selecionada foi a não-probabilística intencional, pois "o pesquisador usa seu julgamento para selecionar membros da população que possam fornecer informações relevantes" (COSTA; COSTA, 2014, p. 44). Sendo assim, nos meses de setembro de 2014, 2015, 2016, 2017 e 2018, referentes ao *Campo Grande News*, foram coletadas 98 matérias no total de variados gêneros jornalísticos, sendo que 9,1% desse montante (correspondentes a 9 conteúdos) foram utilizados para amostragem. Os critérios para a seleção dos conteúdos a serem analisados foram: tratar a temática suicídio e ser do formato notícia ou reportagem. Em relação ao *Midiamax*, com esse mesmo método e período, foram coletadas 71 publicações no total, sendo que 8,4% desse montante (correspondentes a 6 conteúdos), foram escolhidos para amostragem.

A mesma técnica foi utilizada durante o agendamento do "Baleia Azul". Os meses analisados foram março, abril, maio, junho e julho de 2017. No *Campo Grande News*, nesse período, foram contabilizadas 62 publicações sobre suicídio e foram utilizados 8% desse total (correspondentes a 5 matérias) como amostragem. No *Midiamax*, na mesma época, foram totalizadas 25 conteúdos, sendo que 28% (correspondentes a 7 matérias) foram usadas na amostragem. A partir dessas seleções, procedeu-se à aplicação da hipótese do agendamento.

O segundo elemento apontado por Deslandes é a coleta de dados. Conforme a pesquisadora, "devemos definir as técnicas a serem utilizadas tanto para a pesquisa de campo (entrevistas, observações, formulários, história de vida) como para a pesquisa suplementar de dados, caso seja utilizada pesquisa documental, consulta a anuários, censos" (DESLANDES, 2001, p. 43).

De acordo com Braga (2011, p. 18), na coleta de dados e no exercício de observação, tensionada com o referencial teórico, tem-se a expectativa de encontrar "restos", ou seja, "ângulos ainda não plenamente esclarecidos, espaços não totalmente cobertos pelas teorias solicitadas". A fim de localizar tais restos, foi selecionada a aplicação de entrevista semi-estruturada. Para Triviños (1987, p. 146), esse tipo de entrevista se apoia em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. A entrevista semiestruturada "[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a

compreensão de sua totalidade [...]" (TRIVIÑOS, 1987, p. 152), além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações.

Segundo Boni e Quaresma (2005), as entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, em que, embora o informante siga um conjunto de questões previamente definidas, ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. Ainda segundo as pesquisadoras, as técnicas de entrevista semi-estruturada têm como vantagem a elasticidade em sua duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos e o benefício da espontaneidade. "As respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes têm podem fazer surgir questões inesperadas ao entrevistador que poderão ser de grande utilidade em sua pesquisa" (BONI; QUARESMA, p. 75, 2005).

Segue-se a metodologia de entrevista semi-estruturada de Triviños (1987), que distingue quatro categorias de perguntas: 1) perguntas denominadas consequências; 2) perguntas avaliativas, 3) questões hipotéticas e 4) perguntas categoriais (ver no apêndice as perguntas e suas respectivas classificações). Para a seleção dos entrevistados, o procedimento de escolha foi adaptado à metodologia de Shoemaker e Cohen (2006), em que foram selecionados seis profissionais de cada *site* estudado no presente trabalho. O intuito foi obter um *corpus* com opiniões variadas, níveis hierárquicos distintos, entre repórteres, subeditores e editores. Na medida do possível, essa variação também ocorreu em relação a gênero e idade dos entrevistados.

Além da aplicação de entrevistas semi-estruturadas, a pesquisa teve a observação participante, trabalhada por Peruzzo (2003), como outro recurso adotado para a coleta de dados. Segundo a autora, nesse tipo de exercício, o pesquisador é autônomo, visto que acompanha e vive (com maior ou menor intensidade) a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação, mas não se deixa passar por membro do grupo. Limita-se a observar as ações dos atores envolvidos, sem interferir nos acontecimentos, captando da melhor forma possível as impressões de seu(s) investigado(s).

> Seu papel é de observador. Exceto em situação extrema, em que o pesquisador, por opção metodológica, decide deixar-se passar por membro do grupo, acreditando ser a melhor forma de poder captar as reais condições e sentimentos do investigado (PERUZZO, 2003, p. 10).

Assim como o pesquisador não modifica as ações do grupo, os integrantes do objeto investigado também não interferem na pesquisa (do ponto de vista da formulação

dos objetivos e demais fases do projeto), nem sobre o tipo de informações registradas e interpretações concedidas. O pesquisador pode, inclusive, segundo Peruzzo, ser "encoberto" ou "revelado". O que quer dizer que o grupo pode ter ou não conhecimento de que está sendo investigado. Segundo Arthur Dapieve (2007, p. 19), esse método possibilita a "imersão do pesquisador no objeto pesquisado de modo a captar-lhe as sutilezas de conduta, seja por entrevistas com personagens-chave ou consultas a seus documentos (reportagens), seja por observação direta ou experiência de vida".

De acordo com Antônio Chizzotti (1991), a partir da observação dos sujeitos investigados em suas rotinas, é possível identificar seus aspectos pessoais e particulares, o local e suas circunstâncias, o tempo e suas variações, as ações e suas significações, os conflitos e a sintonia de relações interpessoais e sociais, e as atitudes e os comportamentos diante da realidade. De acordo com Chizzotti (1991), o fato de participar das ações, mantendo-se, contudo, neutro, pode contribuir para a melhor compreensão das ações do(s) investigado(s).

> A observação pode ser participante: experienciar e compreender a dinâmica dos atos e eventos, e recolher as informações a partir da compreensão e sentido que os atores atribuem aos seus atos. A descrição e a compreensão podem estar compostas em uma observação compreensiva dos participantes descrevendo suas ações no contexto natural dos atores (CHIZZOTTI, 1991, p. 89).

Seguindo as vertentes de Peruzzo (2003) e Chizzotti (1991), o pesquisador responsável por esta dissertação passou dois dias nas sedes dos portais *Campo Grande News* e *Midiamax*, observando a rotina produtiva dos jornalistas. O trabalho de campo ocorreu nos dias 13 e 14 de setembro de 2018, no *Midiamax*, e 27 e 28 de setembro de 2018 no *Campo Grande News*. Essas datas foram escolhidas por estarem incluídas no período da campanha "Setembro Amarelo". O pesquisador permaneceu em ambos os veículos durante os períodos matutino e vespertino.

Por fim, o último elemento destacado por Deslandes, é a organização e análise de dados. Segundo a pesquisadora,

> [...] devemos descrever com clareza como os dados serão organizados e analisados. Por exemplo, as análises de conteúdo, de discurso, ou análise dialética são procedimentos possíveis para a análise e interpretação dos dados e cada uma destas modalidades preconiza um tratamento diferenciado para a organização e sistematização dos dados (DESLANDES, 2001, p. 43).

No que concerne à análise de dados, um dos recursos que a pesquisa realiza é a organização dos dados referentes a atributos, editorias e quantidades de conteúdos, por meio de tabelas, referentes aos períodos analisados nos portais *Campo Grande News* e *Midiamax*. Os atributos referentes aos conteúdos relacionados à temática suicídio também são trabalhados por meio da Análise do Discurso Francesa (AD), principalmente no que se refere a verificação de heterogeneidades enunciativas mostradas e constitutivas, de Authier-Revuz (2004).

1.2 - A dúvida nas divulgações

Em coberturas jornalísticas de temas de alta complexidade como o suicídio, o jornalista entra em paradoxo e em conflito moral, em que pairam dúvidas sobre publicar ou não os acontecimentos, em qual página, com quantas linhas e com qual abordagem. Vive dilemas como ouvir fontes, procurar familiares ou buscar fotos. Além da complexidade que por si só cerca o fenômeno e na qual o jornalista, em não poucas vezes não teve acesso durante sua formação profissional, ele também convive com a insegurança de falar com familiares ou entes queridos desolados perante tal acontecimento ou até com profissionais de segurança pública ou da saúde, que estão com adrenalina alta e que, em inúmeros casos, proferem um discurso carregado de estereótipos e estigmas.

> O profissional, em tais exemplos, convive em breves instantes com quem jamais viu, para tentar recolher indícios de uma vida, razões pouco explícitas que levaram a tal gesto, ouvir autoridades que interpretaram os atos e dão versões sobre o mundo. (KARAM, 2004, p. 20).

Ao considerar que os conteúdos midiáticos atuam como disseminadores e incorporadores de representações sociais, em diversas situações, a escolha desprezada ou omitida, ocasionada muitas vezes pelo temor individual, pode ser decisiva, permitindo o desenvolvimento de um fenômeno. Existe a ideia de que veículos de comunicação optam por negligenciar a temática suicídio, em virtude da obra *Os sofrimentos do Jovem Werther*[6] (2005), de Johann Wolfgang von Goethe, denominando

[6] A primeira edição do livro foi publicada no apogeu do romantismo, em 1774, época em que muitos jovens encaravam a vida como uma obra de ficção. Nesse período, uma onda de suicídios aconteceu na

o efeito de contágio neste caso como *Efeito Werther*. Por outro lado, embora classifique metaforicamente o suicídio como "eminentemente contagioso", Durkheim (2000, p. 125) afirma que "o que pode contribuir para o desenvolvimento do suicídio ou do crime não é o fato de se falar deles; é a maneira como se fala".

Daniel Cornu (1999) indica que as piores atrocidades, as mais terríveis humilhações, a dor e o luto podem ser contados, caso correspondam a fatos que o público tem o direito de conhecer. No entanto, ressalta que a dignidade moral do profissional em tais situações, não pode ser abandonada. Na obra *Sobre Ética e Imprensa*, Eugênio Bucci (2000) afirma que o jornalista que reproduz esse tipo de situação e é convidado a discutir ética acaba geralmente por interpretar o sujeito que o convida como um lunático que se julga capaz de parar o relógio para refletir sobre a natureza da humanidade, das coisas e de suas implicações.

O aspecto pejorativo atribuído aos jornalistas que se propõem a discutir ética indica um princípio de dificuldade na investigação de temas complexos. Mas o tabu, por si só, é apenas uma das problemáticas quando se trabalha o tema suicídio. Fatores relacionados a aspectos organizacionais das empresas jornalísticas, extraorganizacionais e pessoais, podem incidir sobre a opção pela divulgação ou não. Políticas editoriais, diferentes dinâmicas das redações e trajetórias de vida pessoal e informacional podem ser influenciadores diretos no tratamento de temas complexos. Esta dissertação, portanto, percorrerá esses caminhos, a fim de verificar como se dá a cobertura desse problema de saúde pública[7] (segundo a OMS) nos portais de notícias de Campo Grande.

Europa, devido a um suposto efeito de imitação ao personagem principal, que teve um amor não correspondido, vindo a praticar o autoextermínio.

[7] De acordo com dados da OMS, cerca de 800 mil pessoas morrem por suicídio todos os anos; para cada suicídio, há muito mais pessoas que tentam o suicídio a cada ano; a tentativa prévia é o fator de risco mais importante para o suicídio na população em geral; o suicídio é a segunda principal causa de morte entre jovens com idade entre 15 e 29 anos; 79% dos suicídios no mundo ocorrem em países de baixa e média renda; ingestão de pesticidas, enforcamento e armas de fogo estão entre os métodos mais comuns de suicídio em nível global.

2 – A INTERFACE ENTRE O ESTIGMA E A NOTÍCIA

Ao explorar o tratamento de temas estigmatizados pela imprensa local, este trabalho tem como objetivo verificar como o estigma suicídio repercute no tratamento jornalístico, analisando se as publicações dos portais *Campo Grande News* e *Midiamax* se contrapõem a esse tabu ou se corroboram com a alimentação de estigmas em torno do fenômeno. Por esse motivo, este capítulo expõe a vertente de Goffman (2004) sobre estigma, além de adentrar na relação deste problema em paralelo com o fenômeno suicídio e o jornalismo.

Goffman explica que os estigmatizados são excluídos, subjugados, ficando à margem de universos simbólicos legitimados, em virtude de abominações no corpo, culpas de caráter, além de questões polêmicas relacionadas à raça, a nação e a religião aos quais são tipificados. Quando o estigma é exposto, é comum o indivíduo carregar um sentimento de vergonha e constrangimento perante a condição negativa que sustenta no âmbito social.

Neste cenário, esse capítulo problematiza o papel da mídia na análise dos estigmas sociais, visto que ao tecer narrativas em torno de temas de alta complexidade, pode reproduzir valores dominantes ou atuar como resistência a estes valores. Em um contexto no qual a informação acaba sendo produzida mais depressa, com conteúdos efêmeros e simplificados, não é raro verificar em enunciados jornalísticos o abuso de estereótipos, a concessão de mais espaço a uns e menos a outros, além de construções negativas em relação a grupos marginalizados, visto que a imprensa enfatiza entre os principais critérios de noticiabilidade os aspectos negativos da sociedade, tornando como desacreditados certos grupos.

Esse tipo de abordagem estabelece entre os indivíduos buscas desenfreadas para o não enquadramento à tipificação de estigmatizado, tentando se incluir a modelos e atitudes que a mídia reproduz e estabelece como ideal. O não enquadramento a esses modelos, somados a intempéries pessoais, financeiras e/ou psíquicas, podem tornar insuportável o convívio em sociedade para si, levando alguns a optarem como a melhor solução, a prática do autoextermínio.

O suicídio, por si só, é um estigma, seja para aquele que tentou o ato e não concretizou, seja para os familiares do suicida que compartilham esta condição com o indivíduo ou que sofrem com a perda do seu ente querido. Nesses contextos, veículos de imprensa de todo o mundo, em diferentes contextos históricos, mudam suas rotas

constantemente em relação à abordagem do tema. Em determinados cenários, preferem ocultar a problemática, em outros falam em demasia, em outros momentos, prezam pela prevenção. Devido a essas situações, não é incomum o jornalista ter dúvidas sobre quais procedimentos tomar durante o processo de produção da informação. Cabe verificar, portanto, em qual caminho a imprensa campo-grandense optou seguir entre os anos de 2014 a 2018, analisando especificamente a cobertura das campanhas do "Setembro Amarelo" e do desafio "Baleia Azul".

Essa verificação é executada nesse trabalho por meio da hipótese do agendamento (McCOMBS; SHAW, 2000), visto que a mídia pode induzir os indivíduos sobre os assuntos que devem pensar em seus cotidianos, além de possibilitar analisar o grau de redundância midiática em torno de fenômenos de alta complexidade, como é o suicídio. Para esse tipo de identificação, a hipótese do agendamento faz uso de atributos, nos quais os estereótipos em torno do estigma podem se materializar ou não. Esses atributos, por sua vez, são definidos pelos jornalistas durante o processo produtivo dos conteúdos, em virtude de fatores múltiplos, como aspectos pessoais, sociais ou culturais, que incidem de alguma forma nas decisões desse profissional, seja de forma consciente ou não. Nesse processo de seleção e filtragem, o jornalista deve escolher quais fatos se tornarão na notícia ou não, com base em critérios de noticiabilidade.

Levando-se em conta esses fatores, durante o capítulo está exposta uma análise quantitativa em relação à quantidade de conteúdos produzidos pelo *Campo Grande News* e pelo *Midiamax* durante a cobertura das campanhas do "Setembro Amarelo" e do desafio "Baleia Azul", verificando o volume de conteúdos produzidos sobre esses assuntos em seus períodos de agendamento, além de analisar em quais editorias esses temas foram mais frequentemente expostos e a quais atributos estiveram mais vezes integrados.

Tendo, portanto, a articulação entre mídia e estigmas sociais trazidas nesse segundo capítulo, pensa-se em apontar nos discursos midiáticos os espaços de corroboração ou contraposição aos estigmas. É sempre em relação a um outro, diferente de nós, que os estigmas apontam suas especificidades, respondendo, frequentemente, a uma questão que acompanha os discursos midiáticos: como, afinal, (re)presentar o Outro, de modo equilibrado e, sobretudo, ético? Como estabelecer políticas para apresentá-lo? Trata-se de "figuras de alteridade" (PRADO, 2008) e, relacionado a esse quadro e ao tema desta dissertação, vincula-se ao pensamento de Durkheim (2000, p.

15) sobre o fenômeno suicídio, tratando-o como “uma denúncia individual e uma crise coletiva” e a noção de estigma, trabalhada por Goffman (2004).

Tratando-se de estigma, Goffman (2004, p.4) o define como uma marca visível, um sinal que desperta nos outros, ao mesmo tempo, um sentimento de atração e repulsa. O indivíduo estigmatizado “está inabilitado para aceitação social plena” em uma determinada sociedade, em decorrência de alguma característica a ele atribuída de forma pejorativa. São atribuídos a esses sujeitos valores, hierarquizando-o em termos de aceitação ou rejeição, variando de acordo com diferentes épocas históricas, características sociais ou culturais. Segundo o autor, existem três tipos de estigmas: abominações do corpo; culpa de caráter individual e; os estigmas tribais de raça, nação e religião. Alguns desses, inclusive, podem ser considerados sobrenaturais para a sociedade.

Pode-se dizer que opera como fator de exclusão ou inclusão, estabelecendo igualdades ou desigualdades. Ao fazê-lo, se torna o ponto de partida dos grupos sociais. Logo, torna-se inevitável estabelecer relações de exclusão/inclusão entre grupos. Os estigmas sociais vêm de um lugar outro – dos outros – a atribuição de algo a alguém, destinando a esse alguém uma determinada posição, um determinado papel social. Ao ser incluído em um lugar definido, o indivíduo é excluído de outros por meio de marcas que carrega ou daquelas a ele atribuídas, inserindo-se no conjunto das chamadas “identidades culturais subjugadas” ou submetidas ao “não reconhecimento social” (FRASER, 1992). Inevitavelmente, ao incorporar padrões da sociedade, o sujeito se torna mais suscetível ao que os demais veem como seu defeito, levando-o a acreditar que, devido à(s) características que o torna(m) estigmatizado, está abaixo ao que realmente deveria ser. A vergonha se torna uma possibilidade central, que surge quando o indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é impuro e pode imaginar-se como um não-portador dele” (GOFFMAN, 2004, p 10). É comum, nesse cenário, o estigmatizado descobrir que pessoas em quem acreditava e confiava, na verdade não o são, como é o caso dos amigos que se afastam ao descobrirem o estigma. Geralmente, as pessoas que abandonam o estigmatizado, não têm, para Solomon (2002), a resistência, a flexibilidade, o conhecimento ou a inclinação para lidar com esse problema e não conseguem ser solidários e altruístas.

Logo, os atributos inadequados perante os padrões sociais são passíveis de transformar-se em estigma. No processo de distanciamento dos diferentes e aproximação dos semelhantes, o humano passa a apontar as pequenas diferenças que se

tornam visíveis: cor dos olhos, cor da pele, cabelo, roupas, gestos, fala, entre outros aspectos. Ou seja, os estigmas apontam para uma estrutura subjacente das sociedades humanas, "a de excluir e incluir pelo estabelecimento de diferenças".

Ao falar de estigmas sociais presentes no discurso jornalístico, estamos, ao mesmo tempo, tecendo a narrativa de como esses estigmas são desenvolvidos em portais de notícias ou jornais. Se tomarmos como pressuposto que o jornalismo constitui-se como instância de mediação do espaço público, pode-se afirmar que, inevitavelmente, cumpre uma função pedagógica. As indagações sobre as possibilidades de identificar os estigmas sociais nos portais de notícias e os modos como se configuram servem como meios norteadores para essa pesquisa.

Por meio dessa reflexão, reforça-se a noção de que a atuação comunicacional é, em si, uma atividade cultural, ou seja, a linguagem midiática é indissociável de envolvimento com as relações sociais e históricas. Daí a razão de se chamar de comunicação social a comunicação da mídia. Sendo assim, pode-se chamar de "cultura da mídia" esse fenômeno propriamente comunicacional ao lado de outras formas ou sistemas culturais. Nesse processo de estabelecimento de uma cultura da mídia, um dos estudos que contribuem com esta caracterização dentro do segmento da comunicação e, especificamente do jornalismo, é a hipótese do *agenda-setting*, a qual será ainda abordada neste capítulo para verificar os períodos em que o estigma do suicida permeou e/ou permeia o espaço midiático, vinculado a outros critérios de noticiabilidade. A hipótese do Agendamento ou *Agenda-Setting* surgiu na década de 1970, por meio dos pesquisadores McCombs e Shaw, que a desenvolveu, a fim de verificar como a mídia determina os assuntos que farão parte das conversas dos consumidores de notícias. Para obter êxito, deve-se ter uma transferência bem-sucedida da saliência da agenda da mídia à agenda do público, algo que para McCombs e Shaw (2000, p. 67), "ocorre em qualquer lugar no qual exista um sistema político relativamente aberto e um sistema midiático razoavelmente aberto".

Entretanto, em divulgações de temas de alta complexidade, como é o caso do suicídio, podem existir nuances particulares. Não é raro o tratamento da mídia não reproduzir a realidade vivida pelas pessoas diariamente, principalmente as que se enquadram em grupos estigmatizados. Um portal de notícias, como qualquer outro veículo jornalístico, nem sempre é um local para quebra de estigmas. Segundo Melo (2003), ao contrário, a imprensa acaba reproduzindo e reforçando os valores dominantes". O discurso jornalístico tem uma compreensão tematizada do dia-a-dia: os

fatos acontecem e são compreendidos a partir de grandes temas que são pré-definidos pela mídia.

O agendamento midiático sugere que assuntos são incluídos ou excluídos da pauta jornalística segundo o nível de impacto do fato e o grau hierárquico dos indivíduos envolvidos no evento noticiável. Tratando-se de estigma, a perspectiva de complexidade da problemática dos indivíduos estigmatizados (principalmente os suicidas ou as pessoas que estão ao seu entorno) ficarem à margem das pautas é considerável. Grande parte das redações de portais noticiosos, em suas rotinas jornalísticas, não permite a inclusão dos estigmatizados da forma mais recomendável por pesquisas e manuais sobre saúde mental. A mídia mostra uma diversidade de estilos de vida, mas não mostra seu subproduto – as pessoas inconformadas por não conseguirem se enquadrar a tais modelos.

2.1 – O estabelecimento de estigmas na sociedade

De acordo com Goffman (2004), o termo estigma surgiu com os gregos, quando se referiam a sinais corporais que procuravam evidenciar alguma coisa de insólito ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava. Os sinais eram realizados com cortes de fogo no corpo e serviam para demonstrar que o portador era um escravo, um criminoso, um traidor ou uma pessoa marcada. Ou seja, uma pessoa que deveria ser evitada na sociedade, especialmente em lugares públicos. Na Era Cristã, metáforas foram adicionadas ao termo: a primeira referia-se a sinais corporais de graça divina que tomavam a forma de flores em erupção sobre a pele; o segundo, uma alusão médica a essa alusão religiosa, referia-se a sinais corporais de distúrbio físico. Na alta modernidade (GIDDENS, 2002), o termo é amplamente usado de maneira semelhante ao sentido original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal.

As definições de estigmas nas sociedades são objetivadas nas realidades da vida cotidiana desses locais. De acordo com Goffman (1985), a linguagem usada dia a dia nos fornece as necessárias objetivações e determina o sentido que adquire e o significado que adquire para o eu. Trata-se de um mundo intersubjetivo, no qual o conhecimento é compartilhado. Em algumas situações, o estigma é exteriorizado por meio da objetivação através da produção humana de sinais, um caso especial de significação. De acordo com Peter Berger e Thomas Luckmann (1985, p. 55), “um sinal pode distinguir-se de outras objetivações por sua intenção explícita de servir ao índice

de significados subjetivos". Tais sinais são signos dotados de informação social e alguns símbolos de estigma nos dão exemplos disso, como as marcas no pulso de um indivíduo que tentou o suicídio; as marcas no braço do viciado em drogas; os punhos algemados dos prisioneiros; ou mulheres que aparecem em público com um olho roxo.

O estigma também pode ser manifestado, segundo Goffman (2004, p. 6), em relação ao estranho que está a nossa frente e apresenta atributos que o tornam uma pessoa menos desejável, má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa diminuída. Com isso, tal termo surge como um atributo depreciativo e concede o *status* de normalidade ao indivíduo que não está enquadrado como estigmatizado. Relacionado a esse cenário, um motivo muito frequente para inserção de estigmas são os estilos de vida, que, segundo Anthony Giddens (2002), são escolhas que os sujeitos são obrigados a fazer, estão caracteristicamente ligadas a ambientes específicos de ação e ajudam a formular uma auto identidade.

> Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade (GIDDENS, 2002, p. 79).

Sendo assim, a maioria das sociedades demonstra um sistema principal ou geral de estratificação, que apresenta a idealização de posições inferiores que pretendem ascender às posições mais elevadas. Segundo Goffman (1985), isso implica tanto um desejo ao prestígio como o desejo de uma posição junto ao centro de valores comuns da sociedade e um afastamento da condição de estigmatizado. Um estilo de vida inadequado perante a sociedade, assim como as demais categorias de estigma, inevitavelmente carrega padrões que levam o indivíduo estigmatizado a acreditar que ficou abaixo do que deveria ser. Todavia, existem grupos sociais que, ao manterem estilos de vida isolados dos apresentados pela alta modernidade, mantêm-se indiferentes. Protegidos por crenças de sua identidade, tais grupos sentem-se completamente normais e afirmam que os outros são os estranhos. Mesmo carregando um estigma, estes não parecem impressionados ou arrependidos por fazê-lo. Essa

possibilidade é celebrada em lendas exemplares sobre os menonitas, os ciganos e os judeus muito ortodoxos[8].

Entretanto, segundo Giddens (2002), a alta modernidade majoritariamente produz diferença, exclusão e marginalização e afasta a possibilidade da emancipação do eu. As instituições modernas criam mecanismos de supressão, e não de realização, do eu. Nesse cenário, de acordo com Goffman (2004), o sujeito estigmatizado pode apresentar duas perspectivas, que, eventualmente, se alteram, dependendo da situação. Para o autor, quando o estigmatizado assume que a sua característica distinta já é conhecida pelos demais, ele se enquadra como desacreditado; entretanto, quando a condição do sujeito é mantida oculta e não perceptível, é denominada desacreditável.

Um mesmo indivíduo portador de um estigma pode naturalmente passar de desacreditado para desacreditável, um fenômeno comum em sociedades anômicas (DURKHEIM, 2000). Tal situação pode ser articulada principalmente por instâncias institucionais paradigmáticas (THOMPSON, 1998) de forte apelo social, tais como a escola, a igreja e a mídia, que auxiliam a delinear a força dos estigmas. Ao reforçar os atributos dos estigmatizados, a tendência é que o sujeito sofra afastamento social, além de macular as pessoas diretamente envolvidas com os marginalizados. Para as pessoas que permanecem envolvidas com o estigmatizado, Goffman (2004) as denomina como informadas, classificando-as em dois tipos:

> Um tipo de pessoa “informada” é aquela cuja informação vem de seu trabalho num lugar que cuida não somente das necessidades daqueles que têm um estigma particular quanto das ações empreendidas pela sociedade em relação a eles [...]. [...] Um segundo tipo de pessoa "informada" é o indivíduo que se relaciona com um indivíduo estigmatizado através da estrutura social - uma relação que leva a sociedade mais ampla a considerar ambos como uma só pessoa. (GOFFMAN, 2004, p. 28).

Logo, a mãe de um suicida, a esposa do paciente mental, a filha do ex-presidiário, o pai do aleijado, o amigo do cego, todos estão obrigados a compartilhar o descrédito do estigmatizado com o qual se relacionam. Em alguns desses casos, a identidade social real daqueles que acompanham os estigmatizados podem se transformar em uma

[8] Os menonitas, ciganos e judeus, não se importam com o estigma que carregam, pois estão protegidos por crenças de identidades próprias e sentem que são seres humanos completamente normais, entendendo, inclusive, que os demais não são suficientemente humanos pelo modo de vida que levam.

identidade social virtual[9], como afirma Goffman (2004), supondo-se que esse sujeito também é portador de um estigma. O caráter que a pessoa apresenta na vida diária perante aqueles com quem tem relações habituais será modificado, reduzido ou estragado por demandas virtuais (favoráveis ou desfavoráveis).

Alguns optam pelo ocultamento dessas ações, seja o próprio estigmatizado ou os que estão próximos a ele, visto que esse tipo de descoberta pode prejudicar não só a situação social momentânea, mas ainda as relações sociais estabelecidas. Em casos de suicídio, o estigma que cerca o fenômeno é considerado por Alfred Alvarez (1999, p. 89) como um "segredinho sujo, algo vergonhoso a ser evitado e varrido para debaixo do tapete", pois o ato em si é estigmatizado como "uma confissão de fracasso" (ALVAREZ, 1999, p. 108).

Logo, o estigma e o esforço para escondê-lo ou consertá-lo fixam-se como parte da identidade pessoal, estabelecendo-se, assim, as fachadas, ou seja, "o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação" (GOFFMAN, 1985, p. 29). As falas emitem, de acordo com Baccega (1995, p. 40), "discursos de máscara impostos pela sociedade". Segundo Goffman, ao assumir um determinado papel social em relação ao estigma, geralmente verifica-se que uma determinada fachada foi estabelecida para o papel a ser desempenhado. Solomon recomenda às pessoas com depressão, especialmente as duplamente estigmatizadas, como os depressivos pobres e os homossexuais, que falem livremente sobre o assunto à sociedade, pois, para o pesquisador, "[...] ter segredos é oneroso e exaustivo, e decidir exatamente quando transmitir a informação guardada é perturbador" (SOLOMON, 2002, p. 329).

Considerando esses fatores, de acordo com a OMS (2000), os veículos de comunicação podem representar uma ameaça a essa fachada construída pelo grupo de estigmatizados e por seus entes queridos, dependendo da forma como o conteúdo é divulgado. O manual para a prevenção do suicídio, destinado aos profissionais da mídia, desenvolvido pela Organização Mundial de Saúde adverte que "as reportagens devem levar em consideração o impacto do suicídio nos familiares da vítima, e nos sobreviventes, em termos de estigma e sofrimento familiar" (OMS, 2000, p. 8). Por fim, o documento ainda alerta que a publicação de fotografias do falecido e a atribuição de

[9] Goffman (2004) classifica identidade social virtual, como uma identidade imputada ao indivíduo, que não necessariamente corresponde à característica real deste.

culpa podem desencadear efeitos de motivação, em pessoas que estão propensas à prática do ato.

2.2 - O estabelecimento de papéis e as tipificações institucionalizadas socialmente

A imprensa ocupa uma posição de destaque na esfera pública, visto que é por meio dela que os discursos de vários segmentos passam a ser conhecidos e as ideias passam a ter valor através da circulação das informações. Entretanto, para Wilson Gomes (1998), ao contrário do que pensa Habermas, a imprensa não se consolidou como instrumento emancipatório. O que existe atualmente, para Gomes, é uma esfera pública moderna que se conserva apenas na aparência de uma "pseudo-esfera pública, encenada, fictícia, cuja característica maior parece consistir em ser dominada pela comunicação e cultura de massas" (GOMES, 1998, p. 162).

Segundo Melo (2003), caso o discurso habermasiano sobre esfera pública e mídia tivesse se firmado, teria como exigência que os públicos não fossem excludentes, que todos tivessem acesso para dar visibilidade aos seus discursos e valores. Entretanto, o cenário que se vê, segundo a pesquisadora, é um vínculo desfeito entre representações sociais e mundo real, tornando as representações simulacros. O indivíduo cada vez mais percebe os outros como imagens que circulam o que Lília Junqueira (1999, p. 6) denomina por "técnica e ficção".

A fim de que uma audiência reconheça determinada representação midiática como legítima, necessita-se que esta esteja inserida em um campo social. Segundo Rodrigues (1990), um campo social constitui uma instituição social, uma esfera de legitimidade, que impõe "com autoridade indiscutível atos de linguagem, discursos e práticas conformes, dentro de um domínio específico de competência" (RODRIGUES, 1990, p. 143).

A partir da legitimidade dos campos sociais, estabelece-se o que Berger e Luckmann (1985, p. 50) denominam por tipificações. Segundo os autores, em uma situação face a face, a subjetividade de outra pessoa se torna acessível a partir de várias características. Nessas ocasiões, posso interpretar de forma equivocada algumas delas. De qualquer forma, estabelecem-se tipificações a respeito do outro, que podem acarretar na formação de estigmas. Os esquemas tipificadores entram na situação face a face de forma recíproca, o que significa que "[...] as tipificações do outro são tão suscetíveis de sofrerem interferências de minha parte como as minhas são da parte dele".

As tipificações que constituem o aspecto institucionalizado são sempre partilhadas, o que pode vir a fortalecer uma situação de estigma. São acessíveis a todos os membros do grupo social particular em questão, e a própria instituição tipifica os atores individuais assim como as ações individuais. A instituição pressupõe que ações do tipo X serão executadas por atores do tipo X. Em um caso de estigma, um sujeito do tipo Y não tem legitimidade para a execução da tarefa. Significa que apresentam certas características normativas e estabelecem hierarquias por meio de suas classificações.

> A tipificação é o reconhecimento de uma situação graças à rotina interiorizada na vida quotidiana e à prescrição de uma receita. Está direcionada para uma generalização baseada na experiência individual, e por conseguinte, para a formação das condições que permitem o estabelecimento de um esquema de organização cognitivo. Nas grandes organizações burocráticas, ela traduz-se numa anonimização da experiência, a qual perde as suas características singulares a fim de ser configurada numa generalização que se aplica a todos os casos semelhantes (CORREIA, 2011, p. 90).

De acordo com Berger e Luckmann (1985, p. 80), "dizer que um segmento da atividade humana foi institucionalizado já é dizer que este segmento da atividade humana foi submetido ao controle social". Esse mundo institucional, a fim de apresentar uma solidez, exige legitimação. Portanto, segundo os autores, um correlato necessário para a construção de tipologias de papéis é a institucionalização da conduta, uma espécie de oficialização das funções de determinados sujeitos em sociedade.

> As instituições incorporam-se à experiência do sujeito por meio dos papéis. Estes, linguisticamente objetivados, são um ingrediente essencial do mundo objetivamente acessível de qualquer sociedade. Ao desempenhar papéis, o indivíduo participa de um mundo social. Ao interiorizar estes papéis, o mesmo mundo torna-se subjetivamente real para ele. (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 103).

Os papéis representam a ordem institucionalizada, e esta se realiza em dois níveis. Primeiramente, a execução do papel representa a si mesma. O empenho em informar é papel de um repórter. Em segundo lugar, o papel representa uma completa necessidade institucional de conduta. O papel do repórter é levar a informação para um determinado público. O repórter atua, portanto, como representante desta instituição paradigmática, que é o veículo jornalístico, no qual está empregado. Somente mediante essa

representação em papéis desempenhados é que a instituição pode manifestar-se na experiência real.

Para Berger e Luckmann (1985), aprender um papel exige um certo acervo total de conhecimento possuído pela experiência social na vida do sujeito, que passa, primeiramente, pela socialização primária e, com o decorrer de sua vida, por socializações secundárias, como afirma Goffman (1985). Essas socializações possibilitam que o indivíduo seja iniciado nas várias camadas cognoscitivas, e mesmo afetivas, do corpo do conhecimento que é, direta e indiretamente, adequado a esse papel. Nesse cenário, a pessoa pode desenvolver o seu papel, reforçando o estigma de determinado sujeito ou grupo.

A socialização, entretanto, pode ser mal sucedida, em virtude de acidentes biográficos, biológicos ou sociais. A socialização primária de uma criança pode ser prejudicada devido a uma deformação física, socialmente estigmatizada ou por motivo de um estigma baseado em definições sociais. Existe também a possibilidade da socialização ser automaticamente impedida por deficiências biológicas, como em situações de extrema debilidade mental. Todos esses casos têm caráter de infortúnio individual, ou seja, não fornecem fundamento para a institucionalização de contra-identidades e de uma contra-realidade. De fato, essa condição fornece a dimensão do infortúnio existente. O aleijado e o bastardo são dois exemplos dessas situações. “Em uma sociedade dessa espécie o indivíduo aleijado ou bastardo não tem virtualmente defesa subjetiva contra a identidade estigmatizada que lhe é atribuída” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 217).

Tais socializações constroem, portanto, universos simbólicos através desses papéis legitimados e institucionalizados. Entretanto como foi explicado, à margem podem estar os estigmatizados, que sentem dificuldades de serem enquadrados nesses universos e, mesmo que consigam eventualmente constituir subuniversos, ainda sentem empecilhos para se inserirem, sofrendo em muitos casos discriminação e preconceitos pelos considerados “normais”.

> Os estranhos têm de ser impedidos de entrar, e mesmo conservados na ignorância da existência do subuniverso. Se, porém, não chegam a ignorá-lo e se o subuniverso requer vários privilégios e reconhecimentos especiais da sociedade mais ampla, existe o problema de manter de fora os estranhos e ao mesmo tempo fazer com que admitam a legitimidade deste procedimento. Isto é realizado por meio de várias técnicas de intimidação, propaganda racional e irracional (apelando para os interesses dos estranhos e para suas emoções), mistificação e, em geral, a manipulação dos símbolos de prestígio. O íntimo, por outro lado, têm de ser mantidos dentro. (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 120).

No entanto, os universos simbólicos legitimados sofrem na alta modernidade uma ameaça em razão de estarmos em uma época com vários universos simbólicos distintos, que entram em atrito e dificultam as legitimações. Ocorre o surgimento de uma pluralidade de centros de poder, provocando a erosão de identidades mestras. Esse processo impacta diretamente na formação das identidades, que permanecem sempre abertas, em um processo de contínua e interminável formação. Para Stuart Hall (2002), esse fenômeno acarreta na "crise de identidade" da pós-modernidade, ocorrido por um pela descentração do indivíduo de seu lugar no mundo social e de si mesmo, como expôs Giddens (2002).

O sujeito que até então tinha identidade unificada, com universos simbólicos fixos de referência, torna-se fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, sejam elas contraditórias ou não-resolvidas. Essas características, pertencentes ao pós-modernismo, diferem de outras duas concepções de identidade precedentes, segundo Hall (2002). A primeira é a do sujeito iluminista, que nasce com uma identidade baseada na razão e na consciência, fazendo com que ela permaneça imutável ao longo da vida. A segunda é a do sujeito sociológico, que mantém sua essência desde o nascimento e é influenciado apenas a partir de relações mais próximas, ao contrário do terceiro, o pós-moderno, que não possui uma identidade fixa. Esse último muda de acordo com as circunstâncias temporais e espaciais, tornando-se mais volátil conforme as mudanças sociais ocorrem e suas instituições se diversificam e se tornam mais complexas.

Quando Freud estabelece os processos inconscientes como os verdadeiros construtores da identidade do indivíduo que está, permanentemente, em formação e conflito entre elementos que se contrapõem dentro de cada pessoa, a identidade deixa de ser, definitivamente, um conjunto de simbolismos sociais condensados dentro do ser, passando a considerar a falta de 'inteireza' preenchida' pelas externalidades recebidas

das relações sociais. Devido a esses fatores, Goffman (1985) indica que o ator social se sobrepõe ao individual, uma vez que a identidade social, ou a visão do eu refletida nos olhos dos outros, se mostra mais bem acabada e menos contraditória do que a identidade do eu interior e inconsciente.

O fato é que a identidade torna-se então, segundo Hall (2002, p. 39), uma celebração móvel, e a identificação única, segura e completa, torna-se fantasiosa, "assim, em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento". Todavia, tratando-se do fenômeno estigma, mesmo com a existência de universos e/ou subuniversos simbólicos em constante conflito, "quem tem a vara mais comprida tem a maior probabilidade de impor suas definições da realidade" (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 148). O mundo social, preexistente a cada indivíduo, limita o que é biologicamente possível para o organismo, assim como fatores biológicos limitam a gama das possibilidades sociais abertas a cada organismo. Forma-se, então, uma dialética manifestada na limitação mútua do organismo e da sociedade.

Considerando essa mobilidade da identidade característica da era pós-moderna (HALL, 2002), a visão do eu refletida nos olhos dos outros como bem mais acabada que a identidade do eu interior (GOFFMAN, 2004) e a complexidade do fenômeno suicídio como uma denúncia individual de uma crise coletiva (DURKHEIM, 2000), um dos objetivos que este trabalho procura verificar é como se tipifica e se constrói a identidade social virtual do suicida, a partir das publicações dos portais *Campo Grande News* e *Midiamax*.

2.3 - O estigma do suicídio na alta modernidade

Historicamente, o vínculo entre estigma e o suicídio pode ser percebido por meio de realidades virtualmente construídas (GOFFMAN, 2004) no meio social. Como por exemplo, a relação estabelecida entre suicídio e loucura (esta denominação é comumente utilizada de maneira generalizada, unificando uma variedade de patologias mentais de diferentes características). Ainda no século XIX, Durkheim desmistifica essa relação ao publicar o livro *O suicídio: estudo de sociologia*. Na obra, o autor mostra que a quantidade de loucos varia em razão inversa à quantidade de suicídios na Europa. Em uma de suas análises fica demonstrado que na Saxônia, região do Império Alemão, havia 84 loucos por 100 mil habitantes e 272 suicídios por um milhão de habitantes. Em contrapartida, na Escócia, havia 202 loucos por 100 mil habitantes e apenas 35 suicídios

por um milhão de habitantes. Com isso, o autor observa que um grande número de "loucos" em uma localidade, não corresponde a uma elevação no número de suicídios.

A relação entre estigma e suicídio perpassa também por questões sócio históricas relacionadas aos três pilares da sociedade: igreja, família e Estado. Prova disso é que na Atenas de Platão, os civis que cometessem suicídio eram queimados fora da cidade e longe dos túmulos e a mão com que tivessem praticado o ato, era decepada e queimada de forma separada. Ritual semelhante era praticado no Chipre e em Tebas. Na Roma Antiga, além do suicida não ter direito a sepultura, era também abandonado para ser devorado por pássaros e animais selvagens. Tempos mais tarde em Roma, se um militar romano se matasse por uma culpa militar, seu testamento era anulado e seus bens entregados ao fisco.

A Igreja, especialmente o cristianismo, teve papel fundamental na proliferação do suicídio enquanto estigma. Embora os períodos relacionados ao Antigo e ao Novo Testamento não condenassem o suicídio, foi somente a no século IV, d. C., que o ato passa a ser condenável por meio de Santo Agostinho. O santo afirmava que o cristianismo se fundava na crença de que todo corpo humano é veículo de uma alma imortal que será julgada não neste mundo, mas no além. Segundo o santo, como a vida em si é um presente de Deus, rejeitá-la é o mesmo que contrariar a vontade Divina. Pouco mais de um século após a morte de Agostinho, em 563, no Concílio de Praga, decidiu-se que os suicidas não seriam honrados com comemorações no sagrado sacrifício da missa e que o canto do salmo não acompanharia os corpos aos túmulos. Seguido a mesma linha de pensamento de Agostinho, no século XIII, São Tomás de Aquino afirma que o suicídio era proibido por três razões: um atentado contra a natureza e a caridade, pois contradiz a inclinação natural à vida e ao amor-próprio; um atentado contra a sociedade, porque todas as pessoas têm um papel a desempenhar dentro da comunidade; e, por fim, como um atentado contra Deus, proprietário de todas as vidas.

Os pensamentos de Agostinho surtiram efeito especialmente no catolicismo. De acordo com Durkheim (2000), o temor em relação às consequências do suicídio em outra vida, propiciou que os católicos fossem mais integrados e seguissem regras mais rígidas, impedindo que as altas taxas de suicídios se proliferassem entre os seus religiosos. O mesmo não ocorreu com o protestantismo, pois os religiosos desse segmento eram menos integrados e não havia imposição de tantas regras, em virtude de uma concepção de livre-arbítrio bem mais ampla que a do catolicismo. Já entre os judeus, a taxa de suicídios também era baixa, visto que o corpo de práticas desses

religiosos regulam minuciosamente todos os detalhes da existência e deixam muito pouco espaço para o julgamento individual. Na religião judaica, suas comunidades são fortemente integradas entre si, resultado da reprovação que teve do cristianismo.

Entretanto, como majoritariamente a Europa tem raízes católicas, a partir de Agostinho a ideia do suicídio como estigma se espalhou de forma veloz por todo o continente, justamente devido a sua força advinda das superstições, preconceitos e medos primitivos que haviam sobrevivido. No século X, por exemplo, o rei inglês Edgard tratava o suicida de forma semelhante a de um assassino ou ladrão, arrastando o corpo do defunto pela estrada, sem nenhuma cerimônia. Além disso, o suicida era declarado praticante de felonia e seus bens eram tomados da coroa. Na mesma época, em Zurique, se o homem tivesse se apunhalado, enfiavam-lhe perto da cabeça um pedaço de madeira; se tivesse se afogado, o enterravam na areia. Além disso, o código constitucional alemão punia os cúmplices ao suicídio com três anos de prisão.

No século XVII, na França, o suicida também era tão desprezível quanto os criminosos e tinham seus corpos atravessados por uma estaca antes do sepultamento, para serem igualados aos vampiros, além de uma pedra posta em seus rostos. Tais rituais eram feitos, segundo o misticismo da época, para que os mortos não se reerguessem posteriormente e não viessem assombrar os vivos como fantasma. As encruzilhadas eram os ambientes escolhidos para as realizações de tais cerimônias, justamente por serem lugares de execuções públicas. Durante o século XVIII, também na França, o confisco das propriedades do suicida e a difamação de sua memória só foram desaparecer com a Revolução. O mesmo não se deu na Inglaterra, onde as leis relativas ao confisco das propriedades só foram alteradas em 1870 e onde até 1961 ainda era possível mandar para a prisão um suicida que não tivesse tido sucesso em sua tentativa.

Além do aspecto religioso que sustentou partir de suas análises, Durkheim (2000) estabeleceu outros dois motivos que se complementam, juntamente com a religião, a fim de se compreender a diminuição ou aumento de suicídios na sociedade. Segundo o autor, o suicídio também varia em razão inversa ao grau de integração da sociedade doméstica, além de variar em razão inversa ao grau de integração da sociedade política. As análises de Durkheim mostram que cada vez mais os filhos saem de casa e se isolam antes de formarem uma família, situação na qual a tendência ao suicídio é reforçada. Para o autor, não é por acaso que o número de casas com uma pessoa tenha um progressivo e significativo aumento ao longo das décadas.

Mais de um século depois, Giddens (2002) vem dizer que esse processo é fruto de um duplo deslocamento: a descentração do indivíduo tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo. A sociedade passa então a ser marcada pela diferença e pela estrutura de identidade permanentemente aberta. Surge, segundo o autor, uma nova figura de um indivíduo isolado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal, característico da alta modernidade.

Com esse constante processo de deslocamentos e rupturas que se estabelece, ocorre a pluralidade de identidades e de centros de poder. Segundo Giddens, cinco fatos recentes do ponto de vista histórico retratam essa situação: o pensamento marxista; o inconsciente de Freud; a língua como um sistema social não um sistema individual de Ferdinand de Saussure; o "Poder disciplinar" de Foucault; e mais recentemente o Feminismo. As reflexões de Durkheim, combinadas com as Giddens, mesmo com um século de diferença, reforçam a ideia de que o aspecto político, tal como a religião e a vida doméstica, caso passem por um processo de desintegração, segundo Durkheim, podem acarretar em uma elevação nas taxas de suicídio.

Portanto, para Durkheim, as taxas de suicídios irão diminuir (especialmente os de caráter egoísta e anômico), caso os grupos sociais façam com que os indivíduos se sintam solidários e úteis no aspecto coletivo. Para o autor, "assim, ele deixará de buscar em si mesmo o único objetivo de sua conduta e compreendendo que é um instrumento de um fim que o ultrapassa, perceberá que serve para alguma coisa" (DURKHEIM, 2000, p. 488). Na mesma vertente de Durkheim (2000) e Giddens (2002), Dapieve afirma que caso a pessoa não consiga estabelecer vínculos com uma sociedade em constante mudança, acaba ficando em uma condição de isolamento (em virtude de um determinado estigma), contemplando vida e morte esvaziadas de sentido. Segundo Dapieve (2007, p. 43), as rupturas ocasionadas nesse processo de desterritorialização, atingem os indivíduos nos aspectos pessoais, familiares, financeiros, sociais e geográficos, deixando o sujeito perdido em megalópoles, nas quais "tudo o que enxerga é anomia"; levando à perda de referência. Por esses motivos que, para Durkheim, na contramão do que é o estigma (que implica o isolamento, afastamento), o ideal é que as consciências, em vez de permanecerem isoladas umas às outras, se agrupem e se combinem.

Entretanto, atualmente, a sociedade está envolta por universos e subuniversos simbólicos que estão em constante atrito, fazendo com que o referencial protetor das pequenas comunidades e das tradições se rompa e sejam substituídos por organizações

muito maiores e impessoais. De acordo com Giddens (2002), o indivíduo se sente privado e só num mundo em que lhe faltam o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais. Nesse contexto pós-tradicional, o eu se torna um projeto reflexivo. Logo, milhões de indivíduos passam por experiências reflexivas na alta modernidade, na qual o desencontro ou a não adaptação aos estilos de vida que a modernidade oferece, ou situação semelhante vivida pelo indivíduo frente ao deslocamento do eu em relação à tradição moral de certas sociedades, configuram um fardo muitas vezes pesado em demasia para ser carregado dentro da sociedade globalizada.

Na maioria das culturas pré-modernas, o tempo e o espaço se misturavam com o reino dos deuses e espíritos, e também com o "privilégio do lugar". Os diversos modos de cultura e de consciência característicos dos "sistemas mundiais" pré-modernos formavam um cortejo genuinamente fragmentado de comunidades humanas. Por contraste, na alta modernidade, com a descaracterização de tempo e espaço, ocorre uma fragmentação, uma dissociação e, ao mesmo tempo, uma unificação, como explica Giddens (2002). Isso ocorre, pois a humanidade, em alguns aspectos, torna-se um "nós", enfrentando problemas e oportunidades nos quais não há "outros".

Segundo Giddens (2002), a descaracterização do tempo e espaço tradicionais e a construção de modelos referenciais de auto identidade descolados desse tempo e espaço colocam o indivíduo em uma busca desenfreada por um sentido pessoal, que, muitas vezes, encontra na mídia modelos de vida ou atitudes que possam ser tomados para si. Logo, "a falta de sentido pessoal – a sensação de que a vida não tem nada a oferecer – torna-se um problema psíquico fundamental na modernidade tardia", (GIDDENS, 2002, p. 16). Esse fenômeno deve ser compreendido em termos de uma repressão de questões morais que a vida cotidiana coloca, mas às quais nega respostas. Nessas situações, muitas pessoas vivem um "isolamento existencial", em que não necessariamente há uma separação física dos demais indivíduos, mas sim uma desvinculação dos recursos morais necessários para viver uma existência plena e satisfatória.

Em uma sociedade cuja condição de constante formação identitária é parte central desse momento, torna-se válido considerar suas implicações nas decisões individuais, inclusive no suicídio. Segundo o pesquisador Brenno Sarques (2016, p. 15), "nesse jogo das identidades, o sujeito se mata para matar sua identidade, mas cria outra, a do suicidado - a última das identidades que o indivíduo que tira a própria vida poderá ter". Durkheim (2000) atenta que o suicídio pode ser efeito tanto de uma estruturação social

fraca, incapaz de vincular o indivíduo aos outros iguais, quanto de um excesso de estruturação social, que seria, ao contrário, tão presente na vida do indivíduo que o sufocaria.

Essa posição do sociólogo francês apresenta parâmetros sociais da modernidade apontados por Giddens (2002), quando afirma que ninguém pode se livrar completamente dos sistemas abstratos da alta modernidade, como consequência de viver em um mundo de riscos. Entretanto, os estilos de vida e setores dos estilos de vida podem ser ajustados para navegar entre as diferentes possibilidades oferecidas num mundo reconstituído pelo impacto dos sistemas abstratos. O problema é que "a confiança em alguns ou em muitos dos sistemas que rotineiramente ou de maneira esporádica interferem com a vida do indivíduo pode ser suspensa" (GIDDENS, 2002, p. 133), em alguns casos, em virtude de situações de estigma com que o indivíduo tem que lidar. A mídia é uma das responsáveis por essa situação, visto que mostra uma diversidade de estilos de vida, mas não trabalha com seu subproduto: as pessoas inconformadas por não conseguirem se enquadrar a tais modelos. Somados a isso, existem as questões pessoais, financeiras, psíquicas, enfim, os problemas da vida real. O flerte com o desânimo e a desesperança não estão entre os interesses dos cicerones da publicidade midiática.

> Poucas são as campanhas nos meios de comunicação que tratam abertamente do suicídio. O tabu parece ser maior em um país onde a cultura possui fortes traços da tradição católica e também não parece haver muito interesse midiático em explorar um tema que vai na contramão daquilo que a publicidade deseja: seres vivos e consumidores (SARQUES, 2016, p. 14).

Por outro lado, Giddens (2002) aponta também aspectos da tradição pré-moderna que permanecem na modernidade e que têm papel fundamental na construção da auto-identidade. A tradição sempre tem um caráter normativo "vinculante", que resiste à introdução de algo novo. Com isso, na medida que a vida social se organiza segundo a tradição, seja pelo hábito rotineiro ou pelo ajuste pragmático à natureza exógena, falta-lhe aquela referencialidade interna fundamental à dinâmica da alta modernidade. Nessas situações, alguns fatores tornam-se impossíveis de adaptação para certos indivíduos, caracterizando-os como estigmatizados desacreditados (GOFFMAN, 2004), por não conseguirem se enquadrar em tais aspectos, o que pode, posteriormente, levá-los ao ato suicida.

Seja por forças provenientes da sociedade tradicional ou decorrentes da alta modernidade, a partir dessa dificuldade de adequação do indivíduo à sociedade, o suicídio naturalmente abarca em seu bojo instituições importantes para a formação do eu, tais como a família, a religião e o Estado. Ou seja, o suicídio passa a ser um ato social, uma denúncia individual de uma crise coletiva (DURKHEIM, 2000).

O segmento literário também apresenta autores que trabalham com o fenômeno suicídio, como Albert Camus (2018), que apresenta suas concepções por meio do clássico "O Mito de Sísifo". No conto retratado durante a obra, Sísifo é condenado pelos deuses, a repetir sempre a mesma tarefa: conduzir uma grande pedra ao alto de uma montanha e, quando chega ao pico, ela rola para baixo. Sísifo deve então realizar essa tarefa de forma repetida infinitamente. Camus diz que, segundo os deuses, não existia "punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança" (CAMUS, 2018, p. 85). No entanto, Sísifo aceita essa condição de vida e torna-se feliz, resolvendo assim um problema que seria absurdo para os deuses: carregar aquele pesado rochedo, subindo a montanha infinitas vezes, sem se importar com o que pensavam.

> [...] Sísifo no sopé da montanha sempre reencontra seu fardo. Mas Sísifo ensina a fidelidade superior que nega os deuses e levanta os rochedos. Ele também acha que tudo está bem. Esse universo doravante sem senhor não lhe parece nem estéril nem fútil. Cada um dos grãos dessa pedra, cada clarão mineral dessa montanha cheia de noite, só para ele forma um mundo. A própria luta em direção aos cimos é suficiente para preencher um coração humano. É preciso imaginar Sísifo feliz (CAMUS, 2018, p. 88).

Por sua vez, ao romantizar o ato de Sísifo via literatura, Camus considera o ato do suicídio como um fracasso, um ato extremamente individual, ao contrário da concepção de Durkheim (2000), que enxerga o fenômeno como um problema coletivo. Para o escritor, o suicídio é preparado no íntimo de cada um e é um equívoco trata-lo como um fenômeno social.

> Um gesto como este se prepara no silêncio do coração, da mesma forma que uma grande obra. O próprio homem o ignora. Uma tarde ele dá um tiro ou um mergulho [...]. [...] A sociedade não tem muito a ver com esses começos. O verme se acha no coração do homem. É ali que é preciso procurá-lo. É preciso seguir e compreender esse jogo mortal que arrasta a lucidez em face da existência à evasão para fora da luz (CAMUS, 2018, p. 8).

De acordo com o escritor, Sísifo tem seus méritos em encontrar a felicidade, em uma situação que poucos encontrariam. O ato de Sísifo acaba por ser louvável, pois, na sociedade contemporânea, busca-se a todo custo a felicidade, seja por meio *de best-sellers* de auto-ajuda, palestras, pesquisas na *web*, entre outros meios. Solomon, diante desse quadro, afirma que "[...] nosso direito à procura da felicidade torna-se mais enigmático a cada dia" (SOLOMON, 2002, p. 347). Em virtude desses fatores, Camus escolhe Sísifo por sua audácia em enfrentar a morte, louvando-o por negar os deuses e aceitar seu destino com resignação. A liberdade do protagonista do mito é sua escolha em encarar o absurdo sem apelar para uma solução drástica e trágica, que seria o suicídio. A própria negação da morte personificada na revolta, é o que interessa Camus neste conto. No entanto, Sísifo resolveu o impasse de forma solitária, diferente, por exemplo, de deficientes físicos, prostituas, entre outros grupos, que muitas vezes, se reúnem em grupos para lidar com os rótulos impostos pela sociedade que norteiam seus estigmas. Por meio do "Mito de Sísifo", Camus endossa a ideia, mesmo que indiretamente, de que os suicidas são fracassados, estigmatizando-os. Para o autor, criar consistência e sentido é o maior desafio de todos os sujeitos e tem resultado somente através da força interior de cada pessoa.

De qualquer forma, o estigma existe em virtude do aspecto coletivo apontado por Durkheim (2000), que influencia os estigmatizados e seus entes queridos. Com a finalidade de evitar carregar o fardo do estigma, o indivíduo que apresenta motivações suicidas ou as pessoas envolvidas com ele, se expressam por meio do que Goffman (1985) denomina por fachada, um equipamento expressivo de tipo intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo em sua representação. Nessas situações, esse indivíduo lançaria mão de uma forte marca do cinismo, visto que há um grande descompasso entre seu eu íntimo e o que é revelado ao público. O cinismo é um descompasso que isola sua personalidade íntima do contato com o público. Daí a dificuldade de se identificar um suicida, sobretudo quando ele ainda não cometeu nenhuma tentativa de provocar a própria morte, ou não possui um acompanhamento psicológico que identifique sinais de autoimolação.

2.4 - A deontologia aplicada à abordagem de temas complexos

Ao trabalhar com temas de alta complexidade e que envolvem indivíduos estigmatizados, o jornalista vive impasses: publicar ou não, em qual página, com quantas linhas e com qual abordagem. Lida com dilemas como ouvir fontes, procurar

familiares, buscar fotos. O profissional, nesses casos, pode ter que conviver com pessoas desconhecidas, para tentar recolher indícios de uma vida, razões pouco explícitas que levaram a tal gesto, ouvir autoridades que interpretaram os atos e dão versões sobre o mundo.

Calude-Jean Bertrand (1999) entende que a maior parte dos meios de comunicação não leva em conta a complexidade do real, e a informação acaba sendo produzida mais depressa e de forma simplificada. Ocorrem, então, o abuso de estereótipos, a divisão em bons e maus, a redução dos fenômenos a indivíduos pitorescos, etc. A mídia fornece, assim, "imagens incompletas, frequentemente deformadas, que podem gerar sentimentos e comportamentos lamentáveis" (BERTRAND, 1999, p. 125). O autor enxerga que, nesse tipo de produção de conteúdo, os tabus e antigos preconceitos são sustentados e mal trabalhados, em virtude do comportamento de muitos atores distintos, sejam patrões, anunciantes, ou dos próprios jornalistas. No livro "Jornalismo e verdade: para uma ética da informação", Cornu (1999) verifica uma agravante dessa situação em relação aos textos deontológicos que, segundo ele, apresentam um aspecto mudo em relação ao respeito pelo ser humano.

> [...] é precisamente este mutismo que deveria incitar os jornalistas a terem mais em conta o espírito do que a letra dos códigos deontológicos, na sua maioria notoriamente insuficientes, ou seja, a completarem as suas disposições, bem como as do direito, através de uma prática aberta a preocupações de ordem ética. (CORNU, 1999, p. 404).

De acordo com Dapieve (2006), em torno das notícias de autoextermínio, existe a tendência de se formar um círculo de silêncio. Segundo o autor, está enraizada socialmente a crença de que o suicídio pode ser contagioso "e de que os modernos meios de comunicação de massa podem ser, pela própria natureza de sua função social, os vetores deste contágio" (DAPIEVE, 2006, p. 12). Solomon compartilha da mesma opinião e destaca que este fenômeno "é especialmente verdadeiro entre adolescentes" (SOLOMON, 2002, p. 233).

Nas redações, segundo Dapieve, costuma-se ter o temor de que a publicação de uma notícia sobre um suicídio específico, ou uma menção genérica à possibilidade de um indivíduo findar com a própria vida, transmita ou estimule a mesma ideia em um suicida em potencial. De acordo com o autor, essa situação é tratada de forma análoga ao "portador sadio" de uma doença latente. Procura-se, então, evitar, em virtude do

rigor da edição, a repetição do ocorrido após a divulgação da obra *Os sofrimentos do Jovem Werther* (2005), de Goethe. Na história, o protagonista do livro publicado em 1774 atira contra a própria cabeça após um amor mal sucedido. Sucedendo a publicação, uma onda de suicídios teria se disseminado no continente europeu e houve inúmeros relatos de jovens que cometeram o autoextermínio usando o mesmo método. Isso resultou na proibição do livro em diversos lugares. Esse fenômeno originou o termo *Efeito Werther*, designado por David Phillips (1974), usado na literatura técnica para denominar a imitação de suicídios e também utilizado, de acordo com Dapieve (2006), na imprensa até os dias atuais. Entretanto, Alvarez (1999) alerta que o *Efeito Werther* se deu durante a revolução romântica, período no qual, conforme o autor, a literatura era tão importante para a sociedade como eram as notícias. Alvarez afirma que a literatura transformou-se, à época, não simplesmente num acessório de vida, mas sim num estilo de vida.

> [...] Werther não era mais um personagem de um romance, mas um modelo de vida que firmou todo um estilo de hipersensibilidade e desespero. Os racionalistas das gerações anteriores tinham inocentado o ato do suicídio, tinham ajudado a mudar as leis e a abrandar os tabus religiosos primitivos, mas foi Werther que o fez parecer realmente desejável para os jovens românticos de toda a Europa (ALVAREZ, 1999, p. 208).

O autor relata que os indivíduos buscam na mídia, seja por meio da ficção, da literatura ou do teatro, um preenchimento para as lacunas das próprias vidas. Nessa circunstância, contrapondo a vida a um jogo de xadrez, o autor afirma que, por meio da ficção que é transmitida midiaticamente, as pessoas encontram a pluralidade de vidas que necessitam. Naquele período, segundo Alvarez, os jovens românticos viam nas posturas suicidas de seus heróis, fonte de inspiração e consolo, contribuindo assim com a difusão da epidemia de suicídios que varreu a França na década de 1830.

Considerando que o romance de Goethe se enquadra nos gêneros ficção e literatura, Almeida (2000) atenta que o *Efeito Werther* não é aplicável para todos os casos de divulgação de suicídio pela imprensa. Por exemplo, a morte do cantor e compositor norte-americano, Kurt Cobain, em 1994, por ser uma celebridade, tinha todos os potenciais para estimular jovens vulneráveis a seguir o *Efeito Werther* (PHILLIPS, 1974). De acordo com a pesquisadora, a morte do artista causou

preocupações em especialistas sobre suicídio em Seattle, comunidade onde Cobain viveu e morreu.

Entretanto, os dados obtidos na zona de *King County* sugeriram que o *Efeito Werther*, que era esperado, aparentemente não havia ocorrido. Verificou-se, contudo, um aumento significativo de telefonemas, durante o período que se seguiu à morte do cantor. Levantou-se, então, a hipótese de que a ausência de mortes por imitação nessa situação estivesse vinculada eventualmente "a vários aspectos relacionados com a cobertura mediática do acontecimento, ao método utilizado no suicídio de Cobain e às intervenções preconizadas pelo Centro de Crises" (ALMEIDA, 2000, p. 41). Para Dapieve (2006), tal como para Durkheim (2000), a maneira pela qual se fala do fenômeno suicídio e a forma como a informação é tratada pela imprensa, pode contribuir com o aumento ou redução de atos de autoextermínio praticados.

> [...] a imprensa pode elevar, ou ao menos acelerar, a taxa social de suicídios numa determinada comunidade, contribuindo para o clima geral de anomia. Mesmo neles, porém, ela não criaria suicidas: excitaria indivíduos por suas próprias razões já propensos a se matar (DAPIEVE, 2006, p. 53).

Todavia, fatos históricos mostram que em alguns episódios, a imprensa não se intimidava diante da morte voluntária. De acordo com Dapieve (2007), no ano de 1995, por exemplo, várias pessoas estavam cometendo suicídio na famosa *Golden Gate*, localizada no estado norte-americano de São Francisco. Na ocasião, dois jornais da região fizeram um placar, a fim de contabilizarem o número de pessoas que findavam contra a própria vida no local. Acentuando ainda mais a situação, um locutor de rádio anunciou que mandaria um carregamento de refrigerantes para a família do milésimo sujeito que praticasse autoextermínio naquela ponte.

Segundo Dapieve, o tratamento da imprensa, em geral, em torno do suicídio, remonta à invenção dos tipos móveis por Johannes Gutenberg, provavelmente em Mainz, por volta de 1450, vindo a imprimir 180 Bíblias de 42 linhas por página e abrindo uma nova era que marcou publicações de livros que fizeram circular as visões greco-romanas em torno de temáticas tabus, como é o caso do suicídio, além de mais tarde proporcionar publicações de jornais que ampliariam o "boca-a-boca" da comunidade em torno do autoextermínio. Por meio desse novo meio de comunicação, a tradição oral comunitária, especialmente na Europa, perdeu espaço para os relatos dos jornais, que traziam informações sobre eventos ocorridos em lugares distantes. Dapieve

afirma que a partir disso, a população inglesa dos séculos XVII e XVIII, por exemplo, foi habilitada a formar sua própria opinião sobre a morte voluntária. Logo, "os rituais de julgamento e enterro não eram mais o principal meio pelos quais as pessoas tomavam conhecimento de suicídios e de seu significado" (DAPIEVE, 2007, p. 87). As pessoas da época passaram então a compreender o suicida como uma pessoa comum atravessando um mau momento, considerando-o somente digno de pena e não de condenação ou excomunhão.

Por outro lado, o imperativo jornalístico-mercadológico já existia nesse período, atuando no sentido de detalhar casos específicos. De acordo com Dapieve (2007), no Brasil, já na primeira metade do século XX, ao se noticiar casos de suicídios, os jornalistas corriam ao local do crime, tentando furar a concorrência, chegando em várias situações a não somente entrevistar os parentes da vítima que cometeu o suicídio, como vasculhar as gavetas da família antes da polícia e subtraía o que quer que visse como relevante para a sua matéria (fotos, cartas, etc.). Um exemplo desse tipo de tratamento detalhado pode ser visto em Campo Grande, no ano de 1964, por meio de uma notícia publicada pelo extinto *Jornal do Comércio*.

Figura 1 – Uma das páginas do *Jornal do Comércio*, de 1964.

Figura 2 – Notícia ampliada do *Jornal do Comércio* de 1964

Movido por desgosto sexagenário pos fim à vida

De acordo com informações que obtivemos, desesperado pelos sofrimentos que lhe causava uma doença cardíaca, agravada ultimamente por sucessivas crises, o infeliz sapateiro Severiano E. Souza, de 64 anos de idade, casado, residente à rua da Constituição, 90, na Vila Castelo, pôs fim à vida tomando violenta dose de formicida, às 15 horas de ante-ontem, em sua residência.

Solicitada com urgência a ambulância do SAMDU, esta ao chegar ao endereço já o insensato operário infeliz estava morto.

De acordo com informações que obtivemos, desesperado pelos sofrimentos que lhe causava uma doença cardíaca, agravada ultimamente por sucessivas crises, o infeliz sapateiro Severiano E. Souza de 64 anos de idade, casado, residente à rua da Constituição, 90, na vila Castelo, pôs fim à vida tomando violenta dose de formicida, às 15 horas de ante-ontem, em sua residência. Solicitando com urgência a ambulância do SAMDU, esta ao chegar ao endereço já o insensato operário infeliz estava morto.

O excesso de detalhamento é notável, a ponto de identificar o nome inteiro da pessoa que cometeu suicídio, a idade, o estado civil, o endereço completo, além da descrição do método utilizado pelo homem e os adjetivos direcionados à vítima. Nessa época, como pôde ser visto na matéria, o critério para se noticiar a morte de uma celebridade, segundo Dapieve (2007), era indiferente ao de qualquer outra pessoa da sociedade (o sapateiro Severiano, por exemplo, não era uma figura célebre, como está exposto no exemplo anterior) ao contrário do que ocorre atualmente. Com a chegada ao Brasil da técnica norte-americana do *lead*[10], um novo estilo de texto passa a se consolidar, mudando o estilo das publicações. Ao contrário do caráter romântico que marcava as crônicas cheias de escândalos e exageros de Nelson Rodrigues, o texto no modelo do *lead* obrigou "repórteres a abrir mão do exagero e da fantasia, preparando o terreno para a irrupção de uma palavra inexistente no vocabulário de qualquer redação de jornal em 1954: ética" (DAPIEVE, 2007, p. 106).

Segundo esses pesquisadores, a imitação, por si só, não é suficiente para influenciar um indivíduo sadio mentalmente a praticar o autoextermínio. Embora para Durkheim (2000) a maior incidência possa ocorrer após boca-a-boca ou notícias de jornais, ele isenta ser essa a causa de suicídios em uma determinada sociedade, visto que, para ele, um indivíduo não se decide pela morte voluntária se já não estiver

[10] Técnica de redação jornalística norte-americana utilizada no primeiro parágrafo do texto, no qual estão expostas as seis perguntas básicas que norteiam a notícia: o quê (a ação), quem (o agente), quando (o tempo), onde (o lugar), como (o modo) e por que (o motivo)

predisposto ao ato. Na mesma linha de pensamento, Dapieve (2007, p. 160) entende que essa ideia de contágio em torno do suicídio, não se inventou como o ponto focal da ideia de transmissão do suicídio na sociedade, mas "a própria imprensa foi contagiada pela ideia de contágio, que lhe é externa e anterior", visto que para o autor, a mídia é mais influenciada pela visão que seu público tem da morte voluntária, do que influenciadora desse mesmo público. Para o autor, isolar o comportamento reticente da imprensa sob a lupa, como sendo o único vetor de contágio, seria um equívoco, pois ignoraria "toda a história de humanidade e as práticas e rituais que os homens adotaram com o passar dos milênios, para lidar com os que se decidiram por não mais ser" (DAPIEVE, 2007, p. 160).

Pelo mesmo viés, como já mencionado na introdução do presente trabalho, Cornu (1999) indica que atrocidades, humilhações, dores e lutos podem ser relatados pelos jornalistas, caso correspondam a fatos que o público tem o direito de conhecer. No entanto, ressalta que a dignidade do profissional nunca pode ser abandonada, pois inevitavelmente pode acarretar em inadequações perante a ideologia da profissão ou até mesmo flertar com o crime, dependendo da situação. Para esses casos, a OMS sugere ações a serem tomadas pelos profissionais da mídia, como:

> • Trabalhar em conjunto com autoridades de saúde na apresentação dos fatos.
> • Referir-se ao suicídio como suicídio "consumado", não como suicídio "bem sucedido".
> • Apresentar somente dados relevantes, em páginas internas de veículos impressos.
> • Destacar as alternativas ao suicídio.
> • Fornecer informações sobre números de telefones e endereços de grupos de apoio e serviços onde se possa obter ajuda.
> • Mostrar indicadores de risco e sinais de alerta sobre comportamento suicida. (OMS, 2000, p. 9).

Entretanto, os meios de comunicação seguem a enfatizar, frequentemente, o desentendimento, o conflito, o confronto, o drama, o insucesso. Destacam-se os problemas, o bizarro e o criminoso mais do que as grandes realizações. Quando uma informação contém um elemento negativo, é sobre ele que se constrói o conteúdo. Para Alain de Botton (2015), as notícias com características negativas se sobressaem em relação às positivas, pois os benefícios que as pessoas extraem com o sofrimento alheio são de forma inegável, melhor que as alegrias alheias. O pesquisador explica que este fenômeno ocorre pelo fato dos indivíduos realizarem, de maneira ininterrupta, por meio

de mídias e redes sociais, promoções de imagens de ambição e felicidade, de carreiras e relacionamentos bem-sucedidos, de empreendimentos de sucesso, algo que está fora do alcance da maior parte das pessoas. Não por acaso, Alvarez (1999, p. 43) afirma que algumas festividades, tal como o Natal, propaga uma ideia de felicidade e impacta negativamente em pessoas infelizes. De acordo com o autor, para esses indivíduos o Natal é sempre difícil, pois "[...] a terrível falsa alegria que nos atinge por todos os lados, urrando vivas à boa vontade, à paz e à diversão familiar, torna a solidão e a depressão particularmente insuportáveis". Por esses motivos, segundo Botton, as notícias negativas acabam proporcionando um efeito tranquilizante para a maioria, pois a calamidade decorrente, por exemplo, de casos ou tentativas de suicídio, traz uma mensagem útil à sociedade: a humanidade sofre.

> É essa moral que nosso inconsciente sofre e aplica às especificidades de nossos sofrimentos (que podem não passar da rejeição a uma proposta de negócios ou de um insulto ao ego por parte de um inimigo). As diferenças de proporção entre nossas dificuldades e as da vítima do acidente podem parecer obscenas, mas também são (em caráter privado) extremamente úteis. O alcance exagerado da dor suportada por alguém serve para colocar nossos problemas em perspectiva (BOTTON, 2015, p. 178).

Logo, ao contrário de quando sentem inveja, em decorrência da promoção de vida de sucesso na mídia, ao consumirem uma mensagem com teor negativo, as pessoas passam a sentir uma nova gratidão. Comparando com as situações alheias, os sujeitos passam a enxergar que, por muitas vezes, seus problemas não são tão imensos como pensavam e que suas vidas não se encontram em sofrimento demasiado, tal como as das vítimas ou parentes de vítimas de determinados fatos. Segundo Botton (2015, p. 178), "mergulhar em relatos de infortúnio pode nos ajudar a adotar uma atitude mais construtiva e generosa em relação a nós mesmos e aos outros". De forma paradoxal, um pouco de esperança pode ser estimulada por notícias de sofrimento.

Um exemplo histórico foi a situação das autoridades de Londres no século VXII. Na ocasião, preocupadas com a insalubridade e com o avanço de epidemias, especialmente da Peste Negra, passou-se a publicar nos jornais locais as *Bills of Mortality* (contas da mortalidade). O objetivo era alertar os leitores sobre os perigos da vida na metrópole, de modo que eles pudessem evitar a ida a uma zona infectada por uma moléstia ou se prevenir contra o afogamento acidental. Para MacDonald e Murphy (*apud* DAPIEVE, 2007), contudo, elas serviam ainda ao propósito psicológico de

manter os leitores cientes da fragilidade da própria vida e assim afirmar de maneira simultânea, a boa sorte deles e a incerteza da continuação dela.

As comoções em torno de grandes episódios trágicos também podem contribuir, segundo Durkheim (2000), com a diminuição de ocorrências suicidas. Na França, as vésperas da revolução francesa e diante da decomposição do antigo sistema social, houve uma brusca elevação de suicídios. No entanto, após a Revolução, diminuiu-se o número de suicídios, em razão da comoção social. O mesmo aconteceu na Revolução alemã. "As comoções nacionais, assim como as grandes guerras, avivam os sentimentos coletivos e integram mais a população durante um certo período, diminuindo o número de suicídios" (DURKHEIM, 2000, p. 257).

Assim como ocorre com os receptores, Bertrand (1999, p. 127) acredita que os jornalistas, nestas situações, chegam também a se deleitarem "com as trapaças, os assassinatos, as falências, os tornados ou casos". Por sua vez, por atuar profissionalmente, o *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*, formulado pela Federação Nacional dos Jornalistas, condena posturas incisivas dos jornalistas, principalmente quando pessoas estão em situações de risco de vida, como está previsto nos artigos 7º do documento, itens IV e V:

> Art. 7º O jornalista não pode:
> [...] IV - expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais;
> V - usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime [...] (FENAJ, 2007).

Da mesma forma, o Princípio III pertencente aos *Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo*, formulado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) não isenta o jornalista de responsabilidade, tratando a informação como um bem social. "A responsabilidade social do jornalista requer que ele ou ela agirão debaixo de todas as circunstâncias em conformidade com uma consciência ética pessoal" (UNESCO, 1983). Sobre este aspecto, Bucci (2000, p. 37) alerta que "o primeiro obstáculo que se apresenta para quem quer investigar, entender e discutir a ética dos jornalistas são os próprios jornalistas". Visualiza-se, então, a importância da deontologia, que deve ser aplicada em

uma sociedade que apresenta retrocessos no terreno moral e que são refletidos por meio de conteúdos midiáticos.

Porém, o profissional é obrigado a lidar com um agravante: o fator tempo nas redações. Cornu (1999, p. 411) afirma que de todas as causas de derrapagem dos *media*, em relação à responsabilidade ética sobre a pessoa, a primeira é "a velocidade da informação moderna, que mata a verdade e pode ferir a pessoa". Para Bucci (2000), um jornalista que comanda uma equipe contra o tempo, aposta corrida com o ponteiro do relógio. Se alguém, nesse momento, aparece diante dele para discutir a ética, ele acredita estar diante de um lunático, sendo que parar o relógio torna-se um recurso inadequado.

2.5 – A fixação de estigmas por meio de atributos do agendamento

Os estigmas sociais, inclusive o suicídio, se constroem em realidades da vida cotidiana, por meio de uma zona clara atrás da qual há um fundo de obscuridade. De acordo com Berger e Luckmann (1985, p. 66), "assim como certas zonas de realidade são iluminadas, outras permanecem na sombra. Não posso conhecer tudo o que há para conhecer a respeito desta realidade". Com a atividade jornalística, a situação não se distingue. A notícia se apresenta a seu público como sendo realidade e, mesmo que os receptores percebam que se trata apenas de uma versão da realidade, "dificilmente terá acesso aos critérios de decisão que orientaram a equipe de jornalistas para construí-la, e muito menos ao que foi relegado e omitido por estes critérios, profissionais ou não" (MEDITSCH, 2004, p. 285).

No cotidiano, é possível para os atores criarem propositalmente quase todos os tipos de falsa impressão sem se colocar na posição indefensável de ter dito uma flagrante mentira. As técnicas de comunicação, tais como a insinuação, a ambiguidade estratégica e omissões essenciais permitem ao informante aproveitar-se da mentira sem tecnicamente dizer nenhuma. Com isso, os jornalistas "[...] podem enganar sem a necessidade de mentir, que é como mentir mas com impunidade" (BURGUET *apud* ALSINA, 2009, p. 261). Isso ocorre ao se informarem dados corretos, dando a entender coisas que ou são falsas, ou, em todo caso, não são verdadeiras. Os meios de comunicação trabalham nesse aspecto e demonstram, por meio dos seus conteúdos, um poder de direcionamento e angulação que contribuem com a proliferação de estigmas e estereótipos. De acordo com Alsina (2009, p. 280), este é um artificio usado pela

imprensa para comunicar-se com seu público, “embora isso gere mal-entendidos com os povos estereotipados”.

Para executar o trabalho de enquadramento, os meios de comunicação necessitam lidar com uma enxurrada de eventos e situações, que solicitam sua atenção com uma determinada frequência. De acordo com McCombs (2009, p. 44), a mídia apresenta “uma visão limitada do ambiente mais amplo, algo como a visão limitada do mundo exterior disponível através de uma estreita fresta das janelas de alguns edifícios contemporâneos”. Para executar essa seleção, o sistema cultural no qual determinado veículo de imprensa está inserido é imprescindível. Trata-se dos universos simbólicos (Goffman, 1985) da mídia, nos quais irão se concretizar fenômenos que merecerão ser considerados como acontecimentos e outros que passarão despercebidos. Sabe-se que toda forma de enxergar é uma forma de ocultar. Por isso, nas representações midiáticas, “nem todos os agentes receberão o mesmo tratamento jornalístico em quantidade e em qualidade” (ALSINA, 2009, p. 65).

Quando acontece determinado fato, o jornalista coloca, como hipótese, uma proposta de interpretação e, a seguir, procurará por novos dados para demonstrá-la. É o que Alsina (2009, p. 307) entende por mundos de referência, ou seja, em que “podemos enquadrar o acontecimento do mundo real. É imprescindível, para a compreensão de um acontecimento, o seu enquadramento no modelo de um mundo referencial”. Se começarmos por um mundo de referência, devemos levar em conta alguns fatos e outros não. Assim, ele será a matriz de um mundo possível narrado.

Partindo, então, de um mundo de referência, o jornalista pode contribuir com a hipótese da construção do temerário ou *agenda-setting*, que se fundamenta na pesquisa de relação entre os temas que foram destacados pela mídia e os que são importantes para o público. Afirma-se que existe uma relação direta e de causa entre o conteúdo dos meios e a percepção do público do que seria o assunto mais importante do dia. Para McCombs e Shaw (2000), ainda que a mídia não tenha o poder de oferecer às pessoas a forma como elas devem pensar, ela consegue induzir sobre o que têm de pensar. Nesse sentido, se a mídia não informa nada sobre um fato ou um acontecimento, ele simplesmente não existirá no cotidiano dos usuários.

A hipótese do agendamento ganha força devido à capacidade de redundância midiática, quando a mídia está determinada a trabalhar algum assunto. A cobertura midiática sobre o tema suicídio no ano de 2017, pelos portais de notícias *Campo Grande News* e *Midiamax,* exemplifica essa situação. A tabela 1 mostra que, em março

daquele ano, o *Campo Grande News* havia feito 4 publicações sobre suicídio. Em abril, quando o fenômeno do desafio "Baleia Azul" passou a fazer parte do noticiário, o número de divulgações multiplicou seis vezes, tendo ao todo 24 conteúdos produzidos relacionados ao autoextermínio, sendo 13 publicações relacionadas ao desafio naquele mês. Esse total oscilou posteriormente em maio, junho e julho, com 12, 7, e 15 publicações respectivamente no total.

Tabela 1 - *CG NEWS*: Efeitos do agendamento do desafio "Baleia Azul" em 2017

CG News: "Baleia Azul"	**Conteúdos relacionados ao "Baleia Azul"**	**Outros conteúdos relacionados a suicídio**	Total
Março	0	4	**4**
Abril	13	11	**24**
Maio	1	11	**12**
Junho	1	6	**7**
Julho	1	14	**15**

Fonte: Elaboração própria.

O mesmo fenômeno ocorreu no "Setembro Amarelo", mês institucionalmente dedicado à prevenção do suicídio em âmbito nacional: a tabela 2 mostra que, enquanto em agosto, outubro e novembro (meses próximos a Setembro), houve 8, 12 e 5 publicações, respectivamente, relacionadas ao assunto, no mês da campanha foram 26 conteúdos postados, (o triplo do mês anterior e o dobro do mês seguinte). Desse total, 15 não faziam referência ao evento institucional. Em relação a esses números de Setembro de 2017, a jornalista identificada como CGN3 comentou sobre um equívoco coletivo ocorrido na redação:

> Na verdade isso é uma falha, porque todas deveriam fazer ao menos uma menção ao "Setembro Amarelo" durante a campanha, falando que é o mês de prevenção e dar caminhos para a pessoa procurar ajuda (GGN4, 2019).

Tabela 2 - *CG NEWS*: Efeitos do agendamento da campanha "Setembro Amarelo" em 2017

CG News: "Setembro Amarelo"	**Conteúdos relacionados ao "Setembro Amarelo"**	**Outros conteúdos relacionados a suicídio**	Total
Agosto	0	8	**8**
Setembro	11	15	**26**
Outubro	0	12	**12**
Novembro	0	5	**5**

Fonte: Elaboração própria.

Situação semelhante pôde ser notada no portal *Midiamax*. Em março de 2017, como mostra a tabela 3, foram 2 publicações sobre suicídio. Entretanto, o mês de abril, assim como ocorreu no *Campo Grande News*, apresentou 12 postagens (seis vezes a mais que o mês anterior), sendo 11 relacionadas ao "Baleia Azul", número que teve queda nos meses de maio, junho e junho, apresentando 4, 3 e 4 e matérias publicadas, respectivamente. O jornalista que atua no *Midiamax*, identificado como M3 (2019), entende essa queda com naturalidade e destaca a ausência de outras possibilidades para prosseguir trabalhando no mesmo tema. **"**Natural, é a queda do *trading*. Você tem um pico de um assunto e pouco a pouco ele vai perdendo importância em virtude do esgotamento de angulações possíveis e do esgotamento da própria pauta". A jornalista identificada como CGN1, que atuou nos dois portais analisados neste trabalho, ressaltou a diferença na quantidade de publicações dos veículos e das características dos editores que comandam essas redações:

> O *Midiamax* cobre bem menos suicídio que o *Campo Grande News*, bem menos mesmo. Isso é fato também. E dependendo do editor, *a gente* cobre mais suicídios. O editor do *Midiamax* é mais tranquilo, uma das chefes do *Campo Grande News* cobre mais e a editora do *Campo Grande News* é de boa. Com a editora *a gente* consegue negociar. É que eu sou mais topetuda hoje também, talvez em outros tempos ele também (*editor do Midiamax*) deixasse eu cobrir (CGN1, 2019).

Tabela 3 - MIDIAMAX: Efeitos do agendamento do desafio "Baleia Azul" em 2017

Midiamax: "Baleia Azul"	**Conteúdos relacionados ao "Baleia Azul"**	**Outros conteúdos relacionados a suicídio**	Total
Março	0	2	**2**
Abril	11	1	**12**
Maio	3	1	**4**
Junho	0	3	**3**
Julho	2	2	**4**

Fonte: Elaboração própria.

Já no "Setembro Amarelo" de 2017, o *Midiamax* realizou 7 postagens relacionadas a autoextermínio, sendo que 6 eram referentes ao evento institucional, como mostra a tabela 4. Em agosto daquele ano, ocorreram apenas 3 publicações sobre suicídio, enquanto houve 8 em outubro (entretanto nesse mês, apenas um conteúdo tratou do "Setembro Amarelo") e nenhuma publicação em novembro.

Tabela 4 - *MIDIAMAX*: Efeitos do agendamento da campanha "Setembro Amarelo" em 2017

Midiamax: "Setembro Amarelo"	**Conteúdos relacionados ao "Setembro Amarelo"**	**Outros conteúdos relacionados a suicídio**	Total
Agosto	0	3	**3**
Setembro	6	1	**7**
Outubro	1	7	**8**
Novembro	0	0	**0**

Fonte: Elaboração própria.

O agendamento também apresenta seu lado reverso. Trata-se da deterioração da informação e do esquecimento que ocorre em qualquer padrão de aprendizagem. De acordo com McCombs (2009), o ponto no tempo em que as correlações significativas entre a agenda da mídia e a agenda pública desaparecem completamente, varia de 8 a 26 semanas. Esse efeito, segundo a jornalista CGN2, do *Campo Grande News*, contribui negativamente e gera a institucionalização do tema.

> *a gente* não fala sobre suicídio no resto de todos os meses, e aí vem o Setembro, que é uma agenda e daí *a gente* fala. E aí, o que geralmente eles pautam *pra gente* fazer... que é basicamente o que eu fiz, são matérias de dados, né? Verificamos se aumentou, diminuiu, onde tá tendo mais e *a gente* dá uma contextualizada, mas não passa muito disso, deveria ser mais aprofundado (CGN2, 2019).

Tal efeito se verifica nas abordagens dos dois veículos estudados nesta dissertação, novamente, referentes ao ano de 2017. Enquanto que em abril de 2017, quando ocorreu o agendamento do tema "Baleia Azul", houve 24 publicações sobre suicídio por parte do *Campo Grande News* (ver tabela 1), em maio e junho, houve 12 e 7 postagens, respectivamente, sendo que, nesse último mês, apenas uma publicação era relacionada ao assunto referenciado. Os meses posteriores ao "Setembro Amarelo" apresentaram o mesmo quadro. Enquanto no mês institucional foram 26 publicações sobre suicídio (ver tabela 2), em outubro e novembro foram realizadas apenas 12 e 5, respectivamente.

No portal *Midiamax*, o mês de abril de 2017 apresentou 12 publicações sobre suicídio (ver tabela 3) e em maio e junho, foram 4 e 3 conteúdos postados sobre o tema, respectivamente. Das 12 publicações de abril, 11 eram sobre o "Baleia Azul", enquanto que, das postadas em maio, 3 se referiam ao desafio e em junho nenhum conteúdo estava relacionado ao desafio. Os meses seguintes ao "Setembro Amarelo" de 2017 também registraram um declínio relacionado ao tema agendado. Setembro apresentou 7 publicações sobre o tema, sendo 6 delas relacionadas à campanha. Outubro, por sua vez, apresentou 8 conteúdos sobre autoextermínio, embora apenas um deles tratasse do evento institucional do mês anterior. Já durante novembro, o veículo não publicou matérias sobre suicídio. Importante destacar que, neste caso, se analisa o agendamento do suicídio durante o mês institucional "Setembro Amarelo" e como esse agendamento continua repercutindo ou não nas semanas e/ou meses seguintes.

Observa-se, portanto, por meio do número de divulgações dos portais estudados neste trabalho, referentes aos períodos de agendamento do "Baleia Azul" e do "Setembro Amarelo" no ano de 2017, que o período de deterioração da informação, quando se trata da temática suicídio, é mais rápido do que o sugerido por McCombs (de 8 a 26 semanas). Observa-se que nas duas situações de agendamento, a deterioração da informação na mídia começou a ocorrer antes das 8 semanas. No "Baleia Azul", as publicações se concentraram majoritariamente no mês de abril (vindo a reduzir

bruscamente as publicações sobre o tema em maio) e no "Setembro Amarelo", tendo como parâmetro o ano de 2017, as divulgações relacionadas ao tema se concentraram em sua maioria, no mês de Setembro.

De todo modo, para que o efeito do agendamento seja identificado enquanto tal, ele deve necessariamente apresentar atributos. De acordo com McCombs (2009, p. 113), na hipótese do *agenda-setting*, "atributo é um termo genérico que engloba o amplo leque de propriedades e indicadores que caracterizam um objeto". O atributo do agendamento vem em uma fase posterior ao processo de comunicação, que Lippmann (*apud* McCOMBS, 2009, p. 114), descreve como "as imagens em nossas cabeças". Esses atributos possuem saliências que mudam com frequência ao longo do tempo, o que, consequentemente, mantém determinado tema em pauta.

Tais atributos contribuem com o enquadramento da informação. Aplicado à agenda midiática, um enquadramento é "a ideia central que organiza o conteúdo noticioso que por sua vez fornece um contexto e sugere sobre o que o assunto trata através do uso de seleção, ênfase, exclusão e elaboração" (McCOMBS, 2009, p. 137). Por consequência, as pessoas também enquadram objetos, colocando vários graus de ênfase nos atributos de pessoas, temas públicos ou outros objetos quando elas pensam ou falam sobre eles. Os enquadramentos são usados como artifícios de "[...] ligamento de microatributos e, por consequência, podem ser pensados como sendo macroatributos" (McCOMBS; GHANEM, 2001 *apud* McCOMBS, 2009).

Os atributos particulares de um tema podem ser argumentos essenciais para determinados grupos na sociedade. A forma de se enquadrar um tópico no noticiário pode resultar em consequências altamente estratificadas no público. Por isso, segundo McCombs (2009, p. 199), "a agenda da mídia influencia muito mais do que as imagens em nossas cabeças. Muitas vezes a mídia influencia nossas atitudes, opiniões e mesmo nosso comportamento".

Os atributos utilizados pela mídia ao se trabalhar a temática suicídio podem se alterar ao longo do tempo, como durante o mês da Campanha "Setembro Amarelo" e a cobertura do desafio "Baleia Azul". Tal fenômeno pôde ser observado nos portais de notícias *Campo Grande News* e *Midiamax*. Na sequência, estão tabelas que contabilizam quais atributos sobressaíram nesses períodos em cada *site*. Primeiramente, em relação às principais editorias de cada jornal que mais se relacionam com a temática suicídio e, depois, uma outra classificação, na qual foram selecionados alguns atributos por serem os mais próximos às características dos dois *sites*.

Os atributos do agendamento passam a serem analisados neste trabalho na tabela 5, referente ao *Campo Grande News*, na qual se percebe um aumento gradativo no agendamento da campanha "Setembro Amarelo". Em 2014, primeiro ano do evento institucional no Brasil, a sua cobertura ainda estava incipiente. Nos anos seguintes, passou a aumentar gradativamente. A editoria que apresentou o maior número de publicações nesse crescimento foi "Cidades" (caraterizada no *Campo Grande News* por agrupar temas factuais), que teve 10 publicações relacionadas a suicídio em 2014 e 18 em 2017. Em contrapartida, caiu para 9 em 2018. A jornalista identificada como CGN3 (2019), atribui essa queda a uma anterior falta de critério na redação para estabelecer as editorias: "Colocávamos muitos conteúdos em Cidades e *daí a gente* foi mudando para colocarmos os conteúdos em editorias que ficassem mais claros. Antes qualquer coisa que o repórter não sabia a editoria, colocava em Cidades". A profissional comentou ainda sobre a importância de colocar as matérias nas editorias corretas, principalmente quando se trata de um tema de alta complexidade, como é o suicídio: "Se eu coloco em outra editoria, se complica um pouco, porque nossas matérias são conversas com o leitor. Colocar as matérias nas editorias corretas significa fazer essas conversas fluírem".

Tabela 5- *CG NEWS*: Principais editorias relacionadas à temática suicídio e suas publicações nos meses de agendamento das campanhas "Setembro Amarelo"

CG News: "Setembro Amarelo"	**Lado B**	**Artigos ou Colunas**	**Política**	**Cidades**	**Trânsito**	**Outras editorias**	Total
2014	0	2	1	10	0	0	**13**
2015	0	0	3	11	0	0	**14**
2016	6	2	0	12	0	2	**22**
2017	4	0	3	18	0	0	**25**
2018	4	4	2	9	1	4	**24**

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 6 mostra que, no *Midiamax*, o agendamento da campanha "Setembro Amarelo" teve primeiramente uma brusca queda do ano de 2014 para 2015, saindo de 18 para 4 publicações no total, respectivamente. Em compensação, subiu para 27 publicações em 2016, o que representa seis vezes a mais em relação ao ano anterior,

vindo a cair em 2017 e 2018 para 13 e 10, respectivamente. O jornalista do *Midiamax* identificado como M1 (2019), justificou essa queda dizendo que os jornalistas temem que os temas se desgastem, além de definir poucas possibilidades a se trabalhar com o autoextermínio: "Vejo que não existem muitas maneiras de se tratar o tema suicídio, a não ser falar sobre prevenção, sobre estatística, causas, superação, você traça temas para se falar no assunto". Outro jornalista do *Midiamax* ressaltou a falta de criatividade para se trabalhar o tema, o inevitável esgotamento com os assuntos, mas criticou o fato de alguns temas de alta complexidade se concentrarem exclusivamente em meses institucionais.

> Em 2016 nós estabelecemos uma meta para resgatar tudo o que produzimos sobre suicídio e produzimos uma série bem consistente, abordando o assunto de todas as formas possíveis. Então é natural que as redações considerem os assuntos esgotados, batidos, e aí falte criatividade para alterar a angulação e acabam se tornando efemérides. Ou seja, colocam apenas como meta todo ano ter 5 ou 6 matérias sobre o "Setembro Amarelo". Inclusive tenho uma postura crítica em relação a todas essas campanhas, acho que são sim importantes, mas tem um tratamento meramente de efemérides. Acaba só sendo mais uma data no calendário, onde devemos produzir uma série de matérias, então elas perdem densidade (M3, 2019).

Tabela 6 - *MIDIAMAX*: Principais editorias relacionadas à temática suicídio e suas publicações nos meses de agendamento das campanhas "Setembro Amarelo"

Midiamax: "Setembro Amarelo"	**Política**	**Polícia**	**Cotidiano**	**Mundo**	**Brasil**	**Outras editorias**	Total
2014	0	0	0	0	0	18	**18**
2015	0	0	1	2	0	1	**4**
2016	0	9	11	3	2	1	**27**
2017	0	0	5	0	3	5	**13**
2018	2	0	7	0	0	1	**10**

Fonte: Elaboração própria.

Ainda sobre a tabela 6, no ano de 2014 não foi possível identificar, através das buscas, a divisão das editorias; por isso, todas as matérias ficaram enquadradas nas análises deste trabalho no campo "Outras editorias". A jornalista CGN1, que atuou no *Midiamax* nesse período, atribui o fato a um erro ocorrido no sistema, que gerou um prejuízo ao jornal, ocasionando que as matérias ficassem todas sem editoria.

Assim como ocorre com “Cidades” no *Campo Grande News*, a editoria “Cotidiano”, no *Midiamax*, lidera a produção de conteúdos. Mesmo que, entre 2014 e 2015, tenha tido apenas 1 conteúdo inserido, em 2016 subiu para 11, variando nos anos de 2017 e 2018, para 5 e 7 conteúdos, respectivamente. Outra expressiva variação notada na tabela é referente a editoria “Polícia”, que teve conteúdos sobre suicídio divulgados apenas em 2016, ficando com zero nos demais anos. De acordo com o jornalista M1, a majoritária concentração das matérias na editoria Cotidiano e pouca concentração na editoria de Polícia, indica uma postura de caráter preventivo por parte do *Midiamax*.

> É aquela questão da prevenção. O Cotidiano não trata tanto matérias sobre suicídio em característica factual, essa parte fica mais com a editoria de Polícia. O Cotidiano trata de temas relacionados ao suicídio, como por exemplo, o que leva, o que poderia fazer uma pessoa desistir dessa ideia, pessoas que superaram... então o Cotidiano tá nessa editoria paralela, que fala do assunto, mas geralmente com falas de especialistas, com aspas de psicólogos, algo que eu sempre acho importante colocar (M1, 2019).

Voltando, novamente, às análises para o *site Campo Grandes News*, com o foco na tabela 7, mas, desta vez, por meio do período de agendamento do desafio “Baleia Azul”, em 2017, percebe-se que em abril - quando surgiram as primeiras notícias relacionadas ao jogo – houve 24 matérias relacionadas a suicídio, seis vezes mais que março, que registrou 4 publicações, quando o desafio ainda era pouco conhecido no Brasil. Por outro lado, a quantidade de matérias relacionadas ao autoextermínio cai pela metade em maio, quando as publicações sobre suicídio já começam a perder força, apresentando um total de 12 publicações, e confirma-se essa queda em junho, com apenas 7 conteúdos publicados. Em julho, as publicações sobre suicídio dobram e chegam a 15, mas nenhuma dessas matérias menciona o desafio “Baleia Azul”.

Assim como no “Setembro Amarelo”, a editoria “Cidades” mantém larga diferença de matérias publicadas em relação às demais. “Artigos ou Colunas” também manteve uma constante, tendo 4 matérias em abril, mantendo o mesmo número em maio, caindo para 1 em junho, mas voltando aos 4 em julho. As demais editorias também apresentam uma constante no número de publicações, mas com valores insignificantes.

Tabela 7 - *CG NEWS*: Principais editorias relacionadas à temática suicídio e suas publicações nos meses de agendamento do desafio "Baleia Azul"

CG News: "Baleia Azul"	**Lado B**	**Artigos ou Colunas**	**Política**	**Cidades**	**Trânsito**	**Outras editorias**	Total
Março	0	0	1	3	0	0	**4**
Abril	3	4	2	14	0	1	**24**
Maio	0	4	0	7	0	1	**12**
Junho	0	1	0	6	0	0	**7**
Julho	1	4	2	7	0	1	**15**

Fonte: Elaboração própria.

De forma similar ao *Campo Grande News*, a tabela 8 mostra que o portal de notícias *Midiamax* apresenta um crescimento multiplicado em seis vezes de março a abril, passando de 2 publicações para 12, como se vê na tabela 8. Esse número cai para 4 em maio e depois para 3 em junho. Observa-se no levantamento que a editoria "Cotidiano", responsável pela maior parte das matérias factuais, registrou conteúdos publicados apenas no mês de abril (5 publicações), quando ocorreu o agendamento do "Baleia Azul". As demais editorias apresentaram números constantes e baixos de publicações no decorrer dos meses de cobertura do desafio.

O jornalista M3 (2019) afirmou que as 5 matérias em Cotidiano publicadas no mês de abril, passaram por um rigoroso processo de filtragem, pois segundo ele, cerca de 20 denúncias chegavam por dia na redação naquele mês. Dois repórteres foram escalados especificamente para apurarem essas informações que chegavam a respeito do desafio "Baleia Azul". Além disso, M3 também deu uma versão diferente em relação a que do jornalista M1, que havia definido que as matérias factuais se concentravam mais em Polícia e menos em Cotidiano.

> Foi um frenesi sul-mato-grossense e em todos os municípios surgiam episódios [...] Então fomos aplicando filtros e o que sobrou cobríamos em Cotidiano. Especificamente em Polícia, cobrimos quando é um fato público, que causa clamor público. Nesse caso, publicamos em Polícia (M3, 2019).

Tabela 8 - *MIDIAMAX*: Principais editorias relacionadas à temática suicídio e suas publicações nos meses de agendamento do desafio "Baleia Azul".

Midiamax: "Baleia Azul"	**Política**	**Polícia**	**Cotidiano**	**Mundo**	**Brasil**	**Outras editorias**	Total
Março	0	1	0	1	0	0	**2**
Abril	2	2	5	0	3	0	**12**
Maio	0	2	0	1	0	1	**4**
Junho	0	0	0	2	0	1	**3**
Julho	0	2	0	0	2	0	**4**

Fonte: Elaboração própria.

No segundo tipo de classificação aplicado nesse trabalho, foram elaborados cinco tipos de atributos para avaliação dos portais de notícias. Porém, é importante destacar que eles não são estanques, ou seja, uma mesma matéria pode apresentar mais de um atributo e é comum que ocorra. Nesses casos, o atributo considerado foi o que registrou mais ênfase na publicação. Segue a lista:

1) Conteúdos com foco estatísticos: matérias divulgadas pelos veículos com foco estatístico relacionado ao aumento ou redução de casos de suicídios, por exemplo, podendo se referir também ao número de tentativas, automutilações, etc;

2) Coberturas factuais: matérias referentes a ocorrências de suicídios ocorridos no mesmo dia, na mesma semana ou no dia anterior, além de coberturas de eventos relacionados ao tema, que ocorreram ou que ocorrerão;

3) Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas: esse atributo pode compreender conteúdos noticiosos ou reportagens, referentes a pessoas que lutaram contra o drama da ideação suicida, assim como relatos de familiares e amigos. Também pode abarcar matérias com alertas de especialistas em relação a problemática do fenômeno suicídio;

4) Artigos ou colunas: compreende conteúdos opinativos em relação ao tema;

5) Outros tipos de conteúdo: nesse item, estarão citações ou menções aleatórias, feitas por meio das falas das fontes ou dos próprios jornalistas, sobre a temática suicídio nas matérias coletadas. Nesse caso, a publicação pode não estar tratando diretamente do tema.

Na tabela 9, referente ao *Campo Grande News*, as "Coberturas Factuais" permaneceram estáveis, apresentando leves oscilações e com um número significativo de conteúdos. As publicações de "Artigos ou Colunas" e "Outros tipos de conteúdo", também sem mantiveram estáveis, mas com números baixos de publicações no decorrer dos anos. As "Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas" acompanharam o crescimento gradativo total de 2014 a 2016, subindo de 1 publicação em 2014 para 8 em 2016; em 2017 e 2018 os números se mantiveram estáveis com 5 e 6 publicações, respectivamente.

Os "Conteúdos com foco estatístico" apresentaram considerável oscilação, com expressiva elevação em 2017, quando registrou 8 conteúdos publicados nesse atributo. Duas jornalistas do *Campo Grande News* se posicionaram sobre esses números referentes a "Conteúdos com foco estatístico" de 2017. A primeira, identificada como CGN2 (2019) crê que em 2017 o Poder Público destinou mais ênfase à campanha, oferecendo mais dados aos jornalistas na ocasião, mostrando a influência da agenda institucional sobre a agenda midiática. "Acho que em 2017, em relação aos outros anos, o Poder Público sistematizou mais dados, passaram mais informações para nós". Por sua vez, a jornalista CGN3 compreende essa elevação a interesses individuais dos jornalistas em trabalhar a temática. "Percebo que as pessoas que estavam aqui em 2017 tinham uma preocupação maior com esse tema ou ao menos o tema estava mais vivo na cabeça".

Tabela 9 - *CG NEWS*: Principais atributos dos conteúdos sobre suicídio publicados nos meses de agendamento das campanhas "Setembro Amarelo".

CG News: "Setembro Amarelo"	**Conteúdos com foco estatístico**	**Coberturas Factuais**	**Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas**	**Artigos ou colunas**	**Outros tipos de conteúdo**	Total
2014	1	8	1	2	1	**13**
2015	1	11	2	0	0	**14**
2016	2	9	8	3	0	**22**
2017	8	11	5	0	1	**25**
2018	1	12	6	4	1	**24**

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 9, em comparação com a tabela 5 (Principais editorias relacionadas à temática suicídio e suas publicações nos meses de agendamento das campanhas "Setembro Amarelo"), mostra que os atributos classificados como "Conteúdos com foco estatístico" acompanham proporcionalmente as variações da editoria Cidades entre as campanhas de 2014 a 2018, publicando na ordem cronológica 1, 1, 2, 8 e 1 matérias, enquanto a editoria Cidades teve 10, 11, 12, 18 e 8 matérias publicadas. Variações semelhantes também ocorreram entre a classificação de atributos "Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas" e a editoria que mais integrou matérias dessa classificação, Lado B, sendo que a primeira apresentou 1, 2, 8, 5 e 6 matérias na ordem cronológica dos anos e a segunda 0, 0, 6, 4 e 4.

Por sua vez, os atributos "Coberturas Factuais" não acompanharam de forma proporcional, em todos os anos, as variações da editoria a qual as matérias dessa classificação estiveram mais presentes: Cidades. Enquanto a classificação de atributos mostrou as variações de 8, 11, 9, 11 e 12 na ordem cronológica, a editoria variou entre 10, 11, 12, 18 e 9 no decorrer dos anos. O ano de 2018 apresentou uma curiosidade em relação aos anteriores: a quantidade de matérias enquadradas na classificação de atributos "Coberturas Factuais" (12) foi superior à quantidade de matérias enquadradas na editoria Cidades (9), demonstrando que neste último ano as inserções em editorias não se concentraram tanto em uma única, mas houve maior distribuição entre as demais.

Já a tabela 10 mostra que, no *Midiamax*, as "Coberturas factuais" tiveram sempre o maior número em todos os anos, mesmo apresentando expressivas oscilações. O atributo "Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas", permaneceu estável ao longo das campanhas, oscilando expressivamente apenas em 2016, quando apresentou 7 publicações. O mesmo ocorreu com "Conteúdos com foco estatístico" que oscilou para cima em 2016 (comparando com os outros anos), apresentando 5 publicações. O atributo "Outros tipos de conteúdo" permaneceu estável com números baixos, já "Artigos ou Colunas" não teve publicações de conteúdos ao longo das cinco campanhas. Em relação as "Coberturas factuais" - que tiveram números expressivos em 2014 e 2016, com 14 e 12 publicações respectivamente e posterior queda - o jornalista M3 (2019) atribui essa situação ao fato do número de divulgações em torno de suicídios crescer de forma proporcional a frequência dessas ocorrências no *Midiamax*.

> Me lembro que 2014 foi um ano com muitos suicídios em Mato Grosso do Sul. Então, dando uma resposta bastante empírica, me recordo que 2014 foi um ano bastante atípico, tanto que se proliferaram episódios de suicídio nesse período, tanto em Campo Grande, como no interior. O ano de 2016 também foi um ano atípico que chamou a atenção da sociedade o fato das pessoas estarem se matando demais. Essa sazonalidade de ocorrências de suicídio é proporcional ao número de casos.

A jornalista CGN3 (2019), que também atuou no *Midiamax* em 2016 e 2017, atribui a queda de publicações no portal a um fenômeno temporal. "É uma coisa cíclica do jornalismo como um todo. Ás vezes determinado assunto se torna muito popular, mas com o tempo vai esfriando, esfriando. É como roupa na moda, infelizmente". Já o jornalista M1 (2019), se preocupa com a frequência da abordagem desse tema no futuro. "Esse assunto precisa ser lembrado, especialmente no que diz respeito a tratamento e prevenção. Infelizmente, pelo que tenho visto aqui, ano a ano o tema vai caindo, será que daqui a algum tempo não teremos nenhuma?".

Tabela 10- *MIDIAMAX*: Principais atributos dos conteúdos publicados sobre suicídio nos meses de agendamento das campanhas "Setembro Amarelo".

Midiamax: "Setembro Amarelo"	**Conteúdos com foco estatístico**	**Coberturas Factuais**	**Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas**	**Artigos ou colunas**	**Outros tipos de conteúdo**	Total
2014	1	14	2	0	1	**18**
2015	1	2	1	0	0	**4**
2016	5	12	7	0	2	**26**
2017	1	8	2	0	2	**13**
2018	1	4	4	0	1	**10**

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 10, em comparação com a tabela 6 (Principais editorias relacionadas à temática suicídio e suas publicações nos meses de agendamento das campanhas "Setembro Amarelo"), mostra que os atributos classificados como "Conteúdos com foco estatístico" apresenta variações semelhantes com a editoria Cotidiano (na qual está a maioria das matérias dessa classificação) entre as campanhas de 2014 a 2018. Na ordem

cronológica, “Conteúdos com foco estatístico” apresentou 1, 1, 5, 1, 1, enquanto Cotidiano teve 0, 1, 11, 5 e 7, com substancial crescimento de ambos em 2016.

Outra classificação de atributos a ser comparada com a editoria Cotidiano é “Coberturas Factuais”. Embora as matérias pertencentes a essa classificação de atributos estejam majoritariamente em Cotidiano, em 2016 e 2017 os números de matérias incluídas nessa classificação foram maiores em relação a sua editoria predominante. Em 2016, “Coberturas Factuais” teve 12 publicações, enquanto Cotidiano teve 11. Esse fenômeno ocorreu, pois 2016 foi o único ano em que a editoria Polícia teve matérias publicadas (9 no total), ocupando por esse motivo, a maior parte de “Coberturas Factuais”. Em 2017, enquanto “Coberturas Factuais” abarcou 8 publicações, a editoria em que seus conteúdos aparecerem majoritariamente – Cotidiano - apresentou 5, sendo que as outras 3 divulgações estavam presentes na editoria Brasil. Por fim, a classificação “Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas”, apresentou variação semelhante à editoria em que suas matérias mais estiveram presentes – Cotidiano. Enquanto a classificação de atributos apresentou 2, 1, 7, 2, 4 na ordem cronológica dos anos, Cotidiano teve 0, 1, 11, 5 e 7.

A tabela 11, referente ao *Campo Grande News*, mostra que o número do atributo “Artigos ou Colunas” salta de zero em março para 4 em abril e mantém o mesmo número em maio, vindo a cair somente em junho, mês que teve apenas 1 publicação nessa categoria, voltando a subir para 4 em julho. No item “Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas”, os números oscilam entre os meses, tendo apenas uma expressiva variação em abril, mês de surgimento do tema, quando teve 6 publicações. Os “Conteúdos com foco estatístico” mantém uma constante, apresentando números baixos no decorrer dos meses.

Nas “Coberturas Factuais” é mostrado que de março a abril, há uma grande oscilação, saindo de 4 publicações para 14 no mês seguinte. Ou seja, das 24 publicações no mês de abril, período de surgimento do tema, a maioria pertencia ao atributo “Coberturas Factuais”. A jornalista CGN3 (2019) é enfática ao comentar essa situação: “A gente ainda é engolido pelo factual”. A jornalista CGN1 (2019) opina que o aumento no número de “Coberturas Factuais”, como ocorreu nesse mês de abril, não significa de forma obrigatória um número maior de ocorrências sobre suicídio em determinado lugar: “Não necessariamente aumenta o número de ocorrências, mas *a gente* cobre mais. Isso eu posso falar com propriedade”. Entre abril e maio acontece o efeito contrário e há uma expressiva variação para baixo, saindo de 14 para 3. Nos meses de junho e julho,

os números mantém-se em uma constante, tendo 6 e 7 divulgações nesse atributo, respectivamente.

Tabela 11 - *CG NEWS*: Principais atributos dos conteúdos publicados nos meses de agendamento do desafio "Baleia Azul".

CG News: "Baleia Azul" 2017	**Conteúdos com foco estatístico**	**Coberturas Factuais**	**Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas**	**Artigos ou colunas**	**Outros tipos de conteúdo**	Total
Março	0	4	0	0	0	**4**
Abril	0	14	6	4	0	**24**
Maio	3	3	2	4	0	**12**
Junho	0	6	0	1	0	**7**
Julho	1	7	3	4	0	**15**

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 11, em comparação com a tabela 7 (Principais editorias relacionadas à temática suicídio e suas publicações nos meses de agendamento do desafio "Baleia Azul") mostra que os atributos classificados como "Conteúdos com foco estatístico" acompanham as variações da editoria Cidades entre os meses de março a julho, publicando na ordem cronológica 0, 0, 3, 0 e 1 matérias, enquanto a editoria Cidades teve 3, 14, 7, 6 e 7 matérias publicadas. Variações semelhantes também ocorreram entre a classificação de atributos "Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas" e a editoria que mais integrou matérias dessa classificação, Lado B, sendo que a primeira apresentou 0, 6, 2, 0 e 3 matérias na ordem cronológica e a segunda 0, 0, 3, 0 e 1.

Os atributos "Coberturas Factuais" também apresentaram variações similares em relação a editoria na qual a maior parte das matérias desse atributo estão enquadradas: Cidades. Enquanto a classificação de atributos mostrou as variações de 4, 14, 3, 6 e 7 na ordem cronológica, a de editoria variou entre 3, 14, 7, 6 e 7 no decorrer dos meses. Em relação a essa comparação, adiciona-se a informação de que nos meses de abril, junho, e julho, todas as matérias que estiveram enquadradas no atributo "Coberturas Factuais", foram também inseridas na editoria Cidades.

Assim como no *Campo Grande News*, a tabela 12, referente ao portal de notícias *Midiamax*, apresenta também um salto de "Coberturas Factuais", que tinha apenas 1 em março e vai para 8 em abril, vindo a cair para 3 em maio, o mesmo número que acaba se mantendo em junho e julho. O mesmo efeito se observa no atributo "Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas", no qual existem 3 publicações em abril, enquanto que nos demais meses houve apenas 1 publicação ou zero (no caso de junho). Em relação aos "Conteúdos com foco estatístico", a única publicação ocorreu também no mês de abril, enquanto que nos demais meses inexistiram conteúdos publicados sobre o tema.

Por fim, como ocorreu no período de agendamento da campanha "Setembro Amarelo", não houve publicações de "Artigos ou Colunas" relacionadas ao tema suicídio. Em relação a essa constatação, a jornalista CGN3 (2019), que atuou no *Midiamax* nos anos de 2016 e 2017, afirma que a ausência de "Artigos ou Colunas" no jornal é "uma escolha editorial". Em contrapartida, o jornalista M3 (2019) do *Midiamax*, ao ser questionado pela ausência de divulgações nesse atributo/editoria, diz que provavelmente os articulistas do portal não escrevem sobre suicídio e acrescenta: "Nós não interferimos no perfil de produção dos nossos articulistas. O que chega *a gente* publica, o que não chega nós não publicamos".

Tabela 12 - *MIDIAMAX*: Principais atributos dos conteúdos publicados nos meses de agendamento do desafio "Baleia Azul".

Midiamax: "Baleia Azul" 2017	**Conteúdos com foco estatístico**	**Coberturas Factuais**	**Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas**	**Artigos ou colunas**	**Outros tipos de conteúdo**	Total
Março	0	1	1	0	0	**2**
Abril	1	8	3	0	0	**12**
Maio	0	3	1	0	0	**4**
Junho	0	3	0	0	0	**3**
Julho	0	3	1	0	0	**4**

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 12, em comparação com a tabela 8 (Principais editorias relacionadas à temática suicídio e suas publicações nos meses de agendamento do desafio "Baleia

Azul"), mostra que os atributos classificados como "Conteúdos com foco estatístico" apresenta variações semelhantes com a editoria Cotidiano (na qual estão a maioria das matérias dessa classificação) entre os meses de março a julho, pois ambas tiveram publicações apenas em abril, mês de surgimento do desafio, sendo 1 para "Conteúdos com foco estatístico" e 5 para Cotidiano. Outra classificação de atributos a ser comparada com a editoria Cotidiano é "Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas", sendo que em ambas, o mês que mais apresentou os maiores índices de publicações, foi abril, sendo 3 para a classificação de atributos e 5 para a editoria.

As matérias da editoria Polícia são majoritariamente incluídas em "Coberturas Factuais", sendo que a editoria se manteve estável durante os cinco meses de agendamento do "Baleia Azul" com 1, 2, 2, 0 e 2, enquanto "Coberturas Factuais" oscilou para cima e para baixo nos meses precedentes e procedentes ao surgimento do agendamento, tendo 1, 8, 3, 3 e 3. Outra editoria que tem a maior parte das suas matérias como "Coberturas Factuais" é Cotidiano, que apresentou 0, 5, 0, 0, e 0, durante os meses de agendamento. As matérias de Polícia e Cotidiano se proliferaram em sua maioria durante o "Baleia Azul" na classificação "Coberturas Factuais".

Tais atributos, entretanto, não se sustentam por si só nos conteúdos divulgados pela mídia. Alguns outros critérios perpassam a escolha dos jornalistas nas rotinas produtivas. Trata-se de critérios que o jornalista escolhe tendo como referências sua vida pessoal e também em virtude de políticas editoriais da empresa para a qual presta serviço. Trata-se dos critérios de noticiabilidade, que será tratado no próximo tópico. Além do mais, o estudo sobre os atributos não ficará restrito meramente a análise quantitativa das tabelas aqui expostas, mas volta ser focalizado no capítulo 3, tensionando-se com os critérios de noticiabilidade e com o estudo de heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz (1990; 2004), por meio de uma análise qualitativa.

2.6 – A interface entre critérios de noticiabilidade e estigma

Um dos objetivos desta dissertação é compreender quais critérios os jornalistas utilizam para as tomadas de decisão sobre os fatos que se tornarão notícia em situações que envolvem estigmas. Sendo assim, cabe recorrer a Alsina (2009), responsável pela ideia de que todo profissional da mídia possui mundos de referência que podem se revelar na divulgação de seus conteúdos. Isso significa que os jornalistas, ao interpretarem determinada realidade, não podem fazer qualquer tipo de interpretação.

Ao ter seus mundos de referência, julga o que é mais interessante ser noticiado e o que é menos interessante. Ao realizar esse enquadramento, o profissional estará optando por determinado assunto em detrimento de outro, construindo o que Alsina (2009) e Wolf (1987) denominam por tematização, fruto da estreita relação e articulação entre critérios de noticiabilidade e *agenda-setting*. De acordo com esses autores, a tematização apresenta a conexão entre três elementos: a) critérios de noticiabilidade; b) limiar de visibilidade dos temas; e c) os efeitos de agenda resultantes da relação entre a noticiabilidade e a visibilidade. Ou seja, apenas os acontecimentos que denotam algum tipo de relevância político-social, são suscetíveis de tematização. Nesse cenário, os veículos de imprensa tematizam delimitados por limites que não são eles mesmos que definem, mas que simplesmente reconhecem e começam a cultivar (WOLF, 1987).

Isso significa que o discurso proferido deve estar integrado a um campo social legitimado (RODRIGUES, 1990) e o profissional deve saber as características que credenciam um conteúdo a ter aceitação no contexto. A informação que segue a contramão de determinada realidade "poderá ser facilmente considerada como um uso malicioso, mal-intencionado ou simplesmente sem qualquer propósito informativo" (ALSINA, 2009, p. 260). Ainda segundo Rodrigues (1990), "a comunicação surge como um campo cuja legitimidade é delegada pelos demais campos". A legitimação da imprensa ocorre quando esta possibilita a difusão dos outros campos sociais e concede garantia de existência a esses campos.

Seguindo essa vertente, Meditsch (2004) classifica o jornalismo como conhecimento, mesmo considerando que ele apresenta diferenças em relação aos métodos científicos. Para Genro Filho (1987), por estar fixado na imediaticidade do real, preso ao senso comum e sempre vinculado a um contexto, dificulta a sistematização do conteúdo, contrariamente ao que ocorre com a Ciência, que isola as variáveis do contexto. Por apresentar esse viés, muito da culpa atribuída à atividade jornalística, inclusive em teorias e hipóteses que tentam explicar sua consequência, apresenta um problema mais profundo: acaba retratando, segundo Meditsch (2004), as mazelas e percalços sociais:

> A manipulação do sistema democrático, a disparidade crescente entre o topo e a base das sociedades, a disseminação dos preconceitos, estereótipos e ideologias dos poderosos não são criações do jornalismo, embora ele eventualmente participe de tudo isso. Como produto social, o jornalismo reproduz a sociedade em que está inserido, suas desigualdades e suas contradições (MEDITSCH, 2004, p. 286).

Por esses motivos, segundo Meditsch (2004), a imprensa não cria estigmas, mas ajuda a disseminá-los. Ao ter uma interpretação dos fatos, procurará por dados que confirmem tal situação, mas sempre diante de um pano de fundo que aprove. Ou seja, o estigma já está enraizado antes da ação do profissional e contribui para a escolha de um mundo de referência a ser compilado. Determinados fatos virão à tona, enquanto outros permanecerão ocultos. Segundo Correia (2011), este pode ser um grande problema das rotinas jornalísticas, originando fenômenos como: "[...] predições inexatas; a distorção ou simplificação arbitrária dos acontecimentos com a generalização de estereótipos; o exercício de constrangimentos sobre a criatividade individual dos jornalistas e a burocratização da profissão" (CORREIA, 2011, p. 92).

Entretanto, mesmo que o jornalista escolha um mundo de referência compatível com os valores de determinada sociedade, as notícias são tratadas como uma ciência neutra e isenta, sendo que, na verdade, são "construções sociais e produtos da cultura baseados na linguagem e em enquadramentos culturais pré-existentes e compartilhados socialmente" (GARCIA, 2012, p. 228). Com essa característica, ao tratar de estigmas, o jornalista, mesmo dotado de nível superior, por frequentemente não estar familiarizado com o tema e por não compreender a magnitude de temas complexos, opta pela simplificação, de forma concisa, com linguagem coloquial e comumente pejorativa. Segundo Meditsch (2004, p. 282), ao ter a característica de aproximação com o senso comum, o jornalismo facilita a cognição social e trabalha em sentido oposto à ciência, que evolui reescrevendo o conhecimento em linguagens formais e esotéricas.

A linguagem jornalística é impactada pela velocidade de produção da informação e pelo fator tempo, que contribuem para que paire a dúvida se o jornalismo é de fato um conhecimento ou não. Para Meditsch (2004, p. 285), entretanto, "[...] ao mesmo tempo em que a velocidade representa um limite, representa também uma vantagem em relação a outros modos de conhecimento". Esta, segundo o autor, não é uma característica restrita somente a esse campo de conhecimento, mas sim a civilização humana que necessita de informações produzidas rapidamente. Nesta era de

efemeridade informativa, Sousa (2002) considera que o fator tempo pode ser um obstáculo no processo de produção noticiosa e os jornalistas segundo Sousa, passam a serem reféns do cronômetro.

> Os jornalistas seriam membros de uma cultura cronometrada, teriam uma espécie de cronomentalidade que os faria até associar a classificação de notícias ao factor tempo (spot news, running story, hot news, etc.) e a perspectivar a capacidade de vencer o tempo como a demonstração mais clara de competência profissional (SOUSA, 2002, p. 47).

A informação é, então, uma mercadoria perecível no novo cenário, no qual se fazem necessárias narrativas breves e um discurso urgente. A imprensa, segundo Correia (2011, p. 31), geralmente trabalha sobre o "signo da velocidade", pois os jornalistas desenvolvem as informações de forma simplificada, visto que nem sempre o profissional consegue reunir os dados desejados e "selecionar rapidamente acontecimentos e informações" (SOUSA, 2002, 48). Por isso, é comum em textos jornalísticos o uso de alguns mecanismos defensivos, tal como o uso das aspas, em que a responsabilidade da enunciação é transferida para a fonte (TUCHMAN, 1978). De acordo com Traquina (2005, p. 182), esse valor de imediatismo da informação "têm como consequência uma ênfase nos acontecimentos e não nas problemáticas".

Entretanto, o fator tempo é somente um dos critérios que interferem no processo organizacional da informação. Há, nesse processo, uma rede complexa de condicionamentos que determinam a forma da notícia, caracterizada pela presença de múltiplos fatores. De acordo com Correia (2011, p. 146), "[...] as notícias são assim encaradas como um resultado de interação entre fatores de natureza pessoal, social cultural, ideológica, económica, política, entre outras". Seguindo essa vertente, Sousa também condensa algumas condições que podem exercer algum tipo de influência na cadeia produtiva jornalística:

> (a) influências pessoais (como as idiossincrasias de um jornalista), (b) um pendor social, sobretudo organizacional, por exemplo, relacionado com a postura social da organização noticiosa (como a inter-relação desta com os restantes news media), (c) um pendor ideológico, visível, por exemplo, no destaque noticioso dado às figuras-públicas do poder político e económico e (d) um pendor cultural, resultante das culturas profissional, de empresa e do meio. (SOUSA, 2002, p. 99).

No percurso dessa cadeia produtiva, deve-se investigar, segundo Silva (2005, p. 96), a rede de critérios de noticiabilidade, compreendendo esta como "todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia", abarcando características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais.

No que tange à lista de atributos que podem fazer com que determinado fato seja escolhido como notícia, Sousa (2002, p. 39) os expõe de maneira diversa: proximidade, momento do acontecimento, significância, proeminência social dos sujeitos envolvidos, proeminência das nações envolvidas nas notícias, consonância, imprevisibilidade, continuidade, composição e negatividade. Mas os primeiros a comporem uma classificação com características semelhantes foram Galtung e Ruge (1965), denominando-as por valores-notícia. Para esses pesquisadores, tais atributos se sobrepõem à ação pessoal do *Gatekeeper*; são condicionados também por outras circunstâncias e somam um total de 12: amplitude, clareza, frequência, significância (de proximidade e relevância), consonância, inesperado, continuidade, composição, referência a nações de elite, referências a pessoas de elite, personificação e negatividade.

Traquina (2005, p. 108) procurou redefinir esses critérios de Galtung e Ruge, dividindo-os em dois tipos. O primeiro é o dos valores-notícia de seleção (que estão subdivididos em substantivos e contextuais), e o segundo, o dos valores-notícia de construção. Nos substantivos, indicou os seguintes: a morte; a notoriedade; a proximidade; a relevância; a novidade: o tempo (no sentido de que uma data pode servir de cabide para outras notícias); a notabilidade; o inesperado, o conflito ou a controvérsia e o escândalo. Em relação aos contextuais, indicou: a disponibilidade, o equilíbrio; a visualidade; a concorrência e a adequação às rotinas temporais das organizações noticiosas. Nos valores-notícia de construção, Traquina elencou: a simplificação (visto que quanto menos ambígua e mais direta, mais possibilidade tem a notícia de ser publicada); a amplificação; a relevância; a personalização (permite um contato mais direto com o público leigo) e a dramatização.

Wolf (1987) entende, entretanto, que os valores-notícia agem não somente em todo o processo de produção da notícia. Para o autor, são valores difundidos ao longo de todo o processo de produção e estão também nos procedimentos seguintes. O autor

baseia-se na análise de Golding e Elliot (1979), em que a compreensão da ação dos valores-notícia vai da seleção primária ao tratamento do material jornalístico. De acordo com os autores, os valores-notícia são usados de duas maneiras:

> São critérios para selecionar, do material disponível para a redação, os elementos dignos de serem incluídos no produto final. Em segundo lugar, eles funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na preparação das notícias a serem apresentadas ao público. (GOLDING; ELLIOT *apud* WOLF, 1987, p. 203).

Assim como Traquina, Wolf (1987) procurou, então, uma nova configuração nas tipologias dos valores-notícia (mas sem substituir a original proposta por Galtung e Ruge), dividindo-os em cinco categorias: a) as características da notícia ou o seu conteúdo; b) a disponibilidade do material; c) as características relativas ao produto; d) as características relativas ao público; e) as características relativas à concorrência.

Em relação à primeira tipologia, o teórico italiano identificou: a) grau e nível hierárquico dos protagonistas envolvidos no assunto sejam indivíduos ou instituições; b) impacto sobre a nação ou interesse nacional; c) quantidade de pessoas que o acontecimento envolve; d) relevância e significação de um acontecimento quanto à evolução futura de uma dada situação. No segundo item, referente à disponibilidade de materiais, ele afirma que os acontecimentos são suscetíveis de serem tratados de acordo com o arsenal técnico disponível, considerando a possibilidade de acesso dos jornalistas a este e a forma como está estruturado, a fim de facilitar a cobertura.

No terceiro tópico das tipologias, estão as seguintes características: a) a brevidade; b) o carácter negativo; c) o carácter insólito; d) a atualidade; e) o ritmo, f) o seu caráter exaustivo, ou seja, apresentação dos pontos de vista contraditórios, a clareza e o respeito pelos padrões técnicos mínimos. Em relação aos critérios relativos ao público, Wolf (1987) aponta o que o público deseja: os critérios relativos à estrutura narrativa, a capacidade de atração do material, o entretenimento e a importância da notícia. Por último, em relação à concorrência, afirma-se que a competição por exclusividade conduz a duas tendências: o centramento em personagens de elite e na informação institucional que acabam por se tornarem responsáveis por processos de distorção involuntária, e a criação de expectativas recíprocas que fazem com que uma notícia acabe por ser publicada pelo simples fato de o concorrente também o fazer.

Seleção e hierarquização, inevitavelmente, integram os valores-notícia. Mas, segundo Silva (2005, p. 98), estes agem aqui apenas como uma parte do processo, pois outros critérios de noticiabilidade os complementam, como formato do produto, qualidade da imagem, linha editorial, custo, público alvo, etc. Os valores-notícia, vinculados a esse segundo subgrupo, compõem o conjunto de critérios de noticiabilidade relacionados ao tratamento do fato. Em meio a essas características, Silva explica sinteticamente como ocorre o processo de seleção:

> Estudar a seleção implica, inclusive, rastrear os julgamentos próprios de cada seletor, as influências organizacionais, sociais e culturais que este sofre ao fazer suas escolhas, os diversos agentes dessas escolhas postados em diferentes cargos na redação, e até mesmo a participação das fontes e do público nessas decisões – aqui vale lembrar os estudos de agendamento (agenda-setting), que complexificam as investigações sobre o processo de seleção das notícias (SILVA, 2005, p. 98).

Cercado de todos esses condicionamentos, Wolf (1987) diz que a noticiabilidade constitui um elemento de distorção involuntária na cobertura informativa operada pelos meios jornalísticos. Essa distorção involuntária, por sua vez, não impede, segundo Sousa (2002), que as rotinas e critérios de noticiabilidade excluam os "desconhecidos" do campo noticioso. Sousa (2002) entende que os critérios de noticiabilidade não são estanques, rígidos e nem universais. Para o autor, trata-se de critérios esquivos, opacos, contraditórios, mutáveis ao longo do tempo e com diversas naturezas. Prova dessa situação, é o tratamento dado diferente dado entre suicídio e assassinato, em virtude do fato de que exista o temor em publicar as notícias sobre suicídio, considerando o suposto vetor de contágio, ao passo que na publicação de assassinatos, essa preocupação torna-se inexistente. A preocupação com a filtragem é constante em torno do autoextermínio, de acordo com o jornalista M3 (2019), do *Midiamax*, devido à possibilidade de contágio decorrente do fenômeno suicídio:

> Levamos a sério a nossa pequeneza para julgar o perfil da nossa audiência, é uma preocupação constante, não só com temas como o suicídio, mas com tudo. O *Midiamax* adotou a total a ausência de identificação em notícias policiais de primeira cobertura (M3, 2019).

Temas complexos podem, portanto, serem divulgados de forma pejorativa e insuficiente ou até mesmo não serem noticiados, mesmo que estejam enquadrados nos critérios listados. Esse fenômeno ocorre, segundo Sousa, por, frequentemente, alguns

processos sociais necessitarem de uma produção de longa duração e não se enquadrarem nos critérios e nas formas organizadas, racionalizadas, rotineiras e convencionalizadas de se fazer jornalismo da maioria dos veículos de imprensa.

2.6.1 – Linguagem jornalística

A linguagem, para Lage (2006) é um subsistema de uso da língua, ou seja, um conjunto de regras de um determinado idioma para ser empregado em situações particulares e diversas. Por sua vez, remetendo a linguagem jornalística, o autor explica que esta transcende o idioma em que está sendo escrita ou exposta. Para exemplificar, o pesquisador realiza uma comparação com as bonequinhas russas, *berioskas*, dizendo que podemos retomar a estrutura de encaixes sucessivos das bonequinhas, nas quais "abre-se a primeira e há outra lá dentro; aberta esta, mais outra; e assim por diante, até que a menor beira o limite de habilidade do artesão" (LAGE, 2006, p. 11).

Não por acaso, o pesquisador Erbolato (1991, p. 105) sugere que durante a produção do texto jornalístico, se use a linguagem de forma simplificada, da mesma forma que se empregasse com um estrangeiro que tivesse dificuldades com a língua portuguesa. De acordo com o autor (1991, p. 91), "[...] o segredo da boa notícia depende da maneira compreensível como chega ao receptor". Para Erbolato, por melhor que seja o jornalista intelectualmente, se não lançar mão de palavras conhecidas e de fácil uso para todos os públicos, não será, de forma alguma, taxado como bom jornalista. Esta característica serve para qualquer que seja a mídia, pois é necessário que a informação seja apresentada ao público de forma clara. Para que isso ocorra, várias peças compõem a informação jornalística, assim como no caso das bonequinhas russas: fotos, *hiperlinks*, vídeos, infográficos, no caso dos portais noticiosos; o ambiente sonoro e o que é narrado, no caso do rádio; os diferentes ambientes de vídeo, os personagens, os trajes, no caso da TV; e o projeto gráfico e o conteúdo, no caso de jornais impressos.

Lage (2006, p. 70) afirma que a mensagem codificada alcança ao receptor por meio de um canal. Esse receptor não é meramente um absorvedor de informações, mas sim um codificador dotado de capacidades cognitivas, competentes o suficiente para intervir na mensagem. "O receptor não é único, mas plural, indefinido e atuante. Fonte e receptores estão imersos no meio social" (LAGE, 2006, p. 70). Ou seja, em momento algum o texto jornalístico é algo objetivo. Porém, para Erbolato (1991), a objetividade é um dos pontos mais controvertidos do jornalismo, em primeiro lugar porque, de acordo com o autor, o jornal é uma espécie de caixa escura, cuja estrutura interna não pode ser

diretamente observável pelo seu público. Ou seja, assim como na metáfora do teatro, de Goffman (1985), a plateia não pode ter acesso à fachada por escondida atrás do ator. Com isso, "no intervalo de tempo que separa a recepção da emissão, a informação é tratada, preparada e acondicionada na caixa escura" (ERBOLATO, 1991, p. 50). Os jornais buscam ao máximo ocultar seus erros.

Em segundo lugar, a ideia de objetividade é contestável também, pois não basta transmitir na íntegra o que determinado sujeito diz para estar necessariamente de acordo com a premissa mencionada, mas é necessário sim ouvir múltiplas fontes que se contrapõem ao discurso do primeiro ou que opinem a respeito daquela opinião. "É difícil escrever com imparcialidade, porque o jornalista, ao narrar um acontecimento, pode encará-lo do ponto de vista favorável aos seus interesses e sujeito às suas emoções momentâneas" (ERBOLATO, 1991, p. 91). A isenção de ânimo se torna ainda mais controversa, quando Erbolato, recorrendo a John Hohenberg, destaca que no novo jornalismo, as novas mídias estão se preocupando com ensinar, medir e valorizar, por meio da informação, ou seja, adquire uma função pedagógica.

> Em termos gerais, seus métodos são uma adaptação de algumas das técnicas práticas de comunicação com as massas. Seu propósito é de oferecer uma interpretação, a mais ampla possível, das notícias políticas e sociais, levando-as ao conhecimento de todos os níveis sociais e de maneira a valorizar a opinião pública (HOHENBERG *apud* ERBOLATO, 1991, p. 33).

O autor afirma ainda, de forma equivocada, que o jornalismo interpretativo ou explicativo se impôs "depois do rádio e da televisão" (ERBOLATO, 1991, p. 57). Esse equívoco ocorre, pois, em virtude do processo de decodificação, a comunicação chega a tornar-se o que Gomes (2009, p. 50) denomina por "infernal", pois necessita se regular sobre parâmetros objetivos, isto é, abertos à compreensão intersubjetiva, que são indiferentes ao par verdade-falsidade, tão empregado no meio jornalístico, findando por inventar para si outros parâmetros. É o que o autor denomina por perspectivismo e afirma que tal noção acaba por conduzir "[...] a uma consequência pouco sensata, a negação da possibilidade da afeição da verdade ou falsidade de uma proposição, por conseguinte, para a descartabilidade do conceito de verdade" (GOMES, 2009, p. 50). E, este equívoco se comprova desde o ano de 1964 (como pode ser observado nos dois anexos a seguir), por meio de uma notícia do *Jornal do Comércio* de Campo Grande, carregada de adjetivos, ao tratar de uma morte em decorrência de autoextermínio. Ou

seja, uma matéria na qual as formações ideológicas (FI) e formações discursivas estão expostas (MUSSALIM, 2000).

Figura 2 – Notícia ampliada do *Jornal do Comércio* de 1964

Movido por desgosto sexa-
genário pos fim à vida

De acordo com informações que obtivemos, desesperado pelos sofrimentos que lhe causava uma doença cardíaca, agravada ultimamente por sucessivas crises, o infeliz sapateiro Severiano E. Souza de 64 anos de idade, casado, residente à rua da Constituição, 90, na Vila Castelo, pôs fim à vida tomando violenta dose de formicida, às 15 horas de ante-ontem, em sua residência.

Solicitado com urgência a ambulância do SAMDU, esta ao chegar ao endereço já o insensato operário estava morto.

De acordo com informações que obtivemos, desesperado pelos sofrimentos que lhe causava uma doença cardíaca, agravada ultimamente por sucessivas crises, o infeliz sapateiro Severiano E. Souza de 64 anos de idade, casado, residente à rua da Constituição, 90, na vila Castelo, pôs fim à vida tomando violenta dose de formicida, às 15 horas de ante-ontem, em sua residência. Solicitando com urgência a ambulância do SAMDU, esta ao chegar ao endereço já o insensato operário infeliz estava morto.

Trazendo a ideia de interpretação e as marcas ideológicas do sujeito autor do texto para a contemporaneidade, não é incomum, nos portais noticiosos, a virtualidade da interpretação se confundir ao que Jensen (2002) denomina por virtualidade do real e Castells (2000) denomina por virtualidade real. Ou seja, uma realidade que é considerada virtual, não se concretizou, mas é considerada sinônima da real. Tratando-se de um tema carregado de estigmas, como é o suicídio, a virtualidade da interpretação acaba abrindo brechas para a construção de identidades sociais virtuais que, para Goffman (2004), em muitos casos, não passa de mera classificação estereotipada.

Apesar da virtualidade da interpretação estar inevitavelmente presente na linguagem jornalística, esta deve, na teorização de Gomes (2009, p. 63), estar de acordo com uma comunidade de sentido. Não significa que exista alguma coisa dada, mas "precisa sempre funcionar como horizonte normativo e regulativo para cada indivíduo singular ao conhecer ou significar". Para Lage (2006, p. 76), entretanto, o conceito de verdade é inexistente e fica restrito apenas como fachada à adequação do enunciado dos fatos, pois, segundo ele, "[...] não basta ser verdadeiro; é preciso parecer verdadeiro. Daí a aversão a referências imprecisas. Não se escreve alguns manifestantes, mas, sempre que possível, 10, 12 ou 15 manifestantes". Avaliar se determinada notícia é verdadeira

ou não, cabe aos fatos e às personagens do mundo objetivo. À notícia cabe ser referencial, ao contrário da função conotativa da publicidade, por exemplo. Tanto que a notícia faz uso do modo verbal indicativo, enquanto que na publicidade, o modo imperativo predomina, ao tentar persuadir seu receptor, embora ambas tenham como objetivo atingir, ao menos, o aparentemente verdadeiro.

Mesmo tendo caráter apenas referencial, para Botton, o noticiário pode adquirir ares de autoridade, pois alega responder, o que o autor considera impossível, que é saber o que está acontecendo de fato. Conforme o pesquisador, o noticiário "[...] não tem a capacidade universal de transcrever a realidade, apenas se limita a moldar a realidade por meio das escolhas que faz quanto às histórias que serão postas em foco e às que serão deixadas de lado" (BOTTON, 2015, p. 38). Sobre o perspectivismo apresentado por Gomes (2009), a verdade é entendida como a última interpretação a que se chegaria numa argumentação sobre a qual se pode exercitar a coerção da comunidade de sentido. Possenti (2001, p. 73) afirma que existem coisas que não estão no que é dito, mas sim na maneira de dizer, e que denuncia um ponto de vista. "E assim que se constitui a subjetividade na linguagem, ela toma corpo à medida que os sujeitos são capazes de enunciar suas perspectivas". Logo, a notícia verdadeira adquire tal *status* por meio de um acordo universal realizado por uma comunidade ilimitada da comunicação, alcançando o sentido próprio para um fato ao conformar-se "nos limites dos percursos interpretativos dogmaticamente instituídos por uma comunidade de sentido" (GOMES, 2009, p. 64). Os acordos para estabelecer se determinada notícia será ou não caracterizada como verdade, são estabelecidos de forma intersubjetiva e socialmente codificada, incluindo dentro dessa seara verdade e perspectiva. Para Gomes, entretanto, é essencial considerar verdade na perspectiva, sem confundi-la como verdade da perspectiva.

2.6.2 - O imediatismo e o fetiche da velocidade como influenciadores do estigma

A imprensa produz, constantemente, deslocamentos nos hábitos de leitura e, com isso, provoca modificações na conformação, no modo como o indivíduo capta e interpreta o mundo exterior. De acordo com Berger e Marocco (2006, p. 43), "o fato de dar conta das mudanças massivas da opinião pública, de dar conta de todas as possibilidades universais e inesgotáveis dos pontos de vista e dos interesses, pesa de forma impressionante sobre o caráter específico do homem moderno".

De acordo com Rosane Amadori (2010), o jornalismo *online*, ditado pelo ritmo de emergência, leva o internauta a buscar com avidez novas informações. Para Botton (2015, p. 221), neste cenário, o ciclo noticioso torna-se implacável, pois "o centro gerador do noticiário tem a amnésia institucional do centro de emergência de um hospital: toda noite as manchas de sangue são limpas e a lembrança dos mortos, apagada". É nessa hora que os veículos disputam mais acirradamente com o fator tempo. De acordo com Amadori (2010, p. 30), "[...] segundos à frente do concorrente fazem toda a diferença, ainda que o fato não tenha sido confirmado ou a informação não seja suficiente para embasar uma notícia inteira". No ponto de vista de Pollyana Ferrari (2003, p. 52), o caminho percorrido pela notícia desde o seu surgimento na reunião de pauta até sua publicação na *Internet*, geralmente, é muito curto. "O tempo é o grande capataz da apuração, pois tornou-se quase uma unanimidade achar que a matéria publicada na *Internet* pode vir cheia de erros – sejam de ortografia, apuração ou concordância". Jornalistas de ambos os portais se mostraram incomodados com o fator tempo. De acordo com a jornalista CGN1, que atuou no *Campo Grande News* e no *Midiamax*, os jornais têm políticas diferentes em relação ao tempo de produção dos conteúdos.

> [...] não pode ter buraco no jornal. Diferentemente do *Midiamax*, que não tinha isso, ás vezes o *site* ficava uma hora sem matéria. No *Campo Grande News a gente* não tem isso, principalmente quando são esses casos aqui, factuais. Eu preciso dar logo, eu preciso fazer primeiro (CGN1, 2019).

De acordo com a jornalista CGN3 (2019), já foi discutido no *Campo Grande News*, um manual para padronizar a minutagem, algo que ainda não foi elaborado, segundo a profissional. A jornalista afirma que atualmente, existe uma cobrança interna para que a redação coloque uma matéria no *site* a cada 10 minutos em dias mais tumultuados e a cada 20 minutos em dias com produção menor, como ocorre geralmente aos fins de semana e feriados. No entanto, não descarta a pressão existente internamente: "existe uma pressão sim, se eu falasse que não existe, estarei mentindo". Por sua vez, o jornalista M3 (2019), do *Midiamax*, afirma que o jornal em que trabalha apenas acompanha o ritmo dos acontecimentos, sem exercer influência sobre o cotidiano: "*A gente* não controla a vida, *a gente* cobre a vida. Os fatos diversos do dia a dia vão acontecendo e *a gente* vai publicando. A briga é para publicar o mais rápido possível, com a maior qualidade de apuração possível".

A falta de tempo para reflexão em torno dos temas foi uma das queixas de alguns repórteres. Ao ser questionada se os companheiros de redação dialogam sobre o tema suicídio, a jornalista do *Campo Grande News*, identificada como CGN2 (2019), respondeu: "olha, *a gente* toca no assunto, mas a correria do dia-a-dia faz com que *a gente* não debata o que *a gente* escreve, pouco é discutido". A profissional M2, do *Midiamax*, também criticou o ritmo acelerado das redações.

> Infelizmente somos movidos pelo o que está acontecendo e é bem *Hard News* mesmo, aliás essa palavra *Hard News* descreve bem o que é uma redação de *online*, onde *a gente* tem que ir atrás do que tá acontecendo e não sobra tempo para pensar em coisas do tipo "Aconteceu Baleia Azul no mês anterior, então *a gente* pode suitar, acompanhar", as vezes não dá tempo de pensar nisso (M2, 2019).

Em contrapartida, o jornalista M1, do *Midiamax*, ressaltou o aspecto positivo em relação ao fator tempo para produção, comparando com os programas de televisão de caráter factual, nos quais atuava como repórter anteriormente. Conforme o profissional, eram raras as oportunidades para se consultar profissionais em relação a temática suicídio durante a produção policial para televisão. Segundo M1 (2019), atualmente no *Midiamax* se tem tempo para lidar com o assunto e propor que seja inserido dentro dos conteúdos "maneiras de se ajudar uma pessoa que talvez esteja pensando em cometer suicídio, mostrar reportagens de pessoas que superaram a depressão [...]".

De acordo com Erbolato (1991), se limitar apenas ao que aconteceu, descrevendo simplesmente os tipos, ação e o ambiente, sem dar os pormenores dos fatos, desvaloriza a essência do jornalismo e o receptor não tem a oportunidade de consumir um jornalismo vivo, atuante e com histórias humanas. Em um cenário no qual a profissão se limita a descrever situações e postar dezenas de conteúdos em poucos minutos sem muita contextualização, Sylvia Moretzsohn projeta um futuro catastrófico e apocalítico para a área.

> Subordinado à instantaneidade, o jornalismo está condenado a desaparecer, pois é incapaz de realizar o trabalho de análise que é a sua razão de ser. Sobreviveria apenas como uma espécie de "aparelho ideológico" a reproduzir o fetiche (MORETZSOHN, 2002, p. 177).

Este quadro é reflexo de um despreparo marcante dos repórteres para Moretzsohn (2002), visto que, para exercer esse tipo de atividade com agilidade e efetividade, é imprescindível uma especialização, algo difícil de encontrar entre jovens profissionais.

Nessa circunstância, a pesquisadora afirma que o jornalismo acaba tendo um bombardeio informativo que narcotiza o receptor, para torná-lo indiferente ao próprio conteúdo noticioso. Por sua vez, Ferrari (2003, p. 53) analisa a existência de um novo jornalismo em emergência, destinado a informações mais segmentadas, denominado nos Estados Unidos por *narrowcasting*. Castells (1999), em sua obra *Sociedade em rede*, trata esse fenômeno como a transferência do capital industrial para o informacional. Ele ajuda a colocar em primeiro plano a comunicação como um processo em todos os setores da sociedade em detrimento ao caráter do aspecto comunicacional apenas como recurso.

Nesse contexto, Jensen (2002, p. 189) apresenta três noções-chave: espaços de fluxos, tempo intemporal e virtualidade do real. Esse sentido da realidade inclui indivíduos e cenários tanto presentes como ausentes. Para o autor, uma grande parte de toda interação social está tecnologicamente mediada e as redes, como protagonistas, abarcam estruturas globais, nós locais e vínculos com significados contextuais. Segundo Jensen, a comunicação em redes é um fenômeno inerentemente relacional. Nesse tipo de dinâmica, os usuários acessam diversos meios e interatuam com a informação – e entre si – em contextos particulares, que podem inter-relacionar-se. Com um receptor cada vez mais atuante, principalmente no terreno dos *cibermeios*, o jornalismo passa a ser, para Lage (2006), um segmento de atividade progressivamente especializado, pois embora a interatividade abra espaços cada vez mais à estratégica participação do público, a maioria das pessoas não se motiva nem se habilita a esse tipo de intervenção de maneira a beneficiar sua comunidade.

> A organização social já canalizou a informação para fontes primárias a que o cidadão comum não tem nem poderia ter acesso. Quem duvida, tente ler um orçamento da República, o paper sobre uma novidade em astronomia; vá ao palácio e procure interrogar o príncipe (LAGE, 2006, p. 192).

De acordo com Amadori, embora as características trazidas pelo meio *online* tenham trazido outra dinâmica à circulação de informações, não modificaram esse critério de noticiabilidade no jornalismo. Para a pesquisadora, a necessidade de publicar fatos inusitados é ainda maior "diante de uma disputa na qual curtos espaços de tempo são significativos e onde a disponibilidade de arquivo e de ferramentas, como os *links*, permite relacionar uma informação à outra, aumentando a atratividade do veículo" (AMADORI, 2010, p. 24).

Marcos Palacios (2003), embasado em Deuze, Canavilhas e Elias Machado, propõe seis características fundamentais para essa nova era: multimidialidade/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização, memória, instantaneidade e atualização contínua. Esse último elemento, para a pesquisadora Carla Schwingel (2008), aliado à ubiquidade e à intensificação do uso da memória, reconfigura a produção jornalística no contexto da sociedade de redes. Hoewell (2015), por sua vez, destaca convergência, interatividade, customização, memória, atualização contínua e ubiquidade, como os principais elementos para o jornalismo praticado no *ciberespaço*:

> Os veículos convergem, o multimídia é uma realidade e quase uma obrigação para o jornalismo; a interatividade é a própria essência da internet; o hipertexto é a linguagem do novo meio; a customização do conteúdo é em parte demanda do usuário, em parte consequência das necessidades do mercado, mas sem dúvida uma realidade para o ciberjornalismo; a memória ganha com a internet, por meio dos bancos de dados, dimensões não vistas em outros veículos; a atualização contínua e a ubiquidade são o mais representativo reflexo da sociedade em rede e alteram inevitavelmente a produção jornalística (HOEWELL, 2015, p. 10).

Bernardo Kucinski (2005), ao analisar os novos suportes disponíveis, se atém ao termo jornalismo *online*, classificando-o apenas como um fetiche, porque não evidencia as alterações trazidas pela *Internet* à atividade. Segundo o autor, o novo meio funciona ao modo de uma "agência de notícias provisória", pois, simultaneamente, apresenta-se como suporte de informação para o leitor internauta, além de servir de pauta para os demais veículos de comunicação. Essas características não o distinguem do jornalismo tradicional de agências de notícias, no que tange à atualidade informativa, mas definir-se como um novo ritmo de abastecimento noticioso, no qual os fatos vão sendo narrados continuamente, em textos curtos e pouco acabados, à medida que vão acontecendo, e não depois que aconteceram (KUCINSKI, 2005, p. 77).

Mesmo assim, o autor define o jornalismo *online* em três características. A primeira peculiaridade que a modalidade apresenta é a de atuar como um canal de informação econômica, o que fez com que o gênero incorporasse a aceleração do tempo típica da especulação financeira. Desse modo, a atividade reflete mais intensamente a influência do aspecto econômico sobre a produção da notícia, viés que pode ser inferido pelo interesse que gera no receptor. O jornalismo *online* se dirige aos usuários que atribuem à notícia um valor monetário imediato. Para esse leitor, em geral assinante de

um serviço *online*, exclusivo, a informação não tem valor de uso, tem valor exclusivo de troca, é uma *commodity* ou matéria-prima de um processo decisório na esfera das aplicações financeiras, que, por sua vez, é sua fonte de lucro (KUCISNKI, 2005, p. 97).

A segunda característica citada por Kucinski tem influência na primeira, a partir da prioridade que a rapidez ganha no processo de produção, deixando precisão, contextualização e interpretação em segundo plano. Nesse mesmo viés, cunhado no conceito de fetichismo de mercadoria, proposto por Marx (1985[11]), Moretzsohn (2002) elabora o termo fetichização da velocidade. Para a autora, trata-se de uma mistura de temporalidades, que, no caso da imprensa, "se traduz na tensão entre o tempo midiático (que tende hoje à instantaneidade) e o tempo político (que deve ser lento para permitir que as paixões se apaziguem e que a razão se imponha)". Mais do que nunca - impulsionada pelas exigências de instantaneidade e atualização contínua que o ciberjornalismo se alimenta na sociedade de redes, em que "chegar na frente" torna-se mais importante do que "dizer a verdade".

Ao analisar as manifestações populares, Martín-Barbero (2004) avalia a aceleração da comunicação como a entrada em outro regime de tempo. De acordo com o autor, é evidente a maximização de possibilidades oferecidas pelas mídias mais recentes. Por outro lado, esse movimento instalou um ritmo que desfavorece as posturas de legitimação cultural, trabalhando as possíveis manifestações a partir da urgência impressa em cada movimento. Ao modificar a noção de temporalidade, é como se a velocidade desapropriasse o indivíduo de seu contexto social e o inserisse em um ambiente em suspenso, em um tempo "esférico que, ao desrealizar o espaço, liquida a memória, sua espessura geológica e sua carga histórica" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 270). De acordo com Arbex Júnior, a velocidade na transmissão das informações não se traduz na formação de senso crítico. O autor ressalta que "a sensação de falta de tempo para entender a fundo uma notícia estimula o recurso ao clichê, ao preconceito, à reiteração de concepções já formadas" (ARBEX JR, 2001, p. 89). Essa característica perecível presente no jornalismo contemporâneo indica uma tendência à superficialidade e a expressões previamente formatadas em detrimento do aproveitamento das estruturas inovadoras presentes no ciberespaço.

Na terceira diferenciação, Kucinski trata da utilização da informação pelos demais veículos. Enquanto o conteúdo disponibilizado pelas agências de notícias tradicionais é

[11] A primeira edição desta obra foi publicada em 1867

normalmente utilizado na íntegra, as inserções do jornalismo *online* servem de pauta, ou seja, são pontos de partida para os outros meios de comunicação. Esse terceiro aspecto retrata a condição que o *Campo Grande News* e o *Midiamax* ocupam em relação aos demais veículos de comunicação de Mato Grosso do Sul. Os *sites* de notícias têm representação em todas as esferas do jornalismo. As notícias que veiculam não só são utilizadas como pautas pelos jornais impressos e pela TV, como também são reproduzidas por outros *sites* de notícias de todo o Estado e pelas rádios locais, mesmo não estando necessariamente contextualizadas.

2.6.3 – O jornalismo na plataforma *online* e um novo público para lidar

Na imprensa, assim como em uma peça de teatro, elementos são explicitados ao público, enquanto outros são ocultados para que a trama desenvolvida não caia em descrédito com a plateia. Este é um exemplo de situação na qual são criadas fachadas (GOFFMAN, 1985), que escondem grupos estigmatizados. O trabalho jornalístico opera atualmente em um novo ritmo, ancorado pelo valor do imediatismo e ampliando cada vez mais a teia de facticidade (TUCHMAN, 1978) e a necessidade de se publicarem informações instantaneamente, o que Moretzsohn (2002) denomina de fetiche pela velocidade.

Nesse novo cenário, além da concorrência dos demais veículos de comunicação, a imprensa necessita lidar com a participação mais interativa do próprio público, que começa a publicar em plataformas *onlines* seus próprios conteúdos. A mídia, portanto, depara-se com um novo quadro em emergência, o que leva os proprietários dos grandes conglomerados a reposicionarem parte de suas práticas profissionais. O contrato fiduciário estabelecido entre emissor e receptor necessita ser reconfigurado.

O jornalismo *online* desenvolve, nesse contexto, características que o diferenciam do exercido nos demais meios justamente em função das possibilidades que a *web* oferece. Na *Internet*, além de uma nova apresentação, a informação jornalística atua de uma forma mais veloz, como foi visto em tópico anterior, e a recepção amplia os mecanismos de *feedback*, concedendo mais visibilidade às atividades exercidas pelos destinatários. Todavia, de acordo com Martín-Barbero (2004), a relação entre emissor e receptor está disfarçada pela lógica entre vendedor e consumidor, estratégia necessária para o apagamento das marcas de fábrica que podem estar presentes em determinado discurso. Nesse contexto, Goffman (1985, p. 69) pensa a comunicação em uma relação similar a um teatro, no qual a plateia não pode ter acesso à fachada por trás do ator, o

que denomina de mistificação. O autor faz esse paralelo justificando que "[...] a lógica extrema implicada neste tipo de teoria, quer seja de fato correta ou não, consiste em impedir o público de ver o ator". Não por acaso, para Traquina (2005), os profissionais preferem designar as notícias como estórias em vez de construção. Para Goffman (1985), a coerência expressiva exigida nas representações põe em destaque uma discrepância entre nosso eu humano e nosso eu socializado. O autor esclarece essa diferença:

> Como seres humanos somos, presumivelmente, criaturas com impulsos varáveis, com estados de espírito e energias que mudam de um momento para outro. Quando, porém, revestimo-nos de caráter de personagens em face de um público, não devemos estar sujeitos a altos e baixos (GOFFMAN, 1985, p. 58).

Alsina (2009) afirma que, nas relações comunicativas, são estabelecidos contratos pragmáticos com o público, nos quais os mesmos acabam fazendo o uso adequado do discurso do ponto de vista do comunicador. Goffman explica que, nessas situações, a estratégia usada pelos comunicadores é a de transmitir a impressão de que aquela representação é a única possível.

> [...] os indivíduos alimentam a impressão de que a prática regular que estão representando no momento é sua única prática ou, pelo menos, a mais essencial. Como foi dito anteriormente, a plateia, por sua vez, admite muitas vezes que o personagem projetado diante dela é tudo que há no indivíduo que executa a representação (GOFFMAN, 1985, p. 52).

Goffman defende que esse tipo de representação de uma única realidade acaba alcançando êxito, porque o/a auditório/público/plateia é segregado, o que garante que aqueles diante dos quais se desempenha um de seus papéis não serão as mesmas pessoas para as quais se representará um outro papel num ambiente diferente. Em contrapartida, por se tratar de uma sociedade cada vez mais segregada, Berger e Luckmann (1985) explicam que podem existir subuniversos de significação socialmente separados, os quais

> [...] resultam de acentuações da especialização dos papéis, levadas a um ponto em que o conhecimento específico de um papel torna-se inteiramente esotérico, comparado com o acervo comum do conhecimento. Estes subuniversos podem estar ocultos à visão geral, ou não (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 117).

Todavia, de acordo com Henry Jenkins (2009), os produtores de mídia na *web* estão tendo que se readequar ao relacionamento com seus consumidores. No jornalismo impresso, o receptor é tradicionalmente qualificado simplesmente como leitor, ou aquele que lê. No meio *online*, o destinatário recebeu denominações variadas, tais como internauta, navegador, navegante, usuário, visitante, cibernauta. As diferentes nomenclaturas também indicam a mudança de interpretação a respeito do sujeito para quem se destina a emissão, no caso do jornalismo, a notícia. Isso ocorre porque, com as novas tecnologias, o público (por meio da interatividade) conquistou um espaço na intersecção entre os velhos e os novos meios de comunicação. É o que o autor chama de cultura participativa. O surgimento de *blogs*, por exemplo, colocou em xeque a verdade absoluta difundida pelos veículos jornalísticos. Para Jenkins (2009, p. 308), "num contexto assim, os *blogueiros* irão concorrer com jornalistas profissionais matéria por matéria, às vezes acertando, às vezes errando, mas sempre obrigando um segmento do público a questionar os argumentos dominantes". À medida que se expande o acesso à distribuição em massa pela *web*, a compreensão do que significa ser autor, consequentemente, muda.

Nesse cenário em que o consumo passa a ser cada vez mais interligado em rede, a fofoca ganha terreno, o que pode significar uma ameaça ao tratamento jornalístico de temas complexos, visto que o profissional é bombardeado por um excesso de informações. Entretanto, pode servir também como um elemento para diminuir estigmas. Isso é possibilitado a partir da interatividade da *web*, que possibilita um melhor entendimento do outro. Para Jenkins (2009, p. 119), "conversar sobre as diferenças de valores torna-se um mecanismo pelo qual diferentes grupos sociais podem aprender mais sobre como cada um percebe o mundo".

Portanto, considerando os aspectos deontológicos já expostos neste capítulo, a fim de tratar de temas complexos, com caráter de estigma (em especial publicações sobre suicídio) e observando que os consumidores cada vez mais compartilham o que assistem ou o que leem isso leva a refletir que os profissionais da mídia devem ter cada vez mais segurança, competência e clareza ao trabalhar com tais assuntos.

2.7 – Reflexões sobre dados e problematizações

Considerando o teor de alta complexidade no qual está envolto o suicídio e o enquadramento direcionado a posição de estigmatizado ao sujeito que opta por tal ato (assim como aos seus entes queridos), torna-se imprescindível na abordagem desse tema

cuidados específicos em relação ao seu tratamento, que perpassam necessariamente por aspectos éticos, deontológicos e pelo processo produtivo da informação. Mostrou-se durante o capítulo a compreensão de que divulgações jornalísticas sobre autoextermínio necessitam ser trabalhadas de forma mais contextualizada, como mostra, por exemplo, o Manual para Profissionais da Mídia sobre Prevenção ao Suicídio da OMS (2000). De qualquer forma, segundo a literatura presente neste trabalho, a imprensa não pode ser unicamente responsabilizada pelo estabelecimento de estigmas, especialmente os suicídios, visto que se trata, segundo Durkheim (2000), de um fenômeno marcado por uma crise coletiva. Logo, as publicações relacionadas a esse tipo de prática apenas podem influenciar pessoas ao ato quando esses indivíduos já estão propensos à prática do autoextermínio e nas ocasiões em que os conteúdos não são trabalhados cuidadosamente.

O presente capítulo ofereceu, portanto, elementos para explorar os caminhos utilizados pela imprensa campo-grandense entre os anos de 2014 a 2018 na divulgação desse tema estigmatizado, avaliando como o estigma suicídio repercutiu no tratamento jornalístico e verificando se os conteúdos dos portais *Campo Grande News* e *Midiamax* têm contribuído com o combate desse tabu ou se corroboram com a alimentação de estigmas em torno do fenômeno. Como procedimento inicial para desvendar a complexidade em torno desse tema, foi utilizada a hipótese do agendamento, que se baseia na redundância midiática na divulgação de determinado assunto. Sendo assim, foram expostas análises quantitativas em relação ao volume de conteúdos produzidos por *Campo Grande News* e *Midiamax* durante a cobertura das campanhas "Setembro Amarelo" e do desafio "Baleia Azul", ficando perceptível o efeito do agendamento nesses períodos. No caso do desafio "Baleia Azul", o mês de abril teve nos dois portais um aumento significativo na produção de conteúdos relacionados a temática suicídio, porém essa ênfase se deteriorava no mês seguinte. O mesmo pôde ser notado em relação às campanhas "Setembro Amarelo" em todos os meses de setembro nos dois veículos, com exceção do *Midiamax* que apresentou em outubro de 2017, um número maior de publicações sobre suicídio em relação a setembro. De acordo com McCombs e Shaw (2000), inventores da hipótese do agendamento, a deterioração da informação se inicia de 8 a 26 semanas, porém, os dois períodos de agendamento analisados neste trabalho mostraram que o assunto veio a se deteriorar antes desse prazo, entre 4 e 8 semanas, caracterizando uma especificidade do suicídio como tema de alta complexidade.

Essa redundância alcançou em êxito no caso do "Baleia Azul" e do "Setembro Amarelo" a partir de uso de atributos desses agendamentos, os quais também foram expostos neste capítulo. A classificação de atributos "Coberturas Factuais" foi majoritariamente a mais aplicada nas editorias utilizadas nesses períodos estudados, especialmente na editoria Cidades do *Campo Grande News* e nas editorias Cotidiano e Polícia do *Midiamax*.

As matérias com as classificações de atributos "Conteúdos com foco estatístico" e "Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas" se concentraram mais na cobertura das campanhas do "Setembro Amarelo" e menos no desafio do "Baleia Azul". Isso ocorreu em virtude do "Setembro Amarelo" ser um mês institucional, que têm seu tempo de agendamento programado para iniciar e terminar. O "Baleia Azul", por sua vez, foi um fenômeno novo, inesperado e desconhecido, no qual os portais exigiam de seus repórteres a todo tempo produção de informação em torno do tema. Sendo assim, durante o "Setembro Amarelo" percebeu-se que os jornalistas tinham um tempo mais hábil para produzir matérias mais contextualizadas, que se enquadrassem na categoria "Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas", enquanto que no "Baleia Azul" conseguiam majoritariamente apenas produzir conteúdos para a classificação "Coberturas Factuais".

A pressão para que uma grande proporção de conteúdos fosse publicado em um curto espaço de tempo, se revelou como um dos grandes vilões durante o processo de produção. De acordo com relatos de alguns jornalistas do *Campo Grande News* e do *Midiamax*, a luta contra o cronômetro aumenta a probabilidade do tratamento pejorativo e insuficiente, visto que o suicídio é um processo social específico que necessita de formas organizadas e racionais de se fazer jornalismo. Uma das jornalistas informou durante entrevista para este trabalho, que essa pressão ocorre de forma mais aguda no *Campo Grande News*, que tem como uma de suas políticas evitar longos períodos sem conteúdo no *site*.

Logo, verifica-se que o constante progresso do *Ciberjornalismo* atenua ainda mais esse quadro, pois o público, sedento de informação e interagindo cada vez mais com o seu emissor, obriga que as empresas jornalísticas atuem de uma forma cada vez mais veloz. Nesse cenário, os mecanismos para o *feedback* em relação a qualidade dos conteúdos, têm mais visibilidade e tornam-se cada vez mais comuns. Como consequência, o profissional é bombardeado por um excesso de informações, o que

exige do jornalista um comportamento muito mais seguro, competente e cuidadoso para executar o processo de filtragem em temas de estigmatizados, como é o suicídio.

A complexidade em torno do tema se revela na análise da própria história do suicídio em distintas civilizações, nas quais algumas trataram o tema com exacerbada ênfase, em outras pairava o silêncio, em outras ainda, se buscava o combate da problemática. Essa expressiva falta de consenso das civilizações ao longo história em relação ao fenômeno se reflete também na imprensa, situação na qual muitos jornalistas se deparam com dúvidas em relação aos processos mais adequados a serem executados.

Com o auxílio de toda a fundamentação teórica e análises quantitativas expostas até aqui, a análise do *corpus* do capítulo 3, dará primeiramente um enfoque a heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz (1990; 2004), conceito que será explanado conceitualmente, tensionando-o em seguida com os atributos do agendamento dos enunciados ao longo do período de cobertura da imprensa em torno dos assuntos “Baleia Azul” e “Setembro Amarelo” e os critérios de noticiabilidade que levaram tais assuntos a conquistarem expressiva repercussão durante determinado período. Por meio desses tensionamentos, será verificado se os estigmas podem se materializar ou não por meio do enunciado.

3 – A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DO SUICIDA NAS NOTÍCIAS

Considerando que essa dissertação explora o tratamento de temas estigmatizados do *Ciberjornalismo* campo-grandense, objetiva-se verificar como o estigma em torno do suicídio repercute no enunciado jornalístico. Sendo assim, esse capítulo apresenta a Análise do Discurso de linha francesa (AD) (além de outros teóricos que serviram de base para essa linha de estudo), que tem como parte constitutiva para construções de sentidos em seus trabalhos, o aspecto histórico-social. Entre os conceitos aqui expostos, é dada especial atenção ao conceito de heterogeneidade enunciativa mostrada (marcada e não marcada) e constitutiva, formulado por Jacqueline Authier-Revuz (1990, 2004), uma teoria que considera imprescindivelmente fontes interdiscursivas na composição da formação discursiva (FD) do sujeito. As análises realizadas neste capítulo são complementares em relação ao desenvolvimento conceitual mapeado no Capítulo 2, referente às tabelas que tratavam sobre os períodos de agendamento na imprensa durante o desafio "Baleia Azul" e durante a campanha institucional "Setembro Amarelo", nos *sites Campo Grande News* e *Midiamax*.

As editorias nas quais as matérias estão inclusas, além dos atributos característicos referentes ao período de agendamento dos temas acimas citados (criados pelo autor deste trabalho) expostos nas tabelas 9, 10, 11 e 12, são verificados a partir de uma amostragem com matérias jornalísticas do *Campo Grande News* e do *Midiamax*. É verificado se a hipótese da McCombs e Shaw (2000) sobre a mobilidade dos atributos de agendamento ao longo do tempo se aplica também na imprensa local, em um tema de alta complexidade, como é o suicídio.

O vínculo exercido entre as heterogeneidades mostradas (AUTHIER-REVUZ, 2004) expressas no fio discursivo do enunciado e o agendamento (McCOMBS; SHAW, 2000), ocorre devido ao fato da hipótese do agendamento trabalhar com a noção de redundância midiática em determinado assunto. Para que a redundância ocorra, se estabeleça e continue atraindo a atenção do público, a imprensa necessita modificar os atributos do agendamento ao longo do tempo. Nesse cenário de mobilidade de atributos, entra o conceito de heterogeneidade enunciativa, especialmente a subcategoria mostrada, a qual fornecerá pistas sobre as múltiplas formações ideológicas e discursivas que são materializadas no enunciado. Em constante negociação com a mostrada, está a subcategoria constitutiva, que não se materializa no enunciado, mas é responsável para a formação da identidade constitutiva do enunciador (ou jornalista) da matéria, identidade

esta que pode ser proveniente de aspectos pessoais, culturais, sociais e organizacionais, como afirma Schudson (1988).

Essa mobilidade de atributos proporciona identificar também se os jornalistas argumentam para transformar a identidade do estigmatizado de desacreditável para desacreditado (GOFFMAN, 2004) em seus textos ou se procuram trabalhar este aspecto no intuito de prevenir que o estigma se prolifere por meio dos conteúdos. Outro conceito desenvolvido por Goffman (2004) e analisado por meio de elementos de heterogeneidade enunciativa mostrada e dos atributos do agendamento neste trabalho é a verificação se os jornalistas se dirigem aos estigmatizados nos enunciados, contribuindo com a construção de identidades sociais virtuais ou identidades sociais reais das pessoas que cometeram e/ou tentaram suicídio. É possível observar, dessa forma, se há atribuições de julgamentos de valor nos textos a partir do uso desses elementos.

O tipo de identidade conferida aos personagens das notícias somente poderá ser constatada mediante a análise de como os jornalistas reproduzem as tipificações dessas pessoas em seus enunciados. Esse processo de constituição dos atributos de identidade ocorre por meio dos universos simbólicos objetivados ao redor desses profissionais da imprensa, considerando que além de influências pessoais e culturais, os aspectos institucionais de políticas editoriais das empresas jornalísticas também interferem na escolha de seus funcionários durante a produção dos conteúdos, constituindo assim mundos de referência (ALSINA, 2009) desses enunciadores. Portanto, durante as análises, os critérios de noticiabilidade (seguindo os listados por Wolf (1987) e Traquina (2005)) utilizados pelos redatores do *Campo Grande News* e do *Midiamax*, fornecem indicadores a respeito dos enquadramentos referenciais selecionados para produção dos conteúdos.

De todo modo, a formação desses mundos de referência, aos quais se refere Alsina, provém de um Eu dialógico e heterogêneo, que sofre múltiplas influências na sociedade. No entanto, o jornalista que desenvolve o enunciado nem sempre tem consciência de todos os fatores que incidem nas suas escolhas ao produzir esses conteúdos, visto que se trata de um sujeito dividido e clivado, no qual o inconsciente atua sobre o consciente (segundo a concepção lacaniana do estudo do inconsciente de Freud).

A partir dessas observações, vale o seguinte questionamento: como a mídia está, especialmente em seus discursos referenciais, vinculada aos estigmas sociais,

principalmente os relacionados ao estigma suicídio? Mesmo que não haja, de forma aberta, a presença de estigmas na mídia, estariam eles camuflados em seus discursos? Este capítulo busca responder essas perguntas, por meio das publicações de notícias sobre o tema suicídio, nos portais *Campo Grande News* e *Midiamax*, no período de 2014 a 2018 e entre os meses de março e abril, no período de agendamento do "Baleia Azul". Nesse período, o estigma esteve presente nas publicações? Caso a resposta seja afirmativa, como ele está explícito ou implícito no fio discursivo? Apresenta-se de forma transparente ou opaca? Quais mecanismos os enunciadores lançaram mão para desenvolver esse fenômeno? Como as construções discursivas articulam esse fenômeno?

Por meio desses questionamentos, problematiza-se o seguinte: Por que uma palavra tem efeito? Por que, de alguma forma, tocou o sujeito que, refazendo em espiral o percurso do discurso, fez com que se formasse determinada mensagem jornalística? De acordo com Rosana de Lima Soares (2015, p. 119), é por meio da mensagem que o discurso é criado, "no momento em que algo escapa do instituído e deixa um rastro, surgindo como inesperado, realizando uma peripécia, um lance que muda a face das coisas".

De acordo com Fiorin (1988, p. 55), a sociedade transmite aos indivíduos – com a linguagem e graças a ela – certos estereótipos, que determinam certos comportamentos e valores ideológicos. Sendo assim, a linguagem auxilia nos modos de ver a sociedade, modos pelos quais o homem se vê a si e aos outros. Para Althusser (1974), os comportamentos são influenciados pela linguagem e é por meio desta que a ideologia se materializa. O discurso tem em si, como parte da linguagem que veicula um sistema de valores, estereótipos dos comportamentos dos indivíduos que são vistos de forma positiva ou negativa. Os tabus comportamentais, tal como o suicídio, são divulgados.

A partir do fenômeno ideológico aplicado na linguagem, instaura-se a subjetividade do sujeito que, segundo Baccega (1995), é o resultado da polifonia, ou seja, das muitas vozes sociais que cada indivíduo recebe e tem a condição de reproduzir e/ou reelaborar. O indivíduo, então, resulta de vários discursos. Para que tal ação ocorra, o sujeito necessita participar de um ato de fala. De acordo com a autora, mediante esse processo, "o indivíduo estabelece concretamente a redescoberta de um conteúdo, a invenção" (BACCEGA, 1995, p. 39). E, como afirma Bakhtin/Voloshinov (1988, p. 113), esse ato é "uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros".

De acordo com Bakhtin/Voloshinov (1988), a situação social mais imediata e mais próxima do indivíduo determina, completamente, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação. Para Bakhtin/Voloshinov, a expressão organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação e não o processo contrário. Para Baccega (1995), por meio desse lugar, nasce e brota o discurso no qual segundo Fiorin (1988), as representações ideológicas são materializadas. A fim de construir um discurso, surge a enunciação, ancorada em um determinado universo de signos. Fiorin (1988, p. 37) entende que o signo linguístico é formado por dois componentes: "um conceito e um suporte do conceito, que serve para expressá-lo, manifestá-lo, veiculá-lo. Ao conceito chama-se significado ou conteúdo; ao suporte denomina-se significante ou expressão". Bakhtin/Voloshinov (1988, p. 35) defendem que os signos só surgem em um terreno interindividual. Entretanto, "é fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se".

Segundo Bakhtin/Voloshinov (1988, p. 45), cada signo constituído possui um tema. Assim, cada manifestação verbal tem seu tema. É importante frisar, no entanto, que signo e palavra se distinguem. De acordo com Bakhtin/Voloshinov, o signo é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. Por outro lado, a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica, embora acompanhe e comente todo ato de tal natureza. Logo, pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa. Para Bakhtin/Voloshinov (1988, p. 41), a fim de preencher tais funções, "as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios". Com isso, o processo da fala, compreendida como processo de linguagem tanto exterior como interior, é ininterrupto, não tem começo nem fim. De acordo com Authier-Revuz (2004, p. 26), o sentido de um texto é inconcluso, "uma vez que ele se produz nas situações dialógicas ilimitadas que constituem suas leituras possíveis: pensa-se, evidentemente, na leitura plural".

Em meio a tais conceitos, surge a Análise do Discurso (AD) da linha francesa, que compreende o discurso como uma manifestação, uma materialização da ideologia da produção social a qual está imersa. Para Mussalim (2000, p. 110), o sujeito não é o definidor dos sentidos e das possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas "como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele anuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras". O sentido do contexto

histórico-social é considerado como parte constitutiva da AD, sendo dividida em três frases: AD-1, AD-2 e AD-3. Na primeira fase (AD-1), segundo Pêcheux (1990), o indivíduo é assujeitado a uma maquinaria discursiva, visto que o discurso que enuncia está limitado e submetido à determinada regras específicas do contexto no qual vive.

A segunda fase (AD-2) é compreendida no interior da noção de formação discursiva de Foucault (1996[12]), marcada pela queda da noção de unicidade do sujeito (pertencente à AD-1) e, consequentemente, caracterizada pela dispersão, no sentido de não ser formado por elementos ligados entre si (como era na primeira fase). O sujeito é marcado como aquele que desempenha diferentes papéis de acordo com as várias posições que ocupa no espaço discursivo. Sendo assim, o sujeito pode estar em mais de uma formação discursiva. Porém, mesmo com essas características, não significa que o sujeito que enuncia é totalmente livre, pois "sofre as coerções da formação discursiva (FD) do interior da qual enuncia, já que esta é regulada por uma formação ideológica (FI)" (MUSSALIM, 2000, p. 133).

Todavia, a desconstrução da maquinaria discursiva da AD-1 ocorre, de fato, segundo Mussalim (2000) somente na AD-3, quando há um deslocamento no que se refere à relação de uma FD com outras. Na AD-2, mesmo sendo atravessado por outras formações discursivas, o sujeito mantém uma identidade fixa. Na AD-3, diferentemente da AD-2, os discursos que atravessam uma FD não se constituem independente uns aos outros, mas se formam no interior de um determinado interdiscurso. A relação interdiscursiva, caracterizada por um sujeito heterogêneo, clivado e dividido (entre o consciente e o inconsciente) é, portanto, o pilar dessa terceira fase, a qual é o foco do presente trabalho.

É neste período que os estudos de Authier-Revuz (1990) em torno da enunciação, ganham terreno. Embora a teórica não se assuma como Analista do Discurso da linha francesa (mas sim como Linguista da Enunciação), a afinidade com a AD é inevitável, pois, segundo Brandão (2012), ela convivera com Pêcheux. A pesquisadora é influenciada por Bakhtin e pela leitura lacaniana, (embasada em Saussure) em relação à Psicanálise freudiana, vindo a elaborar uma teoria da enunciação em que o princípio do dialogismo é resultante de uma concepção discursiva assentada na característica heterogênea da linguagem e numa concepção de sujeito caracterizado pela divisão e clivagem entre o consciente e o inconsciente.

[12] A primeira edição deste livro foi publicada em Paris, na França, em 1971.

Authier-Revuz (2004) defende a ideia que a heterogeneidade é propriedade constitutiva da linguagem, que pode ser apreendida no fio do discurso, na superfície, na materialidade linguística do enunciado, através de marcas que mostram e/ou sinalizam o outro. O discurso, para a pesquisadora, está a todo tempo, realizando o exercício dialógico e interdiscursivo, descartando a possibilidade de ser fechado em si mesmo. Este procedimento coloca em evidência as rupturas enunciativas do "fio do discurso", surgindo assim um discurso outro na própria formação discursiva (FD). Portanto, o estudo da heterogeneidade enunciativa apresenta importantes elementos à AD e é por meio desse viés de análise que esse trabalho se debruça.

A partir das heterogeneidades enunciativas de característica mostrada, especialmente as marcadas, que são majoritárias nos textos noticiosos, (materializadas por meio de citação direta, indireta, aspas, negrito, itálico) é possível analisar como os atributos referentes ao agendamento do desafio do "Baleia Azul" e das campanhas "Setembro Amarelo", são aplicados em enunciados dos portais *Campo Grande News* e do *Midiamax*, fornecendo assim, indicadores a respeito dos mundos de referência (ALSINA, 2009) pelos quais os jornalistas desses *sites* se norteiam.

Pode-se decifrar dessa forma - no decorrer do agendamento e na mobilidade de seus atributos - se os jornalistas desses veículos estão atribuindo identidades sociais reais ou virtuais aos estigmatizados, sendo que no caso da segunda opção, o jornalista estaria auxiliando no desfavorecimento dos personagens relatados, contribuindo para que os indivíduos e/ou os que compartilham esta condição - especificamente em casos de suicídios e/ou tentativas - passem a figurar como desacreditados, segundo a concepção de Goffman (2004). Por meio desses elementos manifestados nos textos, é possível decifrar quais os outros discursos que perpassam pelas formações discursivas (FD) dos profissionais de imprensa que têm seus textos analisados neste trabalho. Primeiramente é importante compreender os conceitos de dialogismo, polifonia e sujeito dividido que sustentam a teoria de heterogeneidade enunciativa formulada por Authier-Revuz (1990; 2004).

3.1 – Dialogismo, Polifonia e seus tensionamentos com os estigmas sociais

O discurso não é puramente gramatical ou linguístico. É o que defende a Análise do Discurso Francesa (AD), que opera sobre três conceitos básicos, segundo Brandão: a noção de condições de produção, de formação ideológica (FI) e de formação discursiva (FD). Por condições de produção, Brandão entende o conjunto de elementos que fazem

parte da produção de um discurso. Nessas condições de produções, Brandão comenta sobre a natureza da relação intersubjetiva entre as pessoas do enunciado, originárias impreterivelmente de outras Formações Discursivas (FD). Seguindo o mesmo viés, a pesquisadora Marchezan (2006, p. 118) relata que os diálogos, embora provindos de outras Formações Discursivas (FD), não se repetem de maneira absoluta, mas também não são completamente novos, "reiteram marcas históricas e sociais, que caracterizam uma dada cultura, uma dada sociedade".

Já em relação à formação ideológica (FI), Brandão (2012, p. 23), define-a como as "posições de classe social, política, econômica de onde se fala ou escreve e têm a ver com as relações de poder que se estabelecem entre os indivíduos e que são expressas quando interagem entre si". A autora entende que se trata de um conjunto complexo de atitudes e representações que não são individuais nem universais. Nesse contexto, toda formação ideológica (FI) corresponde a uma formação discursiva, "que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo" (FIORIN, 1988. p. 32).

Brandão define formação discursiva (FD) como uma maquinaria estrutural atravessada por outras formações discursivas. Foi Pêcheux (1990, p. 314) que afirmou não reconhecer a FD como um elemento estruturalmente fechado, mas "invadida por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FDS) que se repetem nela, sob a forma de pré-construídos e de discursos transversos". Surge, então, a noção de interdiscursividade. Para Brandão (2012, p. 26), o sujeito do discurso se constitui, se reconhece como tendo uma determinada identidade "na medida em que interage com outros discursos, com eles dialogando, comparando pontos de vista, divergindo, etc".

Para que esse fenômeno ocorra, foi necessária a mudança do conceito de monologismo para o dialogismo, que viria, consequentemente, acarretar na polifonia. Bezerra (2006, p. 191) associa o monologismo ao autoritarismo, em que o discurso encontra-se sempre indiscutível em relação às verdades proclamadas e acabado. A polifonia traz consigo a inconclusibilidade, o dialogismo, o não acabamento, mostrando que as realidades estão sempre em formação. Oswald Ducrot (1987) afirma que um enunciado pode ter vários sujeitos; isto é, num jogo polifônico, um enunciado pode apresentar várias vozes. Ele refuta a tese da unicidade do sujeito da enunciação, em que, para cada enunciado, existe apenas um sujeito.

Ao considerar os aspectos dialógico e polifônico, é importante compreender que os estigmas instaurados e legitimados socialmente mostram que o mundo interior e a

reflexão de cada indivíduo têm um auditório bem estabelecido, no qual se constroem convicções, reflexões coletivas, motivações, apreciações, etc. Sendo assim, segundo Bakhtin/Voloshinov (1988), quando a atividade mental se realiza sob a forma de uma enunciação, a orientação social à qual ela se submete adquire maior complexidade graças à exigência de adaptação ao contexto social imediato do ato de fala, e, acima de tudo, aos interlocutores concretos. Para Bakhtin/Voloshinov (1988, p. 118), o mundo interior de cada indivíduo se adapta às expressões, caminhos e orientações possíveis. Caso contrário, não haveria preconceitos e estigmas enraizados socialmente, assim como ocorre com o suicida estigmatizado e com as pessoas que convivem com ele.

Devido ao caráter dialógico e polifônico (no qual mais de uma voz é materializada no texto e indispensável especialmente em textos noticiosos), o jornalista escolhe os mundos de referência aos quais deve seguir no texto, por meio de enquadramentos e aplicações de atributos, sustentado pela objetivação de universos simbólicos que os norteiam. Em relação à polifonia, sabe-se que a voz do outro, especialmente as pessoas marcadas por um estigma, devem obrigatoriamente aparecer em textos noticiosos, mas resta verificar, por meio do exercício analítico, em quais momentos aparecem e quais recursos são utilizados para que essas vozes sejam materializadas.

No que tange ao caráter interdiscursivo que integra o Eu do jornalista, aspecto imprescindível nos estudos do círculo de Bakhtin, é necessário observar os vestígios manifestados no fio discursivo, que denotem influências provenientes de outras formações discursivas, tais como as de ações pessoais, culturais e sociais (SCHUDSON, 1988), especialmente as de natureza social que tratem de formações discursivas e ideológicas da organização a qual o profissional presta serviço, para assim, verificar, qual tipo de tratamento o estigmatizado recebe nas matérias publicadas por esses portais.

3.2 – O círculo bakhtiniano e a influência do Outro no Um

De acordo com Bakhtin/Voloshinov (1988), a palavra acompanha e comenta todo ato ideológico e é manifestada no enunciado. Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos não podem operar sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele. Toda ideologia é manifestada pela palavra, incluindo os estigmas que se criam ou se perpetuam na sociedade. Tal fenômeno ocorre devido aos signos contribuírem com construções

ideológicas, pois, segundo Bakhtin/Voloshinov (1988, p. 32), "[...] um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico [...]" (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1988, p. 32). Por meio desse raciocínio, Bakhtin/Voloshinov traz a ideia de que o discurso não é individual, mas sim de caráter dialógico[13] e heterogêneo, no qual obrigatoriamente sempre mais de uma voz fala, mesmo que os traços da mesma não estejam presentes no fio do discurso. Barros (2005), ao considerar essas características, aponta três pontos fundamentais do círculo bakhtiniano.

> [...] em primeiro lugar é preciso observar que as relações do discurso com a enunciação, com a contexto sócio-histórico ou com o "outro" são, para Bakhtin, relações entre discursos-enunciados; o segundo esclarecimento é o de que o dialogismo tal como foi acima concebido define o texto como "um tecido de muitas vozes" ou de muitos textos ou discursos, que se entrecruzam, se completam, respondem umas às outras ou polemizam entre si no interior do texto; a terceira e última observação é sobre o caráter ideológico dos discursos assim definidos (BARROS, 2005, p. 33).

Sendo assim, Barros (2005) verifica que o texto é inevitavelmente objeto significante ou de significação, produto de uma criação ideológica e, consequentemente, dialógica, pois é fruto do diálogo entre interlocutores. Essa relação dialógica entre interlocutores funda a linguagem para Bakhtin e mostra que a intersubjetividade, na verdade, precede a subjetividade, diferentemente do que defendia o linguista Émile Benveniste (2005). Para este último, a subjetividade seria a capacidade do locutor de se propor como sujeito do seu discurso, remetendo a ele mesmo como o Eu de determinado discurso. Logo, nesse caso, a subjetividade se funda como exercício na língua e é vista por Benveniste como uma ação individual de apropriação da língua. Os ensinamentos do círculo bakhtiniano, por sua vez, entendem a língua como um produto da atividade coletiva, de modo que seus elementos refletem e refratam aspectos nos âmbitos econômico, social e político. Bakhtin se preocupa então com as relações intersubjetivas que organizam e estruturam o enunciado, dando enfoque à posição que cada participante ocupa na cadeia comunicativa.

[13] É importante compreender o dialógico neste caso, não como mero produto da relação face a face, mas sim sob um ponto de vista mais amplo, no qual se reiteram marcas históricas e sociais e, consequentemente, características de uma determinada cultura, de uma dada sociedade.

Tendo o conceito de estigma como exemplo, é possível verificar por meio da concepção bakhtiniana de que nenhuma palavra está na esfera na neutralidade, visto que é atravessada por discursos carregados, ocupados e habitados de elementos provenientes objetivações construídas por uma determinada sociedade (GOFFMAN, 1985) e, no caso do jornalista, no ser exercício profissional, por mundos de referência (ALSINA, 2009) constituídos a partir dessa realidade objetiva na qual está enquadrado. Ou seja, toda palavra remete a um contexto ou a vários, "nos quais viveu sua existência socialmente subjugada. Ela chega a seu próprio contexto, vinda de outro contexto, penetrada pelo sentido dado por outros" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 35) e, consequentemente marcada por intenções e acentos determinados. Segundo Bakhtin, os juízos de valor determinam a seleção das palavras a serem utilizadas pelos falantes e a forma como ocorrerá o exercício de recepção. O falante, no entanto, não seleciona essas palavras no dicionário, mas no contexto da vida em que foram absorvidas, em uma realidade socialmente construída e, dessa forma, ficam caracterizadas como julgamentos de valor.

Sendo assim, todo texto-discurso conservará determinado valor, demonstrando certo posicionamento por parte daquele que o enuncia. Ainda de acordo com Authier-Revuz (1990, p. 27), Bakhtin designa esse fenômeno de atravessamento de outros discursos como saturação da linguagem, no qual os discursos são entendidos

> não como ambiente que permite extrair halos conotativos a partir de um nó de sentido, mas como um "centro" exterior constitutivo, aquele do já dito, com o que se tece, inevitavelmente, a trama mesma do discurso". (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27).

Por esses motivos, esta dissertação procura verificar qual tipo de viés ideológico em relação ao fenômeno suicídio é manifestado por meio do recurso da palavra, quando os jornalistas constroem seus enunciados por meio das notícias. Afinal, para Bakhtin/Voloshinov, o texto é o centro de toda investigação sobre o homem e "a palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação" (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1988, p. 38). Considerando, pois, o texto como centro, o sujeito perde seu papel centralizador, como está presente nos ensinamentos de Benveniste e é substituído por diferentes e múltiplas vozes sociais, que o fazem um sujeito histórico e ideológico. De acordo com Authier-Revuz (1990), na manifestação textual, o sujeito ignora a maquinaria estrutural do interdiscurso, e se ilude, acreditando

ser ele próprio, fonte deste seu discurso, quando na verdade é apenas o suporte e o efeito.

Mesmo que o sujeito não seja o centro, mas sim composto por múltiplas vozes, como afirma Bakhtin/Voloshinov (1988), não se pode desconsiderar, com isso, os fatores pessoais, sociais, organizacionais e culturais que incidem sobre este indivíduo enunciador durante o processo da produção do texto jornalístico, especialmente os que tratam de temas de alta complexidade. Embora os jornalistas assinem as notícias produzidas nos portais *Campo Grande News* e *Midiamax*, inevitavelmente obedecem a critérios de noticiabilidade provenientes de linhas editoriais das organizações as quais prestam serviço. Ou seja, o conteúdo enunciado passa a não ser somente do jornalista, mas sim das diversas formações discursivas (FD) e ideológicas (FI) que o cercam.

Portanto, as marcas presentes no texto por meio das heterogeneidades enunciativas mostradas, ajudam a elucidar neste trabalho como as formações ideológicas dos veículos jornalísticos escolhidos para serem analisados, lidam com dilemas nas decisões quanto a divulgar ou não temas de alta complexidade, especialmente notícias sobre suicídio, objeto de estudo desta dissertação. Por meio dessas marcas, é possível identificar se as formações discursivas que atravessam esse Eu sujeito, dividido e clivado entre o consciente e o inconsciente, carregam em seu bojo referencial estigmas sociais em relação ao autoextermínio ou se procuram combatê-los.

3.2.1 – O sujeito dividido na formação constitutiva da identidade

Os analistas do discurso da linha francesa se preocupam em desenvolver uma teoria não-subjetivista da enunciação, na qual o sujeito não é concebido como centro do discurso, ao contrário dos pensadores da linha anglo-saxã. Um dos elementos que auxiliam na construção da não subjetividade do sujeito (característica do viés do círculo de Bakhtin), segundo Authier-Revuz (2004), é a descoberta do inconsciente de Freud. O conceito de sujeito sofre uma grande alteração, pois o seu *status* de homogeneidade passa a ser colocado em xeque, diante da noção de sujeito dividido e clivado entre o consciente e o inconsciente de Freud (1998). De acordo com o Psicanalista, o inconsciente pode se manifestar por meio de atos falhos, de sonhos, da fala do corpo, de palavras, metáforas, alusões, intertextualidades, interdiscursividades, humor, ironia, entre outros, e escapam da vontade consciente do sujeito. Na visão de Jacques Lacan (1998, p. 136), “o inconsciente é o capítulo de minha história que é marcado por um vazio ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado”. Ainda segundo Freud, o

inconsciente é a verdadeira realidade psíquica, pois para o autor "tudo o que é consciente tem um estágio preliminar inconsciente [...]" (FREUD, 1998, p. 218). Esse inconsciente é, para Freud, o lugar estranho do qual se origina o discurso da família, da religião, de lei, do Outro e do qual o sujeito instaura sua identidade, a partir das relações intersubjetivas.

Embasado em Freud e Saussure, Lacan (2008) afirma que o inconsciente torna-se a instituição primeira do homem e da realidade a qual o indivíduo se situa. Influenciado também por Saussure, Lacan vai mais além e afirma que toda a estrutura da linguagem se descobre no inconsciente (2008), fazendo consequentemente com que o discurso não se reduza ao dizer explícito, pois este exercício consciente de manifestação discursiva é atravessado pelo seu avesso: o inconsciente. Por meio desse raciocínio, Lacan não assume o pressuposto básico do estruturalismo, que trata da completude do sistema, "já que o sujeito – pura descontinuidade na cadeia significante – descompleta o conjunto dos significantes" (MUSSALIM, 2000, p. 109). Outro aspecto que mostra o desvio de Lacan ao estruturalismo é o rompimento da simetria entre os interlocutores, proposta por Jakobson, na medida em que este último não considera a supremacia de nenhum deles sobre o outro. Lacan rompe essa simetria, afirmando que o Outro ocupa uma posição de domínio sobre o sujeito, sendo uma ordem anterior e exterior a ele, em relação à qual o sujeito ganha identidade.

Neste cenário, o eu torna-se descentralizado e não é senhor da sua vontade (embora ele sustente essa ilusão), visto que o outro, o inconsciente, passa a constituir a sua identidade, por meio das formações ideológicas (FI) e formações discursivas (FD) do sujeito. De acordo com Mussalim (2000, p. 137), "a própria opção do que dizer já é em si determinada pelo lugar que ocupa no interior da formação ideológica à qual está submetido [...]". Dessa forma, a ideia de centro, para Freud, limita-se ao terreno da ilusão e do fantasmagórico, mas a instância do Eu necessita, segundo o criador da Psicanálise, dessa ilusão, pois existe a ideia de que ser controlado pelo outro é inadmissível. Autores como Benveniste, que reduzem a enunciação ao mero exercício individual da subjetividade, colocam o sujeito no centro e o exercício da enunciação como meramente subjetivo, apagando assim a divisão entre o consciente e o inconsciente. Segundo Authier-Revuz (1990, p. 33), o papel indispensável do Eu para o sujeito dividido, "é aquele duma instância que, no imaginário, se ocupa de reconstruir a imagem de um sujeito autônomo, anulando, no desconhecimento, o descentramento real".

Indo na contramão da imagem de um sujeito pleno que, segundo Authier-Revuz (2004), trata-se da ideia errônea de uma palavra homogênea e exterior a linguagem, a autora defende a noção de heterogeneidade enunciativa, pois, segunda a mesma, a fala é heterogênea pelo fato de abarcar ideias do discurso consciente permeadas pelo discurso do inconsciente. O sujeito deixa de ser o centro da interlocução, segundo Barros (1999, p. 3), e "passa a estar não mais no eu e nem no tu, mas no espaço criado entre ambos, ou seja, no texto". Descentrado e apenas coadjuvante de uma estrutura complexa, o sujeito cinde-se, divide-se, torna-se um efeito de linguagem, e sua divisão encaminha a investigação para uma teoria dialógica da enunciação, como defende o círculo de Bakhtin. Influenciada neste contexto pelo princípio dialógico do círculo bakhtiniano, Authier-Revuz (2004, p. 26) afirma que "o sentido de um texto não está, pois, jamais pronto, uma vez que ele se produz nas situações dialógicas ilimitadas que constituem suas leituras possíveis: pensa-se, evidentemente, na leitura plural".

Sendo assim, o sujeito dividido e clivado ao qual se refere Lacan (1998) é sempre motivado por alguns elementos inconscientes provenientes de suas formações discursivas (FD) e ideológicas, incluindo as políticas editoriais pertencentes à organização que o jornalista integra, podendo ser materializadas durante o texto ou não (caso fique restrita na heterogeneidade constitutiva). Ou seja, mesmo não aparecendo no fio discursivo, a heterogeneidade constitutiva também é constituída por meio da presença do Outro, ocorrendo quando o discurso é colocado em relação de alteridade e se constitui na e pela presença do Outro. Em contrapartida, a heterogeneidade mostrada revela a presença de outros discursos ou de outras vozes indicadas na superfície do texto. Refere-se, portanto, à presença do Outro no discurso, podendo ser localizada por meio da análise.

Resumindo: a heterogeneidade enunciativa de natureza constitutiva é proveniente da psicanálise e traz a perspectiva de que sob as palavras do discurso, outras palavras além daquelas também são ditas, tendo inevitavelmente a presença da polifonia discursiva; a heterogeneidade enunciativa de natureza mostrada, por sua vez, seguindo o viés dialógico de Bakhtin, tem na interação com o outro a lei constitutiva de todo e qualquer discurso. No caso dos textos jornalísticos, somente a heterogeneidade mostrada (especialmente a marcada) com seu caráter polifônico, é explicitada e visualizada no enunciado. De todo modo, mesmo não estando explícita, a heterogeneidade constitutiva se faz obrigatoriamente presente na identidade do jornalista, sendo também sempre polifônica.

Neste contexto, ao tratar de temas de alta complexidade, as formações discursivas e ideológicas, especialmente da empresa a qual o profissional presta serviço, aparecem por meio de marcas provenientes de heterogeneidade enunciativa mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1990; 2004). Tais marcas são identificadas neste trabalho com o auxílio da aplicação de critérios de noticiabilidade e dos atributos selecionados, que são elucidados no fio discursivo. Quando determinado tema estigmatizado está na agenda midiática (como foi o caso do desafio "Baleia Azul" e da campanha "Setembro Amarelo"), tais atributos podem ir se modificando ao longo do período por diversos motivos, desde o princípio do agendamento da temática, até sua posterior deterioração, como afirma McCombs (2009). Por esses motivos, o próximo tópico será dedicado à explicação de algumas formas de heterogeneidade mostrada no discurso, formas essas que se articulam sobre a realidade constitutiva e são apresentadas nos enunciados jornalísticos.

3.3 – As heterogeneidades mostradas e o estigma no enunciado jornalístico

Ao criar a ideia de microfísica do poder, Foucault afirma que o poder não é "unitário global, mas se constitui de formas díspares, heterogêneas, em constante transformação" (FOUCAULT *apud* GREGOLIN, 2006, p. 43). Logo, "os micropoderes são formas de exercício do poder diferentes do Estado, a ele articulados de maneiras variadas e que são indispensáveis à sua sustentação e atuação eficaz" (GREGOLIN, 2006, p. 43). Essa heterogeneidade do poder está relacionada ao aspecto discursivo. De acordo com Brandão (2012, p. 36), "ao falar ou escrever o sujeito faz uma espécie de negociação com o outro: ele delimita, localiza no próprio discurso que produz, o espaço desse outro para indicar o território que é dele próprio".

Essas noções são o princípio para o entendimento de heterogeneidade enunciativa, na qual o Eu manifesta seu discurso em uma constante negociação com o Outro, por meio da ideia de dialogismo e caracterizada por um sujeito dividido e heterogêneo. A ideia de heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz (2004), influenciada pelos estudos do círculo de Bakhtin e pelos Analistas do Discurso da linha francesa, é dividida em duas formas: a constitutiva e a mostrada.

De acordo com a autora, a heterogeneidade constitutiva não se materializa no discurso, sendo assim, o interlocutor não tem consciência (resultado do sujeito dividido) deste tipo de heterogeneidade e é constituída por meio da presença de outros discursos, sendo produto de interdiscursos no meio social. Ou seja, ela ocorre quando o discurso é colocado em relação de alteridade, quando ele se constitui na e pela presença do Outro,

visto que, como afirma Authier-Revuz (1990, p. 29), “constitutivamente, no sujeito e no seu discurso está o Outro”. A criação dessa heterogeneidade mostra a influência do círculo de Bakhtin para a teórica, segundo as palavras da própria autora:

> O outro do dialogismo de Bakhtin não é nem o objeto exterior do discurso (falar do discurso do outro), nem o duplo, não menos exterior do locutor: ele é a condição do discurso, e é uma fronteira interior, que marca no discurso a relação constitutiva com o outro (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 46).

O outro tipo de heterogeneidade, a mostrada, está em constante negociação com a heterogeneidade constitutiva, visto que a heterogeneidade mostrada revela a presença de outros discursos ou de outras vozes indicadas na superfície do texto. Isso não significa que a heterogeneidade mostrada seja um espelho da constitutiva e nem independente, em virtude dessa inevitável e necessária negociação entre as duas. Essa negociação ocorre, segundo Authier-Revuz (2004), pois o sujeito faz uso de uma espécie de contestação, para tentar delimitar a presença dos outros discursos em sua constituição.

> Preso na “impenetrável” estranheza de sua própria palavra, o locutor, quando marca explicitamente por formas de distância – pontos de heterogeneidade em seu discurso -, delimita e circunscreve o outro, e, fazendo isso, afirma que o outro não está em toda parte. AUTHIER-REVUZ (2004, p. 73).

Neste caso, o sujeito que enuncia, ao lançar mão das marcas explícitas de heterogeneidade, se vê ameaçado pelo domínio de sua fala por meio de um Outro. “Através dessas marcas, designando o outro localizadamente, o sujeito empenha-se em fortalecer o estatuto do um” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 73). É dessa forma que a heterogeneidade mostrada pode ser considerada como um modo de denegação da heterogeneidade constitutiva. Ou seja, em virtude de uma espécie de compromisso, a fim de dar lugar ao heterogêneo e demonstrar o reconhecimento do Outro, o sujeito demarca este Outro para, assim, negar a onipresença de outros discursos que o atravessam. Segundo Authier-Revuz (1990, p. 33), a manifestação da realidade dessa onipresença ocorre precisamente nos lugares que tentam encobri-la, sendo nada mais que “uma proteção necessária para que um discurso possa ser mantido”.

Entretanto, esta é uma ação sempre ilusória por parte de quem enuncia característica do sujeito dividido e clivado, do qual Lacan faz menção (em virtude da oposição ao reconhecimento de um elemento oprimido, segundo Freud). Não passa de

uma tentativa do Eu em harmonizar as diferentes vozes que atravessam o seu discurso, numa busca por uma inexistente unicidade. Para Authier-Revuz (2004, p. 70), são apenas "elementos de representação – fantasmática – que o locutor (se) dá de sua enunciação". Esse aspecto é reafirmado no próprio discurso jornalístico, pois os conteúdos produzidos pelos profissionais provêm de formações discursivas (FD) e ideológicas (FI) que o constituem, no qual o indivíduo recebe influências do seu ambiente cultural e social. Além disso, segundo David Kenneth Berlo (1999, p. 39) no processo de produção da mensagem jornalística, inevitavelmente "alguma decisão é tomada pelo corpo editorial e expedidas ordens da redação para que se produza ou não determinada mensagem no jornal", especialmente em um tema estigmatizado e de alta complexidade, como é o suicídio.

De todo modo, as heterogeneidades enunciativas mostradas marcadas ou não marcadas apresentam estilos distintos no qual o jornalista pode optar ao construir seu enunciado e encontrar o melhor procedimento para trata-lo. De acordo com Berlo (1999), ao optar por determinado tratamento, o jornalista escolhe o código (s) e a sequência que a mensagem será apresentada. Para o autor, "é o tratamento que irá personificar a mensagem". De acordo com Authier-Revuz (1990, p. 30), uma dupla designação é operada pelas formas de heterogeneidade mostrada: "a de um lugar para um fragmento de estatuto diferente na linearidade da cadeia e a de uma alteridade a que o fragmento remete". Além disso, a heterogeneidade mostrada é subdividida em: mostrada marcada e mostrada não marcada. A mostrada marcada pode ser dividida em dois tipos:

1 - as que apresentam rupturas sintáticas e que marcam a procedência da fala, por meio de índices formais como as que aparecem no discurso direto (verbo de dizer + dois pontos), no discurso indireto (os conectivos que ou se + mudança nos tempos verbais e formas pronominais), nas expressões que indicam de onde procede a voz (como: segundo, conforme, do ponto de vista de, etc.). A esse primeiro tipo de heterogeneidade mostrada marcada, Authier-Revuz (2004) denomina por "autonímia simples", na qual a heterogeneidade constitui um fragmento mencionado entre os elementos linguísticos do discurso, havendo ruptura sintática, caso de dupla enunciação.

2 – as que não apresentam ruptura sintática, nem expressões que marcam a procedência da fala e que são sinalizadas de forma mais sutil, com algum sinal que denuncie a presença do Outro, como marcas gráficas, tais como o parêntese, as aspas, o itálico, negrito, sublinhado, etc. O emprego de um registro familiar num discurso

formal, o uso de gírias, jargões técnicos em discursos em que essas expressões entram como corpo estranho, as diferentes formas de metalinguagem, de ajuste da palavra ao contexto (isto é, no melhor sentido, no sentido X), etc. A essa segunda categoria, Authier-Revuz (2004) denomina por "conotação autonímica", na qual, o fragmento designado como Outro é integrado ao fio do discurso sem ruptura sintática: "de estatuto complexo, o elemento mencionado é inscrito na continuidade sintática do discurso ao mesmo tempo que remete a um exterior" (CARDOSO, 2005, p. 75). Ou seja, nessas situações, a expressão com aspas ou itálico, por exemplo, é ao mesmo tempo usada e mencionada.

Na categoria de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada, o atributo "Coberturas Factuais" é o que prevalece nos conteúdos produzidos pelos portais noticiosos *Campo Grande News* e *Midiamax*, como pôde ser visto nas tabelas 9, 10, 11 e 12, inseridas no Capítulo 2 deste trabalho. As matérias desse atributo normalmente pertencem ao formato notícia e seguem um padrão linear de tratamento da informação que costumeiramente utiliza a técnica da pirâmide invertida (FRANCO, 2008), tendo no *lead* as seis perguntas básicas a serem respondidas no fato: o quê, quem, quando, onde, como e por que. Parte expressiva das matérias pertencentes aos atributos "Conteúdos com foco estatístico" também apresentam essa técnica nessa dissertação.

Nas "Coberturas Factuais", especialmente as do formato notícia e de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada, o outro deve ter obrigatoriamente sua marca presente no fio discursivo, seja por meio de autonímia simples, na qual há ruptura sintática (citações diretas ou indiretas), seja por meio de conotação autonímica, na qual não há ruptura sintática (frases ou expressões acompanhadas de aspas, itálico, negrito, sublinhado, ou algum recurso similar).

Por sua vez, a heterogeneidade mostrada não marcada, é caracterizada, segundo Authier-Revuz (1990), por situações como discurso indireto livre, ironia, metáforas, jogos de palavras, antítese, alusão, imitação, reminiscência, estereótipo, cuja estrutura enunciativa pode ser religada à da conotação autonímica. A heterogeneidade mostrada não marcada caracteriza um tipo de negociação diferente com a constitutiva, em relação a mostrada marcada. Isso ocorre devido a incerteza que caracteriza a referência do Outro. Trata-se de uma fronteira mais tênue com a heterogeneidade constitutiva, "uma forma mais arriscada, porque joga com a diluição, com a dissolução do outro no um, onde este, precisamente aqui, pode ser enfaticamente confirmado, mas também onde pode se perder" (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 34). Por isso, na heterogeneidade

mostrada não marcada, é necessário compreender adequadamente os diferentes contextos ao qual o enunciador remete. O fato da fronteira se tornar mais diluída, torna a identidade dos discursos ameaçada, podendo gerar incompreensões ou construções de sentidos errôneos. Nessa subcategoria, o Outro não é explicitado por marcas unívocas na frase e, em determinadas situações, o sujeito que enuncia o torna mais vivo. Nesses casos, o sujeito consequentemente se resguarda menos diante do discurso do seu diferente.

Devido à incerteza em relação à referência do Outro, a classificação de atributos que está presente com mais frequência na heterogeneidade enunciativa não marcada neste trabalho é "Matérias com familiares, amigos ou especialistas" e pertencentes ao formato reportagem. Segundo Marques de Melo (1985, p. 65) isso ocorre porque a reportagem "é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística". Então, a reportagem permite um aprofundamento, em comparação as matérias do formato notícia (que são normalmente pertencentes aos atributos "Coberturas Factuais" neste trabalho). Na prática jornalística, Travancas (1993) distingue notícia e reportagem por matéria quente para a notícia e matéria fria (atualidade permanente) para a reportagem. Por esse motivo, o jornalista não necessita seguir o padrão linear da pirâmide-invertida para iniciar suas reportagens, podendo, por exemplo, optar por uma narrativa não linear, nos moldes de textos literários.

Porém, ao utilizar a heterogeneidade enunciativa mostrada não marcada, o jornalista deve pensar na capacidade de compreensão do conteúdo que está produzindo em relação ao nicho em que está direcionando sua informação, visto que este tipo de heterogeneidade apresenta uma linha tênue com a heterogeneidade enunciativa constitutiva. Sendo assim, caso o receptor não compreenda a formação discursiva (FD) que não está marcada no texto, a informação pode se tornar incongruente (BERLO, 1999) e ser para o destinatário dissonante do significado que o enunciador pretendeu atingir. Nesse contexto, Berlo defende a ideia que o nível de conhecimento da fonte afetará a mensagem, pois se o grau de conhecimento for baixo, a efetividade do material terá grande possibilidade de não alcançar êxito. Da mesma forma, caso a mensagem apresente um nível de difícil compreensão, talvez o receptor não esteja devidamente preparado para consumir esse conteúdo, pois certamente ruídos serão ocasionados.

Resumindo: na heterogeneidade marcada mostrada, o locutor delimita o discurso do outro, explicitamente, buscando uma unicidade que, na realidade, é ilusória. Ao

romper a função sintática, por meio de determinadas marcas, seu discurso faz, de forma inconsciente, uso do artifício da denegação, para transparecer que o Eu é proprietário exclusivo do enunciado. Em relação às formas não marcadas de heterogeneidade mostrada (o discurso indireto livre, a ironia, as metáforas), representam a incerteza que caracteriza a descoberta do outro – trata-se de uma outra forma de negociação (mais melindrosa) com a heterogeneidade constitutiva: a dissolução do outro um. Por meio dessas caracterizações, é possível visualizar as formações discursivas (FD) interagindo entre si, de maneira marcada ou opacificada (AUTHIER-REVUZ, 2004), como, por exemplo, elaborar hipóteses para tentar identificar a heterogeneidade constitutiva que não está marcada na superfície do discurso.

No âmbito do jornalismo, a decifração dessas marcas auxilia na identificação dos atributos utilizados durante o período de agendamento e dos critérios de noticiabilidade utilizados pelo enunciador. Resta saber, com o auxílio desses elementos e por meio das análises que estão expostos a seguir, qual o tipo de tratamento que os portais noticiosos *Campo Grande News* e *Midiamax*, concedem a temas estigmatizados, especialmente em relação ao estigma que envolve o assunto suicídio. As análises referem-se ao agendamento do desafio "Baleia Azul", ocorrido no primeiro semestre de 2017 e as campanhas do mês institucional "Setembro Amarelo" (entre os anos de 2014 e 2018), aplicadas aos enunciados de publicações noticiosas desses portais.

3.3.1 – A heterogeneidade na campanha "Setembro Amarelo" do *CG News*

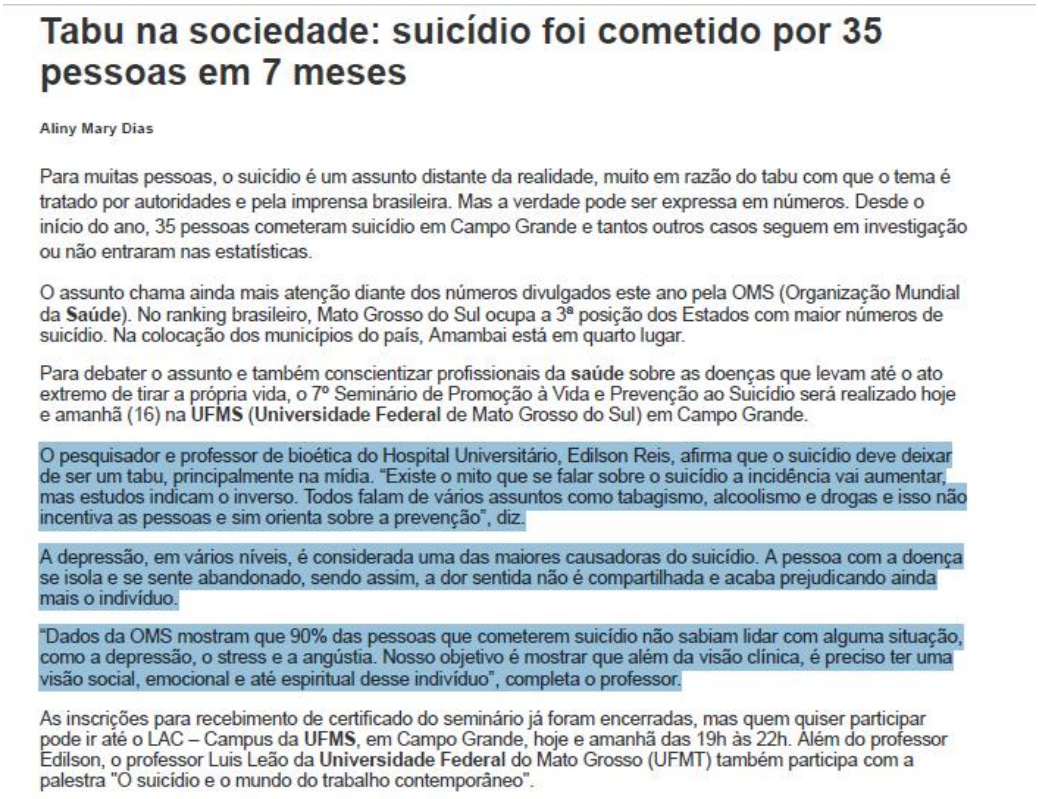
O *corpus* selecionado para análise neste trabalho é apresentado de forma cronológica, tendo como ponto de partida a campanha "Setembro Amarelo" que se iniciou no Brasil em 2014. Naquele ano, duas notícias do portal *Campo Grande News* foram analisadas. A primeira delas, publicada no dia 16 de setembro de 2014, denominada "Tabu na sociedade: suicídio foi cometido por 35 pessoas em 7 meses". Presente na editoria Capital, o título da matéria apresenta um narrador preocupado com o estigma, o que expressa por meio do enunciado: "Tabu na sociedade: suicídio foi cometido por 35 pessoas em 7 meses": O título se mostra como heterogeneidade enunciativa mostrada marcada, de autonímia simples, na qual o narrador profere um discurso indireto, de uma fonte de informação até então desconhecida, mas que será revelada no decorrer do texto. No *lead* da notícia, o narrador segue expondo sua formação discursiva (FD) na posição de contraposição ao tema, fazendo novamente o

uso de heterogeneidade mostrada marcada, por meio de um discurso indireto de autonímia simples, ao afirmar o seguinte:

> Para muitas pessoas, o suicídio é um assunto distante da realidade, muito em razão do tabu com que o tema é tratado por autoridades e pela imprensa brasileira. Mas a verdade pode ser expressa em números. Desde o início do ano, 35 pessoas cometeram suicídio em Campo Grande e tantos outros casos seguem em investigação ou não entraram nas estatísticas (DIAS, 2014).

Quando enuncia as frases "Mas a verdade pode ser expressa em números" e "[...] 35 pessoas cometeram suicídio em Campo Grande e tantos outros casos seguem em investigação ou não", o jornalista reforça sua posição contrária ao estigma que envolve o tema. No parágrafo seguinte, segue usando o mesmo tipo de heterogeneidade e o advérbio "mais" é destacado na frase: "O assunto chama ainda mais atenção diante dos números divulgados pela OMS". Como havia sido no título, o advérbio "mais" chama a atenção do leitor novamente para a gravidade do problema.

Figura 3 – Trecho de notícia de 16 de setembro de 2014 do *CG News*: "Tabu na sociedade: suicídio foi cometido por 35 pessoas em 7 meses"



Tabu na sociedade: suicídio foi cometido por 35 pessoas em 7 meses

Aliny Mary Dias

Para muitas pessoas, o suicídio é um assunto distante da realidade, muito em razão do tabu com que o tema é tratado por autoridades e pela imprensa brasileira. Mas a verdade pode ser expressa em números. Desde o início do ano, 35 pessoas cometeram suicídio em Campo Grande e tantos outros casos seguem em investigação ou não entraram nas estatísticas.

O assunto chama ainda mais atenção diante dos números divulgados este ano pela OMS (Organização Mundial da **Saúde**). No ranking brasileiro, Mato Grosso do Sul ocupa a 3ª posição dos Estados com maior números de suicídio. Na colocação dos municípios do país, Amambai está em quarto lugar.

Para debater o assunto e também conscientizar profissionais da **saúde** sobre as doenças que levam até o ato extremo de tirar a própria vida, o 7º Seminário de Promoção à Vida e Prevenção ao Suicídio será realizado hoje e amanhã (16) na **UFMS** (**Universidade Federal** de Mato Grosso do Sul) em Campo Grande.

O pesquisador e professor de bioética do Hospital Universitário, Edilson Reis, afirma que o suicídio deve deixar de ser um tabu, principalmente na mídia. "Existe o mito que se falar sobre o suicídio a incidência vai aumentar, mas estudos indicam o inverso. Todos falam de vários assuntos como tabagismo, alcoolismo e drogas e isso não incentiva as pessoas e sim orienta sobre a prevenção", diz.

A depressão, em vários níveis, é considerada uma das maiores causadoras do suicídio. A pessoa com a doença se isola e se sente abandonado, sendo assim, a dor sentida não é compartilhada e acaba prejudicando ainda mais o indivíduo.

"Dados da OMS mostram que 90% das pessoas que cometerem suicídio não sabiam lidar com alguma situação, como a depressão, o stress e a angústia. Nosso objetivo é mostrar que além da visão clínica, é preciso ter uma visão social, emocional e até espiritual desse indivíduo", completa o professor.

As inscrições para recebimento de certificado do seminário já foram encerradas, mas quem quiser participar pode ir até o LAC – Campus da **UFMS**, em Campo Grande, hoje e amanhã das 19h às 22h. Além do professor Edilson, o professor Luis Leão da **Universidade Federal** do Mato Grosso (UFMT) também participa com a palestra "O suicídio e o mundo do trabalho contemporâneo".

Entre os parágrafos 4º, 5º e 6º ocorre a alternância entre heterogeneidade enunciativa mostrada marcada e não-marcada em três parágrafos seguidos, como pode ser observado na Figura 3. No 4º parágrafo, o autor da publicação introduz a fala do pesquisador e professor de bioética do Hospital Universitário, Edilson dos Reis, acerca da avaliação dele em torno do fenômeno suicídio. O discurso direto, introduzido pelas aspas, representa primeiramente uma expressão de polifonia no texto, na qual a fala de outro locutor é inserida, caracterizando heterogeneidade enunciativa mostrada marcada de autonímia simples, em virtude da ruptura sintática existente. Na fala, o locutor inserido ressalta a importância de se falar sobre o assunto.

Por sua vez, no 5º parágrafo, a heterogeneidade enunciativa mostrada não marcada está presente, pois o enunciador insere um juízo de valor se contrapondo ao estigma mais uma vez, ancorada perceptivelmente na fala de seu entrevistado em torno da temática suicídio. O jornalista afirma que o estigma que envolve os depressivos, pode acarretar no autoextermínio. “A depressão, em vários níveis, é considerada uma das maiores causadoras do suicídio. A pessoa com a doença se isola e se sente abandonada, sendo assim, a dor sentida não é compartilhada e acaba prejudicando ainda mais o indivíduo” (DIAS, 2014). O 6º parágrafo, porém, se inicia com um discurso direto e como ruptura sintática do parágrafo 5º, iniciando-se por meio do recurso das aspas, apresenta uma heterogeneidade enunciativa mostrada marcada, reforçando a opinião da locutora exposta no parágrafo anterior.

A polifonia nesse conteúdo é manifestada por meio da inserção como discurso direto do professor Edilson dos Reis e também pela apresentação dos dados da OMS e do *ranking brasileiro*. Sendo enquadrada no atributo “Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas”, a notícia procura desmistificar o tabu nos momentos em que o enunciador insere sua própria opinião e, em seguida, por meio da fala do especialista. Mesmo tendo o intuito de combate ao estigma, a presença dos critérios de noticiabilidade referentes a negatividade, morte e proximidade, acabam tendo destaque; o de negatividade, em virtude da expressiva quantidade de pessoas que estão cometendo autoextermínio; e o de proximidade, ao tratar dos números elevados de suicídios em Campo Grande e em Mato Grosso do Sul e da inclusão da notícia na editoria “Capital”.

Outro conteúdo publicado pelo portal *Campo Grande News*, repercutiu durante o primeiro ano da campanha “Setembro Amarelo” no Brasil, em 2014, mesmo não apresentando relação direta com o evento institucional. Trata-se da notícia “Resgate de

mulher de torre no Morenão exigiu operação de alto risco", divulgada em 25 de setembro de 2014, a mesma data da ocorrência do fato, como pode ser vista na Figura 4.

Os parágrafos 1º, 3º e 4º da notícia, além do título da matéria e da legenda da foto, deixam transparecer uma exaltação ao trabalho do Corpo de Bombeiros e ao risco que esses profissionais foram submetidos, colocando em segundo plano as problemáticas em torno da tentativa de suicídio em questão durante um fato ocorrido no mês destinado a reflexão em torno da prevenção ao autoextermínio. Nesses casos, os redatores utilizaram nos parágrafos 3º e 4º do recurso de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada, sendo que no 3º parágrafo, ocorre um discurso indireto, enquanto que no 4º, está presente o discurso direto (ambos marcados por autonímia simples).

No 3º parágrafo, a citação indireta utilizada diz: "Segundo o capitão Silvio Romero, do Corpo de Bombeiros, a mulher contou que toma medicamentos controlados, mas estava sem os remédios. Ela também admitiu ser usuária de drogas" (BITENCOURT; DIÓGENES, 2014). Nesse caso, o enunciador deixa transparecer uma atribuição de culpa total à vítima. Já no 4º parágrafo, os jornalistas autores da matéria procuram sensibilizar os leitores para a ação praticada pelos militares, a partir do seguinte enunciado: "Ele explicou que os militares foram expostos a uma situação de alto risco: "Não poderia ocorrer nenhum erro"".

Figura 4 – Trecho de notícia de 25 de setembro de 2014 do *CG News*: "Resgate de mulher na torre do Morenão exigiu operação de alto risco"

Mulher ameaçou se jogar e foi salva pelo Corpo de Bombeiros (Foto: Marcelo Victor)

O Corpo de Bombeiros classificou com uma operação de alto risco o resgate de uma mulher que escalou a torre de iluminação do Estádio Pedro Pedrossian, o Morenão, para tentar os suicídio. Eles utilizaram a técnica do rapel para retirá-la da altura de aproximadamente 40 metros.

Por volta das 14h de hoje, a mulher, que tem idade de 28 a 30 anos, escalou a torre do Morenão, no campus da **UFMS** (**Universidade Federal** de Mato Grosso do Sul), e tentou se jogar. Nove bombeiros e seguranças da instituição foram mobilizados para evitar o suicídio.

Segundo o capitão Silvio Romero, do Corpo de Bombeiros, a mulher contou que toma medicamentos controlados, mas estava sem os remédios. Ela também admitiu ser usuária de drogas.

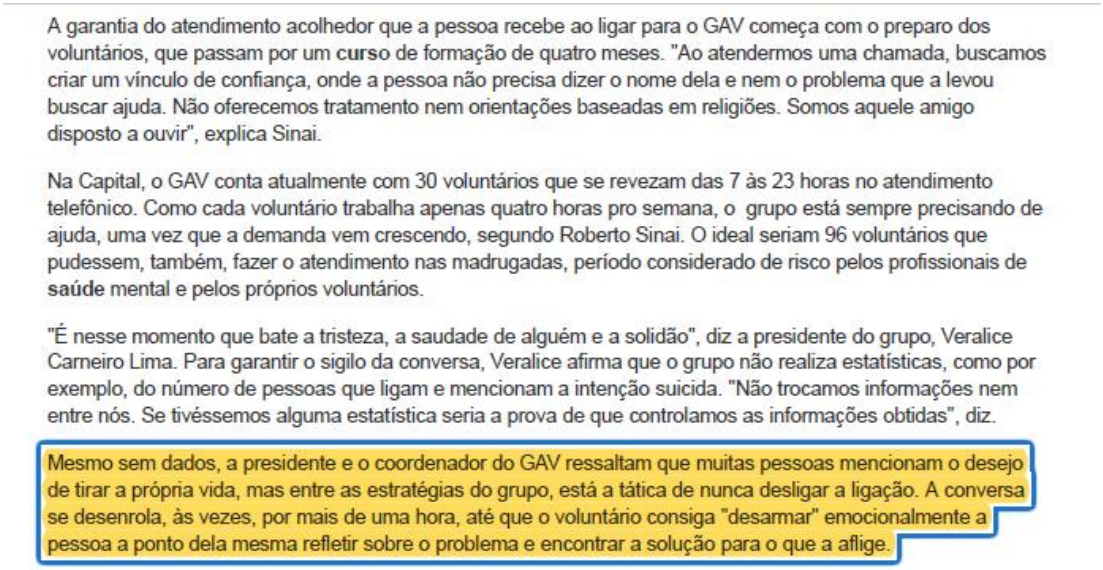
Ele explicou que os militares foram expostos a uma situação de alto risco. "Não poderia ocorrer nenhum erro", comentou.

Percebe-se, portanto, uma reprodução do estigma, visto que a figura da pessoa que tentou o suicídio passa a ser estigmatizada ao mostrar que o ato praticado por ela colocou em risco a integridade física dos bombeiros, deslocando o seu *status* de desacreditável para desacreditada, além de estabelecer uma identidade social virtual à vítima, quando é mostrado, por meio de um discurso indireto, que se tratava de uma usuária de drogas que tentou o ato. Além disso, embora a vítima não seja identificada pelo nome, é exposta a sua foto com os braços abertos em cima da torre, infringindo o Artigo 7º, item IV do *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros* que condena a exposição de "pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais" (FENAJ, 2007). Tal notícia apresenta a classificação de "Cobertura Factual", caracterizando uma cobertura de um evento e não faz menção a campanha "Setembro Amarelo". A matéria apresenta características efêmeras de noticiabilidade, tais como brevidade, atualidade e

simplificação, além do fator de negatividade que acompanha o estigma e da proximidade, visto que o conteúdo é enquadrado na editoria Capital.

No ano de 2015, uma notícia do *Campo Grande News* foi selecionada para o *corpus* deste trabalho. Trata-se da matéria "O mês para quebrar tabu e alertar que 90% dos suicídios podem ser evitados", publicada no dia 07 de setembro de 2015. O conteúdo da notícia destaca a importância da campanha "Setembro Amarelo" e comenta o trabalho desenvolvido pelo *Grupo de Amor a Vida (GAV)* que tem como objetivo prestar serviço voluntário e gratuito de apoio emocional por telefone, de forma anônima. Destaque-se, neste caso, a expressão "desarmar", no parágrafo grifado, na qual, mesmo estando entre aspas, não apresenta ruptura sintática ao enunciado, caracterizando uma conotação autonímica de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada.

Figura 5 – Trecho de notícia de 07 de setembro de 2015 do *CG News*: "O mês para quebrar tabu e alertar que 90% dos suicídios podem ser evitados"



A garantia do atendimento acolhedor que a pessoa recebe ao ligar para o GAV começa com o preparo dos voluntários, que passam por um **curso** de formação de quatro meses. "Ao atendermos uma chamada, buscamos criar um vínculo de confiança, onde a pessoa não precisa dizer o nome dela e nem o problema que a levou buscar ajuda. Não oferecemos tratamento nem orientações baseadas em religiões. Somos aquele amigo disposto a ouvir", explica Sinai.

Na Capital, o GAV conta atualmente com 30 voluntários que se revezam das 7 às 23 horas no atendimento telefônico. Como cada voluntário trabalha apenas quatro horas pro semana, o grupo está sempre precisando de ajuda, uma vez que a demanda vem crescendo, segundo Roberto Sinai. O ideal seriam 96 voluntários que pudessem, também, fazer o atendimento nas madrugadas, período considerado de risco pelos profissionais de **saúde** mental e pelos próprios voluntários.

"É nesse momento que bate a tristeza, a saudade de alguém e a solidão", diz a presidente do grupo, Veralice Carneiro Lima. Para garantir o sigilo da conversa, Veralice afirma que o grupo não realiza estatísticas, como por exemplo, do número de pessoas que ligam e mencionam a intenção suicida. "Não trocamos informações nem entre nós. Se tivéssemos alguma estatística seria a prova de que controlamos as informações obtidas", diz.

Mesmo sem dados, a presidente e o coordenador do GAV ressaltam que muitas pessoas mencionam o desejo de tirar a própria vida, mas entre as estratégias do grupo, está a tática de nunca desligar a ligação. A conversa se desenrola, às vezes, por mais de uma hora, até que o voluntário consiga "desarmar" emocionalmente a pessoa a ponto dela mesma refletir sobre o problema e encontrar a solução para o que a aflige.

Observa-se, ainda que, ao utilizar a expressão "desarmar" (conotação autonímica), o autor da matéria faz uma metáfora, relacionando ao fato de que em tentativas de suicídio, não são raras as ocorrências em que o sujeito pode estar em posse de uma arma de fogo ou de uma arma branca. Porém, nesse caso, o desarmar está relacionado ao abandono da ideia de suicídio por parte do sujeito e não no sentido de retirar a arma da pessoa que está prestes a praticar o ato. Esse "desarmar" seria, nesse contexto, executado pelos voluntários do GAV por telefone.

Essa notícia, de todo modo, permeia os critérios de noticiabilidade de negatividade, em virtude do enunciador tratar do cuidado com as pessoas que pensam em praticar o autoextermínio; de morte, pelo risco em concretizá-la; de caráter exaustivo e de amplificação, pois a matéria apresenta a opinião de mais de um especialista (por meio de citação direta e indireta, estabelecendo a polifonia), além de dados e retomadas de notícias anteriores relacionadas ao ato; e, por fim de proximidade, por tratar de um serviço oferecido localmente, além de retomar casos ocorridos em Campo Grande (embora fique enquadrada genericamente na editoria Cidades). Pelos elementos presentes no fio discursivo, nessa situação a matéria não visa à reprodução do estigma e sim seu combate, sendo caracterizada com o atributo de "Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas", visto que são expressas no texto opiniões de especialistas a respeito da preocupação em relação ao fenômeno suicídio e ao estigma que envolve este tipo de ação.

Em 2016, a matéria analisada é "Um adeus no *Facebook* e o coração de Eduardo parou, para o desespero dos amigos", publicada no dia 14 de setembro de 2016[14] pela editoria de reportagens especiais Lado B, do *Campo Grande News*. Em seis citações diretas presentes no texto, (caracterizadas nas figuras 6, 7 e 8, com grifos) por depoimentos a entes queridos da vítima, existem alguns elementos em comum: todas estão como heterogeneidade enunciativa mostrada marcada, de autonímia simples e revela-se a incredulidade dos entrevistados em relação ao suicídio de Eduardo.

[14] A campanha "Setembro Amarelo", embora tenha sido realizada no Brasil desde 2014, foi classificada oficialmente no calendário de Mato Grosso do Sul como institucional somente em dezembro de 2015, sendo o "Setembro Amarelo" de 2016, o primeiro de caráter oficial no estado.

Figura 6 – Trecho de matéria de 14 de setembro de 2016 do *CG News*: "Um adeus no *Facebook* e o coração de Eduardo parou, para o desespero dos amigos"

A morte desta vez ocorreu cinco ruas acima da casa de Lucas dos Santos. Mas a dor não se mede pela proximidade dos passos. Os dois eram amigos desde a época de colégio, em 2010. "O Eduardo veio do interior de São Paulo, com a mãe e uma irmã, e estudaram na **escola** Municipal Frederico Soares, lá criaram um laço de amizade comigo e com meu primo, além de estudarmos juntos todos na mesma série, eles moravam em uma casa na rua de baixo da minha, então a gente se via sempre", conta Lucas, de 18 anos.

Quando ainda não existiam os grupos de **Whatsapp**, Lucas lembra que a comunicação dos dois era por pequenos bilhetes. Na **escola**, o Eduardo ainda menino já demonstrava ser de um alto astral contagiante. "Sempre alegre, sempre rindo, muito companheiro. A minha amizade com ele era tipo daqueles filmes de **cinema**, a gente era muito unido, tínhamos nossos códigos, olhares e gestos", descreve o amigo.

O Eduardo de agora, nas redes sociais, se identificava como "Cristopher Eduardo", curtia baladas, música eletrônica, rock e estudava o 1º ano do Ensino Médio na **Escola** Estadual José Mamede de Aquino, no Jardim Aeroporto. "A gente para e pensa, o que leva um ser humano a se enforcar? Quais eram suas dores? Por que ele não compartilhava?", se pergunta Lucas.

Figura 7 – Trecho de matéria de 14 de setembro de 2016 do *CG News*: "Um adeus no *Facebook* e o coração de Eduardo parou, para o desespero dos amigos"

Eduardo em uma das últimas fotos na balada.

O jovem sempre foi considerado "muito aberto", de falar de tudo, não ter filtro, o que torna a partida dele ainda mais perplexa. "Era um menino que se tivesse problemas desabafava até com um estranho no ponto de ônibus", estranha o amigo.

Entre as mensagens de pesar de amigos, a surpresa chama atenção. Ninguém imaginava o suicídio vindo do garoto sorridente, mas um ponto que serve de alerta nessa luta contra a radical decisão de se matar, muitas vezes uma briga solitária, interna.

Diego Barbosa, de 17 anos, foi outro amigo que se chocou. Os dois se conheceram há cinco anos através de uma amiga em comum, na porta de casa. "Ele vivia dando risada e brincando, mas por dentro, pode ser que estivesse muito arrasado com alguma coisa", arrisca.

Até hoje Diego se recorda do primeiro contato. "Ele chegou, cumprimentou e do jeito extrovertido e brincalhão dele, começou a puxar assunto e daí para frente cresceu uma amizade forte", detalha. Quando a notícia chegou, ele, como vários ficaram sem chão. "Na verdade ninguém nunca pensou que ele ia fazer uma coisa dessas, porque sempre foi uma pessoa brincalhona, que procurava fazer a gente dar risada. Uma pessoa divertida, o melhor amigo que a gente podia ter".

Figura 8 – Trecho de matéria de 14 de setembro de 2016 do *CG News*: "Um adeus no *Facebook* e o coração de Eduardo parou, para o desespero dos amigos"

Em Goiás, Estado onde hoje mora a amiga Nathalia Salomão, de 18 anos, o telefone tocou às 8h da manhã. Do outro lado da linha, um resumo do que ela ainda não consegue acreditar. "Foi desesperador, pois eu estava dormindo e até achei que era uma brincadeira comigo", conta.

Na memória, a jovem tenta resgatar, procurar qualquer cena que revelasse, ainda que nas entrelinhas que isso podia um dia acontecer. "Poucas vezes o vi triste, era uma pessoa muito alegre, animada. Nossa amizade começou através da irmã dele e foi crescendo", conta. O sentimento é o de choque. "Por mais que eu tente, não consigo imaginar motivo para ele ter chegado ao ponto de se suicidar".

Pela conta de Eduardo, a irmã Jéssica Antunes, postou na noite dessa terça-feira, alguns esclarecimentos. O irmão era abertamente homossexual e segundo ela, isso nunca interferiu em suas relações familiares. "Muito pelo contrário, nossa mãe sempre aceitou e apoiou em suas ações e escolhas".

Sobre o que poderia ter motivado o ato, Jéssica, em nome da família, afirma que o irmão sempre conviveu bem em casa e com os amigos e que eles ainda não sabem, ao certo, o que o levou ao suicídio.

Foto postada em junho em frente ao cartaz do filme.

Ao incluir seis citações diretas referentes aos depoimentos de entes queridos, dando exacerbada ênfase à morte de Eduardo como algo inexplicável, leva-se a pensar na incredulidade em relação ao fenômeno também na formação ideológica (FI) do próprio autor da matéria - que trata, assim como os entrevistados, nesse caso - o suicídio como um fenômeno sem explicação. Em uma citação indireta, característica de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada, o jornalista que escreveu a reportagem também externaliza a mesma opinião no 7º parágrafo:

> Entre as mensagens de pesar de amigos, a surpresa chama a atenção. Ninguém imaginava o suicídio vindo do garoto sorridente, mas um ponto que serve de alerta nessa luta contra a radical decisão de se matar, muitas vezes uma briga solitária, interna (MACIULEVICIUS, 2016).

A insistência nesse aspecto, principalmente por meio da frase "Ninguém imaginava" deixa em segundo plano o viés preventivo em torno do estigma suicídio. Cria-se então uma identidade social virtual materializada em relação à vítima, por meio das citações diretas (de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada, de autonímia simples), de um indivíduo de boa índole, alegre e comunicativo, como está na afirmação

por citação direta de um amigo, no 6º parágrafo: "Era um menino que se tivesse problemas desabafava até com um estranho no ponto de ônibus" ou pela citação direta de outro amigo no 4º parágrafo “Sempre alegre, sempre rindo, muito companheiro”. Dessa forma, a crise coletiva (DURKHEIM, 2000) que pode estar relacionada a morte de Eduardo, acaba sendo isentada, além de reproduzir o estigma em torno da pessoa que está propensa a cometer o suicídio, considerando ser incomum sujeitos extrovertidos e de bom humor praticarem esse tipo de ato.

Essa matéria se enquadra na classificação de “Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas”, embora explore somente familiares e amigos e nenhum especialista. A matéria se enquadra dentro dos critérios de noticiabilidade de negatividade (em virtude do suicídio concretizado); morte; caráter exaustivo, devido a quantidade extensa de fontes entrevistadas e texto desenvolvido (sendo essa uma característica do Lado B do *Campo Grande News*[15], segundo um de seus jornalistas); proximidade, por ser um fato ocorrido em Campo Grande; o inesperado, devido a perplexidade de seus entes queridos; e dramatização, visto que além das várias lamentações expostas por outros locutores durante o texto, a carta de despedida de Eduardo, publicada no *Facebook*, também é detalhada na matéria.

A mesma situação de perplexidade é destacada pelos jornalistas em outras duas notícias publicadas no ano de 2017. Trata-se das matérias, “Três casos no dia de alerta confirmam: MS precisa falar de suicídio” (figura 9) e “Com dor de perder esposa e filho de 2 anos, homem alerta para suicídio” (figura 10), divulgadas nos dias 10 de setembro de 2017 e 14 de setembro de 2017, respectivamente.

A matéria com o título: “Três casos no dia de alerta confirmam: MS precisa falar de suicídio”, relata três suicídios ocorridos no mesmo dia, dentro do mês institucional do “Setembro Amarelo” e no Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio, ocorrido em 10 de setembro, significando, por meio do enunciado exposto, algo muito preocupante para o redator.

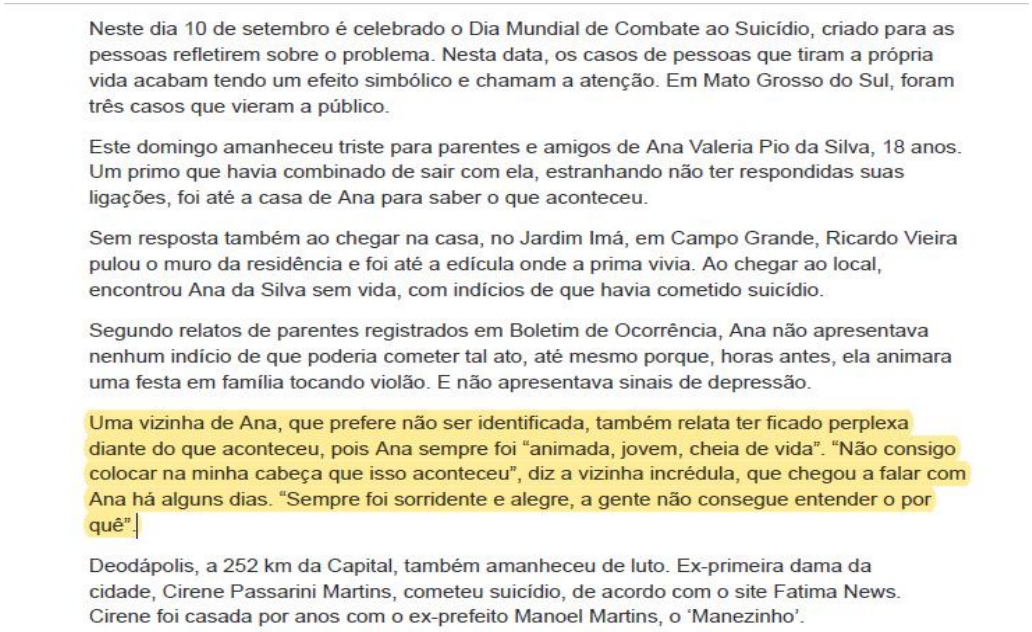
O título da primeira matéria mostra em um primeiro momento um enunciador supostamente preocupado com o estigma e com o problema de saúde pública que

[15] Um dos jornalistas do *Campo Grande News*, afirmou que os repórteres do Lado B geralmente trabalham dois ou três assuntos por dia, para ouvirem um número maior de fontes e produzirem um texto com elaboração diferente. Esse tempo maior, segundo esse profissional, é importante porque quando se tem que escrever muito rápido, o raciocínio tem que ser mais lógico. As matérias dessa editoria tem que ter 5 ou 6 fontes, diferentemente dos conteúdos ditos factuais. O jornalista faz uma analogia para tratar da diferença entre esses dois tipos de texto: “um é o pão da padaria e o outro é a torta da padaria, que demora mais tempo para fazer” (GGN4, 2019).

envolve o suicídio, principalmente no trecho do título que diz: "[...] MS precisa falar de suicídio". Em seguida, no enunciado do *lead*, o narrador alerta que aquela é a data criada para as "pessoas refletirem sobre o problema", confirmando sua preocupação. No entanto, da mesma forma que na matéria anteriormente analisada referente a morte do jovem Eduardo, o jornalista no 4º parágrafo da matéria (como está destacado na figura 9), se coloca perplexo em torno de uma das ocorrências, ao descrever em citação indireta: "[...] Ana não apresentava nenhum indício que poderia cometer tal ato, até mesmo porque, horas antes, ela animara uma festa em família tocando violão. E não apresentava sinais de depressão" (CARLO, FREITAS, 2017). Nesse caso, por estar se tratando de uma informação recebida pelos familiares da vítima em relação a um boletim de ocorrência, trata-se de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada, de autonímia simples.

No 5º parágrafo, agora por meio de uso de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada de autonímia simples, o autor insere a fala também de perplexidade de uma vizinha da vítima em relação ao ato. ""Não consigo colocar na minha cabeça que isso aconteceu", diz a vizinha incrédula, que chegou a falar com Ana há alguns dias"". Esse tipo de inserção na matéria, descrevendo o ato como inexplicável, acaba reproduzindo o estigma, visto que reforça a ideia que a vítima não tinha motivos para se matar, isentando mais uma vez a sociedade em relação a crise coletiva (DURKHEIM, 2000) instalada que pode ter levado a mais uma morte. Embora no decorrer da matéria sejam citados um canal de ajuda e dados expressivos em torno do estigma suicídio, o autor não recorre a nenhum especialista para comentar o fenômeno. Além disso, as vítimas são identificadas pelo nome, rompendo assim com o Artigo 7º e item IV, do *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*, que afirma ser proibida a exposição de "[...] pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação [...]" (FENAJ, 2007). Mesmo tendo a fala de amigos e um dado estatístico, prevalece na matéria a classificação "Cobertura Factual", pois o relato de cada um dos casos é tratado de forma breve, além de se enquadrar nos critérios de noticiabilidade de negatividade; morte; proximidade, por estar incluída na editoria "Cidades" e tratar de casos ocorridos regionalmente; e inesperado, em virtude da perplexidade dos entes queridos.

Figura 9 – Trecho de matéria de 10 de setembro de 2017 do *CG News*: "Três casos no dia de alerta confirmam: MS precisa falar de suicídio"



Neste dia 10 de setembro é celebrado o Dia Mundial de Combate ao Suicídio, criado para as pessoas refletirem sobre o problema. Nesta data, os casos de pessoas que tiram a própria vida acabam tendo um efeito simbólico e chamam a atenção. Em Mato Grosso do Sul, foram três casos que vieram a público.

Este domingo amanheceu triste para parentes e amigos de Ana Valeria Pio da Silva, 18 anos. Um primo que havia combinado de sair com ela, estranhando não ter respondidas suas ligações, foi até a casa de Ana para saber o que aconteceu.

Sem resposta também ao chegar na casa, no Jardim Imá, em Campo Grande, Ricardo Vieira pulou o muro da residência e foi até a edícula onde a prima vivia. Ao chegar ao local, encontrou Ana da Silva sem vida, com indícios de que havia cometido suicídio.

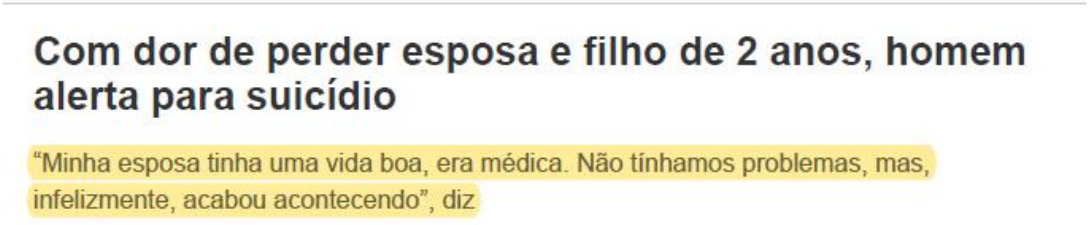
Segundo relatos de parentes registrados em Boletim de Ocorrência, Ana não apresentava nenhum indício de que poderia cometer tal ato, até mesmo porque, horas antes, ela animara uma festa em família tocando violão. E não apresentava sinais de depressão.

Uma vizinha de Ana, que prefere não ser identificada, também relata ter ficado perplexa diante do que aconteceu, pois Ana sempre foi "animada, jovem, cheia de vida". "Não consigo colocar na minha cabeça que isso aconteceu", diz a vizinha incrédula, que chegou a falar com Ana há alguns dias. "Sempre foi sorridente e alegre, a gente não consegue entender o por quê".

Deodápolis, a 252 km da Capital, também amanheceu de luto. Ex-primeira dama da cidade, Cirene Passarini Martins, cometeu suicídio, de acordo com o site Fatima News. Cirene foi casada por anos com o ex-prefeito Manoel Martins, o 'Manezinho'.

Na notícia intitulada "Com dor de perder esposa e filho de 2 anos, homem alerta para suicídio", publicado no dia 14 de setembro de 2017 (que alerta para reflexão em torno do "Setembro Amarelo"), novamente é destacado, por meio de citação direta, o depoimento de um ente querido da vítima. Trata-se do marido da mulher que cometeu suicídio. Nessa matéria, inclusive, a citação aparece no corpo do texto (no 5º parágrafo) e no subtítulo da notícia (localizado abaixo do título), como pode ser visto no destaque da figura 10.

Figura 10 – Trecho de matéria de 14 de setembro de 2017 do *CG News*: "Com dor de perder esposa e filho de 2 anos, homem alerta para suicídio"



Com dor de perder esposa e filho de 2 anos, homem alerta para suicídio

"Minha esposa tinha uma vida boa, era médica. Não tínhamos problemas, mas, infelizmente, acabou acontecendo", diz

A escolha pela inserção dessa citação com um destaque extra localizado no subtítulo da matéria reafirma no enunciado a contestação por parte do sujeito, ou seja, os autores da notícia provavelmente também consideram o ato como inexplicável,

porém, deixam essa opinião na voz de outro, estabelecendo o exercício polifônico no enunciado, além de opacificar o Eu, como afirma Authier-Revuz (2004). Essa característica faz parte da negociação entre heterogeneidade enunciativa mostrada e heterogeneidade enunciativa constitutiva, fruto das relações dialógicas dos autores, (a partir de suas formações ideológicas (FI) e discursivas (FD)) a fim de dar ênfase à fala do marido da vítima. Mais uma vez está presente o fator inexplicável do ato suicida na citação direta: "Minha esposa tinha uma vida boa, era médica. Não tínhamos problemas, mas, infelizmente, acabou acontecendo" (SANTOS; CARLO, 2017). Ou seja, é dado destaque a um juízo de valor em torno do estigma do suicida, quando se diz, principalmente, que a mulher "não tinha problemas", dando a entender que quem geralmente se suicida ou tenta o ato, tem problemas. Embora esse conteúdo traga no 1º parágrafo um destaque dizendo que o marido da vítima venceu o tabu, a sequência da narrativa mostra o fortalecimento do estigma em torno do fenômeno, principalmente diante da perplexidade do ato.

A matéria se enquadra na classificação de "Cobertura Factual", visto que se trata de uma breve cobertura de evento, embora traga, assim como na notícia anteriormente analisada, a opinião de um ente querido da vítima. A partir dessas considerações, percebe-se que a notícia se enquadra nos critérios de noticiabilidade de brevidade, negatividade, morte, proximidade (sendo enquadrada na editoria Capital e por pertencer a um fato ocorrido em Campo Grande); e, por fim, de simplificação.

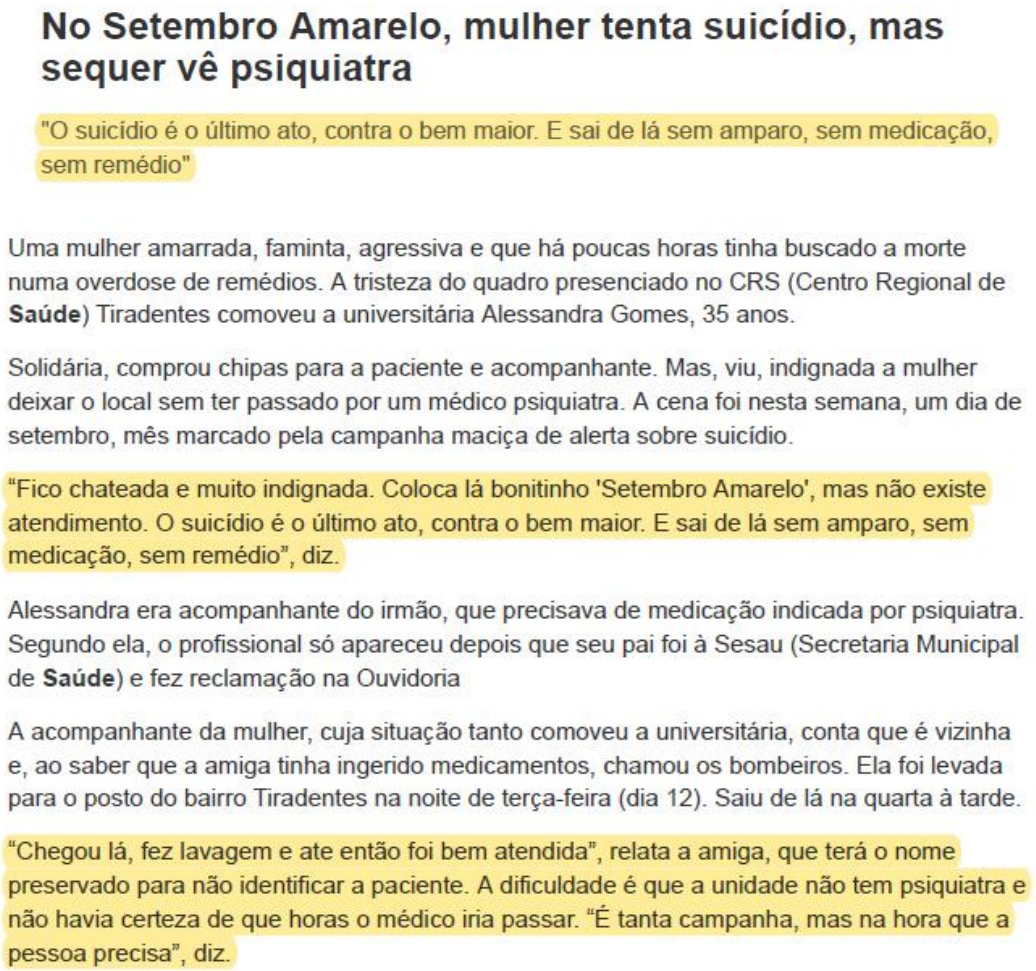
Os jornalistas podem também compartilhar sentimentos com os personagens e deixarem marcas durante o texto que caracterizam essa situação. É o caso da notícia intitulada "No Setembro Amarelo, mulher tenta suicídio, mas sequer vê psiquiatra", publicada no dia 19 de setembro de 2017. A presença da oração "sequer vê psiquiatra", depois de situar o leitor na campanha "Setembro Amarelo", demonstra indignação pessoal por parte do autor, em relação a um problema em determinada unidade de saúde. Essa insatisfação se torna ainda mais clara, por meio do subtítulo da matéria que diz "O suicídio é o último ato, contra o bem maior. E sai de lá sem amparo, sem medicação, sem remédio" (SANTOS, 2017), como pode ser visto na figura 11. Mais uma vez o enunciador faz uso da contestação como destaque em seu texto (em mais uma situação de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada) para expressar sua própria desaprovação com a situação.

O terceiro parágrafo da mesma notícia apresenta na íntegra a citação presente no subtítulo da matéria, demostrando a insatisfação do entrevistado com as ações práticas

realizadas durante o “Setembro Amarelo” pela unidade de saúde, conforme diz a frase: “Fico chateada e muito indignada. Coloca lá bonitinho ‘Setembro Amarelo’, mas não existe atendimento. O suicídio é o último ato, contra o bem maior. E sai de lá sem amparo, sem medicação, sem remédio” (SANTOS, 2017). A ironia por meio do uso do diminutivo, reforça ainda mais a crítica em relação a forma como os gestores estão lidando com a situação da carência de psiquiatras para atender no local. A indignação é reforçada posteriormente pela acompanhante da paciente, no 6º parágrafo (conforme destaque na figura 11), que também está marcado por uma citação direta, com ruptura sintática (autonímia simples) e heterogeneidade enunciativa mostrada marcada.

Ao expressar a indignação de um dos entrevistados e destacá-la, inclusive no subtítulo do texto, o autor da matéria mostra sua própria indignação, decorrente da sua própria formação discursiva (FD) e ideológica (FI). Devido à preocupação da narradora em relação as condições de saúde pública do local, a matéria mostra no seu fio discursivo o intuito de contraposição ao estigma, trazendo inclusive no decorrer do texto a opinião de um especialista em relação à ausência de profissionais para os atendimentos psiquiátricos e o consequente prejuízo para a população. Por esses motivos, a notícia se enquadra na classificação de “Matéria como foco em familiares, amigos ou especialistas” e se enquadra nos seguintes critérios de noticiabilidade: negatividade; atualidade; caráter exaustivo; a morte; a proximidade (por estar enquadrada na editoria “Capital” e tratar de um fato ocorrido em Campo Grande); o conflito; a amplificação e a relevância.

Figura 11 – Trecho de matéria de 19 de setembro de 2017 do *CG News*: "No Setembro Amarelo, mulher tenta suicídio, mas sequer vê psiquiatra"



No Setembro Amarelo, mulher tenta suicídio, mas sequer vê psiquiatra

"O suicídio é o último ato, contra o bem maior. E sai de lá sem amparo, sem medicação, sem remédio"

Uma mulher amarrada, faminta, agressiva e que há poucas horas tinha buscado a morte numa overdose de remédios. A tristeza do quadro presenciado no CRS (Centro Regional de **Saúde**) Tiradentes comoveu a universitária Alessandra Gomes, 35 anos.

Solidária, comprou chipas para a paciente e acompanhante. Mas, viu, indignada a mulher deixar o local sem ter passado por um médico psiquiatra. A cena foi nesta semana, um dia de setembro, mês marcado pela campanha maciça de alerta sobre suicídio.

"Fico chateada e muito indignada. Coloca lá bonitinho 'Setembro Amarelo', mas não existe atendimento. O suicídio é o último ato, contra o bem maior. E sai de lá sem amparo, sem medicação, sem remédio", diz.

Alessandra era acompanhante do irmão, que precisava de medicação indicada por psiquiatra. Segundo ela, o profissional só apareceu depois que seu pai foi à Sesau (Secretaria Municipal de **Saúde**) e fez reclamação na Ouvidoria

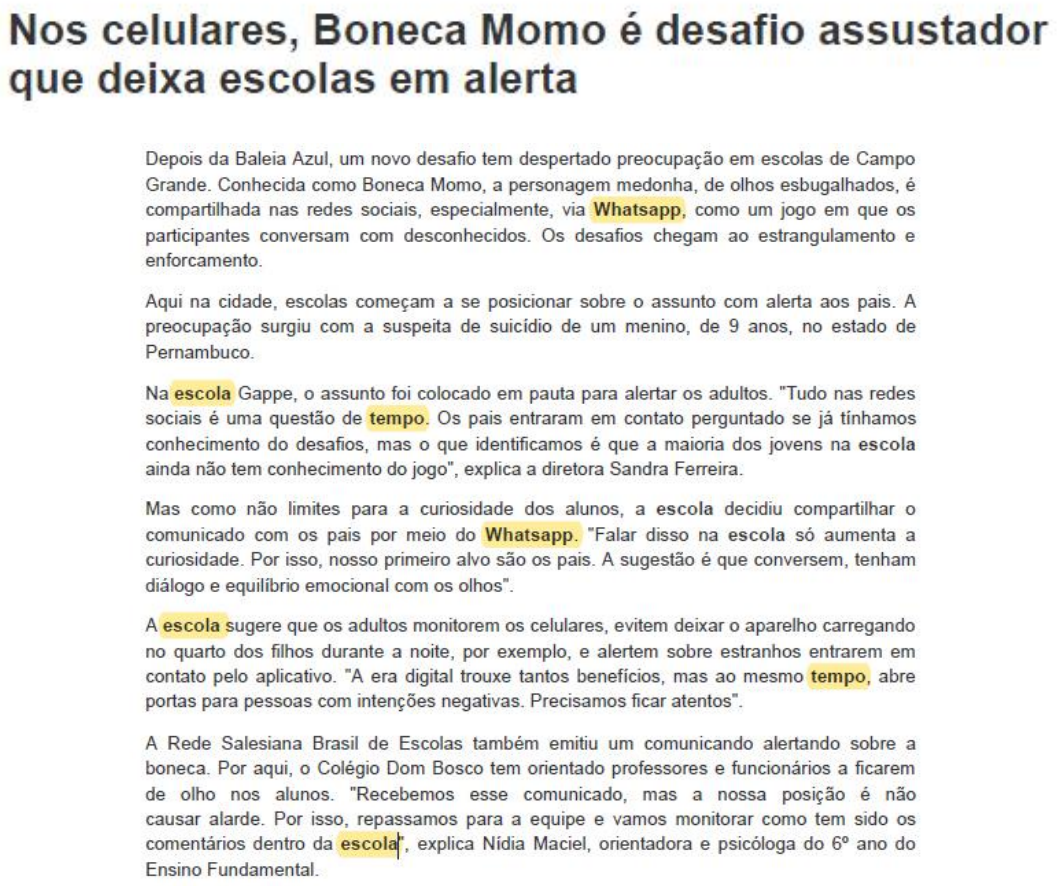
A acompanhante da mulher, cuja situação tanto comoveu a universitária, conta que é vizinha e, ao saber que a amiga tinha ingerido medicamentos, chamou os bombeiros. Ela foi levada para o posto do bairro Tiradentes na noite de terça-feira (dia 12). Saiu de lá na quarta à tarde.

"Chegou lá, fez lavagem e ate então foi bem atendida", relata a amiga, que terá o nome preservado para não identificar a paciente. A dificuldade é que a unidade não tem psiquiatra e não havia certeza de que horas o médico iria passar. "É tanta campanha, mas na hora que a pessoa precisa", diz.

Além de revelar sentimentos e percepções dos jornalistas e suas fontes, as heterogeneidades enunciativas podem estar repetidamente marcadas ao longo de um texto, a fim de alertar para algo em especifico. É o que ocorreu no primeiro dia do "Setembro Amarelo" de 2018, quando o *Campo Grande News* divulgou uma matéria chamando a atenção para o desafio da "Boneca Momo", que preocupou escolas em Campo Grande, por poder influenciar os jogadores a atos como enforcamento e estrangulamento. A matéria está intitulada "Nos celulares, boneca Momo é desafio assustador que deixa escolas em alerta". O desafio, segundo a notícia, se espelhou via *WhatsApp*, no qual os participantes conversam com desconhecidos. Por esse motivo, segundo o portal, algumas escolas da capital sul-mato-grossense começaram a notificar os pais sobre o desafio, supostamente em virtude da experiência com um fenômeno

semelhante, o jogo “Baleia Azul”, que deixou a população brasileira preocupada em 2017, por supostamente estar levando, na época, jovens a praticarem o ato suicida.

Figura 12 – Trecho de matéria de 01 de setembro de 2018 do *CG News*: “Nos celulares, boneca Momo é desafio assustador que deixa escolas em alerta”



Nos celulares, Boneca Momo é desafio assustador que deixa escolas em alerta

Depois da Baleia Azul, um novo desafio tem despertado preocupação em escolas de Campo Grande. Conhecida como Boneca Momo, a personagem medonha, de olhos esbugalhados, é compartilhada nas redes sociais, especialmente, via **Whatsapp**, como um jogo em que os participantes conversam com desconhecidos. Os desafios chegam ao estrangulamento e enforcamento.

Aqui na cidade, escolas começam a se posicionar sobre o assunto com alerta aos pais. A preocupação surgiu com a suspeita de suicídio de um menino, de 9 anos, no estado de Pernambuco.

Na **escola** Gappe, o assunto foi colocado em pauta para alertar os adultos. "Tudo nas redes sociais é uma questão de **tempo**. Os pais entraram em contato perguntado se já tínhamos conhecimento do desafios, mas o que identificamos é que a maioria dos jovens na **escola** ainda não tem conhecimento do jogo", explica a diretora Sandra Ferreira.

Mas como não limites para a curiosidade dos alunos, a **escola** decidiu compartilhar o comunicado com os pais por meio do **Whatsapp**. "Falar disso na **escola** só aumenta a curiosidade. Por isso, nosso primeiro alvo são os pais. A sugestão é que conversem, tenham diálogo e equilíbrio emocional com os olhos".

A **escola** sugere que os adultos monitorem os celulares, evitem deixar o aparelho carregando no quarto dos filhos durante a noite, por exemplo, e alertem sobre estranhos entrarem em contato pelo aplicativo. "A era digital trouxe tantos benefícios, mas ao mesmo **tempo**, abre portas para pessoas com intenções negativas. Precisamos ficar atentos".

A Rede Salesiana Brasil de Escolas também emitiu um comunicando alertando sobre a boneca. Por aqui, o Colégio Dom Bosco tem orientado professores e funcionários a ficarem de olho nos alunos. "Recebemos esse comunicado, mas a nossa posição é não causar alarde. Por isso, repassamos para a equipe e vamos monitorar como tem sido os comentários dentro da **escola**", explica Nídia Maciel, orientadora e psicóloga do 6º ano do Ensino Fundamental.

Durante a matéria, percebe-se que as palavras-chave do texto são marcadas em negrito, todas as vezes que aparecem. Trata-se de um sinal de alerta para despertar a atenção dos leitores para os assuntos mais importantes daquele conteúdo. Neste caso, trata-se também de heterogeneidade mostrada marcada, por conotação autonímica, não tendo ruptura sintática. As palavras-chave destacadas pelo jornalista foram: escola, tempo e *WhatsApp*.

Nota-se também na matéria ocorrida pouco mais de um ano após o agendamento do desafio do “Baleia Azul”, reflexos referentes ao efeito do agendamento daquele fenômeno. Sendo a “Boneca Momo”, um desafio semelhante ao que gerou repercussão meses antes entre os jovens e que, provavelmente, levou o jornalista a procurar alguma escolas para se posicionarem em relação ao fenômeno. As escolas, entretanto, adotaram

a postura de cautela para comentar o tema, como pôde ser observado no 3º, 4º e 6º parágrafos. De todo modo, o alerta devido aos reflexos do agendamento anterior do desafio “Baleia Azul”, passou a deixar uma das escolas em constante alerta, como pode ser percebido no seguinte enunciado: “"A era digital trouxe tantos benefícios, mas ao mesmo tempo, abre portas para pessoas com intenções negativas. Precisamos ficar atentos" (TORRES, 2018).

Embora esteja enquadrada na editoria Lado B e ter trazido as opiniões expressas pelas escolas, a matéria não teve uma cobertura exaustiva dos fatos, pois não apresenta opiniões de especialistas que comentem o tema. Sendo assim, enquadra-se na classificação de “Cobertura Factual”, apresentando os seguintes critérios de noticiabilidade: brevidade; negatividade; atualidade; proximidade (por apresentar opiniões de escolas de Campo Grande); relevância e simplificação.

No dia 8 de setembro, o *Campo Grande News* divulgou uma matéria no caráter de reportagem e enquadrada na classificação de atributos “Conteúdos com foco estatístico”, na qual o enfoque nas estatísticas é expresso no título, no subtítulo e *lead* (como mostra a figura 13). A fim de se contrapor ao suicídio, o autor da matéria emite um alerta por meio do título “Setembro é mês de alerta com aumento dos casos de quem não quer mais viver” (SANCHEZ; GURGEL, 2018) e, em seguida, concede ênfase aos jovens com o subtítulo “Tentativas de suicídio entre crianças também tem aumentado; Sesau tem um programa de prevenção com atendimento psiquiátrico e psicológico”. Essa ênfase concedida as crianças e adolescentes se mostra uma preocupação daquele momento em relação a suicídios nessa faixa etária, visto que, uma semana antes, o Lado B do portal divulgou uma matéria referente a “Boneca Momo”, um desafio semelhante ao “Baleia Azul”, que levou escolas a se posicionarem sobre o tema.

Tanto o título quanto o subtítulo, apresentam heterogeneidade enunciativa mostrada marcada de autonímia simples, fazendo uso de citação indireta, assim como o *lead* que é iniciado de forma não linear. O autor da matéria inicia o texto incluindo os sintomas da depressão e se contrapondo ao estigma que envolve o suicídio, alertando ao fato de que a depressão é o “fantasma” por trás de 626 tentativas de suicídio registradas em Campo Grande, destacando nesse caso mais uma estatística do fenômeno.

Figura 13 – Trecho com título, subtítulo e *lead* da matéria de 08 de setembro de 2018 do *CG News*: "Setembro é o mês de alerta com aumento de casos de quem não quer mais viver"

08/09/2018 09:15

Setembro é mês de alerta com aumento dos casos de quem não quer mais viver

Tentativas de suicídio entre crianças também tem aumentado; Sesau tem um programa de prevenção com atendimento psiquiátrico e psicológico

Izabela Sanchez e Anahi Gurgel

Sensação da depressão é descrita, muitas vezes, como estar debaixo d'água (Foto: Reprodução)

Baixa autoestima, falta de motivação, sono desregulado... uma sensação de vazio. São alguns dos sintomas da depressão, a doença símbolo do século XXI. Em muitos dos casos é, também, o fantasma por trás das 626 tentativas de tirar a própria vida, registradas em Campo Grande pela Sesau (Secretaria Municipal de **Saúde**). É por isso que setembro é um mês de alerta, acolhimento e prevenção.

A matéria entre o 11º e o 14º parágrafos (figura 14), novamente focaliza somente dados estatísticos relacionados à depressão, assim como o 18º parágrafo que reforça as estatísticas sobre depressão e tentativas de suicídio entre crianças e adolescentes no município de Naviraí (figura 15). Por fim, a reportagem se enquadra nos critérios de noticiabilidade de proximidade, em virtude de tratar de dados relacionados ao estado de Mato Grosso do Sul; de negatividade, pois emite um alerta a respeito de um problema em uma faixa etária; além de atualidade; caráter exaustivo e relevância.

Figura 14 – Trecho do 11º ao 14º parágrafo da matéria de 08 de setembro de 2018 do *CG News*: "Setembro é o mês de alerta com aumento de casos de quem não quer mais viver"

O demônio do meio dia - Andrew Solomon nomeou de "Demônio do meio dia" seu livro sobre a "anatomia" da depressão, uma analogia aos períodos mais difíceis do dia para o autor, que sofreu na própria pele com a doença. A depressão é, hoje, a doença que mais preocupa a OMS (Organização Mundial da **Saúde**). Em 2017, mais de 300 milhões de pessoas viviam com a doença, que foi a maior causa de incapacitação em todo mundo.

Levantamento da IMS Health mostrou que em 2016, o segmento de "antidepressivos e estabilizadores de humor" cresceu 18,2% em reais, o maior percentual entre todas as categorias pesquisadas. Esses medicamentos foram responsáveis por vendas de R$ 3,4 bilhões.

Em Campo Grande, dados da Sesau apontam 8.429 casos de episódios depressivos em 2017 e 4.899 casos de transtorno depressivo recorrente. Em 2018, até o mês de junho, os episódios já alcançam 5.562 e já são registrados 2.844 casos de transtornos recorrentes.

À frente do ambulatório de **saúde** mental do CEM (Centro de Especialidades Médicas) Adriana Freixes dos Santos afirma que são realizadas, em média, 800 consultas por mês na psiquiatria. A Sesau também foi a primeira Capital da região centro-oeste a estabelecer um Programa de Prevenção, que funciona no CEM. No Programa, nos acolhimentos, são cerca de 120 consultas.

Figura 15 – Trecho com o 18º parágrafo (em destaque) da matéria de 08 de setembro de 2018 do *CG News*: "Setembro é o mês de alerta com aumento de casos de quem não quer mais viver"

Crianças – Notícia em Naviraí, um adolescente de 15 anos cometeu suicídio com uma arma de fogo na cidade a 366 km de Campo Grande, na segunda-feira (3). Na Capital, este ano, das 626 tentativas, 47 foram de crianças e adolescentes entre 10 e 14 anos e 148 de adolescentes e jovens entre 15 e 19 anos. Para a psicóloga, o crescimento é preocupante e indica falta de dedicação dos pais em construir uma relação afetiva com os filhos.

Casos entre crianças tem aumentado (Reprodução)

"Não tem mais aquele momento de conversar com os filhos, esse não suporte afetivo, fica essa coisa vazia. Hoje dá tudo muito de imediato, não tem esse acolher, então a gente vê cada vez mais precoce, muito em conta dessa falta de afeto", comenta.

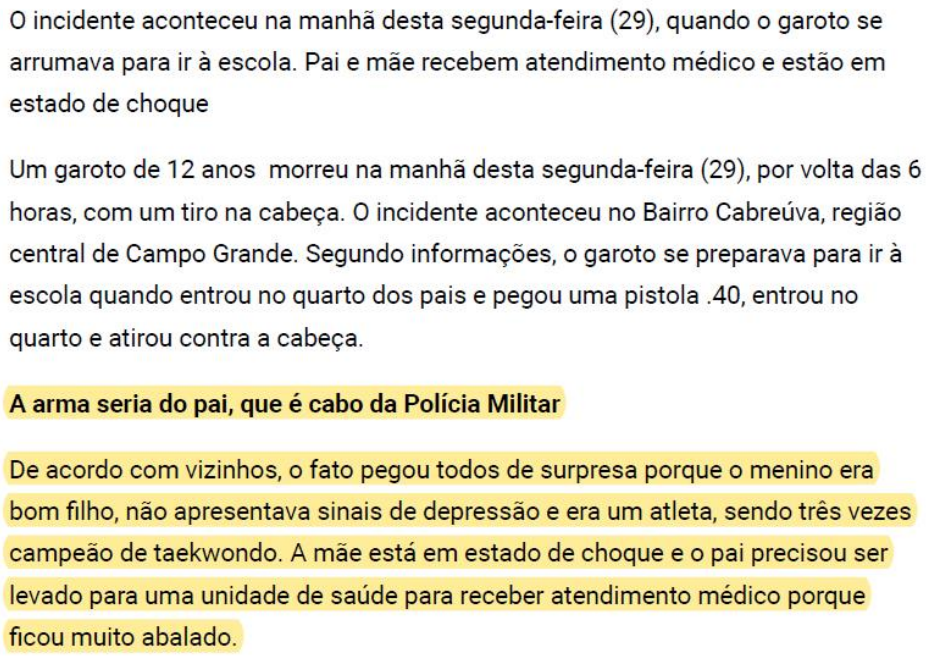
Busque ajuda - A Sesau também intensifica as ações de prevenção durante esse mês. Quem sentir necessidade pode procurar ajuda dos CAPs (Centros de Atenção Psicossocial), serviços de urgência e emergência nos CRSs (Centros Regionais de **Saúde**), UPAs (Unidades de Pronto Atendimento), UBSs (Unidades Básicas de Saúde) e UBSFs (Unidades Básicas de Saúde da Família).

3.3.2 – A heterogeneidade na campanha "Setembro Amarelo" do *Midiamax*

A primeira matéria produzida pelo portal de notícias *Midiamax*, que compõe o *corpus* de análise deste trabalho, não faz menção a campanha "Setembro Amarelo" (até então pouco conhecido como mês institucional) e remete ao dia 29 de setembro de 2014, sendo intitulada "Garoto de 12 anos usa arma do pai policial e morre com tiro na

cabeça em Campo Grande" (MIDIAMAX, 2014). O terceiro parágrafo desta matéria (grifado na Figura 16) merece atenção para duas situações:

Figura 16 – Trecho de matéria de 29 de setembro de 2014 do *Midiamax*: "Garoto de 12 anos usa arma do pai policial e morre com tiro na cabeça em Campo Grande"



O incidente aconteceu na manhã desta segunda-feira (29), quando o garoto se arrumava para ir à escola. Pai e mãe recebem atendimento médico e estão em estado de choque

Um garoto de 12 anos morreu na manhã desta segunda-feira (29), por volta das 6 horas, com um tiro na cabeça. O incidente aconteceu no Bairro Cabreúva, região central de Campo Grande. Segundo informações, o garoto se preparava para ir à escola quando entrou no quarto dos pais e pegou uma pistola .40, entrou no quarto e atirou contra a cabeça.

A arma seria do pai, que é cabo da Polícia Militar

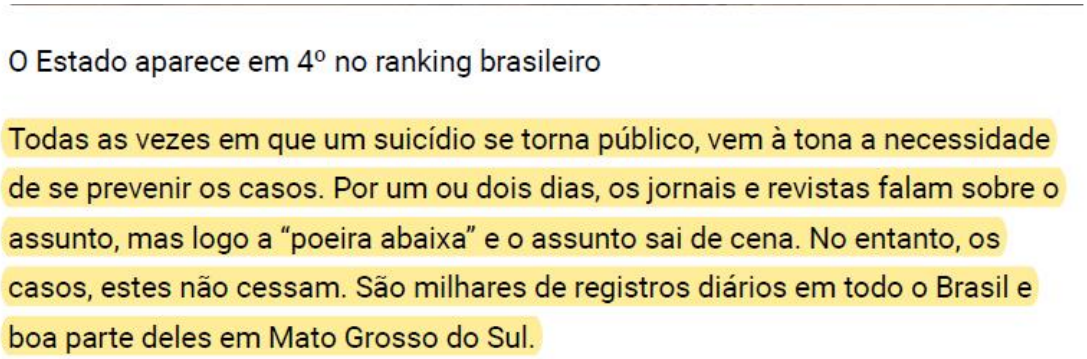
De acordo com vizinhos, o fato pegou todos de surpresa porque o menino era bom filho, não apresentava sinais de depressão e era um atleta, sendo três vezes campeão de taekwondo. A mãe está em estado de choque e o pai precisou ser levado para uma unidade de saúde para receber atendimento médico porque ficou muito abalado.

A primeira aparenta ser uma tentativa de isenção de culpa ao pai da vítima, sendo destacado no intertítulo "A arma seria do pai, que é cabo da Polícia Militar" (MIDIAMAX, 2014). A segunda situação se refere ao parágrafo que vem logo em seguida, uma citação indireta, caracterizada por heterogeneidade enunciativa mostrada marcada de autonímia simples. Nesse caso, assim como ocorreu em alguns conteúdos analisados do portal *Campo Grande News*, existe a surpresa de pessoas próximas em relação a prática do ato pelo jovem, apresentando características positivas a seu respeito como o fato de ser "bom filho", não apresentar sinais de depressão e ser atleta campeão de *taekwondo*. Ou seja, por meio desse depoimento, apresentando características positivas da vítima, compreende-se que ser "bom filho" e bem sucedido no esporte é o oposto ao comportamento do suicida, compreendido nas entrelinhas como um fracassado. Cria-se então uma identidade social virtual da vítima, além de se reproduzir o estigma.

A notícia apresenta apenas 4 parágrafos e se enquadra na classificação de "Cobertura Factual", pois repercute uma ocorrência policial, dentro da editoria Polícia, embora tenha trazido por meio de citação indireta a opinião de alguns conhecidos. Além disso, enquadra-se nos seguintes critérios de noticiabilidade: brevidade; negatividade; insólito; atualidade; proximidade (por ter sido um fato ocorrido em Campo Grande); inesperado; e a simplificação.

Passando para o ano de 2015, já existe e menção da campanha na matéria "Com mais de 12 suicídios registrados por mês, é preciso discutir o tema em MS", publicada pelo *Midiamax* no dia 10 de setembro de 2015. O primeiro parágrafo dessa notícia é destacado, como pode ser observado no grifo da figura 17. A impressão que se tem nesta situação, é que o jornalista realiza uma espécie de *mea culpa*, pelo fato de, na opinião do enunciador, a imprensa realizar a cobertura do ato somente em momentos que o fato vem à tona. O uso da expressão entre aspas "poeira abaixa", caracterizada por ser uma heterogeneidade enunciativa mostrada marcada de conotação autonímica, mostra que as aspas podem ter sido usadas por dois motivos: por ser uma expressão popular e/ou por ser algo que o jornalista não está de acordo, devido a complexidade do fenômeno suicídio, visto que em seguida, existe a frase "No entanto, os casos, estes não cessam" (TEODORO, 2015). No caso, está implícito que para o autor da matéria, a "poeira abaixa" somente nas divulgações da imprensa, mas o problema se mantém.

Figura 17 – Trecho de matéria de 10 de setembro de 2015 do *Midiamax*: "Com mais de 12 suicídios registrados por mês, é preciso discutir o tema em MS"



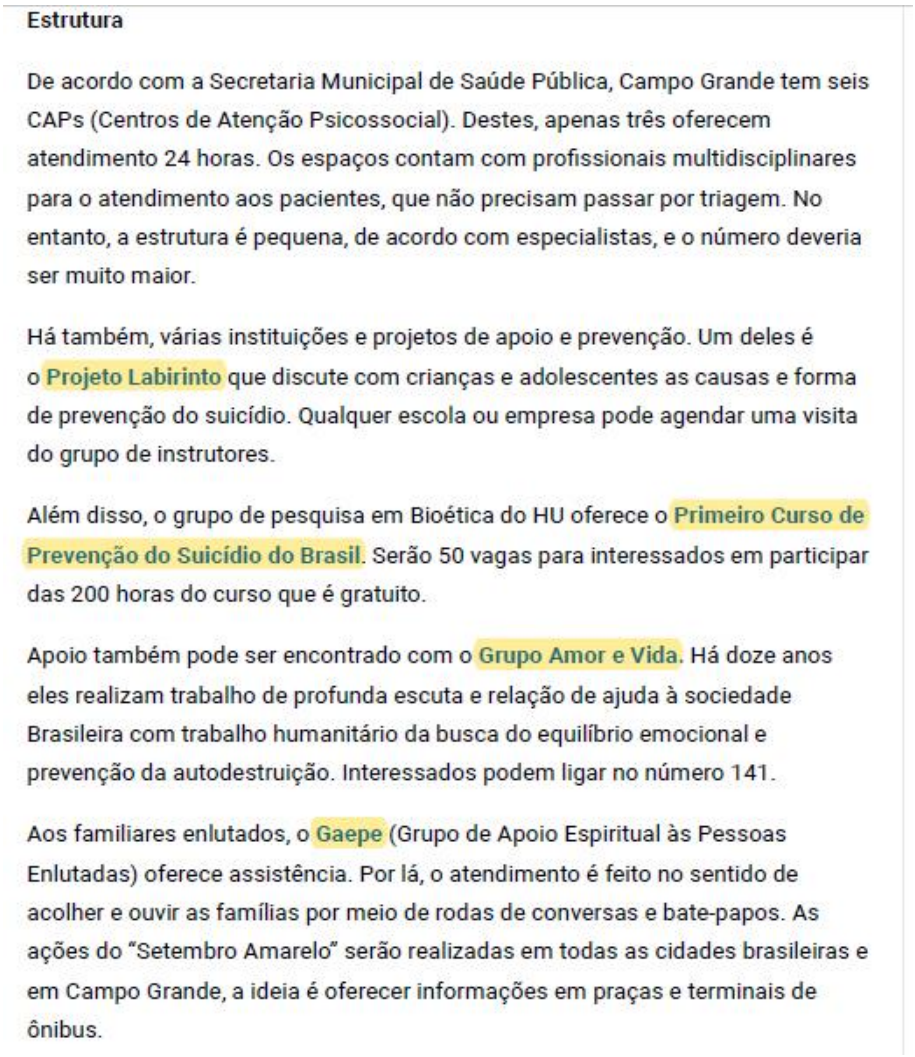
O Estado aparece em 4º no ranking brasileiro

Todas as vezes em que um suicídio se torna público, vem à tona a necessidade de se prevenir os casos. Por um ou dois dias, os jornais e revistas falam sobre o assunto, mas logo a "poeira abaixa" e o assunto sai de cena. No entanto, os casos, estes não cessam. São milhares de registros diários em todo o Brasil e boa parte deles em Mato Grosso do Sul.

Na mesma publicação, após o intertítulo "Estrutura", o jornalista destaca em azul algumas entidades responsáveis por desenvolverem trabalhos em prol da prevenção ao suicídio (como pode ser visualizado nos grifos da Figura 18), estando todas, quando mencionadas, em negrito, caracterizando heterogeneidade enunciativa mostrada

marcada por conotação autonímica, na qual não há ruptura sintática. Isso denota uma preocupação do jornalista com a prevenção do autoextermínio

Figura 18 – Trecho de matéria de 10 de setembro de 2015 do *Midiamax*: "Com mais de 12 suicídios registrados por mês, é preciso discutir o tema em MS"



Estrutura

De acordo com a Secretaria Municipal de Saúde Pública, Campo Grande tem seis CAPs (Centros de Atenção Psicossocial). Destes, apenas três oferecem atendimento 24 horas. Os espaços contam com profissionais multidisciplinares para o atendimento aos pacientes, que não precisam passar por triagem. No entanto, a estrutura é pequena, de acordo com especialistas, e o número deveria ser muito maior.

Há também, várias instituições e projetos de apoio e prevenção. Um deles é o **Projeto Labirinto** que discute com crianças e adolescentes as causas e forma de prevenção do suicídio. Qualquer escola ou empresa pode agendar uma visita do grupo de instrutores.

Além disso, o grupo de pesquisa em Bioética do HU oferece o **Primeiro Curso de Prevenção do Suicídio do Brasil**. Serão 50 vagas para interessados em participar das 200 horas do curso que é gratuito.

Apoio também pode ser encontrado com o **Grupo Amor e Vida**. Há doze anos eles realizam trabalho de profunda escuta e relação de ajuda à sociedade Brasileira com trabalho humanitário da busca do equilíbrio emocional e prevenção da autodestruição. Interessados podem ligar no número 141.

Aos familiares enlutados, o **Gaepe** (Grupo de Apoio Espiritual às Pessoas Enlutadas) oferece assistência. Por lá, o atendimento é feito no sentido de acolher e ouvir as famílias por meio de rodas de conversas e bate-papos. As ações do "Setembro Amarelo" serão realizadas em todas as cidades brasileiras e em Campo Grande, a ideia é oferecer informações em praças e terminais de ônibus.

Enquadrada na editoria Cotidiano, nesse caso percebe-se uma publicação classificada em "Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas", pois o narrador apresenta algumas alternativas as quais o estigmatizado pode recorrer, caso necessite de ajuda, apresentando assim uma formação ideológica (FI) e discursiva (FD) oposta ao estigma em torno da não divulgação de conteúdos sobre o tema. Com essas características, a matéria enquadra-se nos critérios de noticiabilidade: atualidade; caráter exaustivo (por apresentar algumas alternativas); a proximidade (por se tratar de opções a serem procuradas em Campo Grande); a relevância e a amplificação.

Durante o "Setembro Amarelo" de 2016 (o primeiro oficialmente institucionalizado em Mato Grosso do Sul), o *Midiamax* realizou uma série de matérias especiais destinadas à campanha, na qual todos os títulos vinham precedidos por "Setembro Amarelo". É o caso de uma das matérias escolhidas para compor o *corpus* de análise deste trabalho, denominada por "Setembro Amarelo: para quem já pensou em encerrar a própria vida, cada dia é uma vitória", publicada no dia 30 de setembro de 2016, a qual o título, o subtítulo e o primeiro parágrafo merecem destaque:

Figura 19 – Trecho de matéria de 30 de setembro de 2016 do *Midiamax*: "Setembro Amarelo: para quem já pensou em encerrar a própria vida, cada dia é uma vitória"

Setembro Amarelo: para quem já pensou em encerrar a própria vida, cada dia é uma vitória

Tatiana Marin Em 21h01 - 30/09/2016 COTIDIANO

'A vontade de viver é maior'

O Setembro Amarelo chega ao fim com vários acontecimentos dramáticos envolvendo suicídio em Mato Grosso do Sul. O mês da campanha de prevenção aos casos foi sacudido com boatos, rumores e mais notícias de mortes do que gostaríamos de publicar. Finalizando o mês, mas não as iniciativas de remover o tabu que cerca o assunto, trazemos a história de uma sobrevivente. Do sofrimento às tentativas, hoje ela luta constantemente com este fantasma, mas afirma que a vontade de viver é maior! Cada dia é para ser comemorado, como uma vitória.

Diferentemente da notícia analisada anteriormente (figura 17), na qual o autor faz uma espécie de *mea culpa* em relação ao fenômeno suicídio, na matéria da Figura 19, por meio do enunciado, o jornalista se coloca nesta notícia como ativista da prevenção ao suicídio, primeiramente por meio de um discurso indireto livre (no qual as marcas do outro não estão explícitas no fio do discurso, se caracterizando como heterogeneidade enunciativa mostrada não marcada), enunciado no seguinte título "Setembro Amarelo: para quem já pensou em encerrar a própria vida, cada dia é uma vitória". Em seguida, aparece o subtítulo entre aspas 'A vontade de viver é maior', caracterizando heterogeneidade enunciativa mostrada marcada. Já no primeiro parágrafo, três frases denotam o ativismo do jornalista, expresso por meio de discurso indireto (por autonímia simples, no qual não há ruptura sintática).

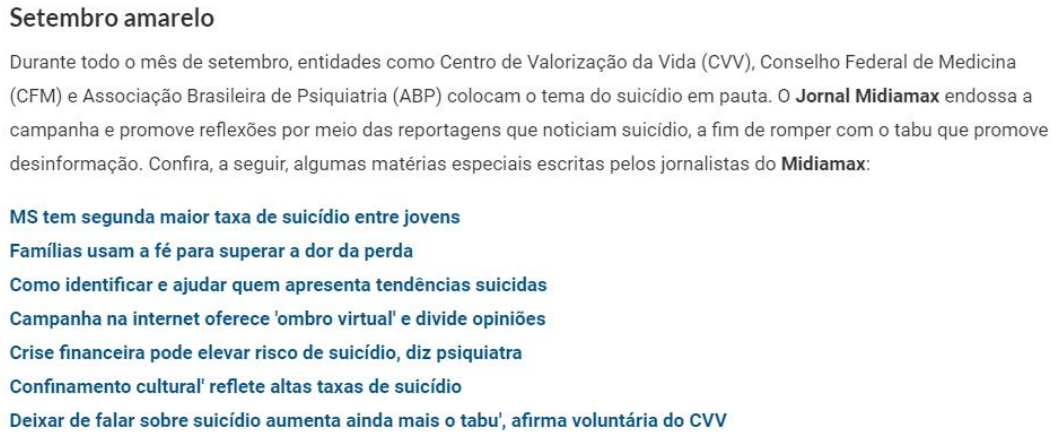
> O mês da campanha de prevenção aos casos foi sacudido com boatos, rumores e mais notícias de mortes do que gostaríamos de publicar. Finalizando o mês, mas não as iniciativas de remover o tabu que cerca o assunto, trazemos a história de uma sobrevivente. Do sofrimento às tentativas, hoje ela luta constantemente com este fantasma, mas afirma que a vontade de viver é maior! Cada dia é para ser comemorado, como uma vitória (MARIN, 2016).

Primeiramente, existe uma lamentação em relação ao balanço de suicídios no mês: "O mês da campanha de prevenção aos casos foi sacudido com boatos, rumores e mais notícias de mortes do que gostaríamos de publicar". Em seguida, o redator tenta convencer o leitor que o jornal está compromissado (visto que utiliza o verbo trazer no plural) com a quebra do estigma que envolve o suicídio, mesmo diante de um mês com muitos conteúdos negativos publicados. "Finalizando o mês, mas não as iniciativas de remover o tabu que cerca o assunto, trazemos a história de uma sobrevivente". Na sequência, a frase: "Do sofrimento às tentativas, hoje ela luta constantemente com este fantasma, mas afirma que a vontade de viver é maior!" é o único trecho do parágrafo de discurso indireto por heterogeneidade enunciativa mostrada marcada (autonímia simples), sendo finalizado por um ponto de exclamação, como forma de manifestar entusiasmo. O fechamento do parágrafo apresenta a frase "Cada dia é para ser comemorado, como uma vitória", caracterizando um enunciado motivacional.

Presente na editoria "Cotidiano", a matéria apresenta cunho preventivo em relação ao estigma, apresentando depoimentos de pessoas que superaram o problema, além da

fala de um especialista sobre o tema, sendo classificada dessa forma em “Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas”. O texto apresenta os seguintes critérios de noticiabilidade: caráter exaustivo; proximidade (por tratar com especificidade de Mato Grosso do Sul); relevância; a amplificação; e o equilíbrio que, segundo Traquina (2005), corresponde a um valor contextual, preocupado com a existência de matérias diversificadas (o jornalista coloca a opção para a leitura dos outros conteúdos da série produzida), como pode ser visto a seguir:

Figura 20 – Trecho de matéria de 30 de setembro de 2016 do *Midiamax*: “Setembro Amarelo: para quem já pensou em encerrar a própria vida, cada dia é uma vitória”



Setembro amarelo

Durante todo o mês de setembro, entidades como Centro de Valorização da Vida (CVV), Conselho Federal de Medicina (CFM) e Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) colocam o tema do suicídio em pauta. O **Jornal Midiamax** endossa a campanha e promove reflexões por meio das reportagens que noticiam suicídio, a fim de romper com o tabu que promove desinformação. Confira, a seguir, algumas matérias especiais escritas pelos jornalistas do **Midiamax**:

MS tem segunda maior taxa de suicídio entre jovens
Famílias usam a fé para superar a dor da perda
Como identificar e ajudar quem apresenta tendências suicidas
Campanha na internet oferece 'ombro virtual' e divide opiniões
Crise financeira pode elevar risco de suicídio, diz psiquiatra
Confinamento cultural' reflete altas taxas de suicídio
Deixar de falar sobre suicídio aumenta ainda mais o tabu', afirma voluntária do CVV

No dia 22 de setembro de 2017, a notícia intitulada “Mais de 11 mil pessoas se suicidam por ano no Brasil, aponta estudo”, evidencia um outro estigma é agrupado ao estigma do suicídio: trata-se da questão indígena. Tendo o enfoque na alta taxa de suicídios no Brasil por meio do título, a matéria coloca como informação de segundo plano, no subtítulo que “Boletim mostra que indígenas são os que mais se matam”. Nesses casos, título, subtítulo e *lead*, apresentam heterogeneidades enunciativas mostradas marcadas de autonímia simples, pois, por meio do discurso indireto, o jornalista insere suas informações baseado em um levantamento do Ministério da Saúde. No entanto, os dados em relação aos indígenas que aparecem no subtítulo, não aparecem no *lead*, nem no parágrafo seguinte, como pode ser visualizado na figura 21, voltando a aparecer somente nos parágrafos 5º e 6º do texto, como mostra a figura 22.

Figura 21 – Trecho de matéria de 22 de setembro de 2017 do *Midiamax*: "Mais de 11 mil pessoas se suicidam por ano no Brasil, aponta estudo"

Mais de 11 mil pessoas se suicidam por ano no Brasil, aponta estudo

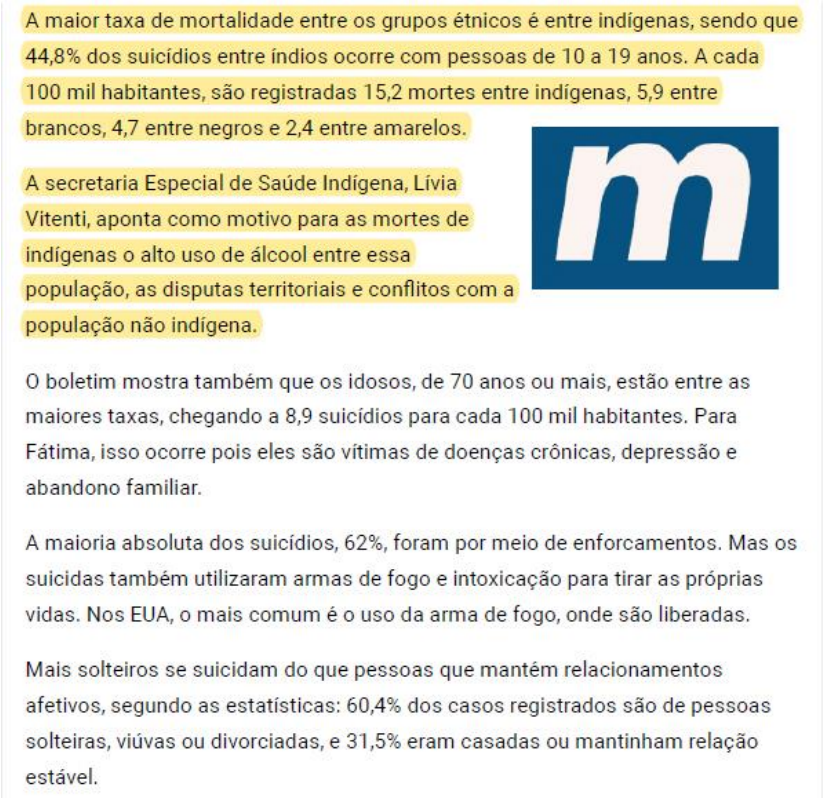
Joaquim Padilha Em 13h18 - 22/09/2017 COMPORTAMENTO

Boletim mostra que indígenas são os que mais se matam

Cerca de 11 mil pessoas morrem vítimas do suicídio todos os anos no Brasil. Esses são os dados apresentados pelo Ministério da Saúde no primeiro boletim epidemiológico sobre suicídio, divulgado nesta quinta-feira (21).

As estatísticas mostram que, entre 2011 e 2016, mais de 62,8 mil pessoas tiraram suas próprias vidas no Brasil. A maioria, 79%, foram homens, enquanto 21% são mulheres. O boletim faz parte das ações do Setembro Amarelo, mês dedicado à prevenção ao suicídio.

Figura 22 – Trecho de matéria de 22 de setembro de 2017 do *Midiamax*: "Mais de 11 mil pessoas se suicidam por ano no Brasil, aponta estudo"



A maior taxa de mortalidade entre os grupos étnicos é entre indígenas, sendo que 44,8% dos suicídios entre índios ocorre com pessoas de 10 a 19 anos. A cada 100 mil habitantes, são registradas 15,2 mortes entre indígenas, 5,9 entre brancos, 4,7 entre negros e 2,4 entre amarelos.

A secretaria Especial de Saúde Indígena, Lívia Vitenti, aponta como motivo para as mortes de indígenas o alto uso de álcool entre essa população, as disputas territoriais e conflitos com a população não indígena.

O boletim mostra também que os idosos, de 70 anos ou mais, estão entre as maiores taxas, chegando a 8,9 suicídios para cada 100 mil habitantes. Para Fátima, isso ocorre pois eles são vítimas de doenças crônicas, depressão e abandono familiar.

A maioria absoluta dos suicídios, 62%, foram por meio de enforcamentos. Mas os suicidas também utilizaram armas de fogo e intoxicação para tirar as próprias vidas. Nos EUA, o mais comum é o uso da arma de fogo, onde são liberadas.

Mais solteiros se suicidam do que pessoas que mantém relacionamentos afetivos, segundo as estatísticas: 60,4% dos casos registrados são de pessoas solteiras, viúvas ou divorciadas, e 31,5% eram casadas ou mantinham relação estável.

Apesar de trazer uma citação indireta (por meio de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada de autonímia simples) da secretaria Especial de Saúde Indígena, a notícia não insere opiniões de lideranças indígenas, silenciando a voz desse grupo e estigmatizando-os duplamente (em decorrência da etnia e do suicídio). De acordo com a jornalista M2, esse fator faz parte da política editorial do *Midiamax*, pois segundo ela "matérias que falam de índios, não tem leitura" (M2, 2019). A profissional afirma que nesses casos se "opta no por não colocar no título que a matéria se refere a índios ou indígenas, a não ser que não tenha jeito".

No mais, a matéria se enquadra no gênero noticioso (visto que o conteúdo não chega a ser trabalhado em exaustão para estar em "reportagem") e na classificação de atributos "Conteúdos com foco estatístico", pois além do título, apresenta dados estatísticos em 7 dos 9 parágrafos da notícia. Entre os critérios de noticiabilidade estão negatividade, proximidade (por tratar de um dado nacional) e relevância.

O caráter ativista continua sendo expresso pelo jornal no ano de 2018, em mais uma série de matérias, sendo que uma delas apresenta o título "Precisamos falar de suicídio, um dos maiores tabus do jornalismo" (CAVALCANTE, 2018), publicado em 22 de setembro de 2018. Essa característica expressa pelo jornalista é endossada no subtítulo que diz "Ao contrário do que se pensa, o assunto deve ser noticiado, mas de forma responsável e contextualizada". Ao enunciar "Ao contrário do que se pensa", por meio de um discurso indireto (heterogeneidade enunciativa mostrada marcada por autonímia simples), o leitor deve ter conhecimento desse "contrário" ao qual o autor se refere, visto que é remetido a uma formação discursiva outra, que não está explícita em um primeiro momento no enunciado em questão (como pode ser visto na Figura 23). Essa formação discursiva que está opacificada no texto é a internalização popular de que o tema suicídio não deve ser tratado na imprensa.

Figura 23 – Trecho de matéria de 22 de setembro de 2018 do *Midiamax*: "Precisamos falar de suicídio, um dos maiores tabus do jornalismo"

Precisamos falar de suicídio, um dos maiores tabus do jornalismo

Ao contrário do que se pensa, assunto deve ser noticiado, mas de forma responsável e contextualizada

Guilherme Cavalcante Em **08h58 - 22/09/2018** COTIDIANO

Noticiar suicídio é um dos principais tabus do jornalismo (Arte: Midiamax | GC)

Suicídio é considerado até hoje o principal tabu do jornalismo. Nenhum assunto ainda é tão controverso, na hora de passar o texto para a tela do computador, quanto o suicídio. Até mesmo temas como incesto, abuso sexual, aborto e drogas costumam ser melhor abordados pela imprensa.

Esta inabilidade pode estar relacionada tanto a lacunas na formação de jornalistas como ao medo, por parte das redações, de debruçar-se sobre o tema. Mas, o que parece seguir ignorado por parte dos profissionais é que noticiar suicídios, desde que de forma contextualizada, responsável e educativa, não só é oportuno como pode prevenir casos.

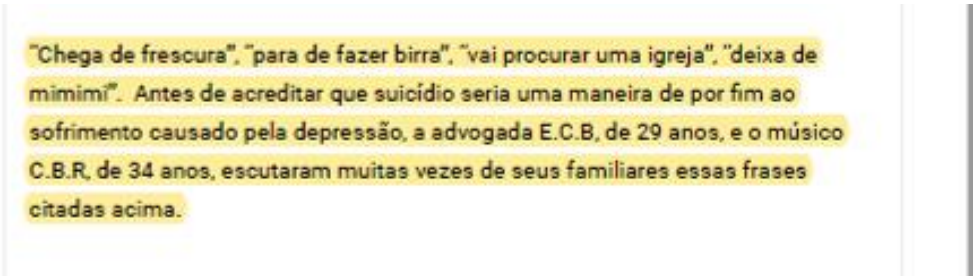
Percebe-se, por meio da Figura 23, que os dois primeiros parágrafos se mantém como discurso indireto livre, caracterizando uma heterogeneidade enunciativa não-marcada. Logo na primeira frase, o enunciador expõe um ponto de vista, afirmando, de forma categórica, que o suicídio é "o principal tabu do jornalismo". Em seguida, deixa transparecer (por meio de sua formação ideológica (FI)), sobre as dúvidas que pairam em torno deste fenômeno no seguinte enunciado: "Nenhum assunto ainda é tão controverso, na hora de passar o texto para a tela do computador, quanto o suicídio".

Porém, se exime da culpa de apresentar dúvidas em relação ao tema, na seguinte frase: "Essa inabilidade pode estar relacionada tanto a lacunas na formação de jornalistas como ao medo, por parte das redações, de debruçar-se sobre o tema". O autor atribui a responsabilidade dessas dúvidas à formação dos jornalistas na graduação e ao

fato das políticas editoriais que o profissional enfrenta dentro das redações (políticas essas que podem ter formações ideológicas (FI) muito distintas às dos jornalistas, atribuindo um empecilho institucional ao se trabalhar o tema). A matéria apresenta também opiniões de especialistas relacionados ao tema, sendo classificada, portanto, em "Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas". O texto apresenta os seguintes critérios de noticiabilidade: negatividade, atualidade, caráter exaustivo, proximidade (por tratar da imprensa em Mato Grosso do Sul); relevância; amplificação.

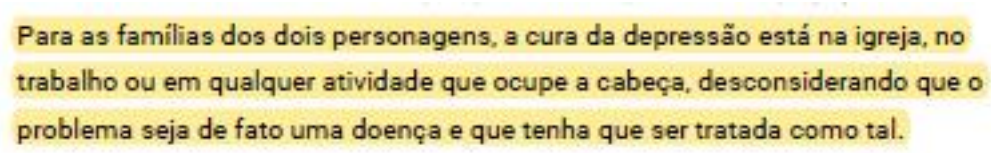
Como foi dito anteriormente, também em 2018, assim como ocorreu em 2016, o *Midiamax* realizou novamente uma série especial de matérias tratando a temática suicídio, na qual todos os títulos vinham precedidos por "Setembro Amarelo". Na publicação denominada "Setembro Amarelo: jovens superam preconceito sobre depressão e relatam superação", do dia 30 de setembro de 2018, o início do primeiro parágrafo aparece com quatro frases corriqueiras ditas por parte da sociedade quando o assunto é o suicídio, todas marcadas pelo estigma em torno do tema, como pode ser visualizado no grifo da figura 24.

Figura 24 – Trecho de matéria de 30 de setembro de 2018 do *Midiamax*: "Setembro Amarelo: jovens superam preconceito sobre depressão e relatam superação"


"Chega de frescura", "para de fazer birra", "vai procurar uma igreja", "deixa de mimimi". Antes de acreditar que suicídio seria uma maneira de por fim ao sofrimento causado pela depressão, a advogada E.C.B, de 29 anos, e o músico C.B.R, de 34 anos, escutaram muitas vezes de seus familiares essas frases citadas acima.

Ao fazer uso de quatro citações diretas em sequência, no mesmo parágrafo, o autor da matéria utiliza da heterogeneidade enunciativa mostrada marcada (de conotação autonímica), para atribuir a um outro a responsabilidade pelos ditos. A utilização dessas expressões no começo do parágrafo é esclarecida em seguida, quando o jornalista explica que era o que os personagens de suas histórias ouviam de seus familiares, deixando explícito mais uma vez que não se trata de sua opinião. Porém, para melhor situar o leitor, o jornalista expressa no segundo parágrafo, sua opinião pessoal em torno do tema, como pode ser observado na figura 25.

Figura 25 – Trecho de matéria de 30 de setembro de 2018 do *Midiamax*: "Setembro Amarelo: jovens superam preconceito sobre depressão e relatam superação"


Para as famílias dos dois personagens, a cura da depressão está na igreja, no trabalho ou em qualquer atividade que ocupe a cabeça, desconsiderando que o problema seja de fato uma doença e que tenha que ser tratada como tal.

Recorrendo a outras formações ideológicas (FI) e discursivas (FD), o autor da matéria faz uso de discursos indiretos nesses casos, caracterizado por heterogeneidade enunciativa mostrada marcada, de autonímia simples. Há, portanto, por parte do jornalista, uma denúncia em relação a crise coletiva (DURKHEIM, 2000) presente na sociedade em torno do estigma que envolve o suicídio. O autor discorda dos familiares das personagens e desconsidera que o tema deva ser tratado com preconceito. Na sequência, alguns relatos de personagens que superaram o drama do suicídio são apresentados, além da opinião de uma psicóloga, sendo classificada dessa forma nos atributos de "Matérias como foco em familiares, amigos ou especialistas". Devido a esses fatores, a matéria se enquadra nos seguintes critérios de noticiabilidade: negatividade; atualidade; caráter exaustivo; proximidade; relevância; e simplificação. Todas as matérias publicadas nessa série especial apresentaram características semelhantes em seus enunciados (sendo inclusive inseridas na mesma editoria), tendo o intuito de ser uma ferramenta combativa contra o estigma do suicídio.

3.3.3 – A heterogeneidade nas notícias sobre o "Baleia Azul" no *CG News*

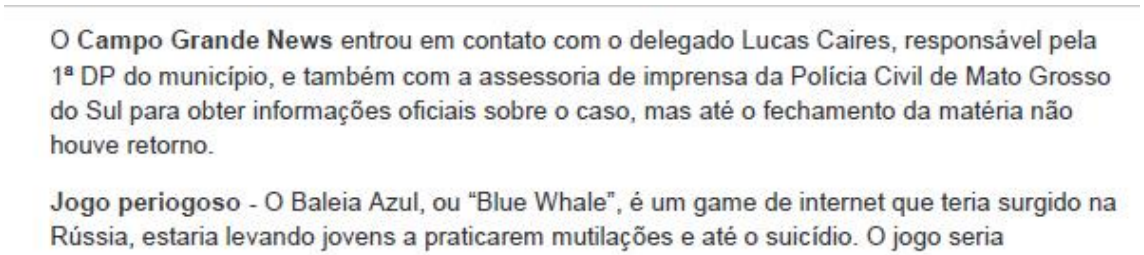
O desafio da Baleia Azul registrou as primeiras ocorrências no Brasil no final de 2016, tendo os seus primeiros relatos no estado de Mato Grosso. O local de surgimento do jogo remete à Rússia, onde teria provocado as primeiras mortes em 2015. No entanto, ainda não se sabe quem foi o pioneiro do jogo, nem como o desafio chegou ao Brasil. Na versão mais recente, o desafio apresenta uma série de mensagens contendo 50 passos que propõem automutilação, ingestão de medicamentos, culminando com o ato suicida. As informações do jogo são trocadas, geralmente, entre adolescentes e um remetente desconhecido (denominado por "curador"), por meio de redes sociais como *Facebook* e *WhatsApp*. As mensagens circulam em forma de corrente na *web*, principalmente por meio das redes sociais, e alcançam um amplo número de pessoas. O pânico em decorrência do desafio virtual amedrontou familiares de adolescentes no Brasil, principalmente no período entre abril e julho de 2017, quando um número

expressivo de notícias a respeito do assunto foram divulgadas pela imprensa. Para a composição do *corpus* de análise deste trabalho, foram selecionadas notícias publicadas pelos portais *Campo Grande News* e *Midiamax*, durante este período.

O portal *Campo Grande News* publicou as primeiras notícias em torno deste assunto, no dia 19 de abril de 2019. Trata-se das matérias intituladas "Mensagem sobre 'jogo da morte' chega à polícia e põe escolas em alerta" e "Carta sobre 'jogo do suicídio' será enviada a pais e professores de MS". Observa-se que, em ambos os títulos, existem aspas para marcar 'jogo da morte' e 'jogo do suicídio', caracterizando, nesses casos, heterogeneidades enunciativas mostradas marcadas, de conotação autonímica, nas quais não há rupturas sintáticas no enunciado. Em ambas as situações, as aspas são usadas para atribuir juízos de valores referentes ao jogo, como forma de contestação da própria opinião do autor em torno do desafio (negociação entre heterogeneidade mostrada e constitutiva).

A atribuição a 'jogo da morte' e 'jogo do suicídio', relaciona-se ao fato de, até então, existir pouca familiaridade do público com informações acerca do desafio, afinal, são as primeiras notícias que estavam sendo publicadas sobre o jogo no portal. Além desses fatores, tais designações podem acarretar uma situação de pânico e insegurança, própria da negatividade presente nos critérios de noticiabilidade trabalhados por Sousa (2002), Shoemaker (2006) e Wolf (1987). Este foi o início para o agendamento (McCOMBS; SHAW, 2000) em torno do tema pelo portal. Na matéria intitulada "Mensagem sobre 'jogo da morte' chega à polícia e põe escolas em alerta" existe ainda um intertítulo no corpo do texto, designando o "Baleia Azul", como jogo perigoso, como pode ser observado na Figura 26.

Figura 26 – Trecho da matéria de 19 de abril de 2017 do *CG News*: "Mensagem sobre 'jogo da morte' chega à polícia e põe escolas em alerta"

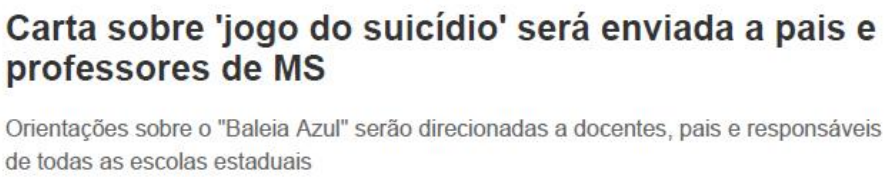


O **Campo Grande News** entrou em contato com o delegado Lucas Caires, responsável pela 1ª DP do município, e também com a assessoria de imprensa da Polícia Civil de Mato Grosso do Sul para obter informações oficiais sobre o caso, mas até o fechamento da matéria não houve retorno.

Jogo periogoso - O Baleia Azul, ou "Blue Whale", é um game de internet que teria surgido na Rússia, estaria levando jovens a praticarem mutilações e até o suicídio. O jogo seria

Figura 27 – Título da matéria de 19 de abril de 2017 do *CG News*: "Mensagem sobre 'jogo da morte' chega à polícia e põe escolas em alerta"

Figura 28 – Título da matéria de 19 de abril de 2017 do *CG News*: "Carta sobre 'jogo do suicídio' será enviada a pais e professores de MS"



Verifica-se, por meio da publicação destas matérias, que ambas se classificam como "Cobertura Factual", visto que trata-se de algo até então desconhecido, que se enquadra no critério de noticiabilidade como insólito. A matéria "Mensagem sobre 'jogo da morte' chega à polícia e põe escolas em alerta", embora tenha 14 parágrafos, é meramente efêmera, factual e sem entrevistados. Uma parte expressiva desse texto se dedicou a mostrar a mensagem na íntegra que alguns alunos teriam recebido em seus celulares de um curador e a repercussão do desafio em outros lugares do Brasil e do mundo. Além de negatividade e insólito, a notícia também apresenta os seguintes critérios de noticiabilidade: brevidade; proximidade (está enquadrada na editoria "Capital"); relevância; e, por fim, o inesperado.

Na notícia "Carta sobre 'jogo do suicídio' será enviada a pais e professores de MS", a notícia apresenta 11 parágrafos e o jornalista responsável destaca, assim como no *lead*, a carta que está sendo elaborada pela Secretaria Estadual, na qual relata, por meio de discurso indireto de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada (conotação autonímica), que "o objetivo é que o texto, com alertas e esclarecimentos sobre o "jogo mortal", seja encaminhado a professores, pais e responsáveis de alunos de todas as escolas da rede estadual de ensino" (GURGEL, 2017). Mais uma vez, assim como no título, insere uma adjetivação para se referir ao jogo, dessa vez como "jogo mortal". A jornalista procura, portanto, construir uma situação de negatividade e vigilância sobre o tema. Apenas no último parágrafo do texto, a autora da matéria insere - por meio de um

discurso direto de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada (autonímia simples) - parte da nota da Polícia Civil de Mato Grosso do Sul, na qual é afirmado que “Muitas pessoas aproveitam o calor dos assuntos que preocupam a sociedade para fazer brincadeiras de mau gosto e emplacar boatos". Ou seja, se esta parte da nota, de caráter cautelar, fosse inserida no título, subtítulo ou no *lead*, o desenvolvimento do texto poderia ter sido diferente. Porém, se opta pelo critério da negatividade como prioritário. Devido a tais motivos, a matéria se classifica no atributo de “Cobertura Factual”, além de apresentar também os seguintes critérios de noticiabilidade: brevidade; negatividade; atualidade; proximidade (por se referir a uma notícia sobre o estado de Mato Grosso do Sul) e dramatização.

Após a divulgação dessas primeiras notícias, mais conteúdos em torno do tema passaram a ser divulgadas. No dia 07 de maio de 2017, a notícia “Polícia diz que jovem sofria de depressão e se jogou do 13º andar” merece atenção no seu título, subtítulo e outros dois parágrafos, conforme pode ser percebido nas Figuras 29 e 30. Primeiramente, em relação ao título, a jornalista, por meio da uma citação indireta da fala de polícia - de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada (autonímia simples) – atribui ao estigma que envolve o estado depressivo a morte do jovem, levando-se em conta que parte expressiva das mortes ocasionadas por suicídio, são em virtude dessa patologia de ordem mental. Já no subtítulo, mais uma vez o autor faz uso de citação indireta, destacando dessa vez as comunidades de jogos *online* aos quais o sujeito participava, como protagonista desse desfecho.

Figura 29 - Trecho da matéria de 07 de maio de 2017 do *CG News*: "Polícia diz que jovem sofria de depressão e se jogou do 13º andar"

07/05/2017 18:26

Polícia diz que jovem sofria de depressão e se jogou do 13º andar

Rapaz de 19 anos participava de comunidades de jogos online e já teria tentado tirar a própria vida outras vezes.

Anahi Gurgel

Corpo de jovem de 19 anos é levado para IMOL na tarde deste domingo (08). Vítima se jogou do 13º andar. (Foto: Marcos Ermínio)

A Polícia Civil confirmou que a morte do jovem de 19 anos, após queda do 13º andar de um prédio localizado na região central de Campo Grande, foi provocada pela própria vítima, que se jogou da janela de seu quarto por volta das 16h deste domingo (7).

Figura 30 – Trecho da matéria de 07 de maio de 2017 do *CG News*: "Polícia diz que jovem sofria de depressão e se jogou do 13º andar"

A polícia levou notebook e computador do jovem para investigar o caso que, aparentemente, não teria relação com o jogo "Baleia Azul". "Não encontramos nenhuma referência específica a esse game. Estamos levando os equipamentos para verificar todas as possibilidades", disse.

Camilo Cavalheiro contou ainda que os pais do jovem são franceses, muito rígidos, e exigiam muito do filho em relação aos estudos, mas que haviam decidido reduzir a cobrança e estimular o garoto a fazer supletivo. O jovem tinha outras duas irmãs, que não residem em Campo Grande.

Em seguida, no primeiro parágrafo grifado do corpo do texto, o autor faz uso de citação direta, caracterizada por heterogeneidade enunciativa mostrada marcada, de autonímia simples. Antes da citação, porém, o redator da matéria introduz a informação de que o suicídio do jovem não tem relação com o desafio "Baleia Azul". Essa informação torna-se importante, principalmente, porque o fato ocorreu no período de

agendamento do *game*. Portanto, mesmo que o delegado entrevistado tenha negado a princípio a relação com o jogo, a informação do desafio localizado neste contexto é importante. Nesse caso, ao se dar conta da revelação de que a vítima participava de jogos *online*, o jornalista recorda ao desafio, remetendo a outra formação discursiva (FD) a qual teve contato.

O parágrafo seguinte traz uma citação indireta (heterogeneidade enunciativa mostrada marcada, de autonímia simples) relatando novamente a fala do delegado responsável pelo caso. Observa-se que a escolha para inserir as informações nesse trecho revela a presença de estereótipos em torno da nacionalidade dos pais da vítima, afirmando que "são franceses, muito rígidos, e exigiam muito do filho em relação aos estudos, mas que haviam decidido reduzir a cobrança e estimular o garoto a fazer supletivo" (GURGEL, 2017). Atribuiu-se então aos pais, "franceses", mesmo que pela voz do delegado, uma carga de culpa pelo suicídio, aplicando a eles identidades sociais virtuais, estigmatizando-os. Devido a esses fatores, essa matéria está no atributo de "Cobertura Factual" e se enquadra nos seguintes critérios de noticiabilidade: negatividade; atualidade; morte; proximidade (por estar na editoria Capital e ser uma notícia referente a cidade de Campo Grande); e simplificação.

Dois dias depois, ainda em meio à repercussão do fenômeno "Baleia Azul", o *Campo Grande News* publicou uma notícia intitulada "Jovens entre 15 e 29 anos são os que mais tentam tirar a própria vida". A matéria não trata em nenhum momento sobre o "Baleia Azul", porém, aproveitando os efeitos do agendamento deste assunto naquele período, apresenta a informação de que parte da faixa etária das pessoas que participam do desafio, são os que mais tentam praticar suicídio, atraindo assim, interesse de leitura. O subtítulo, porém, apresenta uma dupla estigmatização ao dizer: "Este ano, entre janeiro e março 220 pessoas tentaram se matar, a maioria mulheres; psiquiatra liga casos à imaturidade" (GURGEL, 2017). A informação de que as mulheres são as que mais tentam suicídio, seguido de uma atribuição de imaturidade pelo psiquiatra, contribui com a construção da identidade social virtual em relação às mulheres que, por motivos múltiplos, podem vir a tentar findar com a própria vida. Essa dupla estigmatização ocorre em virtude da própria tentativa de suicídio e pela inclusão do gênero feminino no enunciado. Tanto o título, quanto o subtítulo estão caracterizados, nesse caso, como heterogeneidades mostradas marcadas por autonímia simples, como pode ser visualizado na Figura 31.

Figura 31 – Trecho da matéria de 09 de maio de 2017 do *CG News*: "Jovens entre 15 e 29 anos são os que mais tentam tirar a própria vida"

Jovens entre 15 e 29 anos são os que mais tentam tirar a própria vida

Este ano, entre janeiro e março 220 pessoas tentaram se matar, a maioria mulheres; psiquiatra liga casos à imaturidade

Anahi Gurgel

Em um período de 1 ano e 3 meses, 1098 pessoas tentaram o suicídio em Campo Grande, segundo a Sesau. (Foto: André Bittar)

Embora a notícia apresente a opinião de um especialista para comentar os dados, essa matéria ainda se enquadra no atributo de "Conteúdos com foco estatístico", pois 10 dos 15 parágrafos do texto apresentam dados estatísticos. De todo modo, a matéria se atém aos dados e não apresenta mais de uma fonte para destrinchar a temática. Entre os critérios de noticiabilidade, o conteúdo apresenta negatividade, proximidade (por trazer dados de Campo Grande), atualidade e relevância (estes dois últimos se enquadram, porque a notícia foi publicada durante o agendamento do desafio "Baleia Azul").

Dois meses depois, quando o agendamento do "Baleia Azul" já estava se deteriorando na imprensa local, o assunto acabou voltando a tona por meio da matéria "Polícia do Rio encontra jovens de MS entre aliciados para 'Baleia Azul'", publicada em 21 de Julho de 2017. Ao contrário dos primeiros títulos que tratavam do desafio - fazendo o uso de adjetivos - o autor refere-se diretamente ao jogo, pois o leitor já estava familiarizado com o assunto. Em segundo lugar, como aparece nos parágrafos 3º e 4º do texto (com grifo na Figura 32), o relato da prisão de um 'curador' do *game* é destacada entre aspas. As aspas atribuídas a essa palavra, são pelo fato da palavra curador, nesse

sentido, estar empregada pejorativamente, considerando que curador significa um guardião. No caso do "Baleia Azul", porém, é atribuído a alguém que induz e orienta jovens a tirarem a própria vida. No entanto, não há ruptura sintática na frase e caracteriza-se por uma conotação autonímica de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada. Ao inserir as aspas em 'guardião', o narrador também se exime da autoria desse termo.

Figura 32 – Trecho da matéria de 21 de julho de 2017 do *CG News*: "Polícia do Rio encontra jovens de MS entre aliciados para 'Baleia Azul'"

Um jovem de 23 anos, Matheus Silva, preso em Nova Iguaçu (RJ), confessou ser o 'curador' principal de uma das correntes criadas. 'Curador' é o responsável por impor os desafios de tortura física e psicológica, sempre sob intensas ameaças.

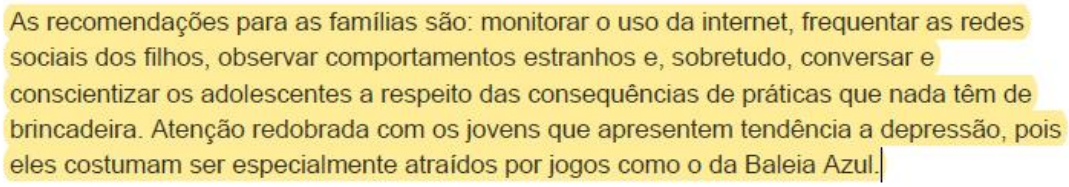
Segundo a polícia do Rio, números de telefone com o DDD 67, de nosso Estado, apareciam em grupos criados pelos 'curadores' para impor os desafios macabros Às crianças e adolescentes.

Ainda no 3º parágrafo, o caráter de negatividade em torno do ato continua prevalecendo, mais uma vez por meio da adjetivação, quando o jornalista afirma, por meio de citação indireta (heterogeneidade enunciativa mostrada marcada de autonímia simples) que os 'curadores' impõem os desafios aos jogadores "sob intensas ameaças". O mesmo recurso é usado no 4º parágrafo, também por citação indireta, quando se afirma que "números de telefone com o DDD 67, de nosso Estado, apareciam em grupos criados pelos 'curadores' para impor os desafios de tortura física e psicológica, sempre sob intensas ameaças", apresentando o adjetivo intensa precedendo o verbo". Nesse trecho, além da atenuação do critério negatividade, aparece também o de proximidade, quando se refere ao DDD de Mato Grosso do Sul.

Por fim, no último parágrafo, o jornalista por meio de uma citação indireta livre, assume a posição de orientador e alerta para os cuidados que os pais devem ter com os jovens, tais como monitorar o uso de *internet*, frequentar as redes sociais dos filhos, observar comportamentos estranhos e conversar e conscientizar os adolescentes (ver na Figura 33). Dessa forma, o autor da notícia age de forma a se contrapor ao estigma. Nesse caso, o redator faz uso de heterogeneidade enunciativa mostrada não marcada, visto que insere opiniões pessoais no corpo do enunciado (provenientes de outras formações discursivas), como por exemplo: "Atenção redobrada com os jovens que

apresentem tendência a depressão, pois eles costumam ser especialmente atraídos por jogos como o da Baleia Azul" (RIBEIRO, 2017).

Figura 33 – Trecho da matéria de 21 de julho de 2017 do *CG News*: "Polícia do Rio encontra jovens de MS entre aliciados para 'Baleia Azul'"


As recomendações para as famílias são: monitorar o uso da internet, frequentar as redes sociais dos filhos, observar comportamentos estranhos e, sobretudo, conversar e conscientizar os adolescentes a respeito das consequências de práticas que nada têm de brincadeira. Atenção redobrada com os jovens que apresentem tendência a depressão, pois eles costumam ser especialmente atraídos por jogos como o da Baleia Azul.

Devido a esse cenário, embora o narrador procure orientar os leitores em torno da gravidade do problema, a matéria está classificada no atributo de "Cobertura Factual" e, além de estar enquadrada nos critérios de noticiabilidade de negatividade e proximidade (devido a editoria Capital e a referência ao DDD 67 no corpo da matéria), a notícia também abrange os critérios de brevidade e atualidade.

3.3.4 – A heterogeneidade nas notícias sobre o "Baleia Azul" no *Midiamax*

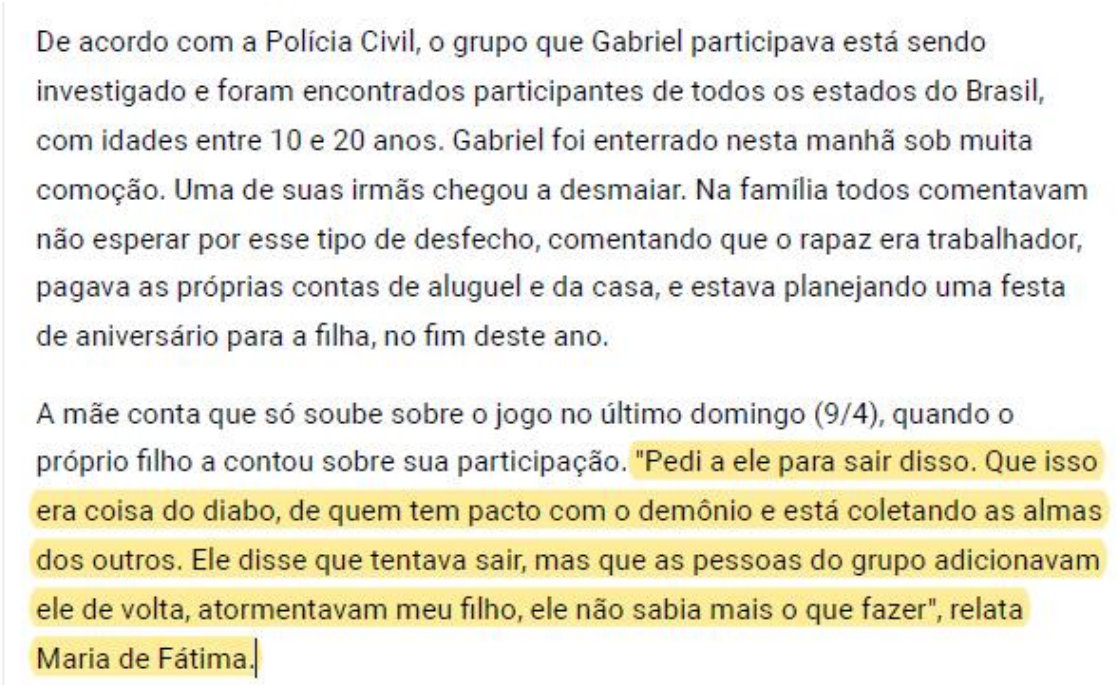
O *Midiamax* divulgou a primeira matéria relacionada ao desafio "Baleia Azul", no dia 14 de abril de 2017, com o título "Adolescente brasileiro é vítima do Baleia Azul, o jogo do suicídio". Percebe-se nesse caso, pelo título, que o redator da notícia não se exime da responsabilidade ao mencionar "jogo do suicídio", pois não faz a inserção de aspas, caracterizando uma citação indireta de heterogeneidade enunciativa mostrada não marcada. Ao contrário do procedimento utilizado pelo *Campo Grande News* que, nas duas primeiras notícias divulgas sobre o tema apresenta entre aspas as expressões 'jogo do suicídio' e 'jogo da morte', como pôde ser observado no item 3.3.3.

A notícia relata o suicídio de um jovem, do município de Pará de Minas, em Minas Gerais, supostamente relacionado ao desafio. No 4º parágrafo da matéria, mais uma vez, como pôde ser percebido em análises mostradas anteriormente, as pessoas próximas à vítima manifestam incredulidade em relação ao ato. O autor da notícia relata esta passagem, por meio de uma citação indireta, de autonímia simples, caracterizada como heterogeneidade enunciativa mostrada marcada:

> Na família todos comentavam não esperar por esse tipo de desfecho, comentando que o rapaz era trabalhador, pagava as próprias contas de aluguel e da casa, e estava planejando uma festa de aniversário para a filha, no fim deste ano (ALVES, 2017).

Essa incredulidade em relação a prática do ato pela vítima, revela a presença de uma identidade social virtual, construída pelas pessoas que estão ao seu entorno e remetida ao jovem, mas que não simboliza necessariamente a identidade social real que caracterizava o indivíduo, até pelo fato dessas pessoas desconhecerem, mesmo estando próximas, o sofrimento que o jovem enfrentava. O estigma é manifestado mais uma vez, no momento que é dito "o rapaz era trabalhador, pagava as próprias contas de aluguel e da casa, e estava planejando uma festa de aniversário para a filha, no fim deste ano", estabelecendo uma oposição entre o perfil do suicida e de uma pessoa que não praticaria o ato e estigmatizando as pessoas que passam por esse problema, como irresponsáveis, infelizes e que não gostam de trabalhar. No parágrafo seguinte, marcado dessa vez por uma citação direta (caracterizado por heterogeneidade enunciativa mostrada marcada), é inserida uma declaração da mãe da vítima, na qual fica explícita a formação discursiva cristã (FD) da mesma (ver na Figura 34).

Figura 34 – Trecho da matéria de 14 de abril de 2017 do *Midiamax*: "Adolescente brasileiro é vítima do Baleia Azul, o jogo do suicídio"



De acordo com a Polícia Civil, o grupo que Gabriel participava está sendo investigado e foram encontrados participantes de todos os estados do Brasil, com idades entre 10 e 20 anos. Gabriel foi enterrado nesta manhã sob muita comoção. Uma de suas irmãs chegou a desmaiar. Na família todos comentavam não esperar por esse tipo de desfecho, comentando que o rapaz era trabalhador, pagava as próprias contas de aluguel e da casa, e estava planejando uma festa de aniversário para a filha, no fim deste ano.

A mãe conta que só soube sobre o jogo no último domingo (9/4), quando o próprio filho a contou sobre sua participação. "Pedi a ele para sair disso. Que isso era coisa do diabo, de quem tem pacto com o demônio e está coletando as almas dos outros. Ele disse que tentava sair, mas que as pessoas do grupo adicionavam ele de volta, atormentavam meu filho, ele não sabia mais o que fazer", relata Maria de Fátima.

Percebe-se por meio dessa citação o espaço que o autor da notícia concede a formação discursiva cristã da mãe da vítima, o que reproduz a estigmatização do suicídio, induzindo a compreensão do leitor ao fato de que quem comete suicídio está afastado de Cristo, construindo uma identidade social virtual as pessoas que praticam o ato. Por meio dessas análises, verifica-se que a matéria se enquadra no atributo de classificação "Cobertura Factual", por relatar uma ocorrência policial, além de apresentar os seguintes critérios de noticiabilidade: negatividade; morte; inesperado (devido a incredulidade de pessoas próximas em relação a prática do ato); proximidade (localizada na editoria Brasil) e relevância.

Cinco dias após a primeira publicação sobre o desafio, o *Midiamax* divulga uma nova notícia sobre o assunto, dessa vez relacionada a um caso ocorrido em Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul. Publicada em 19 de abril de 2017, o título da matéria é "Aviso de envenenamento em desafio do 'Baleia Azul' deixa escolas de MS em alerta" e as palavras 'Baleia Azul' aparecem com aspas nessa situação (uma forma de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada, de conotação autonímica, na qual não há ruptura sintática no enunciado), como uma forma do autor de se eximir de determinada responsabilidade em relação a denominação do desafio. É importante lembrar que duas notícias sobre o mesmo fato foram noticiadas também na mesma data pelo *Campo Grande News*, porém os enunciados dos títulos não demonstravam ainda familiaridade com o desafio, pois o nome do *game* não foi sequer mencionado, sendo substituído na ocasião por 'jogo do suicídio' (Figura 28) e 'jogo da morte' (Figura 27). No caso do título do *Midiamax,* a menção direta ao "Baleia Azul" é compreensível, visto que uma notícia relacionada ao tema já havia sido publicada cinco dias antes. Logo, supõe-se que o leitor já tenha familiaridade com o tema.

Figura 35 – Título da matéria de 19 de abril de 2017 do *Midiamax*: "Aviso de envenenamento em desafio do 'Baleia Azul' deixa escolas de MS em alerta"

Localizada na editoria Polícia, a matéria se enquadra no atributo de classificação "Cobertura Factual", apresentando somente citações indiretas (por heterogeneidade enunciativa mostrada marcada) e prezando pelos critérios de noticiabilidade de negatividade, ao tratar que "deixa escolas de MS em alerta", de proximidade (por tratar no título do estado de Mato Grosso do Sul); além de brevidade e simplificação.

No dia seguinte, o *Midiamax* publica uma nova matéria, intitulada "Para vereadores, 'Baleia Azul' é reflexo de internet demais e amor de menos". Por influência do agendamento que o tema provocava na mídia naquele momento, o assunto foi debatido entre os vereadores de Campo Grande, na Sessão da Câmara Municipal do dia 20 de abril de 2017. No título e durante a matéria, é possível identificar a presença de formações discursivas (FD) e ideológicas (FI) dos parlamentares citados. Os parágrafos 3º e 4º, por exemplo, relatam a opinião do vereador Veterinário Francisco (PSB), trazendo a tona a sua formação ideológica (FI) embasado na sustentação da família e na criação tradicional a qual foi supostamente submetido. O parlamentar compara a vara da infância (segmento criado para proteção da criança) à vara da goiabeira (utilizada pelos adultos para agredir as crianças). O jornalista autor da matéria nesse caso insere a fala do vereador por citação direta (heterogeneidade enunciativa mostrada marcada de autonímia simples) quando é dito:

> Família é a base de tudo, os pais acham que obrigação de educar é da creche. Outra coisa é a falta da religiosidade, falta de Deus. A escola ajuda, mas não resolve de verdade. Na minha época a vara da infância era a vara da goiabeira. Não tinham psicólogo", disparou Veterinário Francisco (PSB) (MOURA, 2017).

A formação ideológica (FI), relacionada a um aspecto tradicional familiar, é reforçada no texto também pelos vereadores Odilon Junior (PDT) e Papy (SD). Ambas as opiniões também são introduzidos pelo autor do texto por meio de citação direta. O primeiro introduzido na citação afirma que o jogo 'é um sintoma da falência da instituição família', enquanto o segundo diz que o parlamento precisa 'estar atento para consolidar o ambiente familiar'.

No segundo parágrafo, o jornalista traz a opinião do vereador Delegado Wellington (PSDB), fazendo uso em um primeiro momento de citação indireta por autonímia simples (caracterizada por heterogeneidade enunciativa mostrada marcada), com a presença da ilha textual citada pelo vereador como 'massacre digital' ao classificar o jogo. Wellington demonstra aversão às redes sociais, sugerindo

primeiramente enviar um ofício para *Google* e *Facebook* e, em seguida, é demonstrado pela citação direta do autor do texto, quando afirma que 'tecnologia é perversa e que a rede social promove auto-mutilação'. No caso, essa citação também se caracteriza como heterogeneidade enunciativa mostrada marcada, de autonímia simples.

No 5º parágrafo, o redator da matéria também demonstra a aversão à internet exposta pelo vereador Ayrton Araújo (PT). Primeiramente, por meio de uma citação indireta (caracterizada por heterogeneidade enunciativa mostrada marcada de autonímia simples), o jornalista relata a fala do vereador, dizendo que os pais precisam proibir os filhos de acessar o *Facebook*. Em seguida, insere uma citação direta (novamente heterogeneidade enunciativa mostrada marcada de autonímia simples) de Ayrton Araújo, demonstrando insatisfação em relação a política de proteção as crianças.

> Para Ayrton Araújo (PT), os pais precisam proibir os filhos de acessar o *Facebook*. "Hoje os filhos estão ai para o mundo educar. Porque hoje não pode encostar no olho que ele faz um ofício. Isso é por causa da globalização, falta de amor e carinho", disse o petista, que revelou que começou a trabalhar com 10 anos de idade, ajudando o pai (MOURA, 2017).

Os parágrafos 7º e 8º, também endossam a aversão às redes sociais, dessa vez pela opinião do vereador pedetista Ademir Santana, na qual sugeriu um projeto de lei que proíba alunos da rede pública de usar celular nas dependências dos colégios. O redator da matéria faz uso de citação direta (heterogeneidade enunciativa mostrada marcada de autonímia simples) para introduzir a fala do parlamentar:

> Escola não é lugar de ficar no *Facebook*, no *Whats*. Pelo menos vamos tentar proibir que eles (crianças e adolescentes) _quem sem celular um período", disse Santana, que não teve atenção de todos os colegas durante sua fala já que alguns justamente mexiam em seus smartphones (MOURA, 2017).

Percebe-se, pela forma como foi construído o texto, demonstrações de heterogeneidades enunciativas mostradas nos enunciados, manifestando formações ideológicas (FI) majoritariamente provindas de FDs cristãs, conservadoras, preocupadas com a manutenção da estrutura familiar e com aversão à internet (como pode ser visualizado nos grifos das Figuras 36 e 37), atribuindo de forma generalizada para a construção de identidades sociais virtuais dos estigmatizados devido a um suicídio ou tentativa, sustentando dessa forma o estigma. Além do mais, a seleção dessas várias

citações no mesmo texto pode significar uma negociação entre a heterogeneidade mostrada e constitutiva do autor da matéria, afinal ele pode vir de FDs e FIs voltadas ao tradicionalismo familiar e aos preceitos cristãos, assim como seus entrevistados.

Figura 36 – Matéria do *Midiamax* de 20 de abril de 2017 na íntegra: "Para vereadores, 'Baleia Azul' é reflexo de internet demais e amor de menos"

Para vereadores, 'Baleia Azul' é reflexo de internet demais e amor de menos

Ludyney Moura Em **15h35 - 20/04/2017**

'Vara da infância era a da goiabeira', disse um deles

Durante a sessão desta quinta-feira (20) na Câmara de Campo Grande, os vereadores discutiram sobre o jogo, criado na Rússia, conhecido como 'Baleia Azul', que incita os participantes a atos de mutilação e até suicídio.

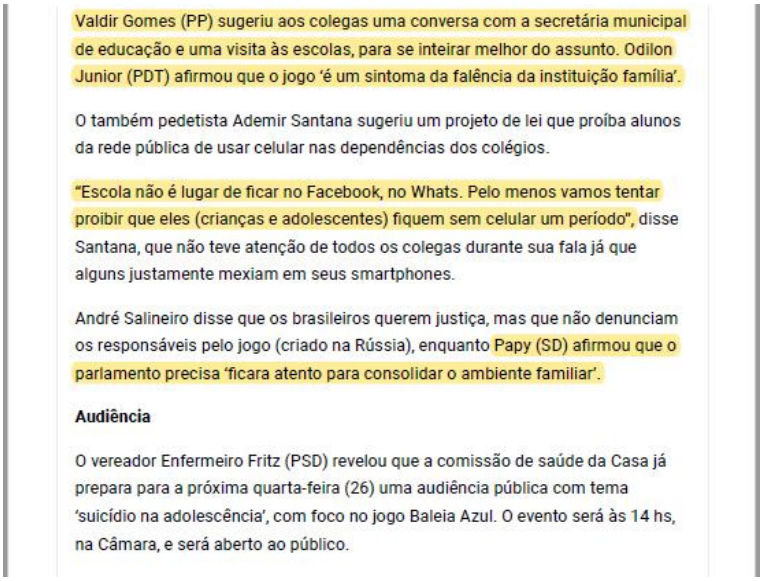
Responsável por levar o assunto ao plenário, o vereador Delegado Wellington (PSDB) afirmou que o Poder Público precisa se atentar para o jogo, que classificou de 'massacre digital'. O tucano chegou a sugerir envio de ofício para o Google e Facebook, e disparou que a 'tecnologia é perversa e que a rede social promove auto-mutilação'.

Para alguns vereadores, mudanças no comportamento das famílias resultam no suicídio de crianças e adolescentes que participam do 'Baleia Azul'.

"Família é a base de tudo, os pais acham que obrigação de educar é da creche. Outra coisa é a falta da religiosidade, falta de Deus. A escola ajuda, mas não resolve de verdade. Na minha época a vara da infância era a vara da goiabeira. Não tinham psicólogo", disparou Veterinário Francisco (PSB).

Para Ayrton Araújo (PT), os pais precisam proibir os filhos de acessar o Facebook. "Hoje os filhos estão ai para o mundo educar. Porque hoje não pode encostar no filho que ele faz um ofício. Isso é por causa da globalização, falta de amor e carinho", disse o petista, que revelou que começou a trabalhar com 10 anos de idade, ajudando o pai.

Figura 37 – Continuação da Matéria do *Midiamax* de 20 de abril de 2017: "Para vereadores, 'Baleia Azul' é reflexo de internet demais e amor de menos"



Valdir Gomes (PP) sugeriu aos colegas uma conversa com a secretária municipal de educação e uma visita às escolas, para se inteirar melhor do assunto. Odilon Junior (PDT) afirmou que o jogo 'é um sintoma da falência da instituição família'.

O também pedetista Ademir Santana sugeriu um projeto de lei que proíba alunos da rede pública de usar celular nas dependências dos colégios.

"Escola não é lugar de ficar no Facebook, no Whats. Pelo menos vamos tentar proibir que eles (crianças e adolescentes) fiquem sem celular um período", disse Santana, que não teve atenção de todos os colegas durante sua fala já que alguns justamente mexiam em seus smartphones.

André Salineiro disse que os brasileiros querem justiça, mas que não denunciam os responsáveis pelo jogo (criado na Rússia), enquanto Papy (SD) afirmou que o parlamento precisa 'ficara atento para consolidar o ambiente familiar'.

Audiência

O vereador Enfermeiro Fritz (PSD) revelou que a comissão de saúde da Casa já prepara para a próxima quarta-feira (26) uma audiência pública com tema 'suicídio na adolescência', com foco no jogo Baleia Azul. O evento será às 14 hs, na Câmara, e será aberto ao público.

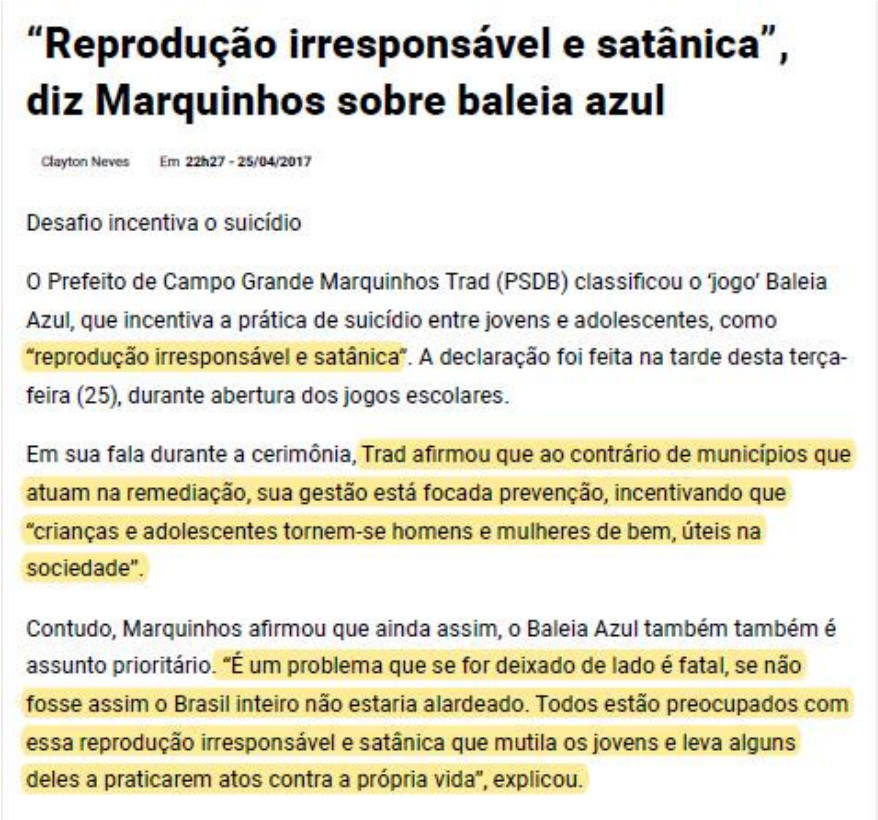
Devido às situações relatadas, a matéria está no atributo de classificação "Cobertura Factual", visto que se trata de uma cobertura jornalística de sessão na Câmara dos Vereadores de Campo Grande (motivo pelo qual integra a editoria Política), não trazendo opiniões de especialistas sobre o assunto, nem dados estatísticos acerca do fenômeno, que ainda se apresentava muito recente. Em virtude do caráter alarmante caracterizado pelo viés religioso do conteúdo, enquadra-se nos critérios de noticiabilidade de negatividade; de atualidade (por estar no auge do agendamento do tema); e de proximidade (por dar espaço discursivo no texto a vereadores de Campo Grande).

Assim como esteve presente nos discursos dos vereadores, no dia 25 de abril de 2017, o prefeito de Campo Grande deixa transparecer a sua formação discursiva (FD), provinda do cristianismo, no próprio título da notícia que diz ""Reprodução irresponsável e satânica", diz Marquinhos sobre baleia azul". O comportamento conservador é demonstrado também no segundo parágrafo do texto, marcado por uma citação direta (caracterizada por heterogeneidade enunciativa mostrada marcada de autonímia simples) que diz:

> Em sua fala durante a cerimônia, Trad afirmou que ao contrário de municípios que atuam na remediação, sua gestão está focada prevenção, incentivando que "crianças e adolescentes tornem-se homens e mulheres de bem, úteis na sociedade" (NEVES, 2017).

Ao dizer que está focado na prevenção e não na remediação, Trad se coloca de forma conservadora em torno do assunto e emite um juízo de valor em relação às crianças e adolescentes que estão participando do *game*, afirmando que sua gestão busca incentivar que "crianças e adolescente tornem-se homens e mulheres de bem, úteis na sociedade". Com isso, a inserção dessa fala do prefeito pelo autor da matéria, também contribui com o estigma em torno do suicídio, pois se quer que os jovens sejam "homens e mulheres de bem", significa, pelo seu discurso proferido, que as crianças e adolescentes que praticam o desafio e tentam o suicídio, não são de boa índole. Ou seja, o jornalista, ao conceder espaço a essas formações discursivas (FD), contribui com a criação de identidades sociais virtuais direcionadas a essas crianças e adolescentes, reproduzindo o estigma aos que participam ou participaram do desafio.

Figura 38 – Trecho de matéria do *Midiamax* de 25 de abril de 2017: "Reprodução irresponsável e satânica"



"Reprodução irresponsável e satânica", diz Marquinhos sobre baleia azul

Clayton Neves Em 22h27 - 25/04/2017

Desafio incentiva o suicídio

O Prefeito de Campo Grande Marquinhos Trad (PSDB) classificou o 'jogo' Baleia Azul, que incentiva a prática de suicídio entre jovens e adolescentes, como "reprodução irresponsável e satânica". A declaração foi feita na tarde desta terça-feira (25), durante abertura dos jogos escolares.

Em sua fala durante a cerimônia, Trad afirmou que ao contrário de municípios que atuam na remediação, sua gestão está focada prevenção, incentivando que "crianças e adolescentes tornem-se homens e mulheres de bem, úteis na sociedade".

Contudo, Marquinhos afirmou que ainda assim, o Baleia Azul também também é assunto prioritário. "É um problema que se for deixado de lado é fatal, se não fosse assim o Brasil inteiro não estaria alardeado. Todos estão preocupados com essa reprodução irresponsável e satânica que mutila os jovens e leva alguns deles a praticarem atos contra a própria vida", explicou.

A matéria está no atributo de classificação "Cobertura Factual", em virtude de tratar brevemente sobre o assunto que estava no agendamento midiático, sendo que somente o prefeito Marquinho Trad (PSDB) aparece como entrevistado na publicação

durante a cerimônia de abertura de um evento esportivo. Devido ao discurso do parlamentar destacado pelo jornalista no conteúdo, a notícia enquadra-se nos critérios de noticiabilidade de: negatividade (principalmente em torno da caracterização que o prefeito atribui ao jogo); brevidade; proximidade (por destacar a fala do prefeito de Campo Grande, motivo ao qual a notícia integra a editoria Política); atualidade (pelo tratamento a um tema que estava na agenda midiática); relevância; e novidade.

Assim como ocorreu no *Campo Grande News*, durante a repercussão do fenômeno "Baleia Azul", o *Midiamax* divulgou uma reportagem com o título "Crescimento constante: taxa de suicídio entre jovens sobe 10% desde 2002", alertando para o fato do fenômeno do autoextermínio ser um problema de saúde pública antigo e não momentâneo. O *lead* da matéria alerta para o crescimento de suicídios na faixa etária de 15 a 29 anos. A reportagem, no entanto, não faz nenhuma referência ao jogo, neste caso. Esses fatos mostram então a exposição de oposição do jornalista autor da matéria em relação à manutenção do estigma suicídio, em um momento oportuno. O *lead* e o título são heterogeneidades enunciativas mostradas marcadas de autonímia simples.

Figura 39 – Trecho de matéria do *Midiamax* de 25 de abril de 2017: "Crescimento constante: taxa de suicídio entre jovens sobre 10% desde 2002"

Crescimento constante: taxa de suicídio entre jovens sobe 10% desde 2002

Clayton Neves Em 16h32 - 22/04/2017 BRASIL

Foram 2.898 suicídios de jovens de 15 a 29 anos em 2014

De assunto mantido entre quatro paredes a tema de série na internet, o suicídio de jovens cresce de modo lento, mas constante no Brasil: dados ainda inéditos mostram que, em 12 anos, a taxa de suicídios na população de 15 a 29 anos subiu de 5,1 por 100 mil habitantes em 2002 para 5,6 em 2014 – um aumento de quase 10%.

A matéria se enquadra ainda no atributo “Conteúdos com foco estatístico” e no formato notícia, visto que embora tenha sido tratada com profundidade e exaustivamente, os primeiros parágrafos e o título trazem unicamente dados estatísticos, deixando os entrevistados em um segundo momento da matéria. O conteúdo apresenta também os seguintes critérios de noticiabilidade: negatividade, atualidade, caráter exaustivo, proximidade, relevância e amplificação.

Passado mais de um mês após a efervescência do tema no agendamento midiático local e com uma gradual deterioração do assunto na agenda pública e midiática, no dia 31 de maio de 2017 verifica-se uma tentativa de trazer o tema à tona, com a seguinte notícia: “Violação de túmulos e cadáveres em MS pode estar ligada ao jogo ‘Baleia Azul’”. A inserção do verbo “pode” indica uma possibilidade, algo para criar expectativa e interesse ao leitor e, consequentemente, convidá-lo a ler a matéria. O primeiro parágrafo deixa transparecer ainda mais esse interesse por parte do jornalista:

> Todas as pistas foram apagadas, mas a violação de uma sepultura no cemitério de Rio Brilhante, a 158 quilômetros de Campo Grande, (a segunda este mês), pode estar ligada ao jogo de desafios “Baleia Azul”. Esta é uma das linhas de investigação a ser adotada pelo delegado André Luiz de Mendonça, titular da delegacia de Rio Brilhante (FLORENTINO, 2017).

Figura 40 – Matéria do *Midiamax* do dia 31 de maio de 2017 na íntegra: "Violação de túmulos e cadáveres em MS pode estar ligada ao jogo 'Baleia Azul'"

Violação de túmulos e cadáveres em MS pode estar ligada ao jogo 'Baleia Azul'

Arlindo Florentino Em 19h21 - 31/05/2017 POLÍCIA

Polícia registrou segundo caso em menos de 10 dias

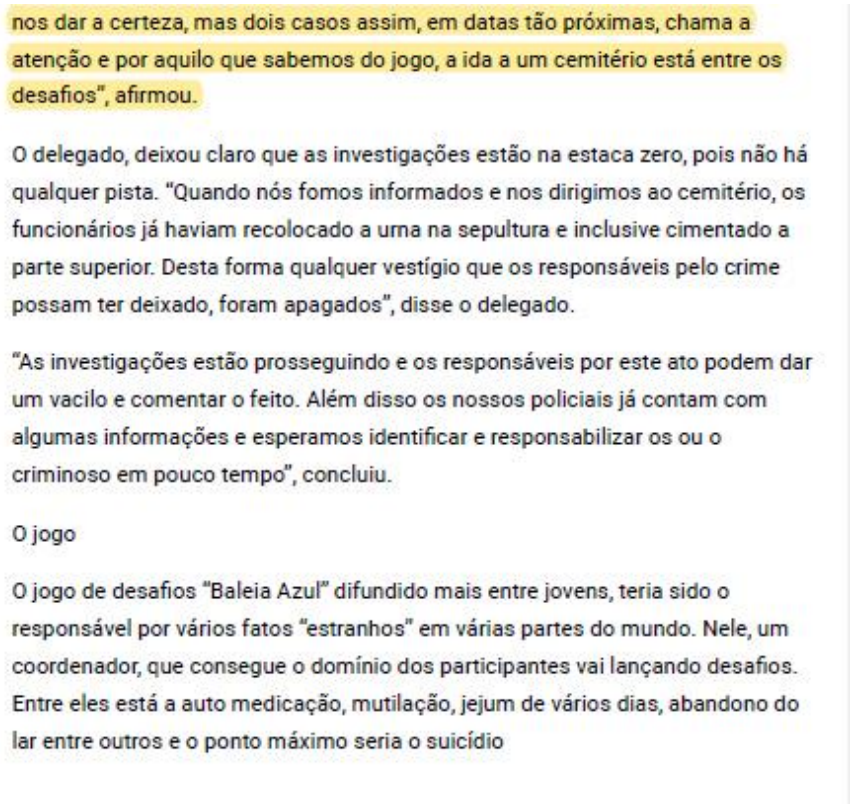
Todas as pistas foram apagadas, mas a violação de uma sepultura no cemitério de Rio Brilhante, a 158 quilômetros de Campo Grande, (a segunda este mês), pode estar ligada ao jogo de desafios "Baleia Azul". Esta é uma das linhas de investigação a ser adotada pelo delegado André Luiz de Mendonça, titular da delegacia de Rio Brilhante.

O fato aconteceu no último dia 28, quando foi feito o Boletim de Ocorrência de violação de sepultura, pois a urna funerária foi encontrada ao lado do túmulo e com a tampa quebrada

O primeiro caso deste mês foi registrado na fronteira do Brasil com o Paraguai no dia 18. Trabalhadores de um cemitério de Pedro Juan Caballero, no Paraguai acionaram a polícia depois de encontrarem, o túmulo de um brasileiro violado, e o corpo jogado ao chão sem a cabeça e um dos braços.

O fato de dois casos semelhantes acontecerem em datas tão próximas, chamou a atenção do delegado. "É apenas uma suposição. Não temos nada que possa

Figura 41 – Continuação da matéria do *Midiamax* do dia 31 de maio de 2017 na íntegra: "Violação de túmulos e cadáveres em MS pode estar ligada ao jogo 'Baleia Azul'"



nos dar a certeza, mas dois casos assim, em datas tão próximas, chama a atenção e por aquilo que sabemos do jogo, a ida a um cemitério está entre os desafios", afirmou.

O delegado, deixou claro que as investigações estão na estaca zero, pois não há qualquer pista. "Quando nós fomos informados e nos dirigimos ao cemitério, os funcionários já haviam recolocado a urna na sepultura e inclusive cimentado a parte superior. Desta forma qualquer vestígio que os responsáveis pelo crime possam ter deixado, foram apagados", disse o delegado.

"As investigações estão prosseguindo e os responsáveis por este ato podem dar um vacilo e comentar o feito. Além disso os nossos policiais já contam com algumas informações e esperamos identificar e responsabilizar os ou o criminoso em pouco tempo", concluiu.

O jogo

O jogo de desafios "Baleia Azul" difundido mais entre jovens, teria sido o responsável por vários fatos "estranhos" em várias partes do mundo. Nele, um coordenador, que consegue o domínio dos participantes vai lançando desafios. Entre eles está a auto medicação, mutilação, jejum de vários dias, abandono do lar entre outros e o ponto máximo seria o suicídio

Ao inserir os parênteses com os dizeres "(a segunda este mês)", em um enunciado de discurso indireto, o jornalista induz o leitor a compreensão que a sua suposição apresenta embasamento. No entanto, o autor da matéria se esquiva de qualquer opinião pessoal, ao afirmar que esta é uma das linhas de investigação a ser adotada pelo delegado André Luiz de Mendonça, titular da delegacia de Rio Brilhante, caracterizando um caso de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada, de autonímia simples. A fim de sustentar essa possibilidade, no 4º parágrafo, o jornalista se utiliza da citação direta do delegado responsável pelo caso, caracterizando assim um enunciado de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada, de autonímia simples, como pode ser observado a seguir:

> O fato de dois casos semelhantes acontecerem em datas tão próximas, chamou a atenção do delegado. "É apenas uma suposição. Não temos nada que possa nos dar a certeza, mas dois casos assim, em datas tão próximas, chama a atenção e por aquilo que sabemos do jogo, a ida a um cemitério está entre os desafios", afirmou (FLORENTINO, 2017).

Por se tratar de uma matéria inserida na editoria de Polícia, com apenas a apresentação da fala de um entrevistado (sendo este o delegado responsável pelo caso), a notícia está classificada no atributo de "Cobertura Factual". Além disso, enquadra-se nos seguintes critérios de noticiabilidade: negatividade (por se tratar de uma ocorrência de violação de túmulos e possível relação com o desafio "Baleia Axul"); brevidade; insólito; atualidade e proximidade (por ser uma notícia referente a uma ocorrência do estado de Mato Grosso do Sul).

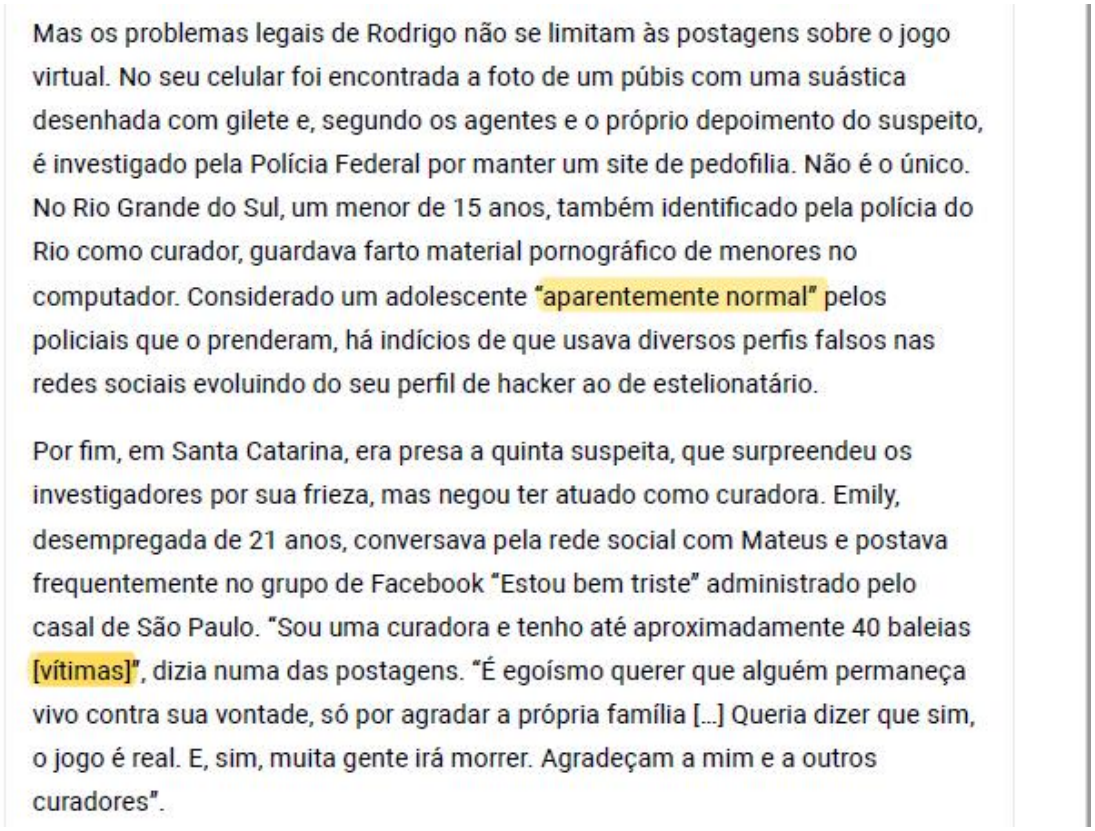
Entretanto, de 8 a 26 semanas, o agendamento tem a tendência de desaparecer da mídia como afirma McCombs (2009). Foi então que no dia 22 de julho de 2017, o *Midiamax* publicou a notícia intitulada "Pedofilia e rituais em cemitérios, a cara oculta dos curadores do Baleia Azul". Após o tema ter perdido força na imprensa na imprensa sul-mato-grossense, a prisão de alguns curadores do *game* voltou a despertar a atenção da mídia campo-grandense. Nessa matéria, três situações de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada, por conotação autonímica (nas quais não há ruptura sintática), merecem destaque.

A primeira delas aparece na descrição do perfil de um dos curadores detidos. "Amante do rock, é considerado "um cara tranquilo" pelo seu advogado" (ALVES, 2017). As aspas em "um cara tranquilo" (heterogeneidade enunciativa mostrada marcada, de conotação autonímica, onde não há ruptura sintática), revela que o autor da matéria não compactua com essa descrição e tem cautela para dizer sobre a personalidade do suposto curador. Assim, o autor evita assumir a responsabilidade por essa designação. A segunda vez que o autor utiliza esse recurso é na seguinte frase do 10º parágrafo (Figura 43): "Considerado um adolescente "aparentemente normal" pelos policiais que o prenderam", ao tratar da prisão de um outro curador.

Figura 42 – Matéria do *Midiamax* do dia 22 de julho de 2017 na íntegra: "Pedofilia e rituais em cemitérios, a cara oculta dos curadores do Baleia Azul'"

Mateus, pedreiro desempregado, disse ter acompanhado os desafios de cerca de 30 jovens, mas insistiu, sempre sem perder a calma, não ter matado ninguém. Amante do rock, é considerado "um cara tranquilo" pelo seu advogado. Com a ressalva, segundo a polícia, de que tinha uma caveira embaixo da cama e gostava de visitar os cemitérios à noite e fazer rituais que incluíam abrir os túmulos e tirar tecidos humanos para fazer chás.

Figura 43 – Continuação da matéria do *Midiamax* do dia 22 de julho de 2017 na íntegra: "Pedofilia e rituais em cemitérios, a cara oculta dos curadores do Baleia Azul'"



Mas os problemas legais de Rodrigo não se limitam às postagens sobre o jogo virtual. No seu celular foi encontrada a foto de um púbis com uma suástica desenhada com gilete e, segundo os agentes e o próprio depoimento do suspeito, é investigado pela Polícia Federal por manter um site de pedofilia. Não é o único. No Rio Grande do Sul, um menor de 15 anos, também identificado pela polícia do Rio como curador, guardava farto material pornográfico de menores no computador. Considerado um adolescente "aparentemente normal" pelos policiais que o prenderam, há indícios de que usava diversos perfis falsos nas redes sociais evoluindo do seu perfil de hacker ao de estelionatário.

Por fim, em Santa Catarina, era presa a quinta suspeita, que surpreendeu os investigadores por sua frieza, mas negou ter atuado como curadora. Emily, desempregada de 21 anos, conversava pela rede social com Mateus e postava frequentemente no grupo de Facebook "Estou bem triste" administrado pelo casal de São Paulo. "Sou uma curadora e tenho até aproximadamente 40 baleias [vítimas]", dizia numa das postagens. "É egoísmo querer que alguém permaneça vivo contra sua vontade, só por agradar a própria família [...] Queria dizer que sim, o jogo é real. E, sim, muita gente irá morrer. Agradeçam a mim e a outros curadores".

O último uso de heterogeneidade enunciativa mostrada marcada, por conotação autonímica, ocorre quando o autor do texto descreve uma frase de uma das curadoras do jogo, no *Facebook*: ""Sou uma curadora e tenho até aproximadamente 40 baleias [vítimas]" (Figura 43), dizia numa das postagens". O uso de colchetes para designar as "vítimas", funciona nesta situação como uma tradução ao substantivo "baleias".

Por meio da postura cautelar utilizada pelo autor ao longo do texto, revela-se uma característica de contraposição ao estigma suicídio, visto que fica expresso na notícia, por meio do recurso das aspas, a não concordância do jornalista em relação ao fato que os curadores detidos sejam tranquilos e normais, além do fato de considerar as 'baleias', como são denominados os jogadores do desafio, como vítimas da situação e não como culpados. O conteúdo se insere na classificação de atributos "Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas", por ser trabalhado em exaustão e pertencer ao formato reportagem. Além disso, a matéria apresenta o critério de noticiabilidade de caráter exaustivo, além de negatividade (em virtude da prisão dos suspeitos); brevidade; proximidade (inserida na editoria Brasil); relevância e amplificação.

3.4 – Os efeitos do agendamento na imprensa local

A aplicação da teoria de heterogeneidade enunciativa (AUTHIER-REVUZ, 1990; 2004) nas coberturas dos agendamentos referentes ao "Baleia Azul" e nas campanhas institucionais "Setembro Amarelo" dos portais *Campo Grande News* e *Midiamax*, mostraram características que contribuíram para compreender se esses *sites* estão agindo no combate ao estigma que envolve o suicídio ou se reproduzem a alimentação do tabu em torno do fenômeno.

Majoritariamente, as matérias do formato notícia apresentam heterogeneidade enunciativa mostrada marcada por autonímia simples, nas quais os personagens quase sempre são inseridos, seja por citação direta ou indireta. Conteúdos com heterogeneidade enunciativa mostrada não marcada foram pouco observados no decorrer dos textos jornalísticos e, quando estiveram presentes, estavam geralmente na classificação de atributos "Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas", indicando matérias que foram trabalhadas com menos brevidade e nas quais o jornalista tinha mais liberdade para expressar sua opinião. No atributo "Coberturas Factuais", principalmente em notícias de caráter Policial referentes a mortes ou tentativas de suicídio, raramente foi verificada a presença de profissionais especialistas comentando o fenômeno, contribuindo em algumas dessas situações à proliferação do estigma em torno do suicídio. Os conteúdos que, por sua vez, se enquadram em "Matéria como foco em familiares, amigos ou especialistas" geralmente apresentam marcas de aversão e contraposição ao tabu.

Em relação ao "Setembro Amarelo", percebeu-se que durante ano de 2014, os jornais não fizeram menção a campanha, visto que a data ainda não estava institucionalizada no estado de Mato Grosso do Sul. De qualquer forma, nesse período, notícias em relação ao fenômeno suicídio na imprensa sul-mato-grossense eram divulgadas e percebeu-se que nesse ano, o caráter de prevenção foi colocado em segundo plano por ambos os *sites*. Houve nesse primeiro período, frequentes atribuições dos jornalistas (usando citações diretas e/ou indiretas) as características das pessoas que tentavam ou praticavam o autoextermínio, criando-se identidades sociais virtuais em relação a esses personagens, deslocando-os do estado de desacreditável para desacreditado. As matérias, durante esse ano, se enquadravam majoritariamente na classificação de atributos "Cobertura Factual".

A partir da campanha do ano de 2015, os dois jornais trabalham com mais ênfase a conscientização em torno da prevenção ao suicídio, período em que instituições de

Mato Grosso do Sul começam a se organizar para realizarem eventos em torno da campanha. Porém, parte expressiva dos conteúdos produzidos, ainda permanecem na classificação de atributos "Cobertura Factual", sendo matérias breves que, mesmo trazendo em alguns casos opiniões de especialistas para avaliar o fenômeno, ainda contribuem com a proliferação do estigma.

Ambos os veículos apresentaram também conteúdos que se enquadraram em "Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas". No *Campo Grande News*, esse tipo de matéria esteve mais presente a partir de 2015, na editoria Lado B, na qual os jornalistas tem mais liberdade para desenvolver a narrativa. No *Midiamax*, se enquadravam em Cotidiano e foram produzidas com mais ênfase nas campanhas de 2016 e 2018, períodos nos quais o portal realizou séries especiais de matérias em virtude da data institucional. De qualquer forma, observou-se que a inserção nesse atributo não significa necessariamente que a matéria esteja atuando na contraposição ao estigma. Em algumas situações, especialmente quando o critério de noticiabilidade dramatização está presente no conteúdo, deixam prevalecer o estigma em torno do ato.

No desafio "Baleia Azul", percebeu-se que o critério de noticiabilidade de negatividade prevaleceu, no qual ambos os jornais se preocuparam em alertar a todo tempo a população em torno dos riscos que, supostamente, o desafio poderia acarretar às crianças e aos adolescentes. Mesmo com uma rápida deterioração do agendamento em torno do tema (menos de três meses), o desconhecimento social em relação a esse fenômeno levou a uma produção massiva de matérias breves e de caráter policial, sendo estas enquadradas em "Coberturas Factuais".

Como balanço desses dois períodos de agendamento, percebeu-se durante as análises, frequente perplexidade dos personagens presentes nas matérias jornalísticas em relação às ocorrências de suicídio. Não raras vezes, foram inseridas citações dizendo que o indivíduo que cometeu o ato apresentava condições socioeconômicas e/ou profissionais privilegiadas, era de boa índole, sorridente, alegre, como se esses atributos devessem obrigatoriamente apresentar uma espécie de imunidade contra o autoextermínio. A opção por dar ênfase neste aspecto, tanto quanto na prevenção, mostram que existe no Eu do jornalista, negociações constantes entre a heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva (que não está no fio discursivo). Esta última tem, dentre suas composições, políticas editoriais internas das redações que podem levar o jornalista, mesmo que de forma inconsciente (sujeito dividido) à conformação com as condições de produção as quais está submetido. De qualquer forma, a opção pela ênfase

em determinadas formações discursivas em detrimento de outras (principalmente com o auxílio do recurso de heterogeneidade enunciativa mostrada), ficou evidente em matérias que trabalhavam mais de um entrevistado, seja relatando episódios de contraposição em relação ao estigma, seja manifestando perplexidade e julgamento de valor sobre o suicídio.

4 – CONCLUSÃO

Embora os números não neguem que o suicídio é um problema de saúde pública em nível mundial, (tendo como parâmetro os dados da OMS que mostram que uma pessoa se suicida a cada 40 segundos no mundo), este trabalho mostrou por meio do mapeamento quantitativo, da aplicação da hipótese do agendamento e da análise discursiva de heterogeneidade enunciativa que o fenômeno do autoextermínio é também um tema de alta complexidade e estigmatizado na alta modernidade, especialmente em Campo Grande, município sede dos portais analisados.

Estar enquadrado em temas estigmatizados e de alta complexidade para o tratamento jornalístico no estado de Mato Grosso do Sul (terceiro lugar no que tange ao maior índice de autoextermínio no Brasil) e no município de Campo Grande (que ocupa a sétima posição entre as capitais com o maior índice de suicídios em território nacional) simboliza um cenário de crise coletiva instalado em âmbito local, como já dizia Durkheim (2000).

Esses números fornecem indicadores de como o tratamento de temas estigmatizados pela imprensa local, pode corroborar com a manutenção da estigmatização que ofusca um grave problema de saúde pública. Situação esta confirmada pelos conteúdos publicados pela imprensa local entre os anos de 2014 a 2018, especificamente nos períodos de cobertura das campanhas do mês institucional "Setembro Amarelo" e do desafio "Baleia Azul".

Por meio dessas informações iniciais, mostra-se quão essencial é que os jornalistas se amparem por cuidados específicos em relação ao tratamento dessa temática, perpassando por aspectos éticos e deontológicos da esfera comunicacional e jornalística, como o Manual para Profissionais da Mídia sobre Prevenção ao Suicídio da OMS (2000), documento este que mostra a necessidade desse tema ser trabalhado de forma mais contextualizada pelos profissionais da imprensa.

Considerando as nuances do processo de produção jornalístico, que abarca aspectos pessoais, culturais e sociais, como afirma Schudson (1988), a imprensa não é a única instância da sociedade responsabilizada pela proliferação de estigmas, especificamente no caso do suicídio, visto que na história das civilizações, centenas de populações compreendiam/compreendem e lidaram/lidam com o fenômeno do autoextermínio de forma bárbara, preconceituosa e grotesca.

De qualquer forma, no momento em que um jornalista se recusa a falar sobre suicídio, atribuindo sua não aceitação a um suposto efeito de contágio, além de negligenciar um grave problema de saúde pública, se desliga também de seu comprometimento com as questões pujantes da realidade social e com o próprio jornalismo, deixando de lado a essência da profissão que exerce, em sua concepção de serviço público. Em um ato de Pilatos, o jornalista "lavaria as mãos" e se esquivaria de qualquer responsabilidade que o faça quebrar paradigmas em torno de um assunto. Segundo Durkheim (2000), as publicações relacionadas a esse tipo de ato podem somente influenciar as pessoas que já estão predispostas a executá-lo. De qualquer forma, o cuidado como esse tipo de informação é essencial, visto que o conteúdo pode ter o peso positivo ou negativo na balança da razão, podendo ser um gatilho ou um bálsamo para um momento turbulento.

Embora se verifique uma mudança progressiva no volume de conteúdos publicados, principalmente depois que a campanha "Setembro Amarelo" passou a ser institucionalizada (no ano de 2015), o tratamento em relação ao tema ainda se baseia na noção de estigma conceituada por Goffman (2004). De acordo com o autor, o indivíduo que está na condição de estigmatizado, fica à margem de universos simbólicos legitimados, em virtude de abominações no corpo, situações de culpa que envolvem seu caráter, além de questões polêmicas relacionadas a raça, a nação e a religião aos quais são tipificados. Quando o estigma é exposto, é comum o indivíduo carregar um sentimento de vergonha e constrangimento perante a condição negativa que sustenta no âmbito social.

Portanto, o suicídio está enquadrado na categoria de estigma não somente para o sujeito que tentou ou concretizou o ato, como para os entes queridos que compartilham esta condição desfavorável com o estigmatizado, estando ele vivo ou morto. Em meio a esse cenário, veículos de imprensa de todo o mundo, em contextos históricos distintos, alteram constantemente suas rotas em relação à abordagem do tema. Em alguns momentos, preferem ocultar a problemática, em outros abordam o assunto de forma exagerada.

Devido a essas situações, frequentemente o jornalista tem dúvidas sobre quais os métodos adequados a serem utilizados no tratamento desse fenômeno. Essas dúvidas, como puderam ser observadas nas análises deste trabalho, relaciona-se a falta de preparo dos jornalistas para lidar com temas propensos a reprodução de estigmas e de alta complexidade, como é o caso do suicídio. Esse cenário preocupante indica ainda

possíveis falhas e lacunas na formação desses profissionais, além da impositiva submissão a fatores organizacionais da empresa para a qual presta serviço, como, por exemplo, a exigência de produção instantânea (principalmente no *Ciberjornalismo*) e a obediência a políticas editorias das empresas as quais prestam serviço. Jornalistas do *Campo Grande News*, por exemplo, revelaram que gostariam de ter mais tempo em suas rotinas para trabalharem conteúdos relacionados ao suicídio, mas que as características do portal e a nova forma de produção de conteúdos do *Ciberespaço,* não permitem isso, detendo assim, segundo os entrevistados, parte da criatividade, além de gerar nos profissionais, desinteresse por temas estigmatizados e de alta complexidade. Essa situação, aliada a precários planos de carreira oferecidos a esses profissionais, contribuem também para uma expressiva rotatividade de jornalistas em ambos os veículos analisados neste trabalho.

Além desses fatores, o despreparo humanístico possivelmente relacionado a aspectos pessoais precedentes ao ingresso na profissão também podem contribuir com o rompimento de tabus relacionados ao estigma. Essa situação indica que, de fato, a junção dos fatores sociais, culturais e pessoais, como afirma Schudson (1988), são os alicerces que definirão as escolhas dos jornalistas durante o processo de produção dos conteúdos.

Sobre a cobertura do suicídio como tema complexo e estigmatizado, nos capítulos 2 e 3 foram apresentados os elementos de análise de sua repercussão pela imprensa campo-grandense entre os anos de 2014 a 2018 na divulgação do tema suicídio, avaliando como o estigma que o envolve repercute no tratamento jornalístico e verificando se os conteúdos dos portais *Campo Grande News* e *Midiamax* têm se posicionado de forma contrária a esse tabu ou se corroboram com a alimentação de estigmas em torno do fenômeno.

Primeiramente, a hipótese do agendamento foi apresentada como um dos recursos a serem utilizados nesse trabalho, a fim de desvelar a complexidade em torno do autoextermínio, visto que tem como princípio o estudo em relação a assuntos que são incluídos ou excluídos das programações, de acordo com o nível de impacto e o grau hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento, se baseando na técnica de redundância midiática. Essa técnica alcançou êxito no "Baleia Azul" e no "Setembro Amarelo" a partir da identificação de seus atributos. Entre os atributos que apareceram com mais recorrência, está "Coberturas Factuais". Esse atributo está presente

principalmente na editoria Cidades do *Campo Grande News* e nas editorias Cotidiano e Polícia do *Midiamax*.

Dessa forma, foram expostos mapeamentos quantitativos em relação ao volume de conteúdos produzidos por *Campo Grande News* e *Midiamax* durante a cobertura das campanhas "Setembro Amarelo" e do desafio "Baleia Azul", nos quais foram notados efêmeros períodos de agendamento, dando assim os primeiros indicadores de estigma em torno do tema suicídio.

Em relação ao mês de surgimento do desafio "Baleia Azul", os dois portais estudados neste trabalho tiveram em abril, um aumento significativo na produção de conteúdos relacionados ao fenômeno suicídio, vindo a se deteriorar com expressiva rapidez, se comparado com a curva de deterioração típica da cobertura de temáticas simples ou não estigmatizadas no mês posterior. O mesmo pôde ser notado em relação às campanhas "Setembro Amarelo" em todos os meses de setembro nos dois veículos, com exceção do *Midiamax* que apresentou em outubro de 2017, um número maior de publicações sobre o tema suicídio em relação a setembro.

De acordo com os precursores da hipótese do agendamento, McCombs e Shaw (2000), a deterioração da informação ocorre em um período de 8 a 26 semanas, mas no caso dessas duas coberturas, a deterioração ocorreu em um período inferior a 8 semanas nos portais *Campo Grande News* e *Midiamax*, sendo um indicativo da caracterização do suicídio como tema de alta complexidade. É importante ressaltar que os dois períodos estudados neste trabalho apresentam características distintas, pois enquanto o "Baleia Azul" foi um fenômeno supostamente espontâneo e inesperado pela mídia local, a campanha "Setembro Amarelo" já estava, desde 2015, prevista na agenda governamental local. No entanto, mesmo neste segundo que, sendo uma campanha, apresenta data de início e término, o tema suicídio e a complexidade exigida no seu tratamento, mereciam uma atenção mais prolongada pelos veículos midiáticos analisados nesta dissertação. No "Setembro Amarelo" também é demonstrada a dependência da agenda governamental por meio da queda na quantidade de divulgações nos últimos dois anos de campanha em ambos os veículos, sinalizando uma diminuição do interesse pelo fenômeno da imprensa nesse período, coincidindo com o período em que as instituições governamentais passaram a enviar a esses veículos menos materiais relacionados ao autoextermínio.

Esse número baixo representa estreita relação com a expressiva quantidade de conteúdos que se enquadram nos atributos "Coberturas Factuais", visto que as matérias

produzidas com esta classificação geralmente pertencem ao formato notícia e são matérias breves, que não exploram os fenômenos com profundidade, enquanto que "Matérias como foco em familiares, amigos ou especialistas", por exemplo, se enquadram normalmente no formato reportagem, apresentando um conteúdo mais longo e contextualizado. Esse cenário indica que o formato noticioso geralmente não é a opção mais adequada para se trabalhar com o tema suicídio, visto que, como o fato está em curso ou recém-ocorrido, dificilmente possibilita ao jornalista um conhecimento mais sistêmico da situação. De acordo com Marques de Melo (1985), durante o processo de produção noticioso, o profissional tem apenas informações básicas e primárias sobre determinado acontecimento, não sendo assim um gênero viável para se trabalhar temáticas de alta complexidade. Além do mais, a instantaneidade cada vez mais exigida pela notícia no *Ciberespaço* deixa o jornalista mais suscetível a um tratamento inadequado do conteúdo, podendo, em algumas situações, influenciar pessoas com ideação suicida a consumarem o ato. Por outro lado, a partir do momento em que o acontecimento é absorvido pela sociedade e existe um distanciamento minimamente temporal para reflexão (MARQUES DE MELO, 1985), o conteúdo pode ser produzido de forma mais cautelosa por meio de uma reportagem, na qual o jornalista não tem o fator tempo como algo tão impositivo.

No entanto, as análises neste trabalho mostraram que o maior obstáculo que os jornalistas encontram nessa situação é que as políticas internas das redações concedem poucos espaços para a produção de reportagens. Durante o período de agendamento do desafio "Baleia Azul", por exemplo, 54,8% do total de matérias produzidas pelo *Campo Grande News*, entre os meses de março e julho, se enquadram em "Coberturas Factuais", enquanto 17,7% esteve em "Matérias como foco em familiares, amigos ou especialistas", 20,9% em "Artigos ou Colunas" e apenas 6,4% em "Conteúdos com foco estatístico".

No *Midiamax*, os números relacionados à quantidade de "Coberturas Factuais" sobre essa mesma cobertura, no mesmo período, são ainda mais expressivos, representando 72% de conteúdos divulgados pelo portal no total, tendo em "Matérias como foco em familiares, amigos ou especialistas" 24% e nos "Conteúdos com foco estatístico" 4%. A ausência de matérias em "Artigos ou Colunas" contribui com o aumento dos números nas outras classificações, que é um indicativo da caracterização das pessoas em se posicionaram sobre o assunto.

No período de agendamento do "Setembro Amarelo" do *Campo Grande News* em 2017, as "Coberturas Factuais" mantiveram o predomínio, com 52% do total de publicações em "Coberturas Factuais", enquanto "Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas" aparece com 22,4%, "Artigos ou Colunas" 8,1%, "Conteúdos com foco estatístico" com 13,2% e "Outros tipos de Conteúdos" com 3%.

No "Setembro Amarelo" do *Midiamax* em 2017, 56,3% do total esteve em "Coberturas Factuais", 22,5% estão em "Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas", 12,6% em "Conteúdos com foco estatístico" e 8,4% das matérias está enquadrada em "Outros tipos de conteúdo". O portal, assim como no agendamento do "Baleia Azul", não apresentou conteúdos em "Artigos ou Colunas".

As matérias com as classificações de atributos "Conteúdos com foco estatístico" e "Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas" se concentraram mais na cobertura das campanhas do "Setembro Amarelo" e menos no desafio do "Baleia Azul". Isso ocorreu em virtude do "Setembro Amarelo" ser um mês institucional, que têm seu tempo de agendamento definido para começar e terminar. O "Baleia Azul", por sua vez, foi uma novidade, inesperada e desconhecida, na qual os portais exigiam de seus repórteres produção constante de informação em torno do tema diariamente. Os jornalistas possuíam, portanto, um tempo mais longo para produzir conteúdos mais contextualizados, que se enquadram na categoria "Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas", enquanto que no "Baleia Azul" majoritariamente os conteúdos eram para a classificação "Coberturas Factuais".

As editorias e atributos apresentados neste trabalho mostram também a escassez de diferentes modalidades discursivas de gênero, demonstrado, por exemplo, por um número baixo de "Artigos e Colunas" produzidos pelo *Campo Grande News* em relação ao tema suicídio e pela ausência desse tipo de gênero no portal *Midiamax* ao tratar de autoextermínio. Poderia ser essa uma alternativa dos portais de explorarem o tema a fim de combaterem o estigma que permeia o suicídio.

Os dados expostos nesta dissertação mostram ainda que um dos grandes problemas durante o processo produtivo para os jornalistas é a pressão que sofrem para a publicação em massa de conteúdos, desafiando consequentemente o tempo. De acordo com alguns repórteres do *Campo Grande News* e do *Midiamax*, a luta contra o relógio aumenta a probabilidade de erros, além de conceder um tratamento insuficiente a informação, que necessita de métodos e procedimentos mais organizados e racionais para a produção dos conteúdos. *O Campo Grande News* foi apontado, dentro os dois

portais, o que tem a política editorial mais rígida em relação ao fator tempo, exigindo que a redação evite longos períodos sem matérias no *site*.

Por esses motivos, a dinâmica do *Ciberjornalismo* acentua ainda mais esse quadro, pois o público tem a disposição um arsenal de informações e os utiliza para interagir de forma mais frequente com o seu emissor, obrigando a atuação cada vez mais veloz das empresas jornalísticas. Nesse cenário, os mecanismos para o *feedback* do público em relação a qualidade dos conteúdos, adquirem mais visibilidade e se tornam cada vez mais triviais. Como consequência, o profissional recebe inúmeras informações, o que exige do jornalista um comportamento muito mais seguro, competente e atento para filtrar temas estigmatizados, como é o caso de suicídio.

Os elementos expostos no capítulo 2 foram tensionados durante o capítulo 3, utilizando a teoria de heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz (1990; 2004), especialmente com os atributos dos agendamentos referentes aos enunciados ao longo dos períodos de cobertura do "Baleia Azul" e do "Setembro Amarelo" e com os critérios de noticiabilidade que caracterizaram essas repercussões durante seus respectivos períodos. Por meio desse recurso, foi possível verificar as situações em que o estigma se materializou nos enunciados e em quais casos teve o viés de contraposição ao tabu em torno da temática.

Durante o trabalho, viu-se que a heterogeneidade enunciativa se divide em dois tipos: mostrada e constitutiva. Para analisar os elementos provenientes de formações discursivas (FD) e formações ideológicas (FI) do autor da matéria, esse trabalho se concentrou sobre a mostrada, que se subdivide em dois tipos: marcada e não marcada. A maioria dos casos analisados durante os períodos de agendamento do desafio "Baleia Azul" e da campanha "Setembro Amarelo", mostrou uma prevalência do gênero noticioso, composta majoritariamente pela classificação de atributos "Coberturas Factuais". Nesse caso, geralmente, as matérias se enquadram como heterogeneidade enunciativa mostrada marcada, visto que foi necessária a inserção do Outro (no caso dos entrevistados), seja por citação direta ou indireta (sendo no caso classificada como mostrada marcada de autonímia simples, na qual há ruptura sintática). As matérias com essas características podem apresentar também elementos de conotação autonímica (sem ruptura sintática) que descrevem expressões, palavras destacadas (por itálico, negrito ou sublinhado, por exemplo). Por meio desses elementos aplicados as notícias, especialmente as do atributo "Coberturas Factuais", percebeu-se vestígios que, segundo Goffman (2004), estereotipam os indivíduos com identidades sociais virtuais em

contraponto as suas identidades reais, vindo a desloca-los das condições de desacreditáveis para desacreditados.

De todo modo, verificou-se que a heterogeneidade enunciativa constitutiva também tem importância substancial nessa dissertação. Embora não esteja materializada no enunciado, esse tipo de heterogeneidade é responsável pela identidade constitutiva do jornalista, abarcando consequentemente aspectos pessoais, culturais, sociais e organizacionais. Este último aspecto é essencial nesse trabalho, visto que o profissional enfrenta situações decisivas para a composição dos enunciados durante a rotina de produção na redação. A obediência ás políticas editorias em relação a temas tabus e de tratamento complexo, além da habilidade para lidar com a instantaneidade do fator tempo, servem como exemplos. Esses aspectos não estão expressos nos enunciados, mas são indispensáveis na compreensão interdiscursiva do tratamento de temas estigmatizados e de alta complexidade.

No que tange aos gêneros jornalísticos e aos atributos, as matérias do formato notícia e que estão enquadradas em "Coberturas Factuais", indicam conteúdos que foram geralmente produzidos de forma mais breve e nas quais o jornalista não pode expressar sua opinião explicitamente, devendo seguir a uma técnica de narrativa linear, com pirâmide invertida (na qual os conteúdos mais importantes ficam concentrados no início do texto) e com um *lead* que responda as seis perguntas básicas de um acontecimento: o quê, quem, quando, onde, como e por que. Ainda durante as matérias que apresentam o atributo "Coberturas Factuais", principalmente em notícias de caráter policialesco referentes a mortes ou tentativas de suicídio, em alguns casos foram entrevistados entes queridos, porém, poucas foram as situações em que especialistas são citados, corroborando em torno do estigma que cerca o suicídio. Conteúdos com essa característica estiveram presentes com mais ênfase na editoria Cidades do *Campo Grande News* e nas editorias Cotidiano e Polícia do *Midiamax*.

Por sua vez, as matérias do formato reportagem e que geralmente se enquadram na classificação de atributos "Matérias como foco em familiares, amigos ou especialistas", indicam conteúdos que foram trabalhados com menos brevidade e nos quais o enunciador pode empregar uma narrativa não linear, que se diferencie do modelo tradicional, marcado pela técnica da pirâmide invertida e por um *lead* que deve responder as seis perguntas básicas no início do texto. Além disso, o autor pode expressar nesse gênero sua opinião em determinados conteúdos, de uma forma menos rígida em relação ao texto noticioso e factual. Percebeu-se que conteúdos com essas

características geralmente estão presentes na editoria Lado B do *Campo Grande News* e na editoria Cotidiano do *Midiamax*.

No limiar entre esses dois tipos de categorizações estão os atributos denominados "Conteúdos com foco estatístico", que podem se enquadrar tanto em notícia como em reportagem e se caracterizarem como matérias breves ou longas, tendo uma narrativa linear ou não linear, desde que dê sustentação aos dados. Apresenta-se menos imediatista que a categoria "Coberturas Factuais", visto que para se obter dados e estatísticas que são a essência desse tipo de conteúdo, se necessita distanciamento dos fatos. Isso ficou perceptível na comparação entre os agendamentos do "Setembro Amarelo" e do "Baleia Azul", no qual este segundo período foi caracterizado pelo agendamento de um fato insólito, desconhecido, diferentemente da campanha "Setembro Amarelo", que foi um fato programado. O *Campo Grande News* publicou 13,2% de "Conteúdos com foco estatístico" no "Setembro Amarelo" de 2017, enquanto que nos meses de agendamento do "Baleia Azul" foram apenas 6,4%. O mesmo ocorreu no *Midiamax*, que publicou 12,6% de "Conteúdos com foco estatístico" na campanha "Setembro Amarelo" de 2017 e apenas 4% no "Baleia Azul".

Por sua vez, alguns conteúdos jornalísticos (em uma quantidade expressivamente menor) do *Campo Grande News* e do *Midiamax*, apresentaram também heterogeneidades enunciativas mostrada não marcadas. Quando esse tipo de heterogeneidade esteve presente, foi caracterizada como "Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas" e inserida no formato reportagem. Como foi visto durante o capítulo 3, esse gênero se enquadra por desenvolver a matéria de forma mais contextualizada, podendo o jornalista optar por uma narrativa não-linear em algumas oportunidades. As matérias que geralmente estavam nesse atributo e nesse gênero, apresentaram marcas de contraposição ao tabu.

Foi perceptível também durante este período, a mudança de tratamento no decorrer dos anos, especialmente no "Setembro Amarelo". Em 2014, marcado por ser o primeiro ano da campanha, os dois portais analisados neste trabalho não a haviam mencionado, pois a data ainda não estava na agenda da imprensa de Mato Grosso do Sul, devido ao fato do poder público ainda não a ter institucionalizado. De todo modo, um volume expressivo de notícias sobre o tema suicídio já era divulgado pelos portais *Campo Grande News* e *Midiamax*, que, por sua vez, deixavam o viés da contraposição ao estigma em segundo plano. Durante esse ano, notou-se frequentes atribuições dos jornalistas (por meio de citações diretas e indiretas) às características dos indivíduos que

tentavam ou praticavam o autoextermínio, criando-se identidades sociais virtuais a apresentar a partir de respeito deles, além de deslocar as suas condições de desacreditáveis para desacreditados. As matérias estavam durante esse ano de forma mais frequente na classificação de atributos “Coberturas Factuais”.

De 2015 a 2018, percebeu-se que instituições a nível local iniciaram campanhas em torno do “Setembro Amarelo” com a finalidade de conscientização em relação a prevenção ao suicídio. Por sua vez, a classificação de atributos “Coberturas Factuais” ainda prevalece, mesmo que, em algumas notícias houvesse opiniões de especialistas para avaliar o tema. A partir de 2015, ambos os veículos começaram a publicar com mais recorrência conteúdos que se enquadrassem em “Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas”. No *Campo Grande News*, esse tipo de matéria passou a ser desenvolvida e incluída na editoria Lado B, na qual os jornalistas têm mais liberdade para desenvolver a narrativa de uma forma menos breve e não linear. No *Midiamax*, esse tipo de matéria se enquadrava em Cotidiano e foi produzida com mais ênfase nas campanhas de 2016 e 2018, períodos nos quais o portal realizou séries especiais de matérias em virtude da data institucional. Em 2018, inclusive, 4 dos 10 conteúdos produzidos pelo portal, estavam nos atributos “Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas”. Entretanto foi observado que a inserção nesse atributo não significava de forma obrigatória que a matéria apresentava um caráter de contraposição ao estigma. Em algumas situações, especialmente quando o critério de noticiabilidade dramatização está presente no conteúdo, deixam prevalecer o estigma em torno do ato.

Durante o período de agendamento do desafio “Baleia Azul”, percebeu-se que o critério de noticiabilidade de negatividade prevaleceu, no qual os dois portais alertavam constantemente a população em torno dos riscos do desafio. Mesmo com uma precoce deterioração do agendamento em torno do assunto (menos de três meses), o desconhecimento por parte da sociedade em relação ao fenômeno levou a uma massiva produção de matérias breves e de caráter policialesco, sendo estas enquadradas em “Coberturas Factuais”.

Como balanço do mapeamento quantitativo e da análise qualitativa sustentada pelo estudo de heterogeneidades enunciativas, percebeu-se que dúvidas em relação ao fenômeno suicídio permanecem pairando sobre os jornalistas, manifestado algumas vezes no enunciado das matérias, até mesmo nas citações de seus entrevistados. Frequentes citações incluídas nas matérias mostram que os indivíduos que cometeram suicídio ou tentaram, apresentavam condições socioeconômicas ou profissionais

privilegiadas, eram/são pessoas bem humoradas, trabalhadores, com filhos, como se essas características significassem imunidades contra o autoextermínio. Outro aspecto exaustivamente trabalhado pelos portais foi o suicídio entre os jovens. Parte expressiva das ocorrências de autoextermínio noticiadas por esses veículos envolviam pessoas jovens, dando a entender que os indivíduos dessa faixa etária são mais suscetíveis a esse tipo de ato, diante da crise coletiva atribuída por Durkheim (2000).

A caracterização em determinados atributos, em detrimento de outros; assim como a aplicação de determinados critérios de noticiabilidade, compõem a heterogeneidade constitutiva do sujeito (que não está explícita no fio discursivo), tendo no processo de produção textual uma constate negociação com a heterogeneidade mostrada do indivíduo (que está presente no texto). Por meio da heterogeneidade constitutiva, perpassam valores sociais, culturais e organizacionais, como afirma Schudson (1988), tendo em seu bojo, especialmente em relação aos aspectos organizacionais, as políticas editoriais que toda empresa jornalística apresenta. Essas políticas, mesmo que inconscientemente (em decorrência do sujeito dividido), levam ao menos parcialmente, o jornalista a um estado de conformação em relação às condições de produção as quais está submetido.

O auxílio da heterogeneidade enunciativa mostrada, demostra a ênfase do jornalista em determinadas formações discursivas em detrimento de outras, seja relatando episódios de combate em relação ao estigma, seja manifestando perplexidade e julgamento de valor sobre o suicídio. Reportagens mais aprofundadas, especialmente as enquadradas em “Matérias como foco em familiares, amigos ou especialistas” tem se tornado mais frequente em divulgações sobre o estigma suicídio, embora as de características noticiosas, breves e factuais ainda prevaleçam.

Mesmo considerando um processo de mudança gradual na característica das publicações (devido a um significativo processo de profissionalização de ambos os veículos na última década), tendo as matérias do formato reportagem, especialmente as que se enquadram no atributo “Matérias como foco em familiares, amigos ou especialistas” aparecendo de forma mais recorrente nos portais estudados neste trabalho, observa-se ainda por meio das análises expostas que, em alguns casos, estereótipos e preconceitos sociais são explanados. Essas situações aparecem nos enunciados quando os jornalistas inserem opiniões de agentes sociais que apresentam vieses conservadores, pendendo, por exemplo, para a manutenção da família tradicional e para uma formação ideológica cristã e apontando serem essas as soluções hipotéticas para a prevenção ao

autoextermínio. Atores sociais esses, que, em parte das análises, são atores políticos locais, que acabam substituindo especialistas de saúde mental e buscam, nessas ocasiões, se beneficiarem dos acontecimentos por meio de discursos acalorados. A literatura deste trabalho aponta que esse tipo de abordagem dificulta a quebra do estigma em torno dos atores sociais que sofrem com o fenômeno suicídio. Esse cenário esteve mais explicito durante o agendamento do "Baleia Azul" que, supostamente, foi um fenômeno surgido espontaneamente a de forma inesperada na mídia, despertando dúvidas e perplexidade durante o processo produtivo entre os profissionais, que eram manifestadas por meio de marcas e vestígios nos enunciados. Ao contrário do "Setembro Amarelo" que está também na agenda governamental e programado para ocorrer em um período do ano.

De todo modo, a fugacidade na deterioração do agendamento de assuntos que envolvem o tema suicídio reflete uma queda da audiência pela continuidade do debate, em virtude do fato de se tratar de um tema de alta complexidade e estigmatizado. Esse fenômeno fugaz demonstra também o desconhecimento da população em relação ao tema, concedendo a percepção que em torno da morte, ainda circulam muitos mistérios. O pouco conhecimento também do jornalista em relação ao fenômeno o induz a construir enunciados que, ás vezes, mesmo inconscientemente (considerando o sujeito dividido), corrobora com a alimentação de estigmas em torno do fenômeno suicídio, em ocasiões em que culpas são atribuídas aos estigmatizados. Além desses fatores, alguns jornalistas do *Campo Grande News* e do *Midiamax*, revelaram que a ocorrência do suicídio, quando se torna notícia, acaba sendo colocada em segundo plano. Os profissionais afirmaram que essa situação ocorre, pois, segundo as políticas editorias dos jornais, não são todos os suicídios que são noticiados, mas apenas aqueles que geram um transtorno maior no cotidiano. Por exemplo: uma pessoa que comete um suicídio, sozinha, em sua residência, não é notícia para esses veículos, porém, o indivíduo que salta de um viaduto de expressivo fluxo de veículos e pessoas, esse sim acaba tendo valor noticioso para esses portais. Logo, a colocação da ocorrência do suicídio em segundo plano, concedendo prioridade aos problemas gerados no trânsito em decorrência do incidente, é por si só uma forma de corroboração do tabu em torno do autoextermínio e do estigma direcionado as vítimas e terceiros envolvidos.

Portanto, os fatores aqui demonstrados e problematizados, mostram que a cobertura do tema suicídio pela imprensa local, perpassa por diferentes aspectos (pessoal, cultural, social e organizacional), o que confirma a natureza coletiva em torno

do fenômeno, como afirma Durkheim (2000). De todo modo, o jornalista acaba sendo mais influenciado pelo estigma em torno do suicídio, do que influenciador desse fenômeno. Os portais noticiosos estudados neste trabalho, portanto, não produzem estigmas, apenas reproduzem signos, universos simbólicos, mundos referenciais e dinâmicas sociais que envolvem este tema de alta complexidade.

Essas conclusões talvez sirvam como bússola para possíveis produções científicas futuras, a fim de se verificar e comparar se em outros assuntos menos complexos e não estigmatizados, fatores como a deterioração fugaz da informação, ausência de variedade de gênero, perplexidade em torno do fenômeno, preconceitos sociais, dentre outros fatores, são refletidos com ênfase nos enunciados jornalísticos de temas agendados.

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. **Introdução à sociologia**. São Paulo: UNESP, 2008.

ALMEIDA, A. F. **Efeito de Werther**. In: Análise Psicológica, 1. ed., n. 28, 2000, p. 37-51.

ALONSO, L. H. **La mirada cualitativa en sociología**. Madrid: Fundamentos, 1998.

ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ALVAREZ, A. ***O Deus selvagem****: um estudo do suicídio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARBEX JR., J. **Showrnalismo:** A notícia como espetáculo**.** São Paulo: Casa Amarela, 2001.

AMADORI, R. **O Jornalismo *online*:** a informação e a construção da notícia no *site* CGNEWS. 2010. 183 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens)- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2010.

ASSIS, M. M.; LEITE, T.; MESTRE, S.; "Olha, é de menor": a mídia na construção e difusão de estigmas sociais em torno dos adolescentes em conflito com a lei e suas famílias em Porto Velho-RO. In: **Aracê – Direitos Humanos em Revista**, Ano 1, 1 ed., 2014.

AUTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1974.

AUTHEIR-REVUZ, J. Heterogeneidade enunciativa. **Cadernos de estudos linguísticos**, 19. Campinas: IEL, 1990.

AUTHIER-REVUZ, J. ***Entre a transparência e a opacidade****: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BACCEGA, M. A. ***Palavra e discurso***. *História e literatura*. São Paulo: Ática, 1995. p. 21 a 59.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BARDOEL, J.; DEUZE, M. **Network Journalism**: converging competences of old and new media professional. Disponível em: <http://home.pscw.nl/deuze/pub/9.htm, 2000/>.

BARROS, D. L. P. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L. P. ; FIORIN, J. L. (Orgs.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 1999.

BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: Brait, B. (Org). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas: EDUNICAMP, 2005.

BENVENISTE. E. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de linguística geral I**. 5ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. ***A construção social da realidade****: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

BERLO, D. K. ***O Processo da Comunicação****: Introdução à teoria e à Prática*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1999.

BERTRAND, C. J. **A deontologia das mídias**. São Paulo: EDUSC, 1999.

BEZERRA, P. Polifonia. BRAIT, B. (Org.). ***Bakhtin:*** *Outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 191-200.

BIROLI, F. Mulheres e política na mídia brasileira: estereótipos de gênero e marginalidade do 'feminino' na política. In: PAIVA, D.; BEZERRA, H. D. **Mulheres, poder e política**. Goiânia: Cânone Editorial, 2011.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In: **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v.2, n.1, p. 68-80; 2005.

BOTTON, A. ***Notícias****: manual do usuário*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

BRAGA, J. L. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (E-Compós)**, Brasília, v.14, n.1, jan./abr. 2011. Disponível em: <www.e-compos.org.br/e-compos/article/download/665/503/>.

BRANDÃO, H. N. Enunciação e construção do sentido. In: Figaro, R.(org.) **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 19-43.

BUCCI, E. **Sobre ética e imprensa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. São Paulo: Editora Record, 2018.

CARDOSO, S. H. B. Heterogeneidade discursiva mostrada. In: CARDOSO, S. H. B. **Discurso e ensino**. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2005. p. 65-83

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CORNU, D. ***Jornalismo e verdade****: para uma ética da informação*. Porto Alegre: Instituto Piaget, 1999.

CORREIA, J. C. **A teoria da comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

CORREIA, J. C. ***O admirável mundo das notícias****: teorias e métodos*. Covilhã: Livros LabCom, 2011.

COSTA, M. A. F.; COSTA, M. F. B. ***Projeto de Pesquisa****: entenda e faça*. São Paulo: Vozes, 5. ed. 2014.

DAPIEVE, A. H. M. ***Suicídio por contágio*** *– A maneira pela qual a imprensa trata a morte voluntária.* 2006. 172 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

DAPIEVE, A. H. M. ***Morreu na contramão****: o suicídio como notícia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

DESLANDES, S. F. A construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, M. C. S. (org.). ***Pesquisa Social****: Teoria, método e criatividade*. 18 ed. p. 31-34, Petrópolis: Vozes, 2001.

DUCROT, O. ***Esboço de uma teoria polifônica da enunciação****: o dizer e o dito*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

DURKHEIM, E. ***O suicídio:*** *estudo da sociologia.* São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ECO, U. **O signo**. Portugal: Editorial Presença, 1977. 247 p.

ERBOLATO, M. L. ***Técnicas de codificação em jornalismo****: redação, captação e edição no jornal diário*. São Paulo: Ática, 5. ed., 1991.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **Código de Ética do Jornalista Brasileiro**, 2007. Disponível em: < https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf/>

FERRARI, P. **Jornalismo Digital**. Editora Contexto, 2003.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1988, série Princípios.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FRANÇA. V. V. O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. In: MOURA, C. P.; LOPES, M. I. V. (orgs.). ***Pesquisa em Comunicação****: metodologias e práticas acadêmicas*. Porto Alegre: ediPUCRS, 2016, p. 153-174.

FRANCO, G. ***Como escrever para Web****. Knight Center for Journalism in the America*, 2008. Disponível em: <http://knightcenter.utexas.edu/como_web.php/>

FRASER, N. “Rethinking tle public shere”. In: CALHOUN, C. (ed.). **Habermas and the public sphere**. Massachusetts: The MIT Press, 1992.

FREUD, S. ***A Interpretação dos Sonhos****: segunda parte*. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. vol. V, Rio de Janeiro: Imago, 1998.

GARCIA, C. C. ***Da loucura à ciência****: as imagens e a construção das notícias sobre os transtornos mentais e de comportamento e seus personagens na Folha de S. Paulo*. Dissertação (Mestrado)–Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 271 f., 2012.

GALTUNG, J.; RUGE, M. H. The structure of foreign news: the presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers. **Journal of Internacional Peace Research**, n.1, 1965.

GENRO FILHO, A. ***O Segredo da Pirâmide****: Para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Editora Tchê, 1987.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GOETHE, W. V. Johann. **Os sofrimentos do Jovem Werther**. São Paulo: Lp&m Pocket, 2005.

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 8ª edição. 1985.

GOFFMAN, E. ***Estigma:*** *Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC Editora, Quarta Edição, 2004. Versão digitalizada, disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/92113/mod_resource/content/1/Goffman%3B%20Estigma.pdf/>. Acesso em: 17 fev. 2017.

GOMES, W. Esfera pública política e media: com Habermas, contra Habermas. In: RUBIM, A. A. C.; BENTZ, I. M. G.; PINTO, M. J. (orgs.). **Produção e Recepção dos Sentidos Midiáticos**. Petrópolis: Vozes. 1998.

GOMES, W. ***Jornalismo, fatos e interesses****: ensaios da teoria do jornalismo*. Florianópolis/SC: Editora Insular, 2009.

GREGOLIN, M. R. Bakhtin, Foucault, Pêcheux. BRAIT, B. (Org.). ***Bakhtin:*** *Outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 33-51.

GUARNIERO, F. B. BELLINGHINI, R. H. GATTAZ, W. F. O estigma da esquizofrenia na mídia: um levantamento de notícias publicadas em veículos brasileiros de grande circulação. In: **Revista de Psicologia Clínica**, USP, Vol 39, 3. ed. p. 80-84, 2012.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, S. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. 3ª edição – Rio de Janeiro: DP&A. 2002.

HOEWELL, G. **A narrativa multimídia no ciberjornalismo**: uma análise de "Rota 66, A confissão". TCC (Graduação). Porto Alegre: FABICO:UFRGS, 2015.

JENKINS, H. **Cultura de convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENSEN, K. B. (Ed.). **A handbook of media and communication research**. Qualitative and quantitative methodologies, Londres, Routledge, 2002.

JUNQUEIRA, L. Identidade, representações e mudança social. In: CUNHA, P. (org.). **Identidade(s)**. Recife: Editora Universitária, 1999.

KARAM, F. J. C. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.

KUCINSKI, B. **Jornalismo na era virtual.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abrano: Editora UNESP, 2005.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a Razão desde Freud. In: LACAN, J. **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, p. 223-260, 2008.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAGE, N. **Linguagem jornalística**. 8. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004 (Le dévelopement du psychisme. Paris : Editions Sociales, 1976).

LIPPMANN, W. **Opinião Pública**. Petropólis, RJ: Vozes, 2008.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. BRAIT, B. (org.). ***Bakhtin:*** *Outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 115-131.

MAROCCO, B.; BERGER, C. (Orgs.). ***A era glacial do jornalismo****: teorias sociais da imprensa*. Vol 1. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MARQUES DE MELO, J. **A opinião no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Vozes, 1985.

MARTÍN-BARBERO, J. ***Ofício de cartógrafo****: travessia latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, J.; REY, G. ***Os exercícios do ver****: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Senac, 2004.

MARX, K. ***O Capital:*** *crítica da economia política*. Vol. I, livro Primeiro, O processo de produção do capital. Tomo I. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Coleção Os Economistas).

McCOMBS, M. ***A teoria da agenda****: a mídia e a opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2009.

McCOMBS, M.; SHAW, D. A função de agendamento dos media. In: TRAQUINA, N. (Org.) **O Poder do Jornalismo:** Análise e textos da teoria do agendamento. 1ª.ed. Coimbra: Minerva, 2000.

MEDITSCH, E. B. V. O jornalismo é uma forma de conhecimento? In: HOHLFELDT, A.; GOBBI, M. C. (org.) ***Teorias da Comunicação:*** *Antologia de Pensadores Brasileiros*. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 276-288.

MELO, P. B. ***Sujeitos sem voz****: agenda e discurso sobre o índio na mídia em Pernambuco*. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 185 f., 2003.

MINAYO, M. C. S. ***O desafio do conhecimento****: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 1992.

MINAYO, M. C. S. (org.). ***Pesquisa Social****. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORETZSOHN, S. ***Jornalismo em "tempo real****": O fetiche da velocidade*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

MUSSALIM, F. Análise do discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). ***Introdução à linguística****: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez editora, 2000. p. 101-142.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo**, 1983.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). ***Prevenção ao suicídio****: um imperativo global*. Genebra: Departamento de Saúde Mental, transtornos mentais e comportamentais, 92 p. 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). ***Prevenção do suicídio:*** *um manual para profissionais da mídia.* Genebra: Departamento de Saúde Mental, transtornos mentais e comportamentais, 2000.

PALACIOS. M. **Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line**. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. (org.) Modelos de jornalismo digital. Salvador: Calandra, 2003.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). ***Por uma Análise Automática do Discurso****: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas-SP: UNICAMP, 1990. p. 61-161.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PERUZZO, C. M. K. Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos. In: **XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM)**, 2003, Belo Horizonte (MG). *Anais eletrônicos*... Belo Horizonte: INTERCOM, 2003. Disponível em: < http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_COLOQUIO_Peruzzo.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2017.

PHILLIPS, D. The influence of suggestion on suicide: Substantive and theoretical implications of the Werther effect. **American Sociological Review**, 39 ed. 1974, 340-354.

PONTES, B. S.; NAUJORKS, M. I.; SHERER, A. Mídia impressa, discurso e representação social: a constituição do sujeito deficiente. In: **XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM)**, 2001. Campo Grande (MS). *Anais eletrônicos*... Campo Grande: INTERCOM, 2001. Disponível em: < http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP11PONTES.PDF>. Acesso em: 18 fev. 2018.

PORTAL DE MÍDIA. **Portal de Mídia**: *Sites*. 2017. Disponível em: < http://www.portaldemidia.ufms.br/>. Acesso em: 8 ago. 2018.

POSSENTI, S. Língua e discurso. In: **Discurso, estilo e subjetividade**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 61-85.

PRADO. J. L. A. **A invenção do Mesmo e do Outro na mídia semanal**. Hipermídia. Grupo de Pesquisas em Mídia Impressa, PUC-SP, 2008.

RAMOS, S.; PAIVA, A. **Mídia e Violência**, Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

RODRIGUES, A. D. Campo dos media e Instituições Sociais. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1990. p. 141-196.

SARQUES, B. A. P. A representação do suicídio na campanha do Centro de Valorização da Vida**.** In: **Intercom Centro-Oeste,** 2016. Disponível em: < http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2016/resumos/R51-0857-1.pdf/>. Acesso em: 20 ago. 2018.

SCHUDSON, M. Porque é que as notícias são como são? **Comunicação e Linguagens**, n. 8, p. 17-27, 1988.

SCHWINGEL, C. **Ciberjornalismo**. Bahia: Editora Paulinas, 141 p. 2008.

SENA, F. J. **A elite por trás da tropa: as percepções sobre a mídia nas políticas de ressocialização**. 2011. 112 f. Dissertação (Mestrado em Política Social)-Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SHOEMAKER, P.; COHEN, A. ***News around the world:*** *Practitioners, Content, and the Public*. New York: Routledge, 2006.

SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 95-107, jan. 2005. ISSN 1984-6924. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091/1830>. Acesso em: 13 out. 2017. doi:https://doi.org/10.5007/%x.

SILVA, M. M. **Suicídio** – Trama da Comunicação. 1992. 135 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

SIMILAR WEB. **Similar Web**. Disponível em: < https://www.similarweb.com/>. Acesso em: 6 ago. 2018.

SOARES. R. L. **Mídias e estigmas sociais**: sutilezas e grosserias da exclusão. 2015. 286 f. Tese (Apresentada como requisito para Livre Docência junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Artes e Comunicação) Universidade de São Paulo (ECA-USP), São Paulo, 2015.

SOLOMON, A. ***O demônio do meio-dia****: uma anatomia da depressão*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Letras Contemporâneas, 2002.

SUMAN, A. L. C. O conceito de heterogeneidade enunciativa: abordagem e implicação no espaço de produção discursiva nas previsões de vidente. In: **Revista Linguasagem**. São Paulo, v. 7, 2009.

THOMPSON, J. B. ***A mídia e a modernidade****: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 5ª edição, 1998.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2001.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. V.1. Florianópolis: Insular, 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. ***Introdução à pesquisa em ciências sociais:*** *a pesquisa qualitativa em educação.* São Paulo: Atlas, 1987.

TUCHMAN, G. ***Making News****: a Study in the Construction of Reality*. Nova Iorque: Free Press, 1978.

TRAVANCAS, I. S. 1993. **O mundo dos jornalistas.** São Paulo: Summus.

WAISELFISZ, J. J. ***Mapa da Violência 2014****: Os jovens do Brasil.* Rio de Janeiro: Flacso Brasil, 2014.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1987.

APÊNDICE

Entrevista com Jornalista do *Campo Grande News* CGN1

Patrick: Primeiramente gostaria que você falasse há quanto tempo você é jornalista e por quais empresas você já passou?

CGN1: Eu sou formada desde o final de 2013 e, portanto comecei a trabalhar em 2014. Meu primeiro emprego foi no *Midiamax,* por onde eu fiquei 3 anos. E agora eu trabalho no *Campo Grande News* e estou lá há 1 ano e alguns meses. Então ao todo dão quase 5 anos.

Patrick: Qual o período que você trabalhou no *Midiamax*?

CGN1: Foram 3 anos, de 2014 a outubro de 2017.

Patrick: Certo. Tanto no *Midiamax*, quanto no *Campo Grande News*, você teve experiência em quais editorias?

CGN1: Principalmente Polícia. Meus primeiros passos como jornalista, foram ali na editoria de Cidades, Cotidiano, mas depois de um mês, fui direto para a área Policial. No *Midiamax* eu fazia exclusivamente essa editoria, então eu vivia e respirava Polícia. No *Campo Grande News* eu continuei nessa área, embora eu faça outras matérias, mas meu foco mesmo é o jornalismo Policial.

Patrick: Na sua opinião, o suicídio deve ser abordado na mídia? Sim ou não e por quê?

CGN1: Eu acho que deve, mas como jornalista vejo que na área policial é um dos temas mais difíceis de se abordar. Primeiro porque jornalistas não sabem lidar com suicídio, as pessoas no geral não sabem lidar com suicídio e *a gente* reflete muito isso nas matérias, é totalmente perdido, não tem uma cartilha. Tem que ter um conceito meio básico assim, porque nas matérias de suicídio, como nós estamos acostumados a fazer todos os outros tipos de crime, *a gente* perde um pouco a humanidade, entendeu? E o suicídio é um crime diferente, não é um crime, entendeu? É um caso diferente e deve ser abordado diferente e nisso o jornalismo se perde, porque ele não sabe abordar esse tema, não sabe. Então sim que deve ser tratado e tratado cada vez mais, mas com equilíbrio, um equilíbrio que *a gente* ainda não tem, entendeu? Mas se *a gente* deixar de falar, nunca vai chegar nesse equilíbrio, mas é necessário.

É até engraçado nós estarmos falando isso, porque dezembro é o mês que mais tem suicídios, de todos os anos que eu trabalhei, aumentam mesmo os casos. E, tipo, ontem

que foi meu plantão, parece que teve duas tentativas. Uma que parece que não foi, mas no fundo era e um que a moça realmente tomou um monte de remédios. Foi um período de 2 horas, de um caso para o outro, entendeu? Então não dá *pra gente* ignorar o que está acontecendo, não dá para não falar.

Patrick: Na minha pesquisa, to trabalhando com dois períodos, né? Um é o ano de 2017, focando quando surgiu o "Baleia Azul", no agendamento do "Baleia Azul" com os meses precedentes e os meses procedentes e as campanhas "Setembro Amarelo" desde 2014 até 2018. Eu vi que durante esses períodos, você trabalhou algumas matérias sobre suicídio, inclusive eu trouxe umas aqui para fazer algumas perguntas para você depois e eu queria saber quais as dificuldades que você encontrou para produzi-las?

CGN1: Falar sobre suicídio é difícil. Tipo assim, quando eu vou escrever, eu não posso deixar de contar o que aconteceu no meu texto, porque é o nosso fato. Então infelizmente eu não posso excluir o fato da matéria. E aí eu temo como eu vou abordar isso, entendeu? Porque eu não posso dizer que a pessoa se jogou daqui, se espatifou no chão, porque estamos falando de pessoas, de sentimentos, tem uma família por trás, que é até a pior parte do suicídio, quando *a gente* vê a família. Abordar os termos a serem utilizados na matéria é o mais difícil, porque *a gente* enrosca mesmo na hora de escrever, sabe? *A gente* fala: "Não, pera, como vou fazer isso?" Então a hora de desenvolver o texto é muito complicado.

Patrick: Você já teve resistência por parte de algum superior, algum editor, ao sugerir alguma pauta relacionada a suicídio? Você teve alguma resistência?

CGN1: Já tive tipo assim, "Oh, aconteceu isso. *A gente* vai fazer? Acho que *a gente* deve fazer, é importante fazer" e me disseram "Não, não vamos fazer", isso aconteceu mais de uma vez, em relação ao suicídio aconteceu mais de uma vez. E também de jeitos de abordar, também já tive esse embate. Tem que ter uma expressãozinha, algo mais delicado do que seria qualquer outro tema envolvendo Polícia.

Patrick: Como você trabalha muito com Polícia, geralmente você é pautada, porque as ocorrências acontecem. Aqui eu trouxe algumas situações em matérias que você trabalhou (mostra as matérias impressas).

CGN1: Isso foi horrível.

Patrick: Todas elas são ocorrências, com exceção dessa daqui que foi uma matéria que você desenvolveu acho que 10 dias depois da menina ter vindo a óbito e... isso foi algo que você sugeriu ou você foi pautada também?

CGN1: Fui pautada, essa eu fui pautada. Mas ela saiu primeiro em uma mídia nacional, ela saiu no *BuzzFeed* e eu acho que *a gente* não sabia. Acho que se *a gente* tivesse visto assim, eu teria feito, mas passou batido. Alguns *sites* da cidade dela, que ela era de Nova Andradina, se eu não me engano, abordaram a morte dela. E *a gente* não viu e acabamos vendo depois, eu fui pautada, mas foi uma matéria eu gostei de escrever e meu chefe me esculhambou, a propósito.

Patrick: Ele esculhambou por quê?

CGN1: Ele falou mal do meu texto, mas enfim... foi uma matéria que eu gostei de escrever, porque eu contei uma história, não contei somente sobre o suicídio, entendeu? Eu contei a história dela. E eu falei com o pai dela, se eu não me engano eu não coloquei no texto, mas, é engraçado... não sei se tem muito a ver com a sua pergunta, mas vou te explicar. Quando *a gente* conversa com a família, *a gente* percebe indícios óbvios que tem alguma coisa errada e que a família não presta atenção. Nesse caso, ela já tinha pedido para mudar de cidade, ela falou que não queria mais estudar na escola, falou que queria ir embora. Daí a família dizia a ela "Tudo bem, vamos ver", sabe? E aí acabou como acabou. Acho que quando *a gente* é adolescente, as pessoas dão pouca importância para o que *a gente* sente. Então esse caso eu gostei de escrever. Foi uma história muito triste para mim, porque ela era uma criança, mas foi um texto que eu gostei de desenvolver. Foi um dos primeiros que eu gostei de desenvolver, na verdade. Fui pautada, mas eu curti.

Patrick: Depois teve a passeata, né?

CGN1: Sim, eu fiz todo acompanhamento.

Patrick: Essa matéria aqui, você entrevista a filha da vítima, na verdade não tem certeza se foi suicídio ou não, ela caiu do...

CGN1: Aqui tem outro ponto. Não fui eu que fui falar com a filha dela. Mas a filha dela não queria falar e estava com dificuldades para falar e de repente ela foi se soltando. Eu lembro que a Polícia falava, que do jeito que tava, era impossível ela ter caído sozinha, entendeu? Possivelmente ela fez parecer que ela tinha caído sozinha e aí entra outro aspecto relacionado a família também, porque é sempre mais fácil acreditar que aconteceu um acidente. E até a Polícia ajuda ás vezes nisso, porque é mais fácil mesmo. E aí esse contexto também eu gostei de fazer. Eu não lembro como eu escrevi, teria que ler, mas eu queria passar o que ela estava sentindo. Lembro dos cachorrinhos dela... e esse aqui foi relacionado a família também, mas parece mais plausível de escrever, trabalhar.

Patrick: Então, mas nesse aqui vocês conversaram alguns dias depois. Foram dois dias depois se eu não me engano. Você foi pautada ou não?

CGN1: Esse daqui eu decidi ir lá atrás mesmo, *a gente* teve a inciativa. Tinha essa história e *a gente* queria saber o que de fato tinha acontecido. Daí *a gente* conversou, lembro que uma colega estava na rua, daí ela foi na casa. Eu consegui o endereço e daí ela foi na casa. Mas isso foi iniciativa nossa mesmo, minha, da editora e *a gente* conversou e chegou a conclusão que seria bom falar com a família.

Patrick: Nesse daqui, que é o do Inferninho...

CGN1: Esse foi foda. Era plantão, era de fim de semana. Era algum feriado, mas a equipe não era normal. Tinha alguma coisa nesse dia, porque eu trabalhava a tarde. E aí nós recebemos a informação que tinha uma menina, no Inferninho, com a tal roupa, perto do carro tal, e que ela queria se matar. Ficamos sabendo que o bombeiro foi pra lá para ver o que tinha acontecido e daí eu falei pra Miriam: "Vai lá, porque eles vão pra lá para tentar convencer ela". E é legal também, o tratamento dos bombeiros para lidar com essas pessoas, é um outro ponto que acho que *a gente* aborda pouco. E aí ela foi pra lá, mas antes mesmo da Miriam chegar, ficamos sabendo que a menina havia apenas esperado a chegada dos bombeiros e pulou. E essa menina, por coincidência era amiga da minha irmã, conhecida né? Depois eu li o que ela escreveu no *Instagram*, ela fez uma despedida no *Instagram* e foi um caso bem tenso pra mim, sabe? Porque ela era muito nova e ela pulou na frente de um monte de gente. Tinha o pessoal fazendo rapel e aí o pessoal perguntou: "Você quer descer?" e ela respondeu "Não, eu vou descer de outro jeito" e se jogou. Então é foda, sabe?

Patrick: Você falou que ela deixou uma despedida, mas vocês chegaram a trabalhar algum conteúdo relacionado a despedida?

CGN1: Nisso me barraram.

Patrick: Você então quis trabalhar com isso?

CGN1: Eu disse: "*A gente* tem isso, será que *a gente* faz?", eu falei com a uma das chefes e ela disse: "Não, não faça!". Daí eu disse: "Tudo bem!" e *a gente* não fez.

Patrick: Nessa matéria aqui, a família pediu para que o nome da pessoa não fosse identificado. Mas aqui no terceiro ou quarto parágrafo, que a menina liga para os bombeiros – e eles acreditam, inclusive, que foi ela mesma que ligou, você de certa forma identifica... isso aqui eu queria saber se foi um pseudônimo que você utilizou ou foi um nome que os bombeiros passaram?

CGN1: Foi um nome que os bombeiros passaram. Eu não lembro se o nome dela é esse, acho que não é o nome dela, mas eu não consigo me lembrar, mas eu escrevi do jeito que o bombeiro falou, mas eu não pensei. Vou ser sincera, eu não pensei. Foi do jeito que eles falaram, eu escrevi. Eu não pensei mesmo, de verdade.

Patrick: Pegando esse gancho, em média de quantos em quantos minutos, vocês tem que colocar uma matéria no ar lá no *Campo Grande News*?

CGN1: O *site* não pode ficar com buracos de jeito nenhum. Nessa época aqui, o *site* tinha que ter matérias de 10 em 10 minutos. Agora acabou esse negócio do 10 em 10 e *a gente* publica de 20... o que acontecia antes, era que as vezes *a gente* ficava 20 minutos e dai *a gente* adiantava horário, porque não podia ficar. Agora fica 20, ás vezes fica uma matéria atrás da outra, mas nessa época não tinha. Mas assim, não pode ter buraco no jornal. Diferentemente do *Midiamax*, que não tinha isso, ás vezes o *site* ficava uma hora sem matéria. No *Campo Grande News a gente* não tem isso, principalmente quando são esses casos aqui, factuais. Eu preciso dar logo, eu preciso fazer primeiro.

Patrick: Mas no *Midiamax* qual era o tempo?

CGN1: Não tinha, nunca me falaram, sabe? Lógico, não poderia ficar 3 horas sem matéria e não fica, porque temos vários jornalistas. Mas no *Midiamax* não tinha essa coisa das pessoas gritarem: "Gente, o *site* tá atrasado!", porque hoje eu trabalho assim, entendeu? Dá 40 minutos, alguém grita: "Gente, o *site* tá atrasado!". No *Midiamax* não tinha isso e hoje eu tenho isso.

Patrick: Nessas matérias que você...

CGN1: Isso é comum, hein? Esse é o tipo de suicídio que eu mais fiz, principalmente no interior.

Patrick: O tipo de suicídio, você fala?

CGN1: Do homem matar a mulher e depois se matar. Eu já fiz com ele se enforcando, eu já fiz com ele atirando na cabeça. Acho que só desse jeito eu fiz uns três esse ano, sabe? É assustador, assustador, de verdade. Eu queria fazer uma matéria só sobre isso, mas ainda não consegui fazer, porque eu conversei com um colega superior na redação e ele disse "Isso é muito comum", ele desmereceu minha pauta, que raiva (risos). Mas esse aqui é um dos suicídios mais comuns que eu faço, depois de um feminicídio. E esse aqui, especificamente, *a gente* recebeu a informação da morte dela e eu liguei para a Polícia de lá e a Polícia estava no local, no carro onde ele havia acabado de ser encontrado morto. Daí eu fiz só essa primeira matéria e eu acho que nem fizeram mais. Mas eu dei o nome dele, o nome dela, o nome de todo mundo nesse e o jeito também.

Patrick: O fato de você informar o nome dos dois, nunca teve problema judicial?

CGN1: Eu acho que nesses casos não, esse aqui é possível. Nos casos que *a gente* fala com a família, geralmente sai tudo bem. Já nesse daqui, se eu tivesse mesmo colocado o nome dela inteiro, acho que teria dado problema. Já esse aqui não, porque a família que passou, a família ficou muito revoltada, então eu acho que são as circunstâncias, sabe?

Patrick: Todas as matérias que você fez, inclusive as que não estão aqui, mas que você reproduziu, você utilizou algum manual norteador, algum documento norteador ético ou você foi pela sua intuição, pelo seu aprendizado?

CGN1: Vou te contar uma coisa, minhas primeiras matérias sobre suicídio... acho que todas contém erros, se *a gente* for pensar no manual. Mas nas minhas primeiras matérias sobre suicídio eu já errei muito e já cometi erros muito graves, sabe? Do tipo de desmerecer o suicídio, mas não foi de propósito. É muito aquilo que eu te falei de saber fazer, entendeu? Depois que levei uns "tapas na cara", porque é assim que *a gente* aprende, eu comecei a pensar um pouco para escrever. Por isso que passaram a sair matérias mais assim (aponta para uma das matérias) porque eu comecei a pensar um pouquinho. Esses dias eu fiz outra, mas não está aqui. Foi o meu primeiro caso da manhã, de um plantão de domingo, quando um militar do exército aposentado deu um tiro na cabeça.

Patrick: Isso foi quando?

CGN1: No primeiro domingo do mês (dezembro de 2018), dia 3 se eu não me engano. Ele se matou e a esposa dele achou ele de manhã e então eu fui lá. E esse caso *a gente* deu, porque é arma de fogo e arma de fogo geralmente *a gente* dá, porque não é comum. Geralmente é algum policial, sabe? Alguma coisa de errado com arma tem, então *a gente* sempre faz... sempre não, mas na maioria das vezes. E aí eu conversei e fiquei lá um tempão. E aí eu conversei com a mulher dele e é aquilo que eu te falei das pessoas não identificarem. Ela conversou comigo numa boa, ela disse que ele tinha organizado um monte de documentos e disse a ela que iria viajar para Brasília e depois iria embora para a terra dele. Ela achou que estava tudo bem, que ele havia dito isso porque estava com saudades da família e chegou no outro dia e ele estava morto, sabe? E ela me disse que fazia ao menos 6 meses que ele falava nisso. E ela falou "Eu não sabia que ele tava com depressão, ele era um cara muito fechado" e tal. E foi a primeira matéria do domingo e então eu tentei falar com alguém para falar sobre suicídio e ninguém me atendeu porque era domingo e também ninguém é obrigado a me atender no domingo. Mas eu não queria fazer só o caso, o suicídio, e acabei utilizando informações de outras

matérias. No dia anterior a esse caso, o menino havia pulado lá do hotel e, então, eram dois casos de suicídio em menos de 12 horas, com cobertura né, porque tem os que não tem também. E aí eu não quis fazer só por fazer e partiu de mim isso. Então acho que *a gente* vai melhorando. Hoje eu acho assim, que *a gente* não pode só fazer o caso, tirando esse aqui que tem um crime no meio, então ás vezes... o correto é falar com o psicólogo, mas ás vezes *a gente* não tem tempo hábil pra isso. Mas hoje eu penso assim, que *a gente* não pode só falar sobre o caso de suicídio.

Patrick: Mas assim, você falou que cometeu alguns tipos de erro e você foi aprendendo e "levou alguns tapas na cara". Mas quais tipos de erros, quais "tapas na cara" foram esses?

CGN1: Cara, uma vez eu cometi um erro muito grave, é uma história bem pessoal, bem pessoal mesmo e eu não sabia, descobri meses depois. Mas eu não sabia disso no dia que um menino se jogou da ponte da Ernesto Geisel, em frente ao shopping Norte Sul. Eu estava no *Midiamax* nessa época e eu não sabia "fazer" suicídio". Já havia feito vários, na real, mas tinha errado. E eu lembro que eu fiquei muito perdida e falei com meu editor, porque casos de suicídios não eram comuns fazer e ele me disse: "Puxa pelo trânsito, porque interditaram tudo na Ernesto Geisel, a avenida ficou toda interditada no horário das 6 horas da tarde. E aí eu lembro que eu não coloquei o termo "pulou" eu coloquei "caiu", sabe? Isso por orientação do meu editor na época. Mas daí nessa ânsia, nesse medo, na hora de fazer o "fio", um fui uma pessoa extremamente sem coração e coloquei que o trânsito tinha ficado interditado. Então, foda-se se a pessoa se matou lá, entendeu? Sem ter empatia nenhuma, falta de empatia minha. E esse colega, que tentou suicídio, compartilhou minha matéria e esculhambou comigo, mas ele não viu que era eu. Tipo, ele só falou mal da matéria e ele tinha razão, ele tinha toda razão do mundo para falar daquele jeito pra mim. E quando eu vi e percebi o que tinha feito, eu pensei "Cara, o que estou fazendo da minha vida. Estou perdendo totalmente o senso, a noção, por fazer matéria". Então pedi desculpas para ele, pedi para mudarem no jornal e eles editaram esse texto meu e pedi desculpas a esse meu amigo. A partir disso eu comecei a prestar um pouquinho mais de atenção, entendeu?

E outra coisa que *a gente* aprende com o suicídio é a reação das pessoas, tipo, no local. E aí você vai começando a aprender com essas coisas, eu já fui muito em gente querendo se jogar dos lugares... na UFMS, na Ceará, de vários lugares. E as pessoas são horríveis, as pessoas são muito ruins, elas passam e gritam "Pula logo" e aí com o tempo eu vi que eu reproduzia esse pensamento, não o pensamento, mas eu ficava

"Nossa", esperando tirar a pessoa lá de cima. Então eu falei: "Não, cara, peraí. A pessoa tá passando por um problema, por uma doença, entendeu?" E aí você vê isso não na hora, mas daí você começa a ver os comentários, começa a ver as pessoas conversarem e aí você vai se sentindo ofendida, eu comecei a me sentir ofendida pelas matérias que eu mesma escrevia, só por escrever. Acho que não é todo mundo que tem essa consciência, como jornalista, sabe? Então comecei a perceber que como jornalista eu estava fazendo isso errado, eu estava incentivando esse tipo de pensamento e não é assim. Eu já levei "tapa na cara" de bombeiro, uma vez *a gente* estava conversando sobre suicídio e um bombeiro que era novinho, começou a falar várias coisas, sobre as fases da depressão, de como era ruim, de como as pessoas achavam que a pessoa estava bem e de repente ela ia lá e se matava e ficava todo mundo em estado de choque, sabe? Essas coisas foram então acontecendo, mas acho que *a gente* tem o que melhorar, *a gente* tem sempre o que melhorar. Portanto, é o dever nosso de jornalista ouvir esses toques e levar esses "tapas na cara" porque pra mim o *master* foi desse meu amigo, foi bem feio, *pra gente* pelo menos tentar chegar a um meio termo, pois o jornalista diário massacra *a gente*, entendeu? Se *a gente* se deixa levar muito, *a gente* perde totalmente a humanidade, *a gente* esquece, *a gente* começa a reproduzir um negocinho certinho ali, toda vez *a gente* vai produzir a mesma coisa.

Patrick: Como se fosse uma receita de bolo?

CGN1: Sim, uma receita de bolo. Então é complicado mesmo, o fato de não estar se inovando em tomar esses cuidados, sabe? Nem se não tivesse como agir, mas é isso.

Patrick: Pelo que tenho observado, os editores consideram viável cobrir casos de suicídio em algumas situações e em outras não. Em quais tipos de situação é viável cobrir casos de suicídio e em quais casos não é notícia para você?

CGN1: Hoje, dentro das redações *a gente* leva muito em consideração o local que está acontecendo. Tipo assim, esse aqui do Inferninho, foi o local que chamou a atenção, então isso é muito levado em consideração e também o tipo de morte. Você vai ver que é raríssimo *a gente* fazer, alguém que foi encontrado enforcado, alguém que tomou remédios... foi o caso de ontem, que eu te falei, uma menina de 24 anos foi encontrada desacordada porque tipo se entupido de remédios. *A gente* nem fala isso na redação porque sabe que não vai, entendeu? Esse tipo de caso nunca vi *a gente* fazer, nunca mesmo, agora quando são em locais públicos, quando envolve arma de fogo, que é uma morte mais fora do comum, não sei se existe comum nesse tipo de caso, mas tipo né, esse *a gente* costuma ir, lugar alto e tal... Você falou do "Baleia Azul", qualquer caso

que envolvesse isso *a gente* iria fazer, qualquer caso. Foi o caso daquela menina que eu citei, ela era uma adolescente, uma criança, dai *a gente* faz. Tem a importância da história, isso é levado em conta também, se é policial, depende do personagem.

Patrick: Você falou do "Baleia Azul" que foi um assunto que perdeu força com o passar do tempo. Mas se acontecesse um caso de "Baleia Azul" hoje, vocês cobririam?

CGN1: Cobriria. *A gente* faria. Eu lembro do *Midiamax,* eu tava no *Midiamax,* não fui eu que fiz, mas teve um caso, não sei se você aborda aí na sua pesquisa, mas aconteceu em São Gabriel. *A gente* foi lá, o Celso Bejarano foi e fez uma série de reportagens, porque a galera tava fazendo um grupo que a galera ia toda se matar, porque a menina tinha se matado depois que o namorado morreu em um acidente. Então *a gente* foi, porque é contexto.

Eu lembro que na época do "Baleia Azul" teve uma investigação na DPCA que *a gente* fez. Então esse tipo de coisa *a gente* faria, com certeza, sem dúvidas, principalmente hoje, que as redações estão começando a amadurecer, ainda estão longe, mas estão caminhando, então acho que faria, sem dúvidas.

Patrick: Na visita que em fiz ao *Campo Grande News*, teve duas situações de ocorrências que vocês acabaram não cobrindo, por opção da editora, ela falou "Não, não cobre". A primeira ocorrência parece que alguém ligou e disse que alguém estava ameaçando pular do viaduto lá da Ernesto Geisel, mas parece que era alarme falso. Na segunda situação, eu lembro que um indivíduo estava em cima de uma torre, lá na Ernesto Geisel, ameaçando pular e daí a editora disse: "Não, espera um pouco. Vamos ver o que vai acontecer". Gostaria de saber qual é o critério, porque já vi situações, tanto no *Campo Grande News*, quanto no *Midiamax*, que mesmo quando o indivíduo estava em cima da torre, vocês já iam, mesmo antes dele pular. Qual o critério que nesse caso vocês não foram, mas em outros acabam indo?

CGN1: É engraçado, é uma pergunta que eu não sei te responder, porque quando é lá no viaduto da Ceará, a editora fala assim: "Vai lá", ás vezes é alarme falso mesmo, você vai lá e não tem nada. Então ás vezes vai muito do critério, algumas coisas nada a ver, do tipo se tem carro, como que tá a equipe. A impressão que eu tenho ás vezes, é que o suicídio é a última opção, porque se fosse um homicídio no Aero Rancho, *a gente* ia dar um jeito de ir, entendeu? Agora como era um suicídio, dizem "Ah, então, o carro tá não sei aonde, então espera um pouco. Vamos ver o que vai acontecer", é tipo isso.

Patrick: Você acha que o local é algo levado em consideração, tipo Pontilhão da Ceará, torre da UFMS...?

CGN1: Se é um local que tem muitos casos, sim. Na Ceará a editora já deixa *a gente* fazer, por exemplo.

Patrick: Meio que se torna um critério de noticiabilidade?

CGN1: Torna, torna sim.

Patrick: Você recebe orientações de seu superior de como fazer a matéria?

CGN1: Nunca recebi. Ás vezes tem gente que pergunta: "É assim mesmo que eu faço?", "Posso pôr isso no título?". Mas quem vai pra rua nunca vi receber orientação, mesmo.

Patrick: E assim, vocês e seus colegas de redação, tanto agora no *Campo Grande News*, como quando você estava no *Midiamax*, vocês costumavam falar sobre suicídio rotineiramente?

CGN1: Não, rotineiramente não, só quando acontece. E eu lembro que quando eu entrei no *Campo Grande News*, deixa eu ver a data, se foi essa data aqui... é, eu tinha recém entrado, foi. Então possivelmente foi por causa da Carina. E eu lembrei de um evento que eu fui com você na mesa, e as três chefes estavam na conversa. E aí eu falei "*A gente* deveria pelo menos deixar um texto pronto, falando que quem tá pensando em cometer suicídio, deve procurar ajudar em tal lugar, tal lugar, tal lugar". A partir desse dia, se eu não me engano foi em novembro do ano passado, *a gente* realmente fez um texto e eu não sei se meus colegas usam, mas foi enviado no grupo, e na conversa foi dito "Gente, olha, não vamos dar só o suicídio". E *a gente* teve essa conversa na redação, foi feito um texto e enviado para redação inteira e ficou determinado que *a gente* pelo menos iria fazer aquilo, pelos menos o básico. Foi a primeira vez, em 4 anos de jornalismo, que eu tive esse tipo de conversa, no final do ano passado.

Patrick: Foi especifico sobre suicídio?

CGN1: Foi.

Patrick: As diretrizes?

CGN1: É.

Patrick: Então são diretrizes internas?

CGN1: Sim e foi a primeira vez.

Patrick: Você, nesse período, já ouviu falar do efeito "Werther"?

CGN1: Não.

Patrick: Ok, eu te explico depois o que é. E como você considera a cobertura do "Setembro Amarelo" desde o seu início? Só para esclarecer uma situação: o "Setembro Amarelo" ele existe no Brasil desde 2014 e foi institucionalizado em Campo Grande no final de 2015, quando o mês de setembro já havia passado, foi em dezembro de 2015. Então o primeiro "Setembro Amarelo" institucionalizado foi em 2016. Como você considera que ocorre a campanha do "Setembro Amarelo", tanto no *Campo Grande News*, como no *Midiamax*?

CGN1: Eu lembro de um ano, que se eu não me engano foi 2016, que *a gente* fez boas matérias, de verdade. Eu escrevi uma matéria, não foi em setembro, mas foi uma das minhas melhores matérias sobre suicídio, mas não lembro onde ela está.

Patrick: Foi em outro mês?

CGN1: Sim, outro mês. Foi no mês seguinte a campanha, se eu não me engano. Mas em setembro, pelo que eu sei dizer, uma colega fez uma série de reportagens, toda semana ela soltou uma matéria, cobrindo vários assuntos, todos relacionados ao "Setembro Amarelo", eu achei legal.

Esse ano acho que foi fraco, *a gente* poderia ter feito muito mais. A primeira matéria que *a gente* fez sobre "Setembro Amarelo" acho que foi dia 4 ou 5. E não, *a gente* deveria abrir o mês junto com o "Setembro Amarelo" e eu falei isso na redação. Aí uma colega fez a matéria. Eu disse: "Gente, *a gente* não vai fazer nada sobre o "Setembro Amarelo", aí essa jornalista disse: "Eu tô fazendo". Aí eu disse: "Então tá bom". Mas foi uma cobertura bem fraca mesmo. Em 2017 eu não consigo lembrar, então possivelmente não foi bom também, porque quando é bom eu lembro, quando tem muitas matérias eu costumo lembrar.

Patrick: Mas por que você acha que não foi boa esse ano?

CGN1: Porque *a gente* nunca fala de suicídio decentemente, *a gente* fala o factual. E aí você tem um mês inteiro dedicado pra isso. Então acho que *a gente* deixou a desejar, porque em setembro eu tinha uma pauta na minha cabeça sobre suicídios entre adolescentes, porque eu assisti uma palestra, no curso de medicina, que o cara falou muita coisa e eu achei sensacional. Daí pensei: "Cara, por que não falar disso?" e eu não fui atrás, porque eu me atropelei, entendeu? Então acho que *a gente* nunca fala e aí tem um mês para a prevenção do suicídio, para as pessoas entenderem que aquilo tem que ser falado e *pra gente* entender os sintomas e tentar ajudar o próximo. E aí *a gente* que é imprensa, que as pessoas ainda tem consideração, que *a gente* pode ajudar o próximo, não fala do assunto, entendeu? Se *a gente* não fala, a pessoa que é leiga ou que não tem

intimidade com o assunto, ela não vai falar. Ela precisa ver o que a imprensa fala, pra ela falar também. As pessoas precisam ver, entendeu? As pessoas precisam ver os assuntos, os temas. Ela precisa ver que a corrupção existe, que a insegurança ta aí, ela precisa ver tudo. *A gente* tem essa função, a imprensa precisa mostrar que as coisas estão aqui, que ela tem meios e que ela pode contar, entendeu? E aí eu acho que *a gente* não cumpre nosso papel completamente, quando fazemos coberturas ruins dos temas. Por isso que eu falo, eu deixei a desejar esse ano, porque eu tinha pauta e não fiz. Mas é um erro coletivo mesmo, o dia a dia mata *a gente* um pouco.

Patrick: E sobre o "Baleia Azul", como você considera que foi a cobertura? Você estava no *Midiamax*, certo?

CGN1: Sim, eu tava no *Midiamax*. Olha, deixa eu recordar. Eu acho que aquilo foi tão grande, mas acho que *a gente* só cobriu bem quando teve o caso da DPCA. Cobriu bem assim, se falou sobre o assunto, né? Porque daí eu lembro que teve matérias com especialistas, falando dos riscos, mas acho que foi muito rápido, acho que *a gente* abordou muito pouco pelo tamanho que tava na época, porque foi uma coisa bem grande. Mas eu lembro que nessa época especificamente, quando teve esse caso, *a gente* falou bem assim.

Patrick: Como você considera a cobertura geral de Campo Grande sobre o "Baleia Azul"?

CGN1: Acho que fui tudo mais ou menos a mesma coisa, ou seja, foi motivada pelo factual que é o que acontece mesmo. Tem um caso, aí *a gente* vai tentar aprofundar, conversa com psicólogo e faz uma coisa mais razoável assim. Mas geralmente *a gente* vai pelo factual, é o que a imprensa aqui no estado faz no geral mesmo, aqui *a gente* tem muito isso.

Patrick: Sobre a série dos *13 porquês*, como você lembra que foi a cobertura da imprensa local? Lembrando que ela surgiu praticamente junto com o "Baleia Azul".

CGN1: Cara, se eu te falar que não lembro da cobertura. Eu não fiz nada relacionado e não lembro se meus colegas fizeram. Caso tenham feito, foi muito pouco. Mas não lembro de nada especificamente.

Patrick: Você falou que em 2016, quando você estava no *Midiamax*, teve uma cobertura ampla sobre o "Setembro Amarelo".

CGN1: Acho que partiu, porque uma das colegas responsáveis por essa produção, tinha acabado de entrar no jornal. E ela tinha acabado de entrar mesmo, porque ela ficou

muito tempo fora. E a ideia deve ter partido do editor. Mas foram boas matérias. Eu lembro que até as matérias que eu fiz, utilizei informações dela, da série de reportagens a qual ela participou.

Patrick: No levantamento que eu fiz, durante o "Setembro Amarelo" de 2014, todas as matérias daquele ano, referentes a suicídio no mês de setembro, não tinha assinatura de nenhum jornalista. No *Midiamax* isso estava como: "Arquivo". Em 2017 algumas matérias, não todas, estava sem assinatura também, estava apenas escrito: "*Midiamax*".

CGN1: Foi problema no sistema. Eles perderam vários arquivos, fotos, muitas fotos foram perdidas, corrompeu tudo. *Zuaram* tudo o *site*. Muito matéria minha boa sumiu, desapareceu, não consigo achar mais pelo meu nome.

Patrick: Você acha que precisa ser mudado alguma coisa na cobertura do suicídio em âmbito local ou você acha que está tudo bem?

CGN1: Eu acho que hoje a cobertura local depende do jornalista, entendeu? Ela depende do jornalista ou do editor. Então por isso que eu acho que muita coisa tem que mudar, porque cada um faz do jeito que acha certo fazer, sinceramente. E ás vezes deixa de fazer, porque não acha certo fazer. E nisso, *a gente* acaba cometendo erros mesmo, sabe? Falta conversar e definir, assim, pelo menos o básico em como se falar sobre suicídio, sabe? Porque o básico em como se falar sobre homicídio todo mundo sabe. Agora quando é suicídio, *a gente* não sabe fazer ainda, entendeu?

Patrick: Agora eu vou te apresentar as tabelas, tanto do *Campo Grande News*, como do *Midiamax*. Como você trabalhou nos dois, então acho que você vai poder opinar. A primeira tabela é sobre o agendamento do "Baleia Azul" em 2017, dai eu peguei o mês anterior que foi março, abril foi o mês que surgiu, maio e junho. Como você pode ver aqui, em março temos 4 publicações, não só sobre "Baleia Azul", mas sobre suicídio nesse mês. Daí passa para 24 no mês que surge, depois cai pra 12 e cai pra 7, vai caindo. Aqui *a gente* tem uma situação interessante, dos 24 de abril, 13 eram relacionados ao "Baleia Azul" e 11 suicídios que não eram relacionados ao "Baleia Azul". O que você tem a dizer desses números aqui? Por que ele tem um número relevante, mesmo não tratando diretamente do tema.

CGN1: Cara, eu não sei, talvez porque o tema seja tabu. Mas tenho a impressão que quando *a gente* fala muito, dá uma aumentada. Talvez porque *a gente* fala da maneira errada, eu acho que seja isso. Eu não sei se a pessoa toma coragem a partir da notícia a pensar algo do tipo: "Nossa, aquela pessoa se matou, vou me matar também", sabe? Eu

não tenho coragem de me matar. Eu não sei o que a pessoa que está nesse estado ela precisa para ser motivada a isso. Não sei te dizer se tem a ver, mas *a gente* tem essa impressão. Ás vezes quando *a gente* cobre um lugar alto, a torre do Morenão, o primeiro caso que *a gente* cobriu lá *a gente* foi e deu uma semana e teve outro, no mesmo lugar. A menina do primeiro caso veio se matar depois. Mas a do segundo, quando *a gente* chegou lá, eu me senti meio mal, sabe? Porque eu sabia que ela tinha subido lá por causa do primeiro. Eu sabia porque ele tinha brigado com a mulher, estava tomando remédio e no desespero ele lembrou, eu tenho certeza que foi isso, então eu me senti culpada.

Patrick: E teve uma terceira situação, né?

CGN1: Sim, aí eles cercaram. No segundo eu lembro que tava chovendo *pra cacete*, aí ele desceu. Parece até brincadeira, mas eu lembro que o bombeiro disse: "Olha, tá começando a chover e vai ficar muito perigoso você ficar aqui em cima". Então assim, era o que ele queria? Ás vezes não, mas ali ele estava desesperado e aí ele lembrou e resolveu subir. Então eu me senti culpada, vou ser sincera.

Patrick: No *Campo Grande News* nós temos uma situação muito semelhante, pois tava em 8, daí foi pra 26 e, em seguida, cai pra 12 e cai pra 5. Só que aqui nós temos mais conteúdos relacionados a suicídio que não remetem ao "Setembro Amarelo" do que propriamente conteúdos que remetem ao mês institucional, entendeu?

CGN1: Mas tem um detalhe que eu não comentei. Quanto mais suicídios *a gente* fala, mais suicídios *a gente* cobre. Parece que quando *a gente* tá vivendo aquilo, *a gente* vai e faz. Parece que em outras situações *a gente* esquece.

Patrick: Então nesses casos, não necessariamente os casos de suicídio estão aumentando em decorrência da publicação de matérias, mas vocês então passam a publicar mais casos de suicídio, mesmo que não estejam relacionados ao "Baleia Azul" e ao "Setembro Amarelo"?

CGN1: Sim, porque *a gente* tá falando daquilo. Isso é fato, isso acontece.

Patrick: Então se torna um critério de noticiabilidade naquele momento?

CGN1: Sim, lembra que eu te falei daquele homem baleado? Era necessário cobrir, porque no dia anterior *a gente* deu do cara que pulou, então eu defendi a pauta. Sabe como eu defendi a pauta? Eu disse: "Ontem o cara se matou, *a gente* não vai fazer hoje?", foi assim que eu defendi a pauta. Então esse tipo de situação acontece.

Patrick: Aqui nós temos a mesma situação dessa primeira tabela, mas agora é o *Midiamax*. Basicamente é o mesmo fenômeno, porque em março teve 2, em abril 12, em maio 4 e em junho 3.

CGN1: Olha, o *Midiamax* cobre bem menos suicídio que o *Campo Grande News*, bem menos mesmo. Isso é fato também. E dependendo do editor, *a gente* cobre mais suicídios. O editor do *Midiamax* é mais tranquilo, uma das chefes do *Campo Grande News* cobre mais e a editora do *Campo Grande News* é de boa. Com a editora *a gente* consegue negociar. É que eu sou mais topetuda hoje também, talvez em outros tempos ele também (*editor do Midiamax*) deixasse eu cobrir.

Patrick: Aqui nessa outra tabela, eu coloquei as principais editorias que mais cobrem suicídios, de acordo com cada jornal. Aqui é do *Campo Grande News*, então tem o Lado B, Artigos, Política, Cidades, Trânsito e Outras Editorias.

CGN1: Essas que *a gente* coloca em Cidades, ás vezes tem a ver com trânsito.

Patrick: Você pode ver aqui, que havia uma crescente nas publicações de Cidades e nesse ano caiu pela metade, mas por outro lado, foi mais distribuído pelas outras editorias. Por que você acha que ocorreu isso?

CGN1: Olha, não sei se é a editora brigando com *a gente* para acertar as editorias ou se são mais pessoas cobrindo suicídios, talvez seja isso. E também teve matérias mais bem elaboradas, não só o factual. Eu acho que teve outros tipos de abordagens relacionadas ao suicídio.

Patrick: Aqui tem o "Setembro Amarelo" do *Midiamax* dos últimos anos e as editorias novamente. E aqui em 2016, como você já citou, nós temos Cotidiano cobrindo muito e nos anos seguintes houve uma queda. O que você tem a dizer sobre esse fenômeno?

CGN1: Esse ano foi o melhor mesmo e foi por causa dessa série de matérias esse número aí. Lá no *Midiamax* é bem dividida as editorias, quem faz Cotidiano, faz Cotidiano mesmo, quem faz Polícia, faz Polícia mesmo. No *Campo Grande News* não, é mais o Labo B que é a editoria mais específica. No *Campo Grande News*, a editora me cobra muito para colocar a matéria na editoria certa. Já no *Midiamax* não tinha tanta essa cobrança em relação e editorias e eu colocava tudo Polícia e Trânsito.

Patrick: Nessa outra tabela temos a mesma situação das editorias, mas agora referente ao "Baleia Azul". Em abril, que foi quando surgiu, *a gente* tem em Cidades...

CGN1: Cidades e Capital, no *Campo Grande News*, vão ser similares a Polícia, porque lá não tem editoria de Polícia e fica em Cidades, Capital ou Interior.

Patrick: E aqui acontece um fenômeno interessante, porque tem 24 matérias, 20 a mais que no mês anterior, mas aí cai pra 12, cai pra 7, mas sobe para 15 em julho e as matérias fica mais distribuída entre as editorias. Por que você acha que isso ocorreu?

CGN1: Eu realmente não sei te responder por que isso ocorreu, não lembro de outro episódio que tenha voltado a se falar sobre "Baleia Azul". Teve uma polêmica sobre se falar disso nas escolas, mas não lembro que mês foi.

Patrick: E aqui *a gente* tem o "Baleia Azul" do *Midiamax*.

CGN1: O *Midiamax* não cobre muito, você pode perceber.

Patrick: Nessa outra tabela, eu criei algumas categorizações, que são as seguintes:

Conteúdo com foco estatístico: trata-se de matérias baseadas em números, números da Sesau, números do *Mapa da Violência*;

Coberturas factuais: basicamente o número de ocorrências;

Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas: ou seja, matérias com caráter um pouco mais aprofundado, como o da menina aqui, que você trabalhou mais a matéria, ouviu mais fontes... assim, elas não são estanques, obviamente que uma matéria pode estar enquadrada em duas categorias.

Aqui novamente sobre os Atributos, só que agora sobre o "Baleia Azul". As coberturas factuais que não tinham tanto destaque no *Campo Grande News*, aumentou muito quando surgiu o tema.

CGN1: É o que eu comentei, quando começa a falar, tudo *a gente* faz. Tipo, aquela época mesmo de São Gabriel do Oeste, *a gente* aumentou a cobertura sobre suicídio, sempre aumenta. Isso é para todos os assuntos na verdade. Então, não necessariamente aumenta o número de ocorrências, mas *a gente* cobre mais. Isso eu posso falar com propriedade.

Entrevista com Jornalista do *Campo Grande News* CGN2

Patrick: Gostaria de saber há quanto tempo você é jornalista e por quais empresas você já passou?

CGN2: Já vai fazer 4 anos e passei por 3 empresas. Iniciei no *Top Mídia News*, onde fiquei 1 ano, depois no *Midiamax*, onde fiquei mais 1 ano e agora estou no meu segundo ano no *Campo Grande News*.

Patrick: Nessas empresas, por quais editorias você já passou?

CGN2: Em todas as empresas trabalhei em Cidades ou Cotidiano, como eles chamam, mas como sempre trabalhei no meio *online*, então fazia um pouco de tudo... já escrevi sobre Polícia, já escrevi sobre Política, enfim, bastante variado.

Patrick: Na sua opinião, o tema suicídio deve ser abordado na mídia? Por quê?

CGN2: Olha, ele deveria, mas ao mesmo tempo *a gente* fica um pouco apreensivo, em relação ao modelo de mídia que *a gente* tem, muito imediatista... aqui em Mato Grosso do Sul, não sei se você conhece, mas os *sites* tem uma métrica de sucesso por volume de conteúdo, então se publica muito, mas se filtra pouco o que deve ou não ser publicado e eu acho que o suicídio não é um tema que deva ser tratado com muita rapidez, de uma maneira muito industrial, digamos. Mas acho que deve se tratar de suicídio sim, porque é uma questão que acomete muito a sociedade, principalmente agora, porque é um tema bastante contemporâneo, *a gente* tem números cada vez maiores.

Patrick: Você já enfrentou resistência por parte de algum editor ou algum superior para se trabalhar essa temática em algum dos veículos pelos quais você trabalhou?

CGN2: Não, resistência não, você diz de Editorial, de negar né? Isso não.

Patrick: Quando você produz matérias sobre suicídio, você utiliza algum manual norteador, algum documento ou diretriz, o que seja, para te orientar nas publicações?

CGN2: *A gente* tem o nosso código né, dos jornalistas, que eu procuro seguir normalmente no dia-a-dia e tem também algumas recomendações do *Centro de Valorização da Vida (CVV)* em como divulgar, mais ou menos por aí.

Patrick: Eu estava vendo algumas matérias que você produziu... deixa eu te mostrar os períodos que eu coletei. Eu coletei todos os conteúdos que o *Campo Grande News* e o *Midiamax* produziram, durante os "Setembros Amarelos" de 2014 a 2018, e o período referente a cobertura do "Baleia Azul". Eu vi que a maior

parte dos conteúdos que você produziu foi durante os "Setembros Amarelos", inclusive em 2017 você teve um número bem expressivo de publicações de conteúdos, que é quando você entrou no *Campo Grande News*, eu acho. Eu trouxe algumas matérias e eu queria saber se nessas matérias você foi pautada para produzi-las, quais você foi pautada e quais foram atitudes próprias em produzir uma pauta...

CGN2: Olha, eu não vou conseguir te lembrar quais foram pautadas e quais surgiram de mim. É até interessante você ter citado essa daqui... mas sabe o que é interessante, vou dar uma opinião sobre a imprensa daqui: *a gente* não fala sobre suicídio no resto de todos os meses, e aí vem o Setembro, que é uma agenda e daí *a gente* fala. E aí, o que geralmente eles pautam *pra gente* fazer... que é basicamente o que eu fiz, são matérias de dados, né? Verificamos se aumentou, diminuiu, onde tá tendo mais e *a gente* dá contextualizada, mas não passa muito disso, deveria ser mais aprofundado. Eu acho que eu comentei com você aquela vez que você foi no jornal, que *a gente* corre muito o risco da institucionalização do suicídio, de torna-lo uma instituição e isso é muito perigoso. E a imprensa contribui com isso.

Patrick: Tem essa matéria aqui que você fez no dia 4 de setembro de 2017, que diz "Mês de prevenção ao suicídio começa sem agenda em MS". Você fala essa questão da agenda e existe agenda da mídia e agenda do governo e o "Setembro Amarelo" acaba fazendo parte das duas. Eu queria saber por que você viu a necessidade de produzir essa matéria?

CGN2: Eu vi porque justamente é o mês de prevenção, instituído pelo poder público, e o poder público começou o mês sem nenhuma ação preventiva, sem nenhuma ação educativa e isso chamou a atenção do ponto de vista jornalístico e nós produzimos.

Patrick: Nessa outra matéria você coloca "Problema sério, suicídio é tratado como piada nas redes sociais". Aqui no *lead* você coloca: "No último domingo, três pessoas tiram a própria vida". Você acha que no "Setembro Amarelo", acontecem mais casos sobre suicídio ou você acha o é o jornal que publica mais nesse período?

CGN2: Eu acho que é o jornal que publica mais. Eu não sei te dizer se nesse mês ocorrem mais suicídios. O que eu sei é que nos períodos que vai chegando próximo ao fim do ano, são períodos que tem mais. Não sei se está ligado as festas, que marca um final de ciclo, não sei se tem relação com isso.

Patrick: Na coleta que eu fiz do *Midiamax*, eu não vi nenhum matéria sobre suicídio sua. Eu queria saber se o jornal tinha menos abertura a tratar esse tema em relação ao *Campo Grande News* ou não, como era essa situação?

CGN2: Olha, não acho que não tinha abertura. Uma coisa em relação a imprensa daqui, que as pessoas não entendem, é tempo e muda muito de um dia para outro. Se um dia está acontecendo muita coisa, mesmo que seja o "Setembro Amarelo", algumas pautas ficam esquecidas em detrimento de outras. Eu acredito que outro jornalista deva ter escrito, mas acho que o número de matérias lá é reduzido em relação ao *Campo Grande News* e eu mesma não produzi.

Patrick: Você trabalhou no *Midiamax* especificamente em qual período?

CGN2: Entrei lá em agosto de 2016 e trabalhei até agosto de 2017.

Patrick: Você e seus colegas de redação, tanto na época do *Campo Grande News*, como do *Midiamax*, como no *TopMídia*, costumavam conversar sobre o tema?

CGN2: Olha, *a gente* toca no assunto, mas a correria do dia-a-dia faz com que *a gente* não debata o que *a gente* escreve, pouco é discutido.

Patrick: Você já ouviu falar sobre o efeito "Werther" dentro ou fora das redações?

CGN2: Não.

Patrick: Como você acha que se deu a cobertura do "Setembro Amarelo" no *Campo Grande News* e no *Midiamax*?

CGN2: Uma cobertura incipiente, uma cobertura de dados, não foram coberturas muito aprofundadas não.

Patrick: Mais estatísticas?

CGN2: Sim, estatísticas.

Patrick: Uma das entrevistadas me disse que você foi a única que fez algumas matérias fugindo da agenda.

CGN2: Tá vendo, talvez eu tenha produzido um pouco mais, mas eu ainda considero pouco representativo. Não tocou a questão como poderia ser tocado se eu tivesse mais tempo. Eu poderia ter utilizado outro viés. Eu acho que talvez o material produzido por aqui seja, com o perdão da palavra, tão ruim que qualquer coisa que você produza um pouquinho a mais, em relação ao suicídio, com mais sensibilidade, é elogiado. Acho que tratei com sensibilidade, mais contextualizado, isso eu acho que eu consegui fazer, mas eu ainda acho que são matérias que não alcançaram todo o seu potencial, justamente pela dinâmica da redação.

Patrick: Agora sobre o período do "Baleia Azul", como você considera que se deu a cobertura nesse período?

CGN2: Foi uma cobertura ruim, na minha opinião, e bem esquisita, porque naquela situação: "Vamos esperar se vai chegar em Mato Grosso do Sul", "Vamos ver se vai ter casos em Mato Grosso do Sul"... eu fiz uma matéria no *Midiamax,* onde eu entrevistei uma psicóloga sobre isso e eu lembro que foi a única vez que eu toquei no assunto.

Patrick: Sobre a série dos *13 porquês*, que surgiu bem paralelo ao "Baleia Azul", como você acha que se deu a cobertura dessa série em âmbito local?

CGN2: Foram poucas matérias, foi pouco citado.

Patrick: Tem uma matéria aqui, que você traz conteúdos estatísticos, traz fala de psicólogos e no meio da matéria você descreve uma situação sobre um caso de suicídio, no meio do parágrafo, não sei se você se recorda...

CGN2: Acho que sim, acho que até foi um suicídio de uma criança, se eu me recordo.

Patrick: Por que você viu a necessidade de incluir essa informação no meio da matéria?

CGN2: Eu tentei humanizar, tirar um pouco só de dados.

Patrick: Eu queria que você falasse nas diferenças de cobertura sobre suicídio do *Campo Grande News* e do *Midiamax*.

CGN2: Olha, não há muita diferença, na minha opinião. E o engraçado que mesmo o *Campo Grande News* sendo um pouco mais corrido que o *Midiamax*, até porque é um jornal maior, lá existe um pouco mais de comprometimento com a temática suicídio em relação ao *Midiamax*.

Patrick: E por que você acha que há esse comprometimento maior?

CGN2: Não sei, acho que é uma questão de linha editorial, eu acho.

Patrick: Então você acha que acaba dando um pouco mais de abertura para o tema?

CGN2: Sim.

Patrick: Eu estava conversando com uma colega sua, que estava no *Midiamax* e agora está no *Campo Grande News*. No *Midiamax* ela estava no setor de Cultura e o *Campo Grande News* contratou ela para produzir matérias com conteúdos mais aprofundados. Quando ela entrou no *Midiamax*, assim como você fez no *Campo Grande News*, ela produziu uma sequência de matérias sobre suicídio.

CGN2: Eu lembro desse episódio. Quando ela entrou no *Midiamax*, ela produziu uma série de matérias que ficou muito bem feita.

Patrick: Nessa pauta aqui, você acaba puxando a questão das penitenciárias, relacionando ao suicídio e tratando do regime isolado. Esse gancho surgiu de você mesmo ou foi ordem de algum editor?

CGN2: Que eu lembre, eu fiz essa matéria a partir de um relatório da Defensoria. Que eu me lembre, isso estava citado no relatório da Defensoria, que era a situação dos presos.

Patrick: Na sua opinião, o que precisaria ser mudado na cobertura do suicídio em Campo Grande? Caso você considere que tenha que ser mudado algo, é claro.

CGN2: Olha acho que poderíamos falar mais sobre o suicídio e não somente no "Setembro Amarelo", acho que deveríamos falar mais com especialistas e eu acho que o suicídio é um fenômeno que deixa um rastro de questões anteriores. Acho que falta se falar sobre saúde mental no jornalismo, porque não se fala sobre depressão, não se fala sobre hospitais psiquiátricos, não se fala como está a atenção pública relacionada a saúde mental e o suicídio está ligado a isso. *A gente* poderia melhorar nesse sentido, não lidar com o tema somente com o ato em si.

Eu também acho que não seria uma saída, tratar o suicídio como tratamos homicídio, indo a delegacia e relatando simplesmente: "Fulano se matou", por exemplo. Não é interessante, não é bom para sociedade, porque vai virando cada vez mais números, as pessoas vão se acostumando e vão tendo talvez até uma falsa imagem, uma falsa construção dessa realidade, com base no que a mídia faz. Então acho que deveria ser feito com muito mais cuidado, muito mais contextualização e falando sobre saúde mental. Porque *a gente* deveria estar se perguntando o porquê desse aumento.

Patrick: Você falou que o suicídio não deve ser tratado como meramente policial. Por isso eu gostaria de saber, na sua opinião e na dos jornais em que você trabalhou, quais suicídios se tornam notícia e quais não se tornam notícia? Qual a regra dentro dos jornais?

CGN2: A regra é que nenhum se torne notícia. Dificilmente cobrimos casos isolados, só se é uma coisa extraordinária, como se jogar do viaduto, acontecendo alguma outra coisa, algo assim. Mas a orientação editorial se for só o caso, é não publicar. Isso serve tanto para o *Midiamax* quanto para o *Campo Grande News*.

Patrick: Você acha que o fator local, por exemplo, existem locais aqui em Campo Grande que são pontos conhecidos de tentativas ou suicídios consumados...

CGN2: Você diz como se fossem as pontes de São Francisco, é isso?

Patrick: Sim. O pontilhão da Ceará, as torres do estádio Morenão, por exemplo. Você, dentro do jornal, você vê que esses locais, como é o caso da Ponte de São Francisco, é um fator de noticiabilidade?

CGN2: Não, porque caso contrário, *a gente* noticiaria: "Mais uma pessoa se jogou do pontilhão tal" e *a gente* não vê esse tipo de notícia, *a gente* não produz.

Patrick: Deixa eu te mostrar as tabelas agora. Essa tabela 1 é do *Campo Grande News* e trata dos efeitos do "Baleia Azul" em 2017. Aqui eu fiz levantamentos dos meses de março, que é anterior ao surgimento do "Baleia Azul"; de abril, que é o mês que surge o jogo na mídia local e os meses posteriores ao surgimento, que são maio e junho. Como você vê aqui, em março foi feito apenas 4 matérias sobre suicídio, em abril sobre para 24, e nos meses seguintes tem uma queda. Mas aqui tem uma situação interessante, pois temos duas colunas: uma de conteúdos relacionadas ao "Baleia Azul" e outra coluna com conteúdos sobre suicídio, não relacionados ao "Baleia Azul". No mês de maio, embora tenha caído pela metade o número de publicações, o *Campo Grande News* mantém uma constante de publicações sobre suicídio. Por que você acha que se mantém essa constante? Você acha que tem uma relação, mesmo não tratando do "Baleia Azul"?

CGN2: Eu acho que sim. Eu acho que chamou a atenção para o tema e pode ter sido alguma decisão editorial de continuar mantendo o tema suicídio em pauta.

Patrick: Uma coisa que eu gostaria de perguntar, em relação aos dois jornais. Eu tive uma informação de que os jornalistas são mais fixos as editorias e no *Campo Grande News* não acontece isso.

CGN2: Isso é verdade, no *Campo Grande News* é mais bagunçado. *A gente* faz um pouco de tudo no *Campo Grande News*.

Patrick: O que você acha melhor nesse caso?

CGN2: Para um jornalista em começo de carreira, acho interessante experimentar um pouco de cada editoria, para ver como funciona cada uma. Mas a partir de um momento da carreira, acho mais interessante o jornalista se dedicar a somente uma, porque a pessoa fica mais especialista em determinado assunto.

Patrick: Nessa outra tabela aqui, temos as editorias do *Campo Grande News* que mais divulgaram casos de suicídios durante o período do "Setembro Amarelo". Aqui nós temos Cidades, que acompanha um crescimento total, chegando a 18 em 2017 e em 2018 as publicações de Cidades caem pela metade, com apenas 9, mas mantém uma constante no número total de divulgações, porque as publicações

estão mais espalhadas entre as outras editorias. Por que você acha que ocorreu esse fenômeno?

CGN2: Eu não sei dizer. Talvez até seja uma questão de dispersão, de colocar na editoria errada. Não sei te dizer.

Patrick: Nessa outra tabela foi o ano em que o *Midiamax* mais publicou conteúdos relacionados ao "Setembro Amarelo". Nos outros anos temos quase nada de conteúdos relacionados a Polícia e em 2016, temos 9 conteúdos relacionados a Polícia. Por que você acha que isso ocorreu?

CGN2: Também não vou saber te responder. Acho que essas perguntas deveriam ser mais para quem é editor.

Patrick: Nessa outra tabela, temos a mesma situação das editorias, porém agora do "Baleia Azul". No "Baleia Azul" do *Campo Grande News*, nós temos uma presença alta de Cidades no mês de abril, Polícia acaba entrando aqui em Cidades no *Campo Grande News*?

CGN2: Pode entrar em Cidades, Capital ou Interior. Se aconteceu no interior, é interior. Se aconteceu em Campo Grande, é capital.

Patrick: Recebi a informação de que matérias nesse tipo de situação, com característica Policial, ás vezes entra em Cidades.

CGN2: Uhum.

Patrick: Aqui no número total *a gente* tem um fenômeno interessante. No *Campo Grande News* em Abril, que é o mês que surge, tem 24 publicações sobre suicídio, depois cai pra 12, depois cai pra 7 e em julho aparece com 15 matérias. Você lembra o que pode ter desencadeado isso?

CGN2: Eu não estava no *Campo Grande News*, mas também acho que não saberia te dizer. Acho que é mais pra quem é editor.

Patrick: Vou explicar essa tabela 9 – eu percebi que nem sempre determinado conteúdo correspondia a determinada editoria, por isso criei algumas categorizações, que são os seguintes:

<u>Conteúdos com foco estatístico</u>: matérias meramente estatística, que você disse que é inclusive algo muito produzido;

<u>Coberturas factuais</u>: muito relacionadas a ocorrências, por exemplo;

<u>Coberturas com foco em familiares, amigos ou especialistas</u>: como é o caso de algumas matérias que você fez aqui e algumas matérias que o Lado B do *Campo Grande News* produz.

É bom destacar que essas matérias não são estanques, então elas podem ter mais de uma característica. Porém, um aspecto se destaca mais que o outro e, então, daí as classifico como estatística, factual ou coberturas com foco em familiares, amigos ou especialistas.

Em 2017, temos uma cobertura no "Setembro Amarelo" do *Campo Grande News*, com grande foco estatístico, em contraponto aos outros anos. Por que você acha que isso acontece?

CGN2: Esse ano, inclusive, me pautaram bastante para falar sobre isso. E também acho que em 2017, em relação aos outros anos, o Poder Público sistematizou mais dados, passaram mais informações para nós.

Patrick: Por que você acha que isso ocorreu?

CGN2: Eu não sei. Acho que eles perceberam uma cobertura maior por parte da imprensa e se prepararam melhor.

Patrick: O "Setembro Amarelo" existe no Brasil desde 2014, mas foi institucionalizado no Brasil somente ao final de 2015, tendo o primeiro "Setembro Amarelo" institucionalizado somente em 2016. Você acha que o fato dele estar institucionalizado influencia na cobertura?

CGN2: Acho que sim, porque está institucionalizado em âmbito local.

Patrick: Outra questão que eu observei no meu levantamento é que o *Campo Grande News* produz com certa recorrência artigos ou colunas sobre o tema e o *Midiamax*, não. Por que você acha que isso ocorre?

CGN2: Acho que é uma questão editorial. No *Campo Grande News*, o setor de Artigos e Colunas é bem forte, é quase uma editoria e no *Midiamax*, não.

Entrevista com Jornalista do *Campo Grande News* CGN3

Patrick: Primeiramente gostaria que você me dissesse há quanto tempo é jornalista e por quais empresas já passou?

CGN3: Sou jornalista desde 1995, um ano antes de me formar eu já atuava e eu já trabalhei em muitas empresas... no *Diário da Serra*, na *TV Guanandi* muito rapidamente, trabalhei na *TV Morena*, trabalhei na *Folha do Povo* quando surgiu, trabalhei aqui mesmo no *Campo Grande News* várias vezes, trabalhei no jornal *O Estado*, trabalhei em uma agência de Comunicação a *MidiaNova*, trabalhei na *TVE*, trabalhei em campanha que não é uma empresa especificamente, fiz *freela* para o *Estadão*, trabalhei na agência da Comunicação *Contexto* e trabalhei na Prefeitura.

Patrick: Há quanto tempo você é editora do *Campo Grande News*?

CGN3: Eu fui a primeira editora do jornal em 2001, 2002. O jornal tinha uma redação e um diretor e esse diretor tinha que lidar diretamente com a redação, por isso eles precisaram de outra figura para o diretor se livrar dessa parte de execução e cuidar da relação da empresa com fornecedores, cuidar da parte administrativa. Nas temporadas que passei por aqui já fui editora, já fui repórter e faz dois anos que retornei pra cá. Fiquei os últimos 6 meses afastada por motivo de doença e nesse retorno estou em uma função diferente da que eu estava antes. Eu não estou mais como chefia geral do jornal e sim como chefia de reportagem, porque nesse tempo uma colega assumiu a minha antiga função e eu e outra colega estamos dividindo uma função que não existia no jornal antes que é a chefia de reportagem nos dois períodos, no qual ela faz de manhã e eu a tarde, para ajudar a coordenar a produção.

Patrick: Você teve uma experiência no *Midiamax* também, não teve?

CGN3: Tive, esqueci de citar o *Midiamax*.

Patrick: No *Midiamax* você era Secretária de Redação?

CGN3: Não, a função que eu ocupava lá eles chamavam de coordenadora de Redação. Eu fazia mais ou menos o que estou fazendo aqui agora, mas lá eu tinha um pouco mais de responsabilidade porque o editor ficava pouco no período da tarde na redação. Mas assim, eu sempre consultava a ele. Então era uma função de coordenação que eu exercia lá.

Patrick: Na sua opinião o suicídio deve ser abordado na mídia? Por quê?

CGN3: Na minha opinião deve, principalmente na nossa função social de alertar, explicar, de colocar um assunto que é tão polêmico em debate. Não deve ser tratado

com sensacionalismo, quando a palavra sensacionalismo quer dizer exploração barata, mas deve ser tratado com sentido de alerta. A prevenção ao suicídio é um mosaico: tem poder público, tem sociedade e a gente faz parte da sociedade. A imprensa é um dos pedacinhos do mosaico para ajudar a prevenir e a informação previne. Se a gente lida com a comunicação, o assunto deve ser tratado com responsabilidade, com cuidado, com respeito às vítimas, apelando aos especialistas, especialmente o que dizem médicos, psicólogos, psiquiatras, estudiosos e principalmente as famílias que lidam com esse mal do século.

Patrick: Você já fez matérias sobre suicídio?

CGN3: Algumas.

Patrick: E quais as dificuldades que você encontrou?

CGN3: É muito difícil cumprir essas regras que eu falei, ou seja, ser responsável com o tema. Primeiramente é um tema que explode de leitura, a gente sabe que explode, então você tem que ter o cuidado de não fazer a exploração da tristeza apenas. Quando tem uma pessoa que é muito famosa, não é o suicídio que é a notícia, é a morte dela, como foi com o nosso compositor que se matou o Geraldo Rocca. Ali não era o suicídio a pauta, mas a morte do Geraldo Rocca, que cometeu suicídio. Ali estavam presentes outros temas transversais além do suicídio, como o fato dele ter uma arma em casa, como muita gente tem aqui no estado. Ás vezes uma morte te impõe um desafio de você escrever sobre ela. Não é nada fácil escrever sobre suicídio, a gente sofre e tem que ir atrás de família que está destroçada, algo que é muito difícil. Então temos o desafio de fazer uma matéria que não seja somente a exploração de desgraça, ou seja, pegar uma matéria sobre suicídio e transformá-lo em algo que tenha uma função social.

Patrick: Você já enfrentou resistência por parte de algum superior para se trabalhar essa temática?

CGN3: Já, em todos os jornais que eu trabalhei. E a gente foi aprendendo ao longo do tempo. Quando eu comecei a trabalhar, realmente não se falava porque diziam que incentivava. Ao longo dos anos isso foi mudando. Quando eu comecei a trabalhar, nós só fazíamos suicídio indígena, porque tínhamos a consciência que o suicídio indígena era uma causa antropológica quase, tinha a questão da terra, ou seja, era mais complexo do que alguém que se matou, pois era alguém que fazia parte de um grupo que se mata com outras questões envolvidas. Nós contávamos nas matérias que aqueles índios viviam em uma área diminuta de terra. Ao longo dos anos, porém, o suicídio indígena foi perdendo espaço, a gente não vê mais matérias sobre isso, embora eles continuem

acontecendo. O suicídio entre jovens indígenas aumentou muito e antes a gente ficava muito quieto, fazíamos poucos casos, mas chegaram as redes sociais que amplificam, as pessoas saem falando, e aí entra o nosso papel da função social, porque se todo mundo tá falando daquilo nas redes sociais com exagero, com informações imprecisas, com desonestidade, daí é que a gente entra com a informação adequada. As redes sociais nos impõe a obrigatoriedade de se falar sobre suicídio, com informação certa.

Patrick: As matérias sobre suicídio indígena dão menos leituras?

CGN3: Dá nada. Na verdade qualquer matéria que você colocar índio no título, ela vai dar menos leitura do que se você colocar criança, idoso. E o suicídio de índios é uma delas. Em Mato Grosso do Sul, matérias sobre a causa indígena, a leitura é muito baixa.

Patrick: Você recebeu orientações por parte de algum superior para se trabalhar esse tema?

CGN3: Já, mas como eu sempre atuei na edição, eu e mais alguns colegas, criamos um pouco de... foi o nosso desafio de se trabalhar o assunto, mas já recebi orientações de superiores em todos os lugares, até porque não foram em todos os lugares que ocupei cargo de chefia, atuei na produção, na reportagem, onde tive que me adequar as regras que vem de outras pessoas. Nos cargos de chefia você tem mais comando, é você quem dá as regras.

Patrick: Quais tipos de orientações que você recebia, por exemplo?

CGN3: Em alguns lugares é não se falar sobre o assunto, basicamente isso. Em outros lugares recebi a orientação para falar sobre suicídio somente em matérias de fundo e não em casos específicos. Aqui evitamos casos específicos, só falamos quando não tem jeito mesmo. E agora com as redes sociais temos que entrar até para dar as explicações adequadas.

Patrick: Você utiliza ou utilizou durante toda sua carreira, materiais norteadores para se trabalhar esse tema?

CGN3: Sim.

Patrick: Quais materiais?

CGN3: Tem cartilhas que estão sendo feitas, tem materiais de pesquisadores. Aqui em Campo Grande tem uma fonte muito boa que é o Edilson dos Reis, sempre buscamos ele para ajudar. O sindicato dos jornalistas do qual eu faço parte fez uma discussão recentemente com gente que lida com o tema em específico e foi uma capacitação que fizemos com os jornalistas, de tentar entender como lidar com esse tema.

Patrick: Na visita que eu fiz anteriormente do *Campo Grande News*, vocês falaram que tem um documento com algumas diretrizes. Gostaria de saber como surgiu esse material?

CGN3: Surgiu da necessidade do dia a dia. O jornal foi crescendo e tinha sempre alguém que perguntava "Quando a gente usa letra maiúscula?". Surge então da necessidade de padronizar. Ou seja, eu tenho uma cara e essa cara todas as pessoas precisam saber e principalmente a redação precisa saber disso. Surgiu então da necessidade da prática, de padronizar algumas definições, como por exemplo, "O que é reportagem?", questões mais burocráticas do tipo "Como deve ser usada a sigla?", e tem questões mais sensíveis, orientando como se lidar com o tema e um deles é o suicídio.

Patrick: Os seus colegas de trabalho costumam conversar sobre o suicídio no dia a dia? Caso a resposta seja afirmativa, em quais situações isso ocorre?

GGN4: Sim, geralmente quando acontecem os casos. Já tivemos colegas que cometeram suicídio e isso acaba gerando conversas nas redações. Essas conversas não são muito longas, porque não temos muito tempo. Mas conversamos sim, ás vezes, por exemplo, trazemos sugestões de filmes interessantes sobre o assunto para redação. É um tema que gera muita curiosidade, porque pensamos muito na natureza humana e tudo referente à natureza humana acaba gerando conversas.

Patrick: Você já ouviu falar sobre o *Efeito Werther*?

CGN3: Sim, já.

Patrick: No ambiente de trabalho ou fora do trabalho?

CGN3: Fora do trabalho. Eu já li um livro dele e na época eu fui pesquisar. O livro se chama *Os sofrimentos do jovem Werther*. Depois, lendo sobre suicídio em alguns lugares, eu ouvi falar sobre o *Efeito Werther*.

Patrick: Quais são as semelhanças e diferenças entre *Campo Grande News* e *Midiamax* em relação a esse tema?

CGN3: Houve um tempo em que o *Midiamax* era mais sensacionalista com esse tema e foi melhorando e o *Campo Grande News* era mais fechado e foi se abrindo. Quando eu digo fechado, é porque a gente evitava fazer. Mas, a partir do momento que a gente percebeu que estávamos descumprindo a função social, pois a rede social estava massacrando as pessoas com assuntos impróprios e inadequados, chegamos a conclusão que deveríamos falar sim, mas de uma forma diferente. Mas isso foi aos poucos e os dois jornais tem posturas diferentes em relação a abordagem do suicídio.

Patrick: E quando a postura desses veículos começou a mudar? Você lembra?

CGN3: Eu acho que há uns 5 ou 6 anos.

Patrick: Tem algum caso específico que iniciou essa mudança?

CGN3: Não consigo lembrar de casos específicos que desencadearam essa mudança. Talvez tenha, mas não consigo lembrar.

Patrick: Eu tive a informação que aqui no *Campo Grande News* os repórteres não ficam presos a editorias.

CGN3: Verdade. Temos um colega que tem afinidade com assuntos de esporte, então ele faz boa parte das matérias de esporte. Uma outra colega tem afinidade com judiciário, então ela faz matérias sobre judiciário. Mas assim, se tiver alguém na rua com matéria de Política, por exemplo, eles vão pegar. Então não há tantas amarras em editorias.

Patrick: Essas afinidades você acaba percebendo e delegando às pessoas?

CGN3: Sim, mas também cabe aos próprios repórteres. Porque no *online*, as pessoas acabam sendo muito editores de si mesmo. Ás vezes tem um assunto e perguntamos "Quem vai fazer" e a pessoa já se prontifica "Eu faço", então ela mesma se pauta em muitas situações. De qualquer forma, nós como editores também percebemos e destinamos determinadas funções a determinados repórteres. É uma via de duas mãos.

Patrick: É menos rígido do que no impresso, por exemplo?

CGN3: Bem menos.

Patrick: Eu recebi outra informação em relação a cobrança feita aos repórteres de colocarem as matérias nas editorias corretas. Gostaria de saber se essa é uma cobrança sua ou é algo que vem de cima?

CGN3: É de cima e é minha porque delimitar o assunto ajuda nosso leitor, levando em consideração que ele está acostumado a procurar matérias de economia em economia, por exemplo. Se eu coloco em outra editoria, se complica um pouco, porque nossas matérias são conversas com o leitor que devem ser claras. Colocar as matérias nas editorias corretas significa fazer essas conversas fluírem.

Patrick: Uma outra informação que recebi é que se vocês ficam de 30 a 40 minutos sem colocar uma matéria no *site* alguém dá um aviso "Gente, o *site* tá atrasado".

CGN3: Verdade, agora mesmo acabei de receber um *WhatsApp* em relação a isso. Essa cobrança existe porque temos que ter fluxo de notícias para que o leitor não saia da página.

Patrick: Tem uma minutagem, um intervalo de tempo que vocês colocam como meta?

CGN3: Tentamos em um dia cheio, colocar uma matéria a cada 10 minutos. Em um final de semana, de 20 em 20 minutos.

Patrick: Mas não tem nenhuma regra fixa em relação a isso?

CGN3: Na verdade cria-se na redação uma cobrança para não demorarmos em colocar matérias no *site*, inclusive já pensamos em criar um manual para padronizar isso. Mas existe uma pressão sim, se eu falasse que não existe, estarei mentindo.

Patrick: E como ocorre essa pressão?

CGN3: É uma cobrança de nós com nós mesmos e de cima também. A gente sabe que o produto é nosso e que vivemos de notícia em tempo real.

Patrick: Quais as características editoriais do *Campo Grande News* para se trabalhar matérias sobre suicídio?

CGN3: Não produzir sensacionalismo no sentido ruim da expressão. Se você vai fazer um perfil em específico, tentar fazer sem explorar a desgraça. Tem casos que são muito emblemáticos. Teve um caso de uma menina que cometeu suicídio no interior, que inclusive foi o *Buzzfeed* que fez e nós soubemos por eles. A história falava sobre uma menina que acabou sofrendo muito *bullying* e cometeu suicídio. A menina era muito jovem e nós fizemos um caso específico, com o tema *bullying* aparecendo de forma transversal. Ás vezes fazemos um matéria do tipo "Suicídio aumenta entre jovens". Nesse caso, você faz um material mais de fundo, sempre mostrando as pessoas onde procurar ajuda. Fazemos isso para casos específicos também, propagando a informação correta. É de fato um tema mais sensível, mas a regra para se fazer jornalismo é a mesma que vale, ou seja, de ser responsável com a informação.

Patrick: Quais tipos de suicídios se transformam em notícia e quais não se transformam para o *Campo Grande News*?

CGN3: Um que é feito em público, é difícil não cobrir um caso desse, porque foi feito em público, as pessoas se assustaram, interrompeu o trânsito; quando envolve pessoas conhecidas, como foi o caso aqui em Campo Grande do Geraldo Rocca; quando ocorre com alguma pessoa que ocupa um cargo público de destaque, como já aconteceu no interior; quando ocorre na Polícia, como ocorreu há pouco tempo atrás na Polícia Federal, não tem como não fazer, porque foi dentro de um órgão público; quando há dúvidas em relação a uma pessoa que foi encontrada morta e não temos certeza se foi ou não suicídio, daí a gente faz. Teve situações também que cobrimos como acidente, mas não era suicídio, porque no momento, algumas vezes, não temos essa compreensão. Quando ocorre algum caso em comunidades menores, quando trata-se de sacerdotes, de

policiais. Inclusive atualmente cobrimos mais de policiais do que de índios e hoje também é uma causa social os policiais. O suicídio entre policiais é algo que merece nós alertarmos a sociedade "Olha, está acontecendo muito com nossos policiais".

Patrick: Você acha que o fator local é algo que conta na hora de fazer a cobertura?

CGN3: Sim, infelizmente. As torres e viadutos são sem dúvidas locais que contam na hora de definir se deve ou não ser noticiado. Mas nessas situações temos que ter muito cuidado. Por exemplo, ás vezes a gente vai lá, mas o bombeiro conseguiu resgatar a pessoa, a gente não faz nada. Se for somente para expor a pessoa e a família dela, a gente prefere não fazer.

Patrick: Eu questiono isso porque na visita que eu fiz, teve uma situação em que vocês receberam a informação de que uma pessoa subiu em uma torre em um bairro aqui de Campo Grande e você orientou que esperasse para ver o que ocorreria e daí os bombeiros conseguiram resgatar.

CGN3: Pois é, nesse caso a gente não faz. Esses dias, porém, teve um caso onde um bombeiro deixou escapar uma pessoa em um viaduto. Nesse caso tivemos que fazer, até porque havia um erro de atitude ou treinamento do bombeiro naquela situação. Então cabe nesse caso nós dizermos "Olha, o bombeiro não estava preparado para salvar a pessoa". O bombeiro foi tentar salvar a pessoa e ela caiu. Naquela ocasião a pessoa não morreu, veio a falecer em outra situação depois, mas não deixa de ser um erro.

Patrick: Recebi a informação também que no *Campo Grande News* se evita fazer matérias no varejo.

CGN3: Sim, que é isso, casos específicos.

Patrick: Qual a política do jornal em relação a identificação de pessoas que tentaram suicídio ou cometeram suicídio?

CGN3: Normalmente as mesmas de quando a gente decide fazer ou não. E se a gente vai fazer, a gente identifica. Só quando é criança que não identificamos, mas casos de criança a gente nem costuma fazer mesmo. Porém já identificamos, por exemplo, um caso de uma filha de um policial que se matou com a arma do pai. Nessa situação, não tinha como identificar.

Patrick: O Lado B do *Campo Grande News* costuma produzir matérias mais trabalhadas e contextualizadas. Os repórteres dessa editoria geralmente tem um *deadline* maior para produzir seus conteúdos?

CGN3: Na verdade não. É que eles trabalham menos pautas por dia, mas não ficam dias com as matérias, é muito raro isso acontecer. Geralmente trabalham dois ou três

assuntos, então eles conseguem ouvir mais fontes, fazer um texto com elaboração diferente, porque quando você tem que escrever muito rápido, seu raciocínio tem que ser mais lógico. Na verdade as matérias do Lado B tem que ter 5 ou 6 fontes, enquanto que as matérias da correria é mais pa pum, pa pum. Mas os repórteres do Lado B não tem muito tempo a mais em relação aos demais repórteres para fazer as matérias, são apenas duas formas distintas de tratar a notícia: uma é o pão da padaria e a outra é a torta da padaria, que demora mais tempo para fazer.

Patrick: Como o *Campo Grande News* costuma se organizar para trabalhar o "Setembro Amarelo"?

CGN3: Olha, a gente gostaria de se organizar para se trabalhar com mais antecedência. Mas a gente se organiza com o decorrer do evento e vai se pautando. Geralmente tem muitos eventos e aproveitamos os eventos para criar pautas.

Patrick: Nessa época do "Setembro Amarelo" vocês costumam receber muitos materiais de assessorias?

CGN3: Sim, demais.

Patrick: Na época do "Baleia Azul você trabalhava no *Midiamax*. Como o *Midiamax* se organizou para cobrir o "Baleia Azul"?

CGN3: Eu não cobri, porque o "Baleia Azul" os repórteres cobriam mais de manhã e eu não trabalhava de manhã. Lembro que eu fiz uma matéria, eu acho, que era uma suíte de uma matéria da manhã. Não consigo te responder essa.

Patrick: Paralelamente ao "Baleia Azul" surgiu a série dos *13 porquês* da *Netflix*. Você se recorda como foi a cobertura local sobre essa série ou se houve cobertura local? O que você se recorda a respeito disso?

CGN3: Lembro que nessa época surgiram os desafios de internet e fizemos algumas coisas a partir dos desafios. Nas matérias que fizemos sobre os desafios, falamos sobre a série, afirmando que a série supostamente incentivaria. Confesso que não assisti a série, por isso não consigo opinar.

Patrick: Você acredita no efeito de contágio do suicídio dependendo da forma como é divulgado?

CGN3: Dependendo em como for divulgado, eu acredito que sim. Creio que quem se mata já tem um problema anterior, mas quando você faz uma matéria relatando com requintes de detalhes o que uma pessoa fez para se matar, quando você publica bilhetes de despedida, quando você pormenoriza, isso vai fazer com que a pessoa junte informações para concluir esse desejo que é impositivo em uma pessoa que tentou se

matar, porque é mais forte que ela. A gente tem que ter cuidados nesse sentido, para não fornecer elementos a essa pessoa que já é problemática. Porque essa pessoa já está passando por problemas, afinal ninguém se mata porque acha bonito. A notícia não faz a pessoa se matar, mas ela pode dar elementos para a execução do ato.

Patrick: Na sua opinião a cobertura sobre suicídio pela imprensa campo-grandense necessita de modificações?

CGN3: Tudo isso que eu falei é o ideal e a gente sabe que não acontece o tempo todo na prática. Deve-se tratar o suicídio como um tema importante, mas delicado, que necessita de muita responsabilidade para se por no ar. A pressa, a correria, a falta de preparo de alguns profissionais, o desleixo, isso tudo faz com que a gente noticie de forma irresponsável, mesmo não querendo ser irresponsável. Eu acho que precisa mudar muito sim, para que possamos cumprir a função social do jornalista, que é fornecer informação qualificada e ajudar a prevenir.

Patrick: Vou te mostrar algumas tabelas e fazer questionamentos. Nessa tabela 2, temos essa coluna com matérias sobre suicídio relacionadas ao "Setembro Amarelo" e essa outra coluna com matérias sobre suicídio que não estão relacionadas ao "Setembro Amarelo". As matérias que não tratam sobre o "Setembro Amarelo" estão em maior número. Por que isso ocorre na sua opinião?

CGN3: Na verdade isso é uma falha, porque todas deveriam fazer ao menos uma menção ao "Setembro Amarelo" durante a campanha, falando que é o mês de prevenção e dar caminhos para a pessoa procurar ajuda. Outro dia tivemos um papo na redação sobre quem teria coragem de se matar e quem não teria e daí perguntaram o motivo da pergunta e eu falei "Gente, CVV né, por favor, vocês estão com problema".

Patrick: Mas você acredita que essas matérias que não trataram da campanha tiveram influência da campanha?

CGN3: Sim, sim. Nessa época o tema fica mais vivo. É como uma música que você acha que não conhece, mas quando ouve a letra você lembra. O tema está ali circulando ao seu redor.

Patrick: Nessa outra tabela temos o "Setembro Amarelo" de 2014 a 2018. No ano de 2018, as matérias tem uma maior distribuição entre as editorias, comparando com os anos anteriores. Por que na sua opinião isso ocorreu?

CGN3: Porque muda a equipe constantemente. Antes colocávamos muitos conteúdos em Cidades e daí a gente foi mudando para colocarmos os conteúdos em editorias que ficasse mais claro. Antes qualquer coisa que o repórter não sabia a editoria, colocava em

Cidades e ás vezes economia. E nesse ano, deve ter trocado muito a turma e deixa de ficar claro.

Patrick: Nessa outra tabela, agora sobre o *Midiamax*, existem 18 matérias sobre suicídio no "Setembro Amarelo" de 2014, cai para 5 em 2015 e contabiliza 26 em 2016. Nos anos posteriores esse número volta a cair. Você sabe me dizer por que ocorreu esse fenômeno?

CGN3: Olha, eu posso arriscar. Esse ano (2016) eu estava lá e eu e um colega nesse ano provocamos muito o tema, muito. Acho que seja isso. Depois eu não estava lá e o número de matérias caiu, não eu especificamente. Mas talvez esse colega tenha dado uma desanimada, a redação também mudou muito. Nesse ano também estava uma outra colega que se preocupa muito com o tema. Acho que é muito das pessoas.

Patrick: Nessa tabela aqui sobre o "Baleia Azul" do *Midiamax*, temos 5 matérias em Cotidiano no mês de abril que é quando surge o desafio do "Baleia Azul", que os veículos começam a noticiar, só que nos outros meses, tanto em março como nos meses seguintes, não se tem divulgações na editoria Cotidiano, mas tem em outras editorias, como em Polícia e tal. Por que você acha que isso ocorreu?

CGN3: Ocorreu isso porque no *Midiamax* se o repórter de Polícia pegava, colocava na editoria dele e se o de Cotidiano pegava, colocava na dele. Mas no *Campo Grande News* não é isso. Por isso que no *Campo Grande News* não é assim, porque temos a concepção de que o repórter não é dono do jornal.

Patrick: Vou te mostrar as últimas tabelas. Essas foram categorizações que eu criei, pois percebi que nem sempre as editorias acabam contemplando o fato em si. Então tem aqui "Conteúdos com foco estatístico", que são meramente aquelas matérias com dados que vocês recebem de assessorias; "Coberturas factuais" que seria o fato em si, como assuntos policiais; "Matérias com foco em familiares, amigos ou especialistas", que seria mais parecido com o que o Lado B produz.

CGN3: A gente ainda está muito no factual e isso tem a ver com colocar em prática aquilo que eu falei, sobre todas aquelas preocupações lá. A gente ainda é engolido pelo factual.

Patrick: Em relação aos "Conteúdos com foco estatístico" no *Campo Grande News*, em 2014, 2015 e 2016, havia poucos conteúdos relacionados a esse viés. Em 2017 pula para 8 e em 2018 volta para 1. Por que você acredita que em 2017 houve tantos "Conteúdos com foco estatístico" no jornal?

CGN3: Eu atribuo às pessoas que estão no jornal no momento. No ano passado (2018), por exemplo, foi um ano muito complicado aqui no jornal, porque eu fiquei doente, a redação teve muitas mudanças, enfim. Percebo que as pessoas que estavam aqui em 2017 tinham uma preocupação maior com esse tema ou ao menos o tema estava mais vivo na cabeça.

Patrick: Esse mesmo fenômeno ocorre em 2016 no *Midiamax*.

CGN3: Mas acho que tem uma coisa que é meio cíclica, porque tem um tempo que a imprensa fala muito em um assunto e um vai atrás do outro. E com o tempo o assunto esfria. É uma coisa cíclica do jornalismo como um todo. Ás vezes determinado assunto se torna muito popular, mas com o tempo vai esfriando, esfriando. É como roupa na moda, infelizmente.

Patrick: Na tabela 12 gostaria de falar sobre o "Artigos e Colunas". No caso acabei colocando nas categorizações que eu criei, mas é também uma editoria. No *Campo Grande News* existe uma força dessa editoria, mas não acontece o mesmo no *Midiamax*.

CGN3: Na verdade eles (*Midiamax*) não publicam, é uma escolha editorial. No *Campo Grande News* sempre se publicou, é uma tradição. Eu acho bacana por que acaba trazendo um pensamento externo para o jornal e o jornalismo tem que ser plural. Então você acaba dizendo nos artigos coisas que no material jornalístico não é dito, acho ótimo, sensacional. Tem muita coisa chata, mas também tem muita coisa que toca em pontos em relação ao povo que o nosso braço não alcança, mas com o artigo alcança. Acho isso muito bacana.

Entrevista com Jornalista do *Midiamax* M1

Patrick: Você é jornalista há quanto tempo?

M1: Eu me formei em 2005, mas atuo na área desde 2002 quando comecei a fazer estágio. Desde que eu fiz esse estágio, eu tive a sorte de me manter no mercado, então desde 2002 eu trabalho na área.

Patrick: Por quais empresas você já passou nessa sua trajetória, contando o estágio?

M1: Comecei na *MS Record*, onde eu fui produtor, repórter e apresentador. De lá eu fui para um projeto da *TV Unaes*, que era um projeto paralelo, uma sucursal da TV Pantanal *TV Guanandi*, pertencente a Uniderp, que foi onde eu me formei. Então era um projeto novo e eu fui indicado a fazer parte da TV e Assessoria de Imprensa na Unaes. Durou pouco tempo essa *TV Unaes*, por essa razão acabei saindo de lá e eu já conciliava o serviço de lá com a *TV Campo Grande*, filiado do *SBT local*, onde eu era repórter. Então depois saí da TV Unaes e fiquei somente na *TV Campo Grande*. Depois saí da *TV Campo Grande* e fui para o *Painel Florestal*, que era um *website* e televisão, que falava sobre florestas, que não tinha nada a ver com o jornalismo diário. Saindo do *Painel Florestal*, eu fui para a *TV Guanandi*, para trabalhar nos programas policiais com o deputado Picareli e fiquei com ele durante 11 anos. Daí eu fui para a *TV MS*, novamente no programa de TV do Picareli. Da *TV Record*, quando acabou o contrato dele lá, nós fizemos uma pausa e eu trabalhei na campanha política do Marquinhos Trad como diretor de Rádio. Em seguida, voltei a trabalhar com o Picareli novamente na *TV Guanandi*, que já tinha outro nome, *TVi*, por onde fiquei um ano. De lá eu fui para o *Canal do Boi* e, por fim, para o *Midiamax*, onde estou até o momento.

Patrick: Há quanto tempo você está no *Midiamax*?

M1: 5 meses

Patrick: Você passou por quais editorias lá?

M1: Olha, a minha editoria é Cotidiano, mas já fiz várias reportagens sobre Polícia e geral, porque no plantão você faz de tudo. Portanto, embora minha editoria seja Cotidiano, já fiz Polícia, Política, Comportamento, Esportes, dei uma pincelada em cada editoria.

Patrick: Principalmente nos plantões?

M1: Sim, principalmente nos plantões, daí você tem que fazer de tudo.

Patrick: Na sua opinião, você acha que o suicídio deve ser debatido nas mídias e nos jornais? Por quê?

M1: Hoje eu acho que sim, porque o tema ganhou visibilidade. Quando eu comecei trabalhar na área, os suicídios só eram noticiados quando eram casos muito absurdos. Quando, por exemplo, uma pessoa pulava do alto de um prédio. Ou seja, notícias que tinham um diferencial. Se uma pessoa se matasse com uma corda no pescoço, isso dificilmente virava notícia, mas quando era algo mais impactante, aí sim virava notícia. Eu acredito até por uma questão de concorrência, porque todo mundo noticiava e então você acabava noticiando. Hoje esse assunto foi tomando mais visibilidade, porque casos assim chocantes foram aparecendo, cada vez mais. Pessoas se matavam de maneiras esdruxulas, como dentro de carro, com gás dentro de casa, com desafios da internet, pulando de prédios, pulando de pontes, então isso foi chamando muito a atenção.

Eu to fazendo uma volta antes de responder a pergunta, mas o suicídio foi um assunto muito visado, não teve jeito. Eu até me posicionaria contra como proprietário do jornal, apoiaria a não divulgação desses suicídios, porque eu sempre acreditei que você estaria mostrando para pessoas que estão doentes que tem outras pessoas fazendo isso. Quando a pessoa está doente, ela não tem muita consciência disso. Ela só vê que outras pessoas têm coragem e isso acaba motivando elas a cometer o suicídio, esse é meu pensamento.

Portanto, acho que sim, acho que deve ser noticiado, mas com alternativas de como tratar a doença, porque isso é uma doença e esse detalhe tem que vir acompanhado na notícia. Acho que uma notícia de suicídio é... dependendo do que é noticiado... Acho que um suicídio só é noticiado nessas circunstâncias. Outro dia fiz uma matéria pelo *Midiamax,* de um rapaz que se jogou do 9º andar de um prédio e sobreviveu. Foi uma matéria que todo mundo deu e eu também tive que dar a matéria. Ao mesmo tempo, eu sugeri para as editorias para procurarmos um especialista, um psiquiatra, para ver o que ele fala a respeito. É sempre a mesma coisa, a pessoa tem que procurar tratamento e tudo mais, então acho que a notícia deve vir acompanhada de ajuda, eu penso isso. Não adianta esconder uma coisa que está tão em evidência, eu penso isso.

Patrick: Quais matérias sobre suicídio você recorda já ter trabalhado? Seja no *Midiamax*, no período que você trabalhou com o Picareli ou em experiência anteriores?

M1: Eu fiz muitas matérias de suicídio, demais. Eu trabalhei justamente na editoria de Polícia com o Picareli, foram 13 anos. De 11 a 13 anos na mesma editoria. Eu me lembro de algumas e uma que ficou na minha cabeça. *A gente* tinha acesso a cenas de

crime e por que isso ocorria?! Hoje não sei mais como é, porque não sou repórter de Polícia e não tenho mais amizade com delegado e policial como eu tinha antes. Mas quando eu tinha, *a gente* tinha acesso a cena do crime e como funcionava? *A gente* tinha acesso aos Policiais Militares que, a princípio, isolam o local para a chegada da perícia, Corpo de Bombeiros, quem quer que chegue antes lá. Alguns nos diziam: "Vai lá, filma lá, porque daqui a pouco a perícia chega e não pode mais", mas isso faz muito tempo.

Numa dessas, eu entrei na residência antes da Polícia Civil, da perícia, onde seria barrado todo o acesso à imprensa e vi um homem, de cueca, com a corda no pescoço, que tinha acabado de cometer suicídio. Foi um suicídio convencional, diríamos assim, colocar uma corda no pescoço e pular de uma cadeira. Lembro que tinha uma carta que dizia: "Não vou deixar ninguém me matar. Estou fazendo isso para que outra pessoa não faça". Ele tinha problemas com dívidas de drogas e ele não queria que ninguém colocasse fim a vida dele e ele mesmo fez isso. Esse é um suicídio que não sai da minha cabeça, é uma situação que me lembro nitidamente da cena e do bilhete. Não sei dizer se ele era uma pessoa problemática, sabe? Ele foi bem específico, porque as pessoas que se suicidam geralmente deixam cartas e ele deixou essa carta em cima da mesa. Posteriormente, a Polícia descobriu que ele devia para traficantes e o que acontece com as pessoas que devem para traficantes *a gente* sabe, elas são geralmente assassinadas. Então não sei se ele era doente, mas ele não queria que outra pessoa colocasse um fim a vida dele, a não ser ele mesmo. Lembro de muitos outros suicídios, mas esse foi um que me marcou muito.

Patrick: Quais as dificuldades que você encontrava na hora de produzir esse conteúdo sobre suicídio seja em tele, rádio ou *online*?

M1: Eu não tinha muita escolha. Eu tinha pouco tempo e eu tinha que entregar a matéria antes do concorrente. Então eu seguia o protocolo, eu até ouso dizer que fiquei durante um tempo muito frio. Quando você trabalha na editoria de Polícia, você tem que trabalhar uma coisa dentro de si que se chama frieza, porque você se depara com muitas cenas perturbadoras que te fazem pensar muito quando você chega em casa, como por exemplo ver uma acidente gravíssimo onde uma criança morreu ou alguém que matou uma criança. Eu desenvolvi uma certa blindagem e então eu não enfrentava dificuldade para se falar sobre suicídio, assim como eu não enfrentava dificuldade para falar de tema nenhum, até porque aquele era meu trabalho e eu não poderia me envolver com tema nenhum, para que eu pudesse entregar aquele material.

Nesse caso de suicídio que eu falei pra você, a estética do programa do Picareli foi o que *a gente* conhece por "falso ao vivo". Por exemplo: "Estamos em um *shopping* no centro da cidade e segundo populares uma pessoa cometeu suicídio lá dentro. Vamos tentar entrar no local para verificar o que aconteceu e coletar algumas informações com a Polícia". Quando *a gente* conseguia ter acesso ao local, como foi o caso de suicídio que eu relatei, eu narrava: "Estamos entrando no local onde o corpo foi encontrado, é uma quarto..." a imagem provavelmente vai estar desfocada, por questões de ética, mas ali está o corpo da vítima e isso com uma frieza absurda, porque eu não poderia demonstrar que eu estava chocado, afinal, poderia compreender meu rendimento e eu tinha concorrentes ali precisando trabalhar. Eu não tinha muito tempo para me envolver no caso, só depois eu pensava, porque era tudo muito rápido. Eu narrava, citava o que tinha na cena do crime e entregava o material para TV. Então eu não tinha dificuldade nenhuma em falar sobre o assunto naquela época. Com o tempo, *a gente* fala tanto sobre o assunto e sobre tantos assuntos, que poucas coisas chocam *a gente*. Acho que essa é a conclusão que eu tiro do jornalismo Policial e Cotidiano mesmo, é muito difícil você se chocar. São tantas coisas que acontecem que você deve estar psicologicamente preparado para lidar com isso, porque senão o mercado engole você, é isso que eu penso.

Patrick: A maneira como você via o tema, comparando a época que você trabalhava com o Picareli com o momento atual, mudou? Como você enxerga esse processo?

M1: Mudou drasticamente. Quando eu trabalhava com o deputado Picareli, eu não tinha tempo para correr atrás de nada, eu tinha que dar a notícia, eu era repórter de Polícia, saia 6 horas da manhã da redação e voltava 11h, sendo que eu tinha que estar com ao menos três matérias de Polícia ali. Poderia ser prisão, apreensão, assassinato e era uma coisa atrás da outra. Quando eu voltava para a redação, eu tinha que entregar para a edição, porque o programa girava em torno disso.

Anos depois, com o amadurecimento profissional e trabalhando no *online*, apesar de ser *Hard News*, que também exige muito do profissional que tem pouco tempo e muito conteúdo para produzir, o *site* te dá mais espaço para desenvolver essas questões. Não só falando do suicídio, mas também procurando um psiquiatra, procurando alternativas, procurando pessoas que superaram a dificuldade, para mostrar que assim como tem pessoas que enfrentaram o suicídio e passaram por vários problemas, que levam elas a cometerem suicídio, elas passam por vários problemas. Então eu tenho hoje um tempo

para propor, para sugerir uma pauta para a minha própria editoria, que não é mais Polícia, para lidar com temas paralelos, como por exemplo, orientar pessoas que viveram esse tipo de situação, entrevistar fontes que venceram a depressão... porque a depressão é assim, uma luta constante. Consigo propor algo do tipo: "Como lidar com isso?" ou "Quais as melhores maneiras para se trabalhar com isso". Hoje eu consigo trabalhar com esse tempo e esse espaço no jornal, algo que eu não tinha no programa de televisão, no modelo de programa como Picareli, Tatá Marques, Cidade Alerta e companhia, não te dão esse espaço, porque a editoria é factual, somente isso. A consulta com o psiquiatra para falar sobre o suicídio era uma coisa muito esporádica que acontecia e eram todos trabalhando a mesma notícia, então você tinha que trabalhar com velocidade. Hoje no *Midiamax* eu vejo que eu tenho espaço e tempo para lidar com o assunto e propor também, além da notícia em si, maneiras de se ajudar uma pessoa que talvez esteja pensando em cometer suicídio, mostrar reportagens de pessoas que superaram a depressão, então eu tenho mais tempo de sair dessa editoria de Polícia, porque acho que isso é o que mais falta em programas de televisão, as editorias. Nós temos muito em TV os factuais e fala-se muito pouco sobre esses assuntos. Só chama para falar de depressão, quando o caso é extremamente grave, embora todos os casos sejam graves. Mas só falam sobre depressão quando é algo muito grave, muito fora do comum. E no *online* e impresso você tem mais tempo para lidar com suicídios que também são graves, obviamente, mas que não chamam tanto a atenção da sociedade, mas que mesmo assim é pauta, continua sendo pauta.

Patrick: A editoria de Polícia do *Midiamax* abre oportunidades para você tratar o tema de uma forma diferente ou é puramente factual?

M1: Vou dar o exemplo da tentativa de suicídio que a pessoa se jogou do 9º andar. Eu estava de plantão, só estava eu na redação e a pessoa se jogou do 9º andar de um hotel e sobreviveu. Segundo informações da Polícia, ele havia tentado reatar um relacionamento e não conseguiu. Veja só, um hotel de luxo, uma pessoa que se *a gente* for analisar a situação, imagina que é uma pessoa bem informada, de boa situação financeira e mesmo assim pulou do 9º andar de um dos hotéis mais caros da cidade, para você ver que a doença não pega uma classe social específica, ela atinge qualquer pessoa. Ele se jogou do 9º andar de um prédio, caiu em cima de uma estrutura metálica que amorteceu sua queda e sobreviveu. Mas eu recebi a informação de que a vítima havia tentado suicídio e estava em estado gravíssimo, próxima a vir a óbito. Nesse caso, eu observei outros *sites*, porque temos essa política de lidar com muito cuidado em

casos de suicídio. Quando eu vi que os outros *sites* soltaram a notícia, eu tive que soltar também, por uma questão de credibilidade, o leitor precisa saber das coisas. Todos os jornais estavam veiculando, portanto, eu também precisava veicular, porque o jornal acabaria ficando para trás em termos de notícia. Fui ao local, fiz a reportagem e a pessoa sobreviveu. Mas se ela não sobrevivesse, ainda sim eu deixei uma sugestão, eu disse para o colega do dia seguintes: "Vamos abordar o tema novamente, vamos conversar com um psiquiatra e dar um desdobramento, uma suíte para a matéria".

Relembramos o caso e perguntamos a um psiquiatra: "O que leva uma pessoa a cometer suicídio?". É um assunto que muitos jornais e muitas editorias deixam pra lá, porque é um assunto ultrapassado nas redações. É sempre a mesma coisa, mas é muito importante que não se torne sempre a mesma coisa, porque essa mesma coisa mata muita gente. Então quanto mais espaço nós dermos em uma televisão, na rádio ou em um *site* e quanto mais espaço *a gente* tiver, *a gente* vai alcançar uma, duas, três pessoas. Talvez isso seja o suficiente para fazer uma pessoa desistir e fazer com que essa pessoa procure ajuda. No jornal temos essa flexibilidade, porque como saem muitas reportagens por dia, você pode trabalhar uma reportagem sobre depressão, que seu editor te dá liberdade, tranquilamente.

Patrick: Você já sofreu alguma resistência por parte de editor ou secretário de redação, para se trabalhar esse tema?

M1: Eu estou há muito pouco tempo no *Midiamax*, mas eu já passei o seguinte... quando eu trabalhava com o deputado Picareli, eu já tinha passado por várias reportagens de tentativas de suicídio e outras reportagens de tentativas de suicídio que eu fiz, foram barradas. Já teve situação de nós recebermos a informação que havia ocorrido um homicídio, mas na verdade era um suicídio. Sendo assim, para voltarmos sem termos feito nada, *a gente* mostrava o caso para a edição e a edição dizia: "Não vamos falar sobre suicídio. Vamos deixar isso pra lá, vai acabar influenciando outras pessoas".

Patrick: Era algo corriqueiro?

M1: Sim, suicídios corriqueiros. Veja bem, o assunto não é corriqueiro, mas em alguns momentos é tratado como se fosse. A pessoa com uma corda no pescoço, o tiro na cabeça... se é comprovado o suicídio, muitos editores, principalmente de televisão, deixam o assunto pra lá. É assunto entre aspas corriqueiro, diário, que acontece muito.

Patrick: Eu trouxe uma matéria que você desenvolveu durante o "Setembro Amarelo". Pelas informações que eu obtive, vocês fizeram uma série sobre

suicídios durante esse mês. Nessa matéria, você que teve a iniciativa para desenvolvê-la ou foi pautado?

M1: Fui pautado, nesse caso eu fui pautado, porque havia chegado o mês de setembro, que é o mês de conscientização, de luta contra esse mal e eu recebi essa pauta para falar sobre superação. Conversamos com algumas pessoas que superaram a depressão e que chegaram a pensar em cometer suicídio, em maneiras de se cometer o ato. Ao mesmo tempo procuramos uma psicóloga, porque é sempre interessante mostrar, além da superação, uma alternativa. Por isso, no começo da matéria, eu usei termos do tipo "chega de frescura" que é muito comum pessoas com depressão escutarem de familiares que não sabem o que é o problema. Eu peguei então dois personagens, que não foram identificados e peguei um psicólogo, para falar sobre o assunto. Esses dois personagens viveram o ápice da depressão, chegaram a pensar em cometer suicídio, em maneiras de se cometer suicídio e conseguiram encontrar alguma coisa que os prendesse aqui, ou seja, desistiram da ideia. Então eu concluí a parte de entrevistas e complementei a matéria com a ajuda de um especialista, com uma psicóloga que atende diversos casos de pessoas com tendência suicida. Eu fui pautado e segui essa linha, de entrevistar pessoas que tentaram cometer suicídio, além da ajuda de especialistas.

A minha ideia com aquela reportagem é que se alguma pessoa tivesse passando por isso, por essa dificuldade, por esse vazio, por essa solidão, se identificasse com o texto e procurasse ajuda. Ou algum familiar que trate o caso com descaso, passe a ver essa situação de outra maneira. Sempre foi meu objetivo como jornalista, do fundo do meu coração mesmo.

Patrick: Você inicia a matéria com os termos "chega de frescura", "para de fazer birra" que são frases presentes no senso comum nesse tipo de situação, além das iniciais para não identificar os nomes das vítimas. Você sempre teve o hábito de se trabalhar com esse tipo de recurso e não identificar o nome da fonte ou foi a política editorial do jornal que te forçou a fazer dessa forma?

M1: Cada jornal tem seu protocolo e o *Midiamax* em si, tem muito cuidado ao tratar de vítimas, não só em casos de suicídios, mas também em outras situações onde a pessoa não quer se identificar, como os casos de crimes. Para você identificar uma pessoa no jornal, você tem que ter certeza absoluta de que procede a acusação em cima dela, seja qual for, como, por exemplo, "pessoa foi assassina, por tal motivo". Portanto, em alguns casos se identifica, quando é um caso hediondo, de grande repercussão, que todos vão identificar. Mas o *Midiamax* em si tem um protocolo: em casos de suicídios e também

em casos onde a pessoa não quer se identificar, obviamente, ou você coloca somente a idade da vítima ou iniciais. São maneiras de se preservar as pessoas, que elas não sofram nenhum tipo de *bullying*, digamos assim.

Patrick: Durante toda sua vida profissional, você utiliza ou já utilizou algum manual norteador para lidar com esse tipo de situação?

M1: Nunca, nunca tive acesso. Você adquire habilidade com o tempo, a habilidade do mercado, então o mercado te ensina de alguma forma a tratar os assuntos. Existe um manual dos jornalistas nas faculdades, que ensina vagamente algumas coisas, mas isso foi há quase 15 anos, quando eu me formei. Nem me lembro se alguma disciplina tratou do assunto em si. Então eu fui aprender com o mercado, como se tratava o assunto, como, por exemplo, casos de assassinatos e suicídios. Fui aprendendo que cada jornal tinha uma linha editorial para lidar com o assunto. Tem jornais por aí, que citam nome e sobrenome de pessoas, sem o menor problema. Outros já se preocupam com a reputação dessas pessoas. Alguns pensam somente em leitura, outros já pensam em compromisso com a sociedade. O jornalista acaba sendo então escravo das linhas editoriais, dos editores e dos donos dos jornais.

Patrick: Você recebeu alguma orientação por parte de algum superior no *Midiamax*, em relação a forma como se deveria tratar o tema?

M1: Eu não recebi porque eu já sabia que nesses casos *a gente* não identificaria jamais as pessoas, por uma questão de ética.

Patrick: Mas é um hábito do jornal de trabalhar essas questões com jornalistas jovens, por exemplo?

M1: Como eu não sou antigo lá, eu não sei te responder essa pergunta. Porque é tudo muito rápido lá, são 6 horas que passam muito rápido, onde você tem que produzir muito. Quando eu entrei lá, eu já tinha muita experiência, então houve pouquíssimas vezes onde eu fui chamado para conversar sobre algum assunto, porque eu já sabia como se fazia. Mas eu noto que o jornal tem uma preocupação em deixar os recém-formados em editorias mais *lights*, vamos dizer assim, como Cotidiano, MidiaMais, em editorias onde você possa adquirir mais habilidades e práticas ao lidar com os assuntos. Eu vejo que o jornal tem essa preocupação sim.

Patrick: O tema suicídio é discutido dentro da redação no *Midiamax*? Como, por exemplo, possibilidade de pauta, esse tipo de situação?

M1: Como existem muitas ocorrências de suicídio, há sempre comentários de tristeza pela situação quando *a gente* tem conhecimento de um caso e, ao mesmo tempo,

dizemos: “Poxa, que triste, mais um caso de suicídio. Vamos falar sobre suicídio mais uma vez, vamos falar com especialistas”. Então é um assunto que é sempre pauta, vez ou outra sempre falamos desse assunto, sempre procuramos um especialista para falar sobre prevenção, sobre alerta aos familiares. Então sempre há assunto de alguma maneira.

Patrick: Você já ouviu falar, em algum dos locais que você trabalhou, sobre o efeito “Werther”?

M1: Não, nunca escutei falar.

Patrick: Como você avalia a cobertura do “Setembro Amarelo” nos últimos anos, principalmente do veículo que você trabalha atualmente, o *Midiamax*?

M1: Como faz pouco tempo que eu estou no jornal, eu consegui observar nesse ano que cada repórter tratou desse evento institucional com um foco. O meu foi superação, outros falaram sobre estatísticas... então assim, existe muita responsabilidade nesse mês de setembro para tratar do assunto. Eu vejo que o jornal tem um compromisso sério com o leitor e até com a própria ética do jornal em si, de dar atenção a um assunto que requer atenção. Eu vejo que *a gente* tem um tempo maior para trabalhar essa reportagem, porque ela não é pequena, precisamos de cerca de uma semana para trabalha-la, porque é assunto delicado, que deve ser tratado com cuidado. Eu vejo que o *Midiamax* tem cuidado ou teve muito cuidado, pelo menos nesse ano que estou lá, para falar sobre “Setembro Amarelo”.

Patrick: E como você acha que se deu a cobertura de restante da mídia campo-grandense em relação a esse mês?

M1: Olha, é muito triste isso, mas todas as emissoras de TV e veículos de mídia em geral, precisam de pauta. Assim como o “Setembro Amarelo” é pauta, o natal também é pauta. Então vejo que deveriam falar mais do assunto e não somente no mês de setembro. Deveriam investir mais no assunto, na causa da depressão, em pontos de vista diferentes, mas eu vejo que é somente no mês de setembro que o assunto é lembrado mesmo. É um mês que eu sinto como se fosse uma data comemorativa, um mês comemorativo, de fato.

Patrick: O *Midiamax* se inclui nisso, na sua opinião?

M1: Se inclui, se inclui sim, apesar de dizer que tratamos do tema como suítes de reportagens, é um veículo de comunicação como os outros, que tratam o assunto com maior ênfase no mês de setembro.

Patrick: Como você observa que ocorreu a cobertura do fenômeno "Baleia Azul" em Campo Grande?

M1: Na época eu estava trabalhando lá na *TVi* como repórter de televisão, já também com o deputado Picareli e eu lembro bem desse fato. Era um assunto polêmico e que atraía muita audiência. Eu lembro que na época nós procuramos um psicólogo para falar do assunto em si, mas eu acho que aquela forma de suicídio era mais atração do que a importância do tratamento, de lidar com esse problema de fato. Tornou-se um atrativo para os veículos de comunicação. Foi um *booom*, de leituras, visualizações, isso que eu chamo de um suicídio a ser noticiado pela mídia, é um prato cheio, porque é um caso estranho, diferente. Eu vi que a cobertura aqui foi intensa, mas não vou tirar o mérito dos veículos de comunicação que procuraram saber, conversar com psiquiatras, eu mesmo falei com um psiquiatra na época para falar sobre o assunto. Eu acho que não tinha o que fazer, era se falar sobre o assunto e falar com especialistas. É um protocolo, sempre ouvir ambas as partes. Então era um assunto muito falado, porque havia muitas ocorrências, mas ao mesmo tempo era importante ouvir os especialistas para tratar desse assunto.

Patrick: Paralelamente ao "Baleia Azul", surge a série da *Netflix* dos *13 porquês*. Você se recorda como foi a cobertura dos veículos de imprensa aqui de Campo Grande em relação a essa série?

M1: Não me lembro vinculando uma coisa a outra. Ouvi alguma coisa a respeito, na imprensa nacional, onde fizeram uma ligação entre os assuntos.

Patrick: Você acha que a forma como o tema é tratado em âmbito local precisa ser alterada ou não? Por quê?

M1: Eu acredito que deveria ser alterado, porque é um assunto delicado demais e requer muita atenção. Quando você noticia o suicídio, você pode estar dando coragem a pessoas que não estão bem mentalmente, que não estão em são consciência. Quando a pessoa passa a achar que a alternativa da morte é melhor do que a vida, ela está doente, ela precisa de ajuda. Se ela vê um caso, por mais corriqueiro que ele seja, ela vai se sentir encorajada ao ver que ela não é a única pessoa que tem problema. Então, de alguma maneira, aquilo pode dar coragem a ela cometer o ato, independente da forma como seja cometido.

Se eu pudesse incluir alguma coisa em matérias relacionadas ao suicídio, seria interessante uma lei, para tratar o assunto. É importante sempre ter uma nota na reportagem, falando a opinião de um especialista, falando sobre causas, alertando os

familiares a prestar atenção aos comportamentos de seus entes queridos, amigos, porque mesmo pessoas que não apresentam comportamento suicida, cometem suicídio. Então acho que o assunto deveria ser tratado com mais cautela, com mais atenção e sempre com as aspas de um psiquiatra ou psicólogo, falando que a doença tem cura, para que a pessoa não veja a notícia e tenha coragem de cometer suicídio, mas sim esperança de um recomeço. Se pudesse, eu gostaria que fosse uma lei incluir isso. Sei que é difícil, mas se pudesse, eu gostaria de tratar o suicídio dessa forma.

Patrick: Agora eu vou apresentar alguns dados para você, referentes aos períodos do "Baleia Azul" e do "Setembro Amarelo". No "Setembro Amarelo" fiz um levantamento das campanhas de 2014 a 2018 e no "Baleia Azul" fiz um levantamento tendo como base os meses anteriores e os meses posteriores a abril. As matérias sobre o "Baleia Azul" começam a ser divulgadas em abril; em março, havia apenas duas matérias divulgadas em relação a temática suicídio; em abril, haviam 12 matérias relacionadas a suicídio, sendo que 11 delas eram sobre o "Baleia Azul". Esses números, entretanto, vão caindo nos meses seguintes. A que se deve esse fenômeno?

M1: Como você pode ver, em abril nós tínhamos 11 casos referentes ao "Baleia Azul". Acho que esse número expressivo está relacionado ao que *a gente* estava falando, porque quando você noticia um caso, você dá coragem a outras pessoas participarem. Afinal, estamos falando de pessoas que estão doentes. Quando a mídia para de dar atenção ao assunto, ele cai pra 3 (mostrando na tabela o mês de junho). Hoje *a gente* só se recorda do assunto. Quando a imprensa dá muita atenção a um caso, infelizmente, como consequência, outras pessoas acabam criando coragem para cometer suicídio também. Por isso que você pode ver um crescimento tão expressivo e uma queda tão expressiva quanto, logo que o assunto foi esfriando. Por isso, volto a dizer, todo caso deveria ter uma aspas de um psicólogo ou psiquiatra, para falar do assunto de uma maneira para lidar com o problema. Vemos então pela tabela, 11 casos no mês de abril e 3 em maio. Em abril foi aquele *boom*, você noticia, noticia, noticia, no mundo todo. E pessoas de toda parte do mundo vão querer se inteirar do assunto, vão querer participar, saber, e elas acabam influenciadas pela mídia de alguma forma. Por isso que deveria haver alguma ajuda ou aspas de um especialista falando do assunto e na maioria das vezes não há.

Patrick: Aqui nós temos o "Setembro Amarelo" de 2017, no qual temos a mesma situação, com os meses anteriores e meses posteriores. Aqui vemos um crescimento

de 3 matérias sobre suicídio em agosto, para 7 em setembro e surpreendentemente 8 em outubro. Porém, em outubro, temos apenas 1 matéria que se refere ao "Setembro Amarelo". Em setembro, ao contrário, 6 das 7 matérias produzidas, são sobre o "Setembro Amarelo". Por que ocorre esse fenômeno na sua opinião?

M1: Eu acho que o mês de setembro é o institucional mesmo, tem uma demanda muito grande de reportagens. Algumas reportagens talvez você não consiga terminar em setembro e vai para outubro com um outro ponto de vista ou ficou faltando um entrevistado muito importante para a reportagem e ela passa para outro mês. Mas eu penso que se for pensar em maneiras de se orientar as pessoas, por meio de orientações de psicólogos e psiquiatras, eu fico feliz por outubro ter mais reportagens sobre o tema que o próprio mês de setembro. Acho que não devemos falar sobre suicídio e prevenção somente no mês de setembro, acho que deveria ter mais espaço nas editorias para tratar desse assunto nos demais meses.

Patrick: Nessa outra tabela, existe um levantamento quantitativo das campanhas do "Setembro Amarelo", entre os anos de 2014 a 2018. A campanha existe no Brasil desde 2014, mas foi institucionalizada em Campo Grande em dezembro de 2015, sendo a campanha do "Setembro Amarelo" de 2016 a primeira a estar institucionalizada em âmbito local. E olha o que os números indicam: em setembro de 2014, houve 18 matérias; em setembro de 2015, apenas 4; em setembro de 2016, sobe para 27; e ocorre uma queda para 13 em 2017; e outra queda para 10, em 2018. Devido a que fator ocorre essa queda para você?

M1: *A gente* não pode achar que ocorrências de suicídios só vão ocorrer no mês de setembro, elas acontecem diariamente. Eu não sei como é a estatística a suicídio, o intervalo de tempo que uma pessoa se mata por aí, mas não podemos concluir que o "Setembro Amarelo" aumentou ou diminuiu devido a essa campanha. Em 2016, quando o *Midiamax* produziu um grande número de matérias, acredito que isso ocorreu por ser uma novidade. Nesse ano, deve ter chamado muito a atenção do leitor, por essa expressiva quantidade. Em 2017, pode-se perceber que houve um número menor, mas ainda está presente, é pauta. Em 2018, diminui mais ainda, mas mesmo assim continua sendo pauta. Os números vão caindo, de fato, mas não sei os motivos. Pode ser que não tenha dado mais leituras, ou que não tenha jeito do tema ser tratado sem... porque o maior medo do jornalista é que o tema caia na mesmice e não seja lido por ninguém. Eu vejo que não existem muitas maneiras de se tratar o tema suicídio, a não ser falar sobre prevenção, sobre estatística, causas, superação, você traça temas para se falar no

assunto. Eu não sei, em 2016, quais foram esses 27 temas abordados, mas eu vejo que foi um número muito bom para tratar do assunto. É uma pena que em 2017 e 2018, esses números tenham caído, mas fica um alerta, até por eu estar participando dessa pesquisa, espero que em 2019 sigamos dando continuidade a esse assunto e que produzamos mais conteúdos relacionados ao tema.

Patrick: Em relação aa essa tabela, um último dado aqui. Você pode ver que na editoria Cotidiano, em 2014, não foi nada divulgado sobre suicídio; em 2015, apenas uma matéria nessa editoria; e em 2016, 11 matérias em Cotidiano. Por que você acha que houve esse crescimento tão grande?

M1: 2016 foi o ano que o assunto entrou de fato, foi o primeiro mês de setembro institucionalizado. Então acho que não só o *Midiamax*, mas também os demais veículos de comunicação encararam o assunto como novidade. Então toda vez que tem um assunto novo, a imprensa vai a fundo, como o mercado geralmente pede muita atenção quando o assunto é novidade. Depois de um tempo, o tema se perde e é aí, na minha opinião, que entra o jornalismo humano mesmo, de você não deixar os assuntos importantes serem esquecidos. É por isso que os números vão caindo, porque as pautas vão caindo.

Patrick: Mas por que você acha que tem tantas matérias em Cotidiano e não tem em Polícia?

M1: Eu acho que é aquela questão da prevenção. O Cotidiano não trata tanto matérias sobre suicídio em característica factual, essa parte fica mais com a editoria de Polícia. O Cotidiano trata de temas relacionados ao suicídio, como por exemplo, o que leva, o que poderia fazer uma pessoa desistir dessa ideia, pessoas que superaram... então o Cotidiano tá nessa editoria paralela, que fala do assunto, mas geralmente com falas de especialistas, com aspas de psicólogos, algo que eu sempre acho importante colocar.

Patrick: Essa outra tabela trata categorizações que eu criei. Tenho aqui "Conteúdos com foco estatístico"; "Coberturas factuais", que está muito relacionado as matérias que a editoria de Polícia desenvolve sobre suicídio, mas não necessariamente só em Polícia; "Conteúdos com foco em familiares, amigos ou especialistas", ou seja, matérias como a que você produziu na qual as pessoas relatam o seu drama com a depressão. Os números aqui apontam um destaque para as "Coberturas factuais". Por que você considera que há esse destaque nas coberturas factuais, especialmente em 2014 e 2016 sobre o "Setembro Amarelo"?

M1: Eu acho que as 14 publicações factuais de 2014 seja em decorrência do fato do assunto ter começado a ser trabalhado no Brasil naquele ano; eu não sei dizer por que teve essa queda em 2015 e em 2016 novamente tivemos uma cobertura grande, com 12 factuais. Em 2017 e 2018 houve novamente uma queda, que também não sei explicar.

Patrick: As "coberturas factuais" em relação a essa minha categorização sobre o tema suicídio, está muito relacionado ao jornalismo policialesco.

M1: Então, foi o que eu falei para você, eu acho que o assunto foi caindo com aquela questão do deixar de ser novidade. É aí que entra o trabalho do jornalista mesmo, até acho importante seu mestrado para deixarmos sempre esse assunto em evidência, para lembrarmos que ele sempre precisa ser pauta. Esse assunto precisa ser lembrado, especialmente no que diz respeito a tratamento e prevenção. Infelizmente, pelo que tenho visto aqui, ano a ano o tema vai caindo, será que daqui a algum tempo não teremos nenhuma? *A gente* não pode deixar isso acontecer, é isso que eu penso.

Patrick: Nessa última tabela, usando as mesmas categorizações, mas agora sobre o "Baleia Azul", nós tivemos 8 factuais, mais do que matérias em caráter mais aprofundado, como foi essa matéria. Daí, nos meses seguintes ao "Baleia Azul", há essa estagnação de factuais (maio, junho e julho, apresentaram 3 publicações cada mês).

M1: Olha, não existe um mês específico, os suicídios infelizmente acontecem. As pessoas quando estão doentes, podem se suicidar a qualquer parte do ano, seja em abril, março, maio ou em qualquer um dos meses. Agora, será que a divulgação do assunto vai encorajando outras pessoas mesmo? Em abril temos um número alto, mas em maio não é tanto, em junho também não e assim por diante. Da mesma forma que eu acredito que reportagens falando sobre suicídios incentivam de alguma maneira, fica uma interrogação: será que incentivam mesmo? *A gente* não sabe o que de fato passa na cabeça de uma pessoa que tem depressão. Acho que é aí que entra nosso trabalho como jornalista, de tentar ajudar as pessoas de alguma forma, aproveitando o conteúdo seja ele qual for, para sempre passar uma orientação, passar um alerta a família, em relação aos cuidados especiais com essa pessoa... acho que é aí que entra o trabalho do jornalista mesmo. Não se ater a números, mas a maneira de ajudar de alguma forma. É isso que eu penso.

Entrevista com Jornalista do *Midiamax* M2

Patrick: Você é jornalista há quanto tempo e por quais empresas você passou?

M2: Se estamos em 2018, eu sou jornalista formada há 20 anos, mas exerço a profissão há 2 anos e 4 meses. Nesses 2 anos e 4 meses a maior parte do tempo trabalhei no *Midiamax* e há 2 semanas estou no *Campo Grande News*.

Patrick: Por quais editorias você passou no *Midiamax*?

M2: No *Midiamax* eu passei pela editoria de Cotidiano, que é o geral, em alguns jornais eles chamam de Cidades, onde *a gente* cobria Saúde, Economia, Trânsito, eventos... ás vezes eu ia um pouco para a área de Polícia e de Política também e, em cartas ocasiões, eu fazia algumas matérias mais profundas, com reportagens, levantamentos de dados e entrevistas com fontes. Nos últimos 8 a 10 meses eu estava fazendo a editoria de Cultura, que se chama MidiaMais, que abarca cultura, entretenimento, artes...

Patrick: Qual época do ano você entrou no *Midiamax*?

M2: Agosto. Comecei a trabalhar no dia 3 de agosto de 2016.

Patrick: Como você vê a abordagem do tema suicídio nas redações? Você acha algo necessário ou você acha que é algo que não deve ser trabalhado e por quê?

M2: *A gente* vê muitas opiniões de pessoas da área da Psicologia, que afirmam que esse assunto deve ser tratado, porque é um tabu e quanto mais as pessoas falarem e tornarem esse assunto mais natural de se conversar, vai ajudar quem tem essa tendência. Quanto mais *a gente* esconde, não vai ajudar e nem resolver esse problema. Então quando abordado de forma correta pelo jornalismo, eu acho que é benéfico.

Patrick: Eu fiz um levantamento aqui, onde eu coletei algumas matérias que você produziu durante o período que esteve no *Midiamax* e durante o período da minha análise. Quais as dificuldades que você encontrou para produzir esses conteúdos?

M2: Como eu disse, eu comecei a trabalhar em agosto e em setembro o editor me lançou o desafio de trabalhar esse tema e eu não tinha a dimensão da magnitude desse desafio. Como eu estava há pouco tempo no jornalismo e nunca tinha trabalhado uma matéria disso antes, eu não sabia de todas as preocupações e boas práticas do jornalismo em abordar esse assunto, mas eu contei muito com o meu bom senso. Eu não fiz nenhuma matéria factual naquele especial de Setembro, o que também meu ajudou. Tive dificuldades em descrever algumas coisas sem detalhar, além de escrever de uma forma sensível que não fosse grosseira, que não fosse expor e ao mesmo tentar fazer o leitor ter uma empatia e entender do assunto. Como eu estava começando, tive dificuldades

também em encontrar fontes, mas depois com os colegas ajudando, assessorias ajudando, além de grupos de *WhatsApp*, eu consegui encontrar essas fontes, e eu acho que foi um especial bem sucedido. Mas acho que o mais difícil mesmo, foi ter que apesar do trabalho de buscar as fontes e de escrever da melhor forma, o público não teve muita adesão a esse tema como *a gente* esperava que fosse acontecer. Então não é um tema que as pessoas procuram ler. Ao comparar o número de visualizações dessas notícias com outras dá até uma tristeza, porque é tema social, que deu um grande trabalho e que pode ajudar muit*a gente*, mas os leitores não se sentem atraídos por isso.

Patrick: Por que você acha que teve baixa adesão?

M2: Eu acho que justamente por ser um assunto tabu. Eu acho que como não estávamos noticiando o suicídio de alguém, mas eram análises, opiniões, talvez seja isso. Talvez até a preferência dos leitores em alguns tipos de matérias, como da editoria de Política ou curiosidades, eu realmente não sei dizer. E acho que a matéria menos lida de todas foi a que tratou do suicídio entre os indígenas, porque questões relacionadas aos indígenas os leitores não se interessam.

Patrick: Você falou sobre o cuidado para evitar o detalhamento no início. Nesse início você usou algum manual, para se nortear e produzir esses conteúdos?

M2: Então, durante aquele mês de setembro, fiz 5, 6 ou mais matérias e, durante aquele mês, eu lembro que um dos colegas sugeriu um manual da Sociedade Brasileira de Psiquiatria sobre essa abordagem. Acho que eu li ele, depois de fazer umas 2 ou 3 matérias. Antes disso, não sabia dessas práticas, de como fazer algumas coisas e de como não fazer algumas coisas, porque algumas coisas você não deve abordar. Talvez em algumas dessas matérias que eu fiz, antes de ler o manual, eu possa ter cometido algum erro, fiquei até curioso para revê-las. Mas sim, durante aquele mês de setembro, eu tive acesso a esse manual.

Patrick: Esse colega era uma referência para você nesse assunto?

M2: Sim, porque naquele momento ele já tinha trabalhado o assunto, ele já tinha lido matérias de veículos nacionais sobre esse assunto e tinha mais experiência que eu. Mas não foi só pra mim que ele passou o manual, ele mandou para toda redação, porque não fui somente eu que fiz essas matérias. Foi uma sugestão para a redação inteira.

Patrick: Você recebeu alguma orientação de editor para se trabalhar esse tema, do tipo "faça isso" ou "não faça aquilo"?

M2: Poderia ter recebido, mas não lembro de ninguém ter me falado nada em específico. Nem da edição, nem da chefia de reportagem.

Patrick: E resistência para produzir esse tipo de matéria, você teve? Porque pelo que eu percebi você tem uma característica de produzir matérias mais aprofundadas sobre o assunto, com um número maior de fontes e não ficar reduzida ao factual. Você já enfrentou resistência nesse tipo de situação?

M2: Então, como eu estava em Cotidiano, e quem faz esse assunto são geralmente os repórteres de Polícia, eu ainda não tinha entrado em contato com o tema. Eu não sou de fazer resistência a nenhum tipo de ordem que eu receba. Se algum superior pedisse para eu cobrir algum factual, eu ia e passava as informações para alguém escrever ou eu mesmo escrevia. Mas eu não precisava ter muita preocupação com isso, porque o próprio *Midiamax* tem uma política de não noticiar os suicídios, a não ser que seja uma coisa que tenha virado assunto público, como por exemplo, caso alguém tenha se jogado de um pontilhão ou algo que estivesse nas redes sociais. Nunca fiz resistência e nunca precisei fazer resistência quanto a isso.

Patrick: Mas você teve resistência de algum superior?

M2: Não, também não tive resistência.

Patrick: Você e seus colegas, tanto quando você estava no *Midiamax* como agora que você está no *Campo Grande News*, vocês costumam conversar sobre suicídio?

M2: Quando *a gente* precisa noticiar uma coisa dessas, quando tem campanha do "Setembro Amarelo" e até um dia desses, *a gente* estava conversando no plantão, que quando tem uma tentativa de suicídio não tem só uma, tem umas duas, três, ás vezes quatro no mesmo dia, e *a gente* não sabe dizer o porquê disso. E quando *a gente* conversa é sempre lamentando sobre esses casos, sobre esses episódios. E também conversamos tentando, ás vezes, instruir algum jornalista mais jovem em como tratar o assunto. No *Campo Grande News* ainda não surgiu a oportunidade de se falar nisso.

Patrick: Você falou que quando ocorre uma tentativa, mais de uma costuma ocorrer no mesmo dia. Você acha que isso possa ter a ver com o tipo de divulgação que o jornal está fazendo?

M2: Não sei dizer, porque quando ficamos sabendo que é suicídio, *a gente* nem vai cobrir. Não sei se outro jornal vai, então não sei se seria por causa de publicações.

Patrick: Você já ouviu falar do *Efeito Werther*?

M2: Não.

Patrick: Você já teve essa experiência cobrindo o "Setembro Amarelo", então como você considera que se deu essa cobertura por parte do *Midiamax*? Foi bacana ou não foi? Por quê?

M2: Bom, antes de eu começar a trabalhar na redação eu não acompanhava então eu não sei dizer como foi. Eu sei que no ano seguinte (2017) a campanha não foi tão forte como foi em 2016. Eu sei que em 2018 eles voltaram a fazer uma série de reportagens e como eu já estava em Cultura, eu não fiz nenhuma. Mas em 2017 não foi tão forte e 2018 voltaram a fazer e foi legal também.

Patrick: Por que você acha que em 2017 não foi tão forte?

M2: Talvez por falta de pautar mesmo, por falta de iniciativa superior em distribuir os assuntos e naquele ano também eu não percebi campanhas fortes na mídia e por parte de algumas instituições, como foi em 2016. Mas principalmente porque não houve a distribuição de pautas.

Patrick: Então você considera 2016 como ano especial na cobertura do suicídio?

M2: Sim, em cobertura local e nacional.

Patrick: E por que você acha que nesse ano teve uma adesão maior?

M2: Talvez porque naquele ano tenha saído o *Mapa da Violência*, que estava com dados alarmantes de tentativas de suicídios. Mas eu não sei se no ano seguinte não se repetiu ou se realmente não se repetiu e somente eu que não percebi. As instituições sempre trabalham com isso e isso varia conforme a mídia trata. Então não sei dizer a que ponto, a que processo isso não chegou até mim. Não posso afirmar com toda certeza que a campanha tenha sido menor, talvez foi pelo fato dos repórteres não terem sido pautados mesmo.

Patrick: O "Setembro Amarelo" surge no Brasil em 2014, mas somente passa a ser institucionalizado em Campo Grande no final de 2015, tendo sido a campanha de 2016 a primeira institucionalizada em âmbito local. Você acha que por ser o primeiro ano da campanha institucionalizada, influenciou a imprensa local?

M2: Acho que sim, acho que é possível. Talvez por ter sido uma novidade, tenha feito toda a diferença. Agora o fato de em 2017 a cobertura ter sido menor, daí não vou saber.

Patrick: E sobre a cobertura do "Baleia Azul", como você avalia a cobertura?

M2: A cobertura foi feita prioritariamente pelos repórteres de Polícia, então não tinha como não cobrir, até para dar as informações aos pais que estavam preocupados. Muitas vezes o jornal teve que desmentir algumas informações que estavam ocorrendo, como o fato de estar acontecendo determinado fato em alguma escola. Em outras oportunidades, confirmando algumas coisas parcialmente. Se eu não me engano, acho que não fiz nenhuma matéria sobre o "Baleia Azul" naquela época.

Patrick: Na verdade você fez uma, sobre o *WhatsApp*.

M2: Ah é? Não lembrava.

Patrick: O que você acha dessa estratégia de concentrar o "Baleia Azul" em Polícia e deixar de lado outras editorias? Você acha que foi uma alternativa correta ou não? Por quê?

M2: Pois é, aconteceu dessa forma porque esse assunto chegou pelo viés policial e acabou sendo tratado pelos repórteres de Polícia. Seria necessário realmente fazer abordagens comportamentais, conversando com especialistas, mas não sei se fizemos esse tipo de abordagem ou se produzimos e não foi suficiente, mas uma colega, que foi uma das repórteres de Polícia do *Midiamax* por muito tempo, tem muita sensibilidade para fazer esse tratamento. Mesmo noticiando o factual, ela consegue humanizar bastante a matéria. Então somando-se a isso, a própria preocupação do *Midiamax* em como abordar isso e até pela decisão de não se abordar certos factuais sobre isso, eu acho que a nossa cobertura possa ter sido boa.

Patrick: Voltando ao período que você entrou no jornal. Você disse que foi lançado o desafio para produzir essa matérias especiais e eu fiz uma contagem, um levantamento, de 26 conteúdos publicados pelo *Midiamax* no "Setembro Amarelo" de 2016. Só você produziu 9. Teve algum motivo específico para esse desafio ter sido lançado para você?

M2: Talvez tenha tido um motivo específico, mas eu não saberia dizer. Com certeza era confiança do editor em mim, porque eu me lembro em um momento que eu cheguei na redação e o editor falou para a secretária de redação: "Pede para a M2..." e eu estava mais ou menos participando da conversa. Então me lembro de ter me sentido honrada por eles terem me escolhido para fazer isso, agora o motivo específico, além da confiança que ele teve em mim, não sei dizer. Talvez pela característica do texto, talvez até pela falta de vícios... mas isso é achômetro meu, não saberia dizer.

Patrick: Você disse que as coberturas dos outros setembros, depois de 2016, não teve tanta força. E, de fato, eu não vi mais matérias produzidas por você depois desse período. Tem algum motivo específico?

M2: Não sei dizer. Não ter sido pautada, pode ser o primeiro motivo. Eu poderia até ter a iniciativa de fazer, mas pode ser que estivesse preocupada com outros assuntos, então eu são saberei dizer.

Patrick: Aqui tem algumas matérias produzidas por você e percebi que você faz uso de fotos ilustrativas. Isso foi uma ideia sua?

M2: Foi uma ideia minha.

Patrick: Como surgiu essa ideia?

M2: Eu sabia que essas matérias precisariam de uma ilustração, sem ter uma foto forte. Teriam que ser fotos que as pessoas pudessem se identificar e chamar a atenção para ler. Foi bastante difícil eu encontrar fotos para ilustrar isso.

Patrick: Em relação a identificação, tem uma matéria sua que diz o seguinte "Sinais ficaram claros depois de acontecer, disse uma acadêmica de 23 anos que não quis se identificar". Você acha um procedimento correto identificar a pessoa que tentou suicídio ou o familiar de uma pessoa que tentou o ato, caso fosse autorizada? Por que?

M2: Eu preferiria não identificar. Eu não saberei te dizer o que eu pensava na época, mas talvez hoje em dia eu preferiria... depende da pessoa, porque acho que se for uma pessoa que amplamente fala que tentou suicídio em redes sociais e é uma pessoa que grita sobre esse tema, não teria problema, mas se é uma pessoa que tentou suicídio e só as pessoas próximas ou a família sabem, eu não identificaria, mesmo que ela permitisse.

Patrick: Você em 2016 produziu duas ou três matérias relacionadas a suicídio indígena e você disse que teve baixa adesão. Por que você acha que teve mais baixa adesão que as outras, embora as outras tenham tido também?

M2: Porque matérias que falam de índios, não tem muita leitura, isso é fato.

Patrick: Não só sobre suicídios?

M2: Não só sobre suicídio. Então ás vezes *a gente* deixa até de colocar no título que a matéria se refere a indígenas, para que tenha mais leituras, porque *a gente* escreve e quer que as pessoas leiam. Além disso, o jornal tem a política de visualizações, o jornal precisa de visualizações para se manter. Então por essas coisas, porque *a gente* quer que o assunto chegue as pessoas e o dono do *site* quer que a matéria tenha leitura, ás vezes *a gente* opta no por não colocar no título que a matéria se refere a índios ou indígenas, a não ser que não tenha jeito. Até o título dessa matéria não é meu, eu não lembro o que eu tinha colocado, eu acho que eu era inexperiente ainda. Eu acho que eu coloquei alguma coisa de índio ou de indígena no título e se eu não me engano uma colega editou o título e depois eu entendi o motivo.

Patrick: Eu iria perguntar justamente sobre o título agora e você vem com uma informação interessante logo abaixo, no olho "Jovens são as principais vítimas". Você considera secundária essa informação nesse contexto?

M2: Eu não lembro qual título eu tinha colocado. A pessoa provavelmente só editou o título e não editou o olho. Então como eu não lembro como estava o título, eu não sei te dizer.

Patrick: Todas essas matérias tinham essa retranca (Setembro Amarelo)?

M2: Sim, por conta que eram as matérias especiais daquele mês, então não só as que eu fiz, mas também as que os outros repórteres fizeram, tem essa retranca.

Patrick: Você disse que o desafio foi lançado para você, mas nessas matérias você foi pautada ou foi produzindo esses conteúdos por conta própria?

M2: A maioria eu fui pautada, outras foram surgindo em decorrência da própria campanha e coisas que foram aparecendo nas redes sociais. Tem uma delas que foi bem factual mesmo, onde algumas pessoas nas redes sociais estavam oferecendo consolo e por conta disso... ela não havia sido pautada. Eu perguntei então a especialistas se isso era válido, se a pessoa poderia se oferecer para dar consolo a quem está pensando em se suicidar. Essa então foi uma que saiu que estava fora das pautas.

Patrick: Você considera a cobertura do suicídio em Campo Grande correta ou não? Precisar mudar algo ou não? Por quê?

M2: Eu acho que os maiores veículos, *Midiamax*, *Correios do Estado*, *O Estado* e *Campo Grande News*, eles tratam da maneira correta. Pelo menos na maioria das vezes e mais ultimamente. Há alguns anos atrás, quando os jornalistas desses veículos não tinham muito conhecimento e também pelo afã de visualizações, nós víamos mais erros. Mas pelo que eu vejo ultimamente, esses veículos tem tratado o tema da forma correta, dando somente as informações necessárias, na maioria das vezes. Mas sei que existem alguns veículos que se preocupam unicamente em atingir o público e conseguir as visualizações, mas espero que seja uma minoria ou somente aqueles que tenham menos leituras e, talvez por isso, eles se utilizam desse artifício. Mas nas matérias que eu tenho visto ultimamente, os jornalistas têm tratado corretamente.

Patrick: Essa (apontando para a notícia) é uma matéria onde você trata da colocação de arama farpado na torre de transmissão da Avenida Guaicurus. No final da matéria você traz a informação: "Embora o estado tenha aumentado os casos de tentativas de suicídio, a iniciativa evita que as pessoas pulem das torres". No final você termina falando do "Setembro Amarelo". Isso foi uma inciativa própria ou uma ordem?

M2: Não lembro.

Patrick: Agora vou te apresentar alguns dados das tabelas que eu organizei. A tabela 3, fala sobre os efeitos do agendamento do "Baleia Azul", onde peguei o mês de março que foi o mês anterior ao surgimento do "Baleia Azul" nos jornais; peguei abril, que foi quando surgiu; peguei maio e junho também. Em abril tem 12 divulgações sobre suicídio e nos meses seguintes, 4 e 3, respectivamente. O fenômeno surge então em abril e vai caindo no decorrer dos meses. Por que você acha que essa queda foi tão brusca?

M2: Bom, *a gente* tem que lembrar também do ritmo acelerado de uma redação. *A gente* acaba produzindo mais conteúdo sobre suicídio, quando acaba acontecendo os factuais e, nessa época, como estava acontecendo todo aquele alvoroço por causa das mensagens, dos boatos e rumores relacionados ao "Baleia Azul", era bem natural que aquilo chegasse até *a gente* e *a gente* produzisse conteúdos por conta disso. Depois que o assunto não está mais tão a tona, *a gente* volta para o automático mesmo, cobrindo chuva, acidente, política, essas coisas. Infelizmente somos movidos pelo o que está acontecendo e é bem *Hard News* mesmo, aliás essa palavra *Hard News* descreve bem o que é uma redação de *online*, onde *a gente* tem que ir atrás do que tá acontecendo e não sobra tempo para pensar em coisas do tipo "Aconteceu Baleia Azul no mês anterior, então *a gente* pode suitar, acompanhar", as vezes não dá tempo de pensar nisso. Se não tem o editor te pautando, as vezes você entra naquela rotina de ir atrás do que está acontecendo na Prefeitura, no governo e nas ruas, infelizmente acho que seria isso.

Patrick: Na tabela 4, fala-se sobre o efeito do agendamento só que do "Setembro Amarelo". Peguei agosto, mês precedente ao "Setembro Amarelo", setembro, outubro e novembro, que são os meses seguintes. Em agosto teve 3 matérias, em setembro 7 e em outubro supreendentemente 8 matérias sobre suicídio. Porém, dessas 8 divulgações de outubro, apenas uma fazia menção ao "Setembro Amarelo", ao contrário do mês anterior onde a maioria das divulgações foram sobre o "Setembro Amarelo". Por que você acha que tiveram tantas divulgações no mês seguinte?

M2: Será que foram sobre factuais?

Patrick: Sim.

M2: Eu acredito que tenha sido um mês que os casos de suicídios tenham chegado mais às pessoas, pois como eu disse o *Midiamax* só noticia um suicídio quando ele se torna um assunto público. Então pode ser que nesse outubro tenha ocorrido isso, mas eu não sei dizer.

Patrick: Você acha que esse alto número pode ter relação com o anterior, por conta do "Setembro Amarelo"?

M2: Pode ser, mas não tenho informações para te afirmar, porque talvez os suicídios estejam acontecendo sempre, nessa constância mês a mês... tem alguns meses, no final do ano, que segundo as estatísticas, os suicídios acabam sendo consumados mais, mas o fato é que nem sempre os suicídios viram assunto público e nem sempre vamos noticiar isso, a não ser que seja assunto público.

Patrick: A tabela 6 é sobre o "Setembro Amarelo", mas agora refere-se as principais editorias que trabalham essa temática, segundo meus levantamentos. A editoria de Polícia teve 9 matérias em 2016 e nos outros anos não teve matérias. Por que você acha que isso acontece?

M2: Não sei dizer.

Patrick: Acontece o fato de determinada matéria estar enquadrada em uma editoria X, mas ser mais característica de uma editoria Y?

M2: Para o leitor talvez isso não importe, mas varia na forma como o repórter trata isso. Como eu te disse, na época que eu estava lá, uma das repórteres de Polícia tinha esse cuidado e essa sensibilidade que, ás vezes, se fosse um repórter de Cotidiano, não teria feito uma matéria comportamental com essa característica. Então a questão das editorias não é preponderante não.

Patrick: Como é a dinâmica entre o rodízio de editorias na redação?

M2: No *Midiamax*, em Cotidiano geralmente tem 4 repórteres, Política tem 2 e Polícia também tem 2. Geralmente um desses de Política e Polícia precisa ficar na redação e o outro vai atrás da pauta. Daí se acontece alguma coisa, alguém de Cotidiano vem cobrir. O *Midiamax* é um pouco mais rígido que o *Campo Grande News* nessa dinâmica, mas não muito. É uma Política do *Midiamax*, proporcionar diferentes experiências aos repórteres, mas não é como acontece no *Campo Grande News* que não tem editoria, com exceção de quem trabalha no MidiaMais que não faz outra coisa, a não ser que seja no plantão, porque no plantão todo mundo faz tudo.

Patrick: Eu recebi a informação que existe uma cobrança em relação as editorias no *Campo Grande News*, porque ás vezes a editora não quer que coloque determinada matéria na editoria X, mas sim na editoria Y.

M2: Eu ainda não me acostumei as editorias do *Campo Grande News*, porque tem muitas. No *Campo Grande News* é bem mais subjetivo e não tem editoria de Polícia,

então se acontece um assalto, fica em Cidades ou em Interior, é muito difícil, ainda estou me acostumando.

Patrick: Essas duas últimas tabelas são categorizações que eu criei, então aqui tem, por exemplo, Conteúdo com Foco Estatístico... você mesmo produziu....

M2: Foi a primeira do "Setembro Amarelo" de 2016.

Patrick: Foi essencialmente foco estatístico?

M2: Sim.

Patrick: Ok. Tem também as "Coberturas factuais", que podemos pegar como exemplo essa matéria da torre de alta tensão. Criei essa outra categoria que é "Conteúdo com foco em familiares, amigos ou especialistas", que foi a característica da maior parte das matérias que você produziu. Essas foram as três categorizações criadas. Tem ainda "Artigos ou Colunas" que não foi uma categoria que eu criei, mas sim editorias que decidi manter para classifica-las e "Outros tipos de conteúdos" os quais não estão relacionados a nenhum desses. Essas categorias não são estanques, então uma matéria pode ter mais de uma característica, por exemplo, mas de acordo com a minha classificação, uma categoria se sobressai sempre mais em relação a outra. Em 2016, tem uma situação que retrata bem o que conversamos anteriormente sobre as editorias, porque ás vezes uma matéria se enquadra melhor em outra editoria, do que propriamente na qual foi inserida. No decorrer dos anos analisados no "Setembro Amarelo", não se viu tantas matérias sobre Polícia, por exemplo, que é uma editoria meramente factual, porém, o que se viu pelas categorizações, é que a categoria "Coberturas factuais" tem mais divulgações em todos os anos em relação a "Coberturas com foco em familiares, amigos ou especialistas". O que você tem a dizer sobre isso?

M2: Não sei afirmar com exatidão, mas talvez pelo fato da redação estar mais atenta em relação ao fenômeno os factuais saltassem mais aos olhos e por conta da cobertura *a gente* noticiasse mais, eu acredito que seja isso. Pode ser que nós estivéssemos nos influenciando pela própria cobertura.

Patrick: Por que em sua opinião inexistem "Artigos ou Colunas" no *Midiamax* sobre a temática suicídio?

M2: Não sei dizer, até porque não conheço as pessoas que produzem esses textos opinativos. Não sei dizer se eles são pautados ou não, não sei dizer.

Entrevista com Jornalista do *Midiamax* M3

Patrick: Primeiramente, gostaria de saber por quais empresas você já passou?

M3: Eu tenho 41 e comecei a trabalhar com 14. Trabalhei em vários jornais pequenos. Comecei no *Jornal Independente*, que era um Semanário e passei por vários outros jornais. Quando eu estava terminando a faculdade, comecei a editar um trabalho próprio, que era uma revista mensal. Depois abri um jornal de bairro. Fali todos eles. Abri então um jornal na internet que era um jornal popular e aí voltei para a redação, como celetista, no *Midiamax*.

Patrick: Desde quando você está no *Midiamax*?

M3: Desde 2010.

Patrick: E desde então você é editor?

M3: Não. Fui repórter, depois fui editor durante um tempo, dai deixei para tocar o projeto do *Midiamax* impresso e voltei para assumir como editor chefe, há 6 ou 7 anos.

Patrick: Como repórter aqui no *Midiamax*, por quais editorias você já passou?

M3: Como *a gente* produz para internet, não temos esse grau de especialização. Hoje *a gente* organiza a redação do *Midiamax* por 4 grandes núcleos editoriais: Polícia, Política e Transparência; Cultura e Variedades que é o MidiaMais; e Cotidiano. Acho que eu naveguei por todos esses núcleos. Prioritariamente fazia Polícia e Política.

Patrick: Na sua opinião o tema suicídio deve ser abordado na mídia? Por quê?

M3: Deve ser abordado na mídia, até porque é um problema de saúde pública hoje. Não o suicídio em si, mas as moléstias que podem levar a prática do suicídio.

Patrick: Você já fez matérias sobre suicídio? Quais foram as dificuldades encontradas?

M3: Já noticiei. Nós adotamos a política editorial de selecionar o que é notícia ou não, de acordo com o impacto público que o suicídio tem. Se a pessoa se enforca dentro da própria casa, se amarra no teto, *a gente* não enxerga notícia. Mas quando é causado na sociedade e causa clamor público, *a gente* enxerga interesse jornalístico. As dificuldades básicas para se cobrir suicídio são o despreparo dos jornalistas para lidar com a questão. Durante muito tempo o jornalista lidou com esse tema em torno de uma mística de tabu, um medo terrível, o tabu do suicídio se impôs jornalisticamente. Durante muito tempo tratamos esse tema como tabu mesmo, não se discutia. Tratávamos que suicídio não era noticiável, nem mesmo quando *o cara* dava um tiro na própria cabeça em praça pública e impactava muitas pessoas. Foi tratado então durante

muito tempo como tabu. Além disso, existe a dificuldade da apuração, porque as pessoas que cometem suicídio estão em uma situação de fragilidade. As famílias ficam em um estado de vergonha e choque, de não saber a quem creditar o suicídio, em uma sensação de culpa latente. Essas são as dificuldades básicas.

Patrick: Você afirmou que o suicídio no jornalismo era um tabu. Mas em que momento você identifica que isso começa a se modificar?

M3: Eu acho que o jornalismo, principalmente o latino-americano, tornou o tema sensacionalista, porque é sensacional, dá cliques, dá leituras, dá audiência. Os primeiros cruzaram essa linha e noticiaram e então se começou a problematizar a abordagem. Então aí se começou a tirar o *status* de tabu.

Patrick: Você já enfrentou resistência para trabalhar essa temática?

M3: Já. Até hoje a primeira reação do repórter é dizer "Derruba a pauta porque é suicídio". Daí digo a ele "Peraí, *o cara* se matou depois de ser condenado por roubar milhões" ou deu um tiro porque faliu, na frente de um governador. Então não tem como você negar o caráter noticioso, o perfil informativo que tentamos suplantar ao definir o que é notícia ou não. Então o repórter ainda é afetado por esse estigma e diz "eu não vou noticiar isso".

Patrick: Você já recebeu alguma orientação por parte de um superior para se trabalhar essa temática?

M3: Não.

Patrick: Você utilizou ou utiliza algum manual norteador para se trabalhar essa temática?

M3: Recentemente nós tivemos um trabalho na redação do *Midiamax*, de sensibilizar os repórteres na forma de abordar e não abordar. Nós utilizamos um material que a Organização Mundial de Saúde distribui e está disponível gratuitamente na internet. Então conversamos com alguns pesquisadores locais que tratam a temática suicídio. Inclusive tem um capelão que todos procuraram para se trabalhar essa temática, o Reis.

Patrick: Seus colegas de redação costumam conversar sobre o tema no ambiente da redação?

M3: Não sei. Quando acontece, sim, mas comentamos da mesma forma que comentamos qualquer outra pauta.

Patrick: Na visita que fiz ao *Midiamax* em Setembro de 2018, você me forneceu alguns *prints* de conversar internas em grupos do *Facebook* do *Midiamax* e nesses diálogos você orientava os repórteres, desde o ano de 2014, a trabalhar essa

temática fugindo do tabu. Como surgiu essa necessidade para você, sendo que em 2014, pelo levantamento que fiz, o jornal não publicava muito sobre suicídio?

M3: *A gente* gera muito conteúdo no *Midiamax*. Hoje nós estamos entre os maiores produtores de conteúdos autorais da região centro-oeste do país. O volume geralmente reduz a qualidade e essa é uma preocupação constante nossa, ou seja, tratar a raiz dos problemas que afetam a qualidade do produto final. Eu acho que em algum momento fomos em uma abordagem ou ocorrência policial e percebemos que era necessário se trabalhar esse tema de forma diferente. Eu me lembro que em algum momento nós paramos e dissemos "Precisamos falar sobre suicídio na redação".

Patrick: Você já ouviu falar sobre o *Efeito Werther*?

M3: Sim.

Patrick: Em que situação você ouviu falar sobre esse fenômeno? Dentro ou fora do horário de serviço?

M3: Fora do horário de trabalho, pesquisando como se abordar o suicídio e os impactos da postura editorial ao cobrir suicídio.

Patrick: De acordo com os jornais que eu pesquiso, que são *Midiamax* e *Campo Grande News*, percebi uma diferença entre eles. O *Midiamax* se preocupa ainda com a manutenção das editorias, enquanto que o *Campo Grande News* deixa as editorias mais diluídas. Eu queria saber por que o *Midiamax* tem essa preocupação de manutenção das editorias?

M3: A setorização surgiu no jornalismo para facilitar o treinamento e para manter algum patrimônio cognitivo, sempre por pessoas que cobriam o mesmo tipo de conteúdo, embora o jornalismo *online* seja produzido e depois convertido para outras plataformas, levando em consideração que hoje o *Midiamax* tem uma versão impressa, além de painéis eletrônicos que jogam as notícias nas ruas, além de produções multimídias nas redes sociais, etc. A primeira grande mudança no jeito de fazer jornalismo *online* imposta foi selecionar jornalistas de acordo com a afinidade que tinham com a digitalização. Nós ouvíamos nos anos 90 que o jornalista poderia produzir *online* se soubesse acessar um *email*, acessar a *internet* e assim estava alfabetizado digitalmente. Com isso, muita gente se misturou na redação e a imprensa escrita que se misturou aí nas redações ao longo de décadas, se diluiu. Então se tornou importante eu saber lidar com tecnologias, saber ligar um computador, acessar a internet, fazer pesquisa no *AltaVista*, *Control C* e *Control V* no texto e etc.

O jornalismo perdeu muito com isso, porque há uma pasteurização crônica da formação jornalística, cada vez os jornalistas saem menos acabados das universidades. Nós estamos enfrentamos um problema gravíssimo, porque os egressos dos cursos de jornalismo não sabem escrever, embora sejam pós-graduados digitalmente. Sabem lidar com muitos recursos digitalmente, mas não conseguem gerar conteúdos, são completos autômatos, que não tem referência e conteúdos. Então a especialização e a setorização ajuda justamente nisso, porque as redações em Mato Grosso do Sul, especialmente em Campo Grande, teve um processo de digitalização muito rápido, pulamos etapas. E hoje, comparando nossa redação com redações equivalentes de São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, percebemos que o nosso grau de digitalização é muito superior a prática, porque pulamos etapas. Então em um dia o cara estava escrevendo em uma *Heniston* e no outro dia passando *WhatsApp* na redação. Nesse processo todo, as redações se infantilizaram e hoje não temos grandes referências jornalísticas, que era um jeito de formar jornalistas no passado. Quando eu comecei no jornalismo com 14 anos, existiam pessoas com 65 anos, pessoas de 70 anos, que estavam dentro de redações há 40 anos e serviam de referência para o bem ou para o mal. Ás vezes o cara era um grande repórter, mas era um picareta, o outro não era picareta, mas era um completo idiota. De qualquer forma eram referências por tempo de serviço. Hoje a idade média de serviço no *Midiamax* são 6 anos, então já sou um dinossauro, por estar a tanto tempo na redação. Colegas que estão há 10 anos na redação já são muito experientes se comparados com a média. Então a formação foi se diminuindo e *a gente* tem cada vez mais dificuldade de se produzir um bom conteúdo. A setorização é uma forma de resgatar esse treinamento intensivo em uma área. As especificidades que encontramos para construir Polícia, seja construção de fontes, relacionamento com a fonte, macetes ao lidar com determinado tipo de conteúdo, *o cara* saber identificar rastros de uma pesquisa a seguir em um B.O, ou saber o que um Policial está escondendo, ou ter fontes que abram alguma coisa, ou interpretar uma ação judicial ou penal, ou um crime de clamor. Fica muito mais fácil você preparar um cara se ele faz prioritariamente essas coisas, assim como Política, assim como Cotidiano, assim como Variedades. Então por isso, a redação do *Midiamax* foi setorizada, inspirando-se nas redações dos anos 70.

Patrick: De acordo com uma informação que eu obtive, os jornalistas novatos e com pouco tempo de experiência integram editorias mais *lights* no *Midiamax*, como Cotidiano, MidiaMais. Isso procede?

M3: Não, é equivocado.

Patrick: De quanto em quanto tempo deve ter uma notícia no *site*?

M3: Sempre que ter uma notícia ela deve ser noticiada.

Patrick: Mas não existe um intervalo de tempo adequado entre uma notícia e outra?

M3: Não, *a gente* não controla a vida, *a gente* cobre a vida. Os fatos diversos do dia a dia vão acontecendo e *a gente* vai publicando. A briga é para publicar o mais rápido possível, com a maior qualidade de apuração possível.

Patrick: Por que o *Midiamax* não trabalha com artigos relacionados ao suicídio?

M3: Talvez porque os nossos articulistas não escrevem sobre suicídio. Nós não interferimos no perfil de produção dos nossos articulistas. O que chega *a gente* publica, o que não chega nós não publicamos.

Patrick: Qual a política editorial do jornal em relação a identificação das vítimas em casos de suicídio?

M3: Quando *a gente* observa que há uma exposição familiar ou de terceiros, injustificada, nós ocultamos os nomes. Mas quando a identificação do morto faz parte da notícia, aí nós identificamos o morto. Por exemplo, o Policial Militar que se mata depois de uma jornada extenuante, que está com problemas emocionais gravíssimos e não se tratou, ele é identificado porque faz parte da notícia falar para a sociedade que os policiais estão se matando, pois estão adoecendo com o próprio trabalho.

Patrick: Você acha que o fator local em casos de suicídio é um fator que conta no aspecto da noticiabilidade?

M3: *A gente* não cobre de forma efusiva suicídios em locais públicos, pois levamos em conta os riscos de uma propagação negativa. Tomamos cuidados com a espetacularização. Se a matéria for para falar que a companhia de energia não protege o entorno das torres para que as pessoas não subam, isso é notícia. Porém, se formos a um local onde o cara está ameaçando se jogar, só para entrar ao vivo e espetacularizar, aí não rola. Se a pessoa resolveu tirar a vida no quintal de sua casa, no seu foro íntimo, sem motivo público nenhum, isso não é notícia. Por outro lado, se o cara foi recentemente hostilizado pelos vizinhos por ter maltratado cachorros, por exemplo, aí temos notícia. Então a notícia em casos de suicídio, apesar de ser objetiva, é também subjetiva, pois há uma série de fatores que temos que considerar em cada caso, para tomarmos uma decisão no tempo jornalístico. É óbvio que isso é passível de erros, de equívocos e *a gente* tenta minimizar, instrumentalizando a decisão, elencando normas com essa preocupação de não voltarmos a tratar o assunto como tabu.

Patrick: Percebi pelos *prints* que uma das preocupações que você tem é tratar o suicídio entre os indígenas. Porém eu tive a informação de que o suicídio entre os indígenas dá menos cliques, menos leituras. Gostaria de saber primeiramente se isso procede e caso proceda, em quais situações isso ocorre?

M3: Em Mato Grosso do Sul notícia especificamente sobre índios não dá menos leitura, o que dá menos leitura é notícia sobre índio, de modo geral. Salvo quando existe alguma coisa que ridicularize ou exponha o índio a uma situação vexatória, aí alguns veículos tratam, mas de forma sensacionalista. Nós brigamos para evitar ao máximo isso, mas a população altamente pastoril que *a gente* tem e altamente ligada ao agronegócio, trata o índio de uma forma ruim. Nós tivemos uma experiência chocante e terrivelmente esclarecedora, sobre o estupro coletivo a uma garota de 11 anos. Não lembro ao certo a quantidade de homens, mas sei que eles a estupraram durante várias horas. Me recordo que tínhamos acabado de sair de um caso nacional de clamor extremo e a notícia inicial dizia que a índia havia sido estuprada continuamente. A matéria então não deu leitura e omitimos no título que se tratava de um estupro coletivo em uma aldeia indígena. A partir daí a notícia voltou a dar notícia, da forma que aquele fato merecia. O filtro aí não é o suicídio de índios, o filtro aí são índios.

Patrick: Como o *Midiamax* costuma se organizar para cobrir o "Setembro Amarelo"?

M3: *A gente* faz o basicão, algumas matérias esclarecedoras, de superação, etc. Cada ano *a gente* tenta inovar e não fazer os mesmos textinhos batidos de sempre, mas geralmente acaba ficando aquém do que *a gente* gostaria.

Patrick: Em 2016 e 2018, vocês trabalharam uma série de matérias sobre o "Setembro Amarelo". Como surgiu essa ideia?

M3: Desde 2014 nós vimos a necessidade de se trabalhar esse tema. Nesses últimos anos tivemos vários episódios ligados ao suicídio. Em 2016, a cidade de São Gabriel do Oeste enfrentou um cataclismo coletivo, após o suicídio de uma garota de 14 anos, devido a uma relação romântica, alguma coisa assim. Então vimos a necessidade de não romantizar o suicídio, pois percebemos que Romeu e Julieta não funcionava além da literatura inglesa. Na sequência a esse fato de São Gabriel do Oeste, vimos a necessidade de se fazer uma série de matérias sobre suicídio, até esclarecendo o que fazer e o que não fazer.

Patrick: Como o *Midiamax* se organizou na produção de conteúdos do "Baleia Azul"?

M3: Nós ficamos no meio termo entre o apelo sensacional e o trabalho jornalístico informativo. Nós tínhamos alguns repórteres que ficaram destacados para isso, *a gente* monitorou muito as redes sociais, recebemos muitas informações dos leitores, porque vira uma histeria coletiva e temos que filtrar o que é informação ou não e o que é notícia ou não. Isso vive acontecendo e instrumentalizam isso na *internet* com todos os tabus: morte, sexo, poder e dentro de morte tratam o suicídio como um dos chamarizes.

Patrick: Paralelamente ao "Baleia Azul", surge a série dos *13 porquês* produzida pela *Netflix*. Como você se recorda que foi a cobertura local dessa série, não só pelo *Midiamax*, mas por toda a imprensa campo-grandense?

M3: Nós resenhamos a série e tentamos trazer pessoas para discutir o conteúdo, mas não rolou, não lembro direito. Mas não parei para avaliar o que os outros colegas produziram, então seria leviano eu avaliar como cobriram.

Patrick: Você acha que a divulgação de casos de suicídio pode levar a novos suicídios?

M3: Eu acho que pessoas doentes são impactadas pelo conteúdo da imprensa de modo diferente ao que *a gente* está habituado a ver. Temos que ter o cuidado em como abordar, porque eu não sei o perfil de quem vai consumir a minha notícia. O cidadão médio é estável e ele vai filtrar, mas eu vou atingir em alguns momentos o cidadão doente que não tem condição emocional para lidar com alguns conteúdos. Eu acho que em casos extremos e específicos é possível sim.

Patrick: Quais aspectos na sua opinião ainda devem ser mudados na imprensa campo-grandense, em relação a cobertura do suicídio?

M3: Eu não vejo nenhuma exploração sensacionalista do suicídio em Campo Grande, não acha que esse seja o caso. Mas eu vejo o despreparo de colegas para escrever sobre suicídio, inclusive na minha redação. A rotatividade em um mercado como o nosso é gigantesca, então se você for ver hoje, metade dos repórteres que estão aqui estavam no *Campo Grande News*, mas antes eram daqui e agora voltaram, porque é o jeito que *o cara* tem de melhorar o seu salário. Hoje o jornal *Midiamax* tem um plano de carreira muito precário, muito primário, onde não conseguimos estabelecer normas, como por exemplo, propor ao jornalista que a cada quinquênio ele mude de faixa e passe a receber mais. E nesse samba muito doido que rola, *a gente* vai perpetuando muitos casos de falta de qualidade. A qualidade despenca a cada ano. Acho que a qualidade de quem fez um curso de jornalismo com quem não fez é infinita, não dá *pra gente* medir, mas não sou hipócrita e digo que a qualidade dos jornalistas formados na Uniderp, na UCDB, na

UFMS e na Estácio, que continua vomitando alunos por aí, é sofrível. É um estelionato o que as universidades fazem, tanto as públicas como as particulares. Cobram horrores, geralmente é um mercado que vai oferecer um salário menor que a mensalidade, consomem verbas no caso da pública, sustenta *o cara* que some no mundo e vai para a Austrália, vai para a Espanha, vai para a puta que pariu, gasta dinheiro público e pouco se preocupa com a formação acadêmica de base. Vivemos um momento muito ruim para a carreira, seja do ponto de vista da redação ou do mercado, que paga muito mal e não oferece perspectiva nenhuma de crescimento. Nessa suruba as pessoas fazem cada vez mais jornalismo de má qualidade. Então o problema da cobertura de suicídio em Mato Grosso do Sul é o mesmo que toda cobertura de suicídio em Mato Grosso do Sul. Existe falta de qualidade por falta de preparo técnico. Ás vezes a pessoa escreve um monte de besteira no suicídio de alguém ou é incapaz de escrever dois ou três parágrafos que podem fazer a diferença entre a pessoa dar um tiro na cabeça ou se conscientizar que está doente e que deve procurar ajuda. E a pessoa não faz isso porque ela não sabe que deve ser feito isso, e aí entra também a questão da falta de tempo e da falta de interesse do mercado. Então o problema que eu vejo é esse: falta de qualificação técnica.

Patrick: Agora vou te apresentar algumas tabelas. Nessa tabela referente ao "Baleia Azul", pode-se perceber que no mês do surgimento do desafio houve 12 matérias publicadas e nos meses seguintes há uma queda brusca. Por que você acha que isso ocorreu?

M3: Natural, é a cauda do *trading*. Você tem um pico de um assunto e pouco a pouco ele vai perdendo importância em virtude do esgotamento de angulações possíveis e do esgotamento da própria pauta.

Patrick: Essa tabela mostra o efeito do agendamento no "Setembro Amarelo" e em 2017 ocorre um fenômeno interessante, porque em setembro temos 7 divulgações sobre suicídio no total, sendo que 6 eram sobre o "Setembro Amarelo". Em outubro temos um resquício de "Setembro Amarelo", com uma matéria divulgada sobre a campanha ainda, mas temos mais 7 matérias sobre suicídio que não faz relação ou menção a campanha. De qualquer forma, você acredita que pode ter tido alguma relação para ter esse número alto?

M3: Não sei, porque você só quantificou. Teria que qualificar essa amostra, para eu saber as características dessas matérias de outubro. Não consigo avaliar somente com esses dados.

Patrick: Nessa outra tabela existe um levantamento com a quantidade de matérias entre 2014 e 2018, com as editorias que publicam mais casos de suicídio no *Midiamax*. Existe em 2016 um total de 26 publicações que acaba caindo nos anos seguintes. Por que ocorre esse efeito?

M3: Acho que é a mesma coisa que acontece em todo tipo de cobertura. Em 2016 nós estabelecemos uma meta para resgatar tudo o que produzimos sobre suicídio e produzimos uma série bem consistente, abordando o assunto de todas as formas possíveis. Então é natural que as redações considerem os assuntos esgotados, batidos, e aí falte criatividade para alterar a angulação e acabam se tornando efemérides. Ou seja, colocam apenas como meta todo ano ter 5 ou 6 matérias sobre o "Setembro Amarelo". Inclusive tenho uma postura crítica em relação a todas essas campanhas, acho que são sim importantes, mas tem um tratamento meramente de efemérides. Acaba só sendo mais uma data no calendário, onde devemos produzir uma série de matérias, então elas perdem densidade.

Patrick: Aqui nessa tabela tem novamente o período do "Baleia Azul", com a quantidade de matérias em cada editoria. Em abril, quando surge o fenômeno do "Baleia Azul" e o jornal totaliza 12 publicações sobre o desafio, 5 delas estão em Cotidiano, sendo que nos outros meses não tem nada sobre suicídio divulgado em Cotidiano.

M3: É porque a demanda factual nesse mês em específico eram os alertas que *a gente* recebia por *email*, por *WhatsApp*, por celular, ou *inbox* das redes sociais, algo do tipo "Tá rolando o desafio na escola tal, meu filho recebeu no celular" ou "Olha, estão pixando o muro da escola e tem um desafio secreto ali". Então *a gente* cobriu factualmente cada informação que *a gente* recebeu, após eles passarem por um processo de filtragem. Até me surpreende que sejam só 5, porque recebíamos todos os dias umas 20 denúncias graves e escalamos dois repórteres só para lidarem com isso. Foi um frenesi sul-mato-grossense e em todos os municípios surgiam episódios. É legal que tenha sido somente 5, o que mostra que aplicamos um filtro bastante rigoroso e em alguns casos aconselhamos os pais, dizendo "Olha, nesse caso é melhor procurar o Conselho Tutelar", "Procura a diretora da escola", "Procura a polícia", "Procura o padre", esse último aqui é importante, porque sabemos que as instituições eclesiásticas ocupam papel preponderante. Então fomos aplicando filtros e o que sobrou cobríamos em Cotidiano. Especificamente em Polícia, cobrimos quando é um fato público, que causa clamor público. Nesse caso, publicamos em Polícia.

Patrick: A questão dos filtros é interessante, porque se percebe que há um número maior de divulgações realizadas pelo *Campo Grande News* em relação ao *Midiamax*.

M3: Exato, usamos esses filtros até por conta do contágio. Levamos a sério a nossa pequeneza para julgar o perfil da nossa audiência, é uma preocupação constante, não só com temas como o suicídio, mas com tudo. O *Midiamax* adotou a total a ausência de identificação em notícias policiais de primeira cobertura. Se pegamos um boletim de ocorrência que trata sobre um roubo, não vou falar o nome do indivíduo suspeito pelo roubo, porque em uma audiência de custódia ele pode pedir esquecimento para tirar do ar e tal. Então gera toda uma demanda e o mais grave, você corre o risco de gerar um impacto insanável na vida da pessoa. Então optamos por abolir.

Patrick: A tabela 10 fala sobre o "Setembro Amarelo" novamente, agora com categorizações que eu criei. Primeiramente se tem "Conteúdos com foco estatístico", matérias meramente baseadas em números; tem também "Coberturas factuais", como assuntos de Polícia e ás vezes Cotidiano; existe ainda "Matérias com familiares, amigos ou especialistas". Se observa que tem uma queda em "Coberturas factuais", tendo como parâmetro 2014 em relação aos outros anos. Por que isso ocorre na sua opinião?

M3: Me lembro que 2014 foi um ano com muitos suicídios em Mato Grosso do Sul. Então, dando uma resposta bastante empírica, me recordo que 2014 foi um ano bastante atípico, tanto que se proliferaram episódios de suicídio nesse período, tanto em Campo Grande, como no interior. O ano de 2016 também foi um ano atípico que chamou a atenção da sociedade o fato das pessoas estarem se matando demais. Essa sazonalidade de ocorrências de suicídio é proporcional ao número de casos. Acho que o filtro de divulgações vem se aperfeiçoando a cada ano e analisamos se vale a pena ou não divulgar os conteúdos, o que leva aos seguintes questionamentos "Eu preciso desses *pagerviews*, se é uma criança que se matou e não tem impacto coletivo que justifique o notícia?". Não sinto então muito ímpeto sensacionalista, tanto na redação onde eu estou, como nas outras redações.

ANEXO

Figura 3 – Matéria na íntegra do dia 16 de setembro de 2014 do *CG News*: "Tabu na sociedade: suicídio foi cometido por 35 pessoas em 7 meses"

Tabu na sociedade: suicídio foi cometido por 35 pessoas em 7 meses

Aliny Mary Dias

Para muitas pessoas, o suicídio é um assunto distante da realidade, muito em razão do tabu com que o tema é tratado por autoridades e pela imprensa brasileira. Mas a verdade pode ser expressa em números. Desde o início do ano, 35 pessoas cometeram suicídio em Campo Grande e tantos outros casos seguem em investigação ou não entraram nas estatísticas.

O assunto chama ainda mais atenção diante dos números divulgados este ano pela OMS (Organização Mundial da **Saúde**). No ranking brasileiro, Mato Grosso do Sul ocupa a 3ª posição dos Estados com maior números de suicídio. Na colocação dos municípios do país, Amambai está em quarto lugar.

Para debater o assunto e também conscientizar profissionais da **saúde** sobre as doenças que levam até o ato extremo de tirar a própria vida, o 7º Seminário de Promoção à Vida e Prevenção ao Suicídio será realizado hoje e amanhã (16) na **UFMS** (**Universidade Federal** de Mato Grosso do Sul) em Campo Grande.

O pesquisador e professor de bioética do Hospital Universitário, Edilson Reis, afirma que o suicídio deve deixar de ser um tabu, principalmente na mídia. "Existe o mito que se falar sobre o suicídio a incidência vai aumentar, mas estudos indicam o inverso. Todos falam de vários assuntos como tabagismo, alcoolismo e drogas e isso não incentiva as pessoas e sim orienta sobre a prevenção", diz.

A depressão, em vários níveis, é considerada uma das maiores causadoras do suicídio. A pessoa com a doença se isola e se sente abandonado, sendo assim, a dor sentida não é compartilhada e acaba prejudicando ainda mais o indivíduo.

"Dados da OMS mostram que 90% das pessoas que cometerem suicídio não sabiam lidar com alguma situação, como a depressão, o stress e a angústia. Nosso objetivo é mostrar que além da visão clínica, é preciso ter uma visão social, emocional e até espiritual desse indivíduo", completa o professor.

As inscrições para recebimento de certificado do seminário já foram encerradas, mas quem quiser participar pode ir até o LAC – Campus da **UFMS**, em Campo Grande, hoje e amanhã das 19h às 22h. Além do professor Edilson, o professor Luis Leão da **Universidade Federal** do Mato Grosso (UFMT) também participa com a palestra "O suicídio e o mundo do trabalho contemporâneo".

Figura 4 – Matéria na íntegra do dia 25 de setembro de 2014 do *CG News*: "Resgate de mulher na torre do Morenão exigiu operação de alto risco"

Resgate de mulher de torre no Morenão exigiu operação de alto risco

Edivaldo Bitencourt e Alan Diógenes

Mulher ameaçou se jogar e foi salva pelo Corpo de Bombeiros (Foto: Marcelo Victor)

O Corpo de Bombeiros classificou com uma operação de alto risco o resgate de uma mulher que escalou a torre de iluminação do Estádio Pedro Pedrossian, o Morenão, para tentar os suicídio. Eles utilizaram a técnica do rapel para retirá-la da altura de aproximadamente 40 metros.

Por volta das 14h de hoje, a mulher, que tem idade de 28 a 30 anos, escalou a torre do Morenão, no campus da **UFMS** (**Universidade Federal** de Mato Grosso do Sul), e tentou se jogar. Nove bombeiros e seguranças da instituição foram mobilizados para evitar o suicídio.

Segundo o capitão Silvio Romero, do Corpo de Bombeiros, a mulher contou que toma medicamentos controlados, mas estava sem os remédios. Ela também admitiu ser usuária de drogas.

Ele explicou que os militares foram expostos a uma situação de alto risco. "Não poderia ocorrer nenhum erro", comentou.

Inicialmente, os bombeiros usaram técnicas para acalmar a mulher, que chorou bastante e insistia em se jogar do alto da torre. Inicialmente, os bombeiros estimaram que a altura seria de 100 metros. No entanto, segundo o capitão, a torre mede cerca de 40 metros de altura. Para evitar acidentes, a energia do estádio foi desligada.

Após acalmar a jovem, três bombeiros a pegaram e imobilizaram no alto da torre de iluminação. Após amarrá-la, eles utilizaram a técnica de rapel para descê-la em segurança. A operação demorou aproximadamente 30 minutos.

A mulher se recusou a dizer o nome aos bombeiros e relatou estar bastante envergonhada ao ver a multidão acompanhar o resgate. Ela foi enrolada em um cobertor e encaminhada para atendimento psiquiátrico na Santa Casa de Campo Grande.

O capitão contou que foi a primeira ocorrência que ele atendeu com uma pessoa subindo a torre no Morenão. No entanto, segundo testemunhas, incidente semelhante ocorreu há 25 anos, quando um jovem escalou a torre e se jogou.

Figura 5 – Matéria na íntegra do dia 07 de setembro de 2015 do *CG News*: "O mês para quebrar tabu e alertar que 90% dos suicídios podem ser evitados"

O mês para quebrar tabu e alertar que 90% dos suicídios podem ser evitados

Flávia Lima

Atendimentos no GAV são mantidos sob sigilo e voluntários são treinados para ouvir e não dar conselhos. (Foto:Marcos Ermínio)

Roberto Sinai (esq.), da coordenação do grupo, ao lado da presidente Veralice Lima e do vice-presidente Milton Portocarreiro, apoiam a divulgação dos suicídios, porém, são contra o sensacionalismo. (Foto:Marcos Ermínio)

Tirar o suicídio da obscuridade e passar a tratá-lo de forma natural na sociedade é o objetivo da campanha Setembro Amarelo, que acontece em nível internacional, estimulada através da Associação Internacional pela Prevenção do Suicídio. A proposta é debater o tema, inclusive, com os meios de comunicação, que após o advento das mídias sociais, passaram a questionar a forma de divulgar as notícias de suicídios.

Assim como o Outubro Rosa, lembrado pela prevenção do câncer de mama, e o Novembro Azul, que busca conscientizar sobre as doenças masculinas, o Setembro Amarelo pretende mostrar que em mais de 90% dos casos existe prevenção, já que geralmente eles estão associados a patologias de ordem mental diagnosticáveis e tratáveis, como a depressão.

Por isso, de cada dez casos de autoextermínio, nove podem ser evitados quando houver o diagnóstico dessas patologias, seguido do tratamento adequado.

Considerado um problema de **saúde pública** desde 2008 pela OMS (Organização Mundial de **Saúde**), o suicídio é a causa da morte de um brasileiro a cada 45 minutos, segundo dados da entidade. No mundo, o número cresce para um a cada 45 segundos.

Na maioria das capitais, a campanha será lembrada durante todo o mês, também através de faixas amarelas e iluminações especiais que serão colocadas em monumentos e fachadas de prédios pelas 70 sedes do CVV (Centro de Valorização da Vida) espalhadas pelo país.

Em Campo Grande, o GAV (Grupo Amor Vida) Arthur Hokama será o responsável em desenvolver, no próximo dia 10, uma ação na praça Ari Coelho, Centro da Capital e nos terminais de ônibus. O foco será, além da abordagem com folhetos explicativos, ouvir a população sobre a questão, o que pode incluir até desabafos de quem se sentir deprimido.

Segundo um dos coordenadores do GAV, Roberto Sinai, as estatísticas são mais alarmantes se levar em consideração as tentativas de suicídio onde a pessoa é socorrida e consegue sobreviver e que acabam não sendo computadas. "De cada dez pessoas que tentam tirar a própria vida, apenas duas pedem socorro", diz.

Aliás, servir como ombro amigo é o lema do grupo, que desde 2012 se desvinculou na Capital do CVV, entidade filantrópica criada em 1962 presta serviço voluntário e gratuito de apoio emocional. De acordo com Roberto Sinai, a decisão de quebrar o vínculo com a entidade foi para buscar uma autonomia maior no que diz respeito às ações desenvolvidas.

O rompimento foi apenas para facilitar questões burocráticas, porém a filosofia de trabalho, pautada na preservação do sigilo de quem liga em busca de apoio no grupo e na capacidade de ouvir, sem emitir

julgamentos, prevalece a mesma.

A garantia do atendimento acolhedor que a pessoa recebe ao ligar para o GAV começa com o preparo dos voluntários, que passam por um **curso** de formação de quatro meses. "Ao atendermos uma chamada, buscamos criar um vínculo de confiança, onde a pessoa não precisa dizer o nome dela e nem o problema que a levou buscar ajuda. Não oferecemos tratamento nem orientações baseadas em religiões. Somos aquele amigo disposto a ouvir", explica Sinai.

Na Capital, o GAV conta atualmente com 30 voluntários que se revezam das 7 às 23 horas no atendimento telefônico. Como cada voluntário trabalha apenas quatro horas pro semana, o grupo está sempre precisando de ajuda, uma vez que a demanda vem crescendo, segundo Roberto Sinai. O ideal seriam 96 voluntários que pudessem, também, fazer o atendimento nas madrugadas, período considerado de risco pelos profissionais de **saúde** mental e pelos próprios voluntários.

"É nesse momento que bate a tristeza, a saudade de alguém e a solidão", diz a presidente do grupo, Veralice Carneiro Lima. Para garantir o sigilo da conversa, Veralice afirma que o grupo não realiza estatísticas, como por exemplo, do número de pessoas que ligam e mencionam a intenção suicida. "Não trocamos informações nem entre nós. Se tivéssemos alguma estatística seria a prova de que controlamos as informações obtidas", diz.

Mesmo sem dados, a presidente e o coordenador do GAV ressaltam que muitas pessoas mencionam o desejo de tirar a própria vida, mas entre as estratégias do grupo, está a tática de nunca desligar a ligação. A conversa se desenrola, às vezes, por mais de uma hora, até que o voluntário consiga "desarmar" emocionalmente a pessoa a ponto dela mesma refletir sobre o problema e encontrar a solução para o que a aflige.

A qualidade do acolhimento se reflete nos números. Em 14 anos de atuação na Capital, o grupo realizou 400 mil atendimentos. "Muitas pessoas também ligam depois da crise para agradecer o apoio e dizer que conseguiu superar o problema com nossa ajuda", ressalta Veralice.

Polêmica - Em abril deste ano, a morte do advogado Rafael Zarza Ribas, 29 anos, que caiu do 27º andar do hotel Bahamas e da **estudante** de Matemática da Uniderp-Anhanguera, Cristiane Valdenice Carvalho, 28, que sofreu uma queda do terceiro andar de um bloco da instituição, causaram comoção na Capital e movimentaram as redes sociais. No entanto, a divulgação pela imprensa, dividiu opiniões.

Após casos recentes de suicídio, o *Campo Grande News* fez uma enquete para saber a opinião do leitor. E a surpresa foi que 58% dos leitores concordaram que os suicídios devem ser divulgados, porém 34% não apoia a divulgação. Já uma pequena parcela, apenas 9%, apontou que devem ser noticiados somente mortes em locais públicos.

De modo geral, veículos de imprensa sempre evitaram noticiar suicídios com base de que a informação poderia incentivar outras práticas. Na contramão do pensamento jornalístico, os coordenadores do GAV defendem a veiculação dos casos no sentido de auxiliar com a quebra dos tabus que envolvem o suicídio.

Ele conta que a ideia de que a divulgação dos casos incentiva outras práticas teve origem nos anos 1970, quando Jim Jones, líder de uma seita religiosa foi o mentor do suicídio em massa da comunidade fundada por ele, em 1978. Ao todo, 918 pessoas, incluindo crianças, foram mortas por envenenamento.

O fato é que da época do ocorrido já se passaram quase 40 anos e a evolução da sociedade, incluindo uma nova forma de tratar e abordar doenças psíquicas, como a depressão, acabaram obrigando a revisão de alguns temas, como o suicídio e a própria depressão, doença diretamente ligada a pelo menos 80% dos casos de suicídio.

Baseados nessa evolução social e do advento da internet, que vem obrigando a revisão de determinados paradigmas, os dirigentes do GAV concordam que a veiculação de notícias ligadas ao suicídio sejam divulgadas, porém, com responsabilidade.

"Somos contra a banalização do tema e o desrespeito com os familiares. Entendemos que é um momento difícil para a família e muitas não apoiariam essa divulgação, mas é pior se fizermos de conta que o problema não existe na sociedade", diz Veralice.

Da mesma forma pensa Roberto Sinai, que vai além e ressalta a importância de abordar as consequências negativas e o impacto que um suicídio causa em uma família. De acordo com dados do grupo, uma ação desse tipo atinge entre seis e dez pessoas de uma família, que podem desenvolver sérios problemas emocionais, além de sentimento de culpa.

A abordagem do tema se faz urgente na opinião da presidente do grupo, Veralice Carneiro, que estima um aumento de 20% dos casos nos próximos anos. "A vida moderna é muito estressante e cheia de cobranças. Além disso, os pais estão cada vez mais distantes dos filhos após o crescimento da internet. Os membros das famílias acabam se isolando", destaca.

Para Roberto Sinai, outro fator também preocupante são as tentativas mascaradas e alguns comportamentos que podem trazer sinais de que a pessoa está deprimida e tem intenção suicida. "Quem nunca ouviu um colega falar que está com vontade de desaparecer do mundo ou, às vezes, diz que se cortou sem querer. Essas ações podem ser indícios, mas que acabamos levando na brincadeira", ressalta.

Serviço - O telefone do GAV para quem busca apoio é o 141. Quem tiver interesse em colaborar com a manutenção do corpo de voluntários, pode ir diretamente à sede do grupo, que fica na Rua Alexandre Farah, 37, bairro Amambaí ou utilizar o número 3383 4112 ou 4113. Por ser uma entidade sem fins lucrativos, as despesas com telefone, água, luz e aluguel, são de responsabilidade dos voluntários.

Para o próximo dia 13, o grupo está organizando um almoço e os convites estão sendo vendidos a R$ 15,00.

Figuras 6, 7 e 8 – Matéria na íntegra do dia 14 de setembro de 2016 do *CG News*: "Um adeus no *Facebook* e o coração de Eduardo parou, para o desespero dos amigos"

Um adeus no Facebook e o coração de Eduardo parou, para o desespero dos amigos

Paula Maciulevicius

Despedida estava privada e a pedido dele, irmã a tornou pública na madrugada da morte.

Na madrugada, antes de morrer, Eduardo publicou no Facebook o pedido para que os amigos não ficassem chateados. Pela manhã, as notícias foram correndo. Ele havia escolhido deixar de viver e cometeu suicídio em casa, no Jardim Itália, região da Vila Popular, em Campo Grande. Nessa hora, é ao palavrão que se recorre para tentar traduzir o que o coração e nem a razão conseguem expressar. "Porr... Eduardo", resumiu um dos amigos ao saber do fim do jovem de 19 anos.

Foram eles, os amigos, ainda atordoados com a notícia, que pediram ao **Lado B** para falar sobre Eduardo e continuar discutindo um assunto que é tabu, mas que mata tantos, principalmente, pela dor da depressão sem tratamento.

A morte desta vez ocorreu cinco ruas acima da casa de Lucas dos Santos. Mas a dor não se mede pela proximidade dos passos. Os dois eram amigos desde a época de colégio, em 2010. "O Eduardo veio do interior de São Paulo, com a mãe e uma irmã, e estudaram na **escola** Municipal Frederico Soares, lá criaram um laço de amizade comigo e com meu primo, além de estudarmos juntos todos na mesma série, eles moravam em uma casa na rua de baixo da minha, então a gente se via sempre", conta Lucas, de 18 anos.

Quando ainda não existiam os grupos de **Whatsapp**, Lucas lembra que a comunicação dos dois era por pequenos bilhetes. Na **escola**, o Eduardo ainda menino já demonstrava ser de um alto astral contagiante. "Sempre alegre, sempre rindo, muito companheiro. A minha amizade com ele era tipo daqueles filmes de **cinema**, a gente era muito unido, tínhamos nossos códigos, olhares e gestos", descreve o amigo.

O Eduardo de agora, nas redes sociais, se identificava como "Cristopher Eduardo", curtia baladas, música eletrônica, rock e estudava o 1º ano do Ensino Médio na **Escola** Estadual José Mamede de Aquino, no Jardim Aeroporto. "A gente para e pensa, o que leva um ser humano a se enforcar? Quais eram suas dores? Por que ele não compartilhava?", se pergunta Lucas.

Eduardo em uma das últimas fotos na balada.

O jovem sempre foi considerado "muito aberto", de falar de tudo, não ter filtro, o que torna a partida dele ainda mais perplexa. "Era um menino que se tivesse problemas desabafava até com um estranho no ponto de ônibus", estranha o amigo.

Entre as mensagens de pesar de amigos, a surpresa chama atenção. Ninguém imaginava o suicídio vindo do garoto sorridente, mas um ponto que serve de alerta nessa luta contra a radical decisão de se matar, muitas vezes uma briga solitária, interna.

Diego Barbosa, de 17 anos, foi outro amigo que se chocou. Os dois se conheceram há cinco anos através de uma amiga em comum, na porta de casa. "Ele vivia dando risada e brincando, mas por dentro, pode ser que estivesse muito arrasado com alguma coisa", arrisca.

Até hoje Diego se recorda do primeiro contato. "Ele chegou, cumprimentou e do jeito extrovertido e brincalhão dele, começou a puxar assunto e daí para frente cresceu uma amizade forte", detalha. Quando a notícia chegou, ele, como vários ficaram sem chão. "Na verdade ninguém nunca pensou que ele ia fazer uma coisa dessas, porque sempre foi uma pessoa brincalhona, que procurava fazer a gente dar risada. Uma pessoa divertida, o melhor amigo que a gente podia ter".

Em Goiás, Estado onde hoje mora a amiga Nathalia Salomão, de 18 anos, o telefone tocou às 8h da manhã. Do outro lado da linha, um resumo do que ela ainda não consegue acreditar. "Foi desesperador, pois eu estava dormindo e até achei que era uma brincadeira comigo", conta.

Na memória, a jovem tenta resgatar, procurar qualquer cena que revelasse, ainda que nas entrelinhas que isso podia um dia acontecer. "Poucas vezes o vi triste, era uma pessoa muito alegre, animada. Nossa amizade começou através da irmã dele e foi crescendo", conta. O sentimento é o de choque. "Por mais que eu tente, não consigo imaginar motivo para ele ter chegado ao ponto de se suicidar".

Pela conta de Eduardo, a irmã Jéssica Antunes, postou na noite dessa terça-feira, alguns esclarecimentos. O irmão era abertamente homossexual e segundo ela, isso nunca interferiu em suas relações familiares. "Muito pelo contrário, nossa mãe sempre aceitou e apoiou em suas ações e escolhas".

Foto postada em junho em frente ao cartaz do filme.

Sobre o que poderia ter motivado o ato, Jéssica, em nome da família, afirma que o irmão sempre conviveu bem em casa e com os amigos e que eles ainda não sabem, ao certo, o que o levou ao suicídio.

"A última pessoa com quem ele se comunicou ainda em vida, fui eu mesma, que em logo em seguida corri a pé, de madrugada, ao seu encontro, infelizmente não pude evitar o que aconteceu", lamenta.

O texto de despedida estava, segundo ela, privado somente para a visualização de Eduardo, no Facebook. "O mesmo me mandou mensagens, para que após o ocorrido colocasse a despedida em público. Em momento algum o Eduardo fez apologia ao suicídio", frisa.

"Ele não era uma pessoa fraca, nem corajosa por ter feito tal coisa, mas sim uma pessoa desesperada, por favor não romantizem isso e não julguem tal ato de desespero", pede a irmã.

Abaixo, a despedida de Eduardo:

"Gente amo todos meus amigos... quero que sempre lembre de lembranças positivas! Pq no momento estou preste a fazer algo ruim, não fiquem chateado comigo, mas logo as notícias chegaram, e provavelmente estarei morto quando lerem isso!

Essa é a única forma de todos saberem que minha existência não existe mais !!
Estou feliz por ter feito isso e espero que vocês não fiquem tristes, pois amo todos meus amigos + próximos!!!
Bjs"

Figura 9 – Matéria na íntegra do dia 10 de setembro de 2017 do *CG News*: "Três casos no dia de alerta confirmam: MS precisa falar de suicídio"

Três casos no dia de alerta confirmam: MS precisa falar de suicídio

No dia de conscientização e prevenção ao suicídio, MS tem 3 casos que engrossam estatística preocupante

Richelieu de Carlo e Helio de Freitas, de Dourados

"Sempre sorridente", parentes e amigos tentam entender por que Ana Valeria tirou a própria vida. (Foto: Reprodução/Facebook)

Neste dia 10 de setembro é celebrado o Dia Mundial de Combate ao Suicídio, criado para as pessoas refletirem sobre o problema. Nesta data, os casos de pessoas que tiram a própria vida acabam tendo um efeito simbólico e chamam a atenção. Em Mato Grosso do Sul, foram três casos que vieram a público.

Este domingo amanheceu triste para parentes e amigos de Ana Valeria Pio da Silva, 18 anos. Um primo que havia combinado de sair com ela, estranhando não ter respondidas suas ligações, foi até a casa de Ana para saber o que aconteceu.

Sem resposta também ao chegar na casa, no Jardim Imá, em Campo Grande, Ricardo Vieira pulou o muro da residência e foi até a edícula onde a prima vivia. Ao chegar ao local, encontrou Ana da Silva sem vida, com indícios de que havia cometido suicídio.

Segundo relatos de parentes registrados em Boletim de Ocorrência, Ana não apresentava nenhum indício de que poderia cometer tal ato, até mesmo porque, horas antes, ela animara uma festa em família tocando violão. E não apresentava sinais de depressão.

Uma vizinha de Ana, que prefere não ser identificada, também relata ter ficado perplexa diante do que aconteceu, pois Ana sempre foi "animada, jovem, cheia de vida". "Não consigo colocar na minha cabeça que isso aconteceu", diz a vizinha incrédula, que chegou a falar com Ana há alguns dias. "Sempre foi sorridente e alegre, a gente não consegue entender o por quê".

Deodápolis, a 252 km da Capital, também amanheceu de luto. Ex-primeira dama da cidade, Cirene Passarini Martins, cometeu suicídio, de acordo com o site Fatima News. Cirene foi casada por anos com o ex-prefeito Manoel Martins, o 'Manezinho'.

Segundo informações do portal, o corpo foi encontrado por uma irmã que chegou à casa na manhã de hoje acompanhada de amigos.

Cirene era coordenadora do EJA (**Educação** de Jovens e Adultos) na rede municipal de ensino de Deodápolis. Professora, sempre participou das causas sociais. Nos últimos anos ela vinha lutando contra um câncer.

No fim da tarde deste dia de combate ao suicídio, o indígena Cleiton Ramires, 16 anos, foi atropelado por um caminhão na MS 156, entre os municípios de Itaporã e Dourados, aproximadamente 233 km de Campo Grande.

Morador da aldeira Bororó, no norte de Dourados, uma das lideranças do local informou que o rapaz tinha ideias suicidas e que já tinha planejado como alcançaria esse objetivo. Com isso, a principal suspeita é de que o atropelamento não foi um acidente qualquer.

Tanto Ana Valeria Pio da Silva, quanto Cleiton Ramires fazem parte de grupos com maior incidência de casos de suicídio: jovens e indígenas.

Pessoas no local onde Cleiton Ramires foi atropelado. (Foto: Adilson Domingos)

Para a OMS (Organização Mundial da **Saúde**), o suicídio é, hoje, uma epidemia e uma das principais causas de morte em todo o mundo, especialmente entre os jovens. Um suicídio acontece no mundo a cada 40 segundos, quase 800 mil vítimas por ano, e desse total de casos, segundo a OMS, 90% poderiam ser evitados.

Em Mato Grosso do Sul, outra particularidade é a questão indígena. O segundo Estado com a maior população de índios de todo o Brasil ainda engatinha quando o assunto é a prevenção do suicídio entre as comunidades. O relatório Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil – Dados de 2015, publicado pelo Cimi (Conselho Indigenista Missionário) em 2016, mostrou que metade dos suicídios entre indígenas ocorridos em 2015 no Brasil aconteceram no Estado.

Prevenção

Durante todo o mês é celebrado o "Setembro Amarelo" - campanha criada em 2014 para simbolizar a prevenção ao suicídio. Em Mato Grosso do Sul, no entanto, até o momento não houve agenda oficial da Prefeitura e do governo do Estado para abordar o tema.

A Prefeitura, conforme explicação da assessoria de imprensa, faz o lançamento oficial da campanha somente daqui alguns dias, em local e horário ainda indefinidos. A SES (Secretaria Estadual de **Saúde**), por outro lado, não terá nenhuma ação, segundo a assessoria de imprensa da pasta.

Novo canal - Mato Grosso do Sul terá um novo canal para prevenção. A partir do dia 30 de setembro o CVV (Centro de Valorização da Vida) passará a atender gratuitamente pelo 188 em Mato Grosso do Sul e mais 7 estados brasileiros.

Figura 10 – Matéria na íntegra do dia 14 de setembro de 2017 do *CG News*: "Com dor de perder esposa e filho de 2 anos, homem alerta para suicídio"

Com dor de perder esposa e filho de 2 anos, homem alerta para suicídio

"Minha esposa tinha uma vida boa, era médica. Não tínhamos problemas, mas, infelizmente, acabou acontecendo", diz

Aline dos Santos e Richelieu de Carlo

Valquíria e filho foram encontrados mortos em casa. (Foto: Reprodução/Facebook)

Com lágrimas por dois suicídios, quando no dia 10 de dezembro do ano passado se viu sem esposa e filho, o assessor parlamentar José Roberto Gomes venceu o tabu do tema e fez um alerta sobre a prevenção na tribuna da Câmara Municipal. O mês do Setembro Amarelo é dedicado à prevenção do suicídio.

"Já que eu não posso fazer mais nada sobre a Valquíria e o João Roberto quero tentar ajuda os outros, contribuir. Mostrar que existe tratamento e pessoas querendo ajudar", conta José, que é assessor parlamentar e foi convidado pela vereadora Cida Amaral (Podemos).

A médica Valquíria Feitosa Patrício Gomes, 31 anos, e o filho João Roberto, 2 anos, foram encontrados mortos numa noite de sábado, na casa em que moravam, no bairro Itanhangá Park, em Campo Grande.

Na carta de despedida, lida por José Roberto durante a sessão desta quinta-feira (dia 14) na Câmara Municipal, ela relatou ter uma doença e que temia a evolução do problema. No depoimento, marcado por voz embargada e momentos para retomar o fôlego, ele contou que a esposa ocultou a doença.

"Minha esposa tinha uma vida boa, era médica. Não tínhamos problemas, mas, infelizmente, acabou acontecendo", diz. Hoje, ele se vale da palavra para levar esperança.

"No meu caso, a superação é diária. O **tempo** parece não passar, é como se tudo tivesse acontecido ontem. Mas quero mostrar para as pessoas que existe ajuda, que, independente do problema, o sol volta a brilhar. Sejamos sensíveis para que as pessoas tenham confiança em falar de seus problemas", afirma.

O vereador Júnior Longo (PSDB) destaca que apesar do tabu de que falar sobre o tema pode incentivar novos casos, o número de suicídios crescem. "O grande desafio hoje é a superação. Muito importante esse tipo de depoimento", diz.

Segundo o presidente da Câmara, vereador João Rocha (PSDB), a intenção é fazer simpósios com especialistas no tema.

Cida, José Roberto e Jeremias Flores em sessão da Câmara. (Foto: Richelieu de Carlo)

Figura 11 – Matéria na íntegra do dia 19 de setembro de 2017 do *CG News*: "No Setembro Amarelo, mulher tenta suicídio, mas sequer vê psiquiatra"

No Setembro Amarelo, mulher tenta suicídio, mas sequer vê psiquiatra

"O suicídio é o último ato, contra o bem maior. E sai de lá sem amparo, sem medicação, sem remédio"

Aline dos Santos

Situação aconteceu no CRS do bairro Tiradentes. (Foto: Arquivo)

Uma mulher amarrada, faminta, agressiva e que há poucas horas tinha buscado a morte numa overdose de remédios. A tristeza do quadro presenciado no CRS (Centro Regional de **Saúde**) Tiradentes comoveu a universitária Alessandra Gomes, 35 anos.

Solidária, comprou chipas para a paciente e acompanhante. Mas, viu, indignada a mulher deixar o local sem ter passado por um médico psiquiatra. A cena foi nesta semana, um dia de setembro, mês marcado pela campanha maciça de alerta sobre suicídio.

"Fico chateada e muito indignada. Coloca lá bonitinho 'Setembro Amarelo', mas não existe atendimento. O suicídio é o último ato, contra o bem maior. E sai de lá sem amparo, sem medicação, sem remédio", diz.

Alessandra era acompanhante do irmão, que precisava de medicação indicada por psiquiatra. Segundo ela, o profissional só apareceu depois que seu pai foi à Sesau (Secretaria Municipal de **Saúde**) e fez reclamação na Ouvidoria

A acompanhante da mulher, cuja situação tanto comoveu a universitária, conta que é vizinha e, ao saber que a amiga tinha ingerido medicamentos, chamou os bombeiros. Ela foi levada para o posto do bairro Tiradentes na noite de terça-feira (dia 12). Saiu de lá na quarta à tarde.

"Chegou lá, fez lavagem e ate então foi bem atendida", relata a amiga, que terá o nome preservado para não identificar a paciente. A dificuldade é que a unidade não tem psiquiatra e não havia certeza de que horas o médico iria passar. "É tanta campanha, mas na hora que a pessoa precisa", diz.

Ela relata que a amiga faz tratamento para depressão e, sem medicamento, teve surto e tentou suicídio. "Foi a primeira vez que ela fez isso. Agora, vou levar para continuar o tratamento, cuidar dela ", diz.

De acordo com o médico psiquiatra Marcos Estevão Moura, Campo Grande não tem uma emergência psiquiátrica para a rede pública. Soma-se ao problema a falta de profissionais e a luta antimanicomial, que preconiza ser mais humano o tratamento do paciente em casa, longe do ambiente hospitalar.

“Mas temos que aumentar os leitos hospitalares. O ideal é que pudesse fazer um tratamento. Tem um psiquiatra itinerante passando pelas unidades pronto atendimento. O que acontece? Termina o horário ele vai embora”, afirma.

Ainda de acordo com o médico, são 70 psiquiatras em Campo Grande, mas maioria evita o **SUS**. (Sistema Único de **Saúde**). “Não há motivação para o médico especialista em psiquiatria entrar na rede pública. Os salários são aviltantes e tem exigência de atender 16 pacientes em quatro horas, mínimo preconizado pela Organização Mundial de Saúde. Atendimento muito rápido para a psiquiatria”, salienta Marcos Estevão.

Na cidade, conforme o especialista, a rede pública tem cerca de 50 leitos para atendimento psiquiátrico, divididos entre Santa Casa, Nosso Lar, Hospital Regional Rosa Pedrossian e Caps (Centro de Atenção Psicossocial) Aero Rancho. No HR, as vagas são para desintoxicação de drogas. No Caps, o prazo de permanência termina em 72 horas.

“É um comportamento criminoso o fechamento de leitos, permitindo que fique em unidade de pronto-atendimento sem nenhuma infraestrutura para isso”, afirma o especialista. A Santa Casa pretende transferir os leitos da psiquiatria para o hospital Nosso Lar.

Rede – A Sesau (Secretaria Municipal de **Saúde**) informa que tem convênio com a Santa Casa (10 leitos), Nosso Lar (30 leitos) e Hospital Regional (12 leitos) para tratamento psiquiátrico.

Fora a rede hospitalar, o atendimento para **Saúde** Mental inclui oito unidades: seis Caps, uma unidade de acolhimento adulto e uma residência terapêutica. São 36 médicos, com 15 psiquiatras e 21 clínicos.

Ainda de acordo com a secretaria, dos seis Caps, quatro realizam atendimento 24 horas. Em média, os centros atendem 2.400 pessoas.

No ano passado, a Sesau registrou 891 notificações de tentativas de suicídios. Em 2017, foram 512 casos no primeiro semestre. O principal meio utilizado nas tentativas de suicídio são a ingestão de medicamentos e substâncias tóxicas.

A secretaria ainda informa que o programa de prevenção de suicídio faz a busca ativa de todas as notificações de suicídio e oferta consulta médica e psicológica imediatamente para esses pacientes. Questionada sobre a reclamação relatada nesta reportagem, a resposta foi genérica.

“A equipe reguladora de fluxo visita as unidades conforme classificação de risco de todos os pacientes de todos os CRSs e UPAs levando em consideração a questão da data de entrada. Mas os pacientes já estão sendo imediatamente inseridos na regulação, independente da equipe da psiquiatria ter passado e visitado o paciente em uma unidade”.

Figura 12 – Matéria na íntegra do dia 01 de setembro de 2018 do *CG News*: "Nos celulares, boneca Momo é desafio assustador que deixa escolas em alerta"

Nos celulares, Boneca Momo é desafio assustador que deixa escolas em alerta

Thailla Torres

Youtuber Felipe Netto em vídeo que fala da boneca (Foto: Reprodução Facebook)

Depois da Baleia Azul, um novo desafio tem despertado preocupação em escolas de Campo Grande. Conhecida como Boneca Momo, a personagem medonha, de olhos esbugalhados, é compartilhada nas redes sociais, especialmente, via **Whatsapp**, como um jogo em que os participantes conversam com desconhecidos. Os desafios chegam ao estrangulamento e enforcamento.

Aqui na cidade, escolas começam a se posicionar sobre o assunto com alerta aos pais. A preocupação surgiu com a suspeita de suicídio de um menino, de 9 anos, no estado de Pernambuco.

Na **escola** Gappe, o assunto foi colocado em pauta para alertar os adultos. "Tudo nas redes sociais é uma questão de **tempo**. Os pais entraram em contato perguntado se já tínhamos conhecimento do desafios, mas o que identificamos é que a maioria dos jovens na **escola** ainda não tem conhecimento do jogo", explica a diretora Sandra Ferreira.

Mas como não limites para a curiosidade dos alunos, a **escola** decidiu compartilhar o comunicado com os pais por meio do **Whatsapp**. "Falar disso na **escola** só aumenta a curiosidade. Por isso, nosso primeiro alvo são os pais. A sugestão é que conversem, tenham diálogo e equilíbrio emocional com os olhos".

A **escola** sugere que os adultos monitorem os celulares, evitem deixar o aparelho carregando no quarto dos filhos durante a noite, por exemplo, e alertem sobre estranhos entrarem em contato pelo aplicativo. "A era digital trouxe tantos benefícios, mas ao mesmo **tempo**, abre portas para pessoas com intenções negativas. Precisamos ficar atentos".

A Rede Salesiana Brasil de Escolas também emitiu um comunicando alertando sobre a boneca. Por aqui, o Colégio Dom Bosco tem orientado professores e funcionários a ficarem de olho nos alunos. "Recebemos esse comunicado, mas a nossa posição é não causar alarde. Por isso, repassamos para a equipe e vamos monitorar como tem sido os comentários dentro da **escola**", explica Nídia Maciel, orientadora e psicóloga do 6º ano do Ensino Fundamental.

Até o momento o colégio afirma que nenhum caso ou assunto entre alunos chegou ao conhecimento da equipe responsável. "Estamos atentos porque alunos demonstram uma certa curiosidade em tudo. A gente não sabe que dimensão isso pode tomar, porque não há fronteira com a internet".

Se houver um caso, a **escola** afirma que vai tratar a situação de maneira isolada. "O trabalho da coordenação é orientar e trabalhar isso de maneira isolada para não causar um alarde na escola", diz.

No caso da Baleia Azul, o jogo apresentava 50 desafios a serem cumpridos. Já na dinâmica da Boneca Momo não há padrão identificado, mas uma das provas é de resistência, para ver quanto **tempo** o jogador consegue ficar sem respirar.

O dica básica de segurança é a mesma de tempos sem internet. Como criança não podia pegar bala de estranho, os filhos devem ser orientados a em hipótese alguma adicionar estranhos aos contados.

Figuras 13, 14 e 15 – Matérias na íntegra do dia 08 de setembro de 2018: "Setembro é mês de alerta com aumento dos casos de quem não quer mais viver"

Setembro é mês de alerta com aumento dos casos de quem não quer mais viver

Tentativas de suicídio entre crianças também tem aumentado; Sesau tem um programa de prevenção com atendimento psiquiátrico e psicológico

Izabela Sanchez e Anahi Gurgel

Sensação da depressão é descrita, muitas vezes, como estar debaixo d'água (Foto: Reprodução)

Baixa autoestima, falta de motivação, sono desregulado... uma sensação de vazio. São alguns dos sintomas da depressão, a doença símbolo do século XXI. Em muitos dos casos é, também, o fantasma por trás das 626 tentativas de tirar a própria vida, registradas em Campo Grande pela Sesau (Secretaria Municipal de **Saúde**). É por isso que setembro é um mês de alerta, acolhimento e prevenção.

O aumento de casos e o destaque de Mato Grosso do Sul, que ocupa a 3ª posição em casos de suicídio no país, motiva eventos que ocorrem neste mês para discutir o tema, ainda um tabu social. Quem explica as atividades é o Capitão do Corpo de Bombeiros, Capelão Edilson dos Reis, professor, pesquisador e Coordenador de **Curso** de Prevenção ao Suicídio do Hospital Universitário.

Entre os dias 11 e 12, a Capital sedia o XII Seminário de Promoção à Vida e Prevenção ao Suicídio da **UFMS** (**Universidade Federal** de Mato Grosso do Sul), no teatro Glauce Rocha. Pela primeira vez, Campo Grande também terá uma caminhada que simboliza a prevenção, que ocorre no dia 29, na Praça Ary Coelho, às 8h. O evento terá palestras às 8h30 e a caminhada começa às 9h.

"É importante para que pessoas que estão passando por dificuldades se identifiquem. São pessoas com, por exemplo, síndrome do pânico e depressão. Muitas não procuram ajuda e a situação pode evoluir para surtos, perdas da realidade", comenta Edilson.

Conforme explica, o tabu impede, muitas vezes, que as pessoas busquem ajuda, por isso a importância do acolhimento. "Essas pessoas precisam de ancoragem, apoio e acolhimento. Só assim haverá enfrentamento com seriedade. Importante que haja adesão aos tratamentos. O abandono desses tratamentos chega a 90% - porque tem a questão da falsa cura e frustração. Tem que romper a negação do problema... fase muito difícil", explica.

Eu quase cheguei lá – Há um ano Patrícia, 27, foi se aprofundando em um abismo de onde via poucas saídas. Patrícia quase tentou suicídio, mas o acolhimento, o falar sobre, salvou sua vida. O que levou a jovem a pensar em tirar a própria vida, conta, foi um relacionamento abusivo. Ela sofria diversas agressões psicológicas.

O caso de Patrícia é o que acomete, muitas vezes, as mulheres, maioria nas tentativas de suicídio. Em Campo Grande, em 2017, foram 791. Este ano, até agora, 462.

Capelão Reis coordena um curso de prevenção no HU (Anahi Gurgel)

"Eu acho que as mulheres se sentem culpadas. Eu me sentia culpada, porque não conseguia sair dessa situação, e aí após várias ameaças psicológicas perdi o gosto pela vida e achei que a única solução era tirar minha vida. Com estresse muito alto, parei de comer. Em duas semanas emagreci quase 8 quilos. Só sentia fome uma vez no dia, quase 15h", contou.

O primeiro passo foi compartilhar a dor com um amigo. Foi então que, após indicação, Patrícia conheceu o Capelão e o **curso** de prevenção. Com ajuda psicológica, ela conseguiu recuperar a vontade de viver. No dia 10 de junho, "criou coragem" e deixou o relacionamento abusivo.

"Eu escolhi viver e vivo com qualidade. Amo estudar, trabalhar. Fiz acompanhamento com uma psicóloga, ajudou bastante", comentou.

"E como carregar um grande peso" (Reprodução)

O demônio do meio dia - Andrew Solomon nomeou de "Demônio do meio dia" seu livro sobre a "anatomia" da depressão, uma analogia aos períodos mais difíceis do dia para o autor, que sofreu na própria pele com a doença. A depressão é, hoje, a doença que mais preocupa a OMS (Organização Mundial da **Saúde**). Em 2017, mais de 300 milhões de pessoas viviam com a doença, que foi a maior causa de incapacitação em todo mundo.

Levantamento da IMS Health mostrou que em 2016, o segmento de "antidepressivos e estabilizadores de humor" cresceu 18,2% em reais, o maior percentual entre todas as categorias pesquisadas. Esses medicamentos foram responsáveis por vendas de R$ 3,4 bilhões.

Em Campo Grande, dados da Sesau apontam 8.429 casos de episódios depressivos em 2017 e 4.899 casos de transtorno depressivo recorrente. Em 2018, até o mês de junho, os episódios já alcançam 5.562 e já são registrados 2.844 casos de transtornos recorrentes.

À frente do ambulatório de **saúde** mental do CEM (Centro de Especialidades Médicas) Adriana Freixes dos Santos afirma que são realizadas, em média, 800 consultas por mês na psiquiatria. A Sesau também foi a primeira Capital da região centro-oeste a estabelecer um Programa de Prevenção, que funciona no CEM. No Programa, nos acolhimentos, são cerca de 120 consultas.

Para a psicóloga, o aumento dos transtornos é um desafio. "Hoje a gente vê que tem aumentado cada vez mais a questão dos transtornos, sejam os transformo de humor ou de ansiedade, é uma questão de **saúde pública**". Para ela, as tentativas de suicídio representam um aumento do que chama de "patologias do vazio".

"São pacientes que estão sem objetivos. O acompanhamento vem para poder fazer rever os objetivos de vida, os valores. O que a gente vê é que as pessoas não estão preparadas para lidar com as frustrações, adiar satisfação, faz com que não tenham recursos internos para

lidar e vai buscar esse alívio imediato. Hoje é bombardeado de informações imediatas, não somos preparados para lidar com esse simbólico que nos envolve", comenta.

Ela afirma que a demanda por ajuda é constante, e tem aumentado. "Esse programa, temos tanto atendimento psiquiátrico quanto acompanhamento psicológico, atualmente estamos atendendo os pacientes que tentaram o suicídio", explica.

Crianças – Notícia em Naviraí, um adolescente de 15 anos cometeu suicídio com uma arma de fogo na cidade a 366 km de Campo Grande, na segunda-feira (3). Na Capital, este ano, das 626 tentativas, 47 foram de crianças e adolescentes entre 10 e 14 anos e 148 de adolescentes e jovens entre 15 e 19 anos. Para a psicóloga, o crescimento é preocupante e indica falta de dedicação dos pais em construir uma relação afetiva com os filhos.

Casos entre crianças tem aumentado (Reprodução)

"Não tem mais aquele momento de conversar com os filhos, esse não suporte afetivo, fica essa coisa vazia. Hoje dá tudo muito de imediato, não tem esse acolher, então a gente vê cada vez mais precoce, muito em conta dessa falta de afeto", comenta.

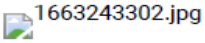
Busque ajuda - A Sesau também intensifica as ações de prevenção durante esse mês. Quem sentir necessidade pode procurar ajuda dos CAPs (Centros de Atenção Psicossocial), serviços de urgência e emergência nos CRSs (Centros Regionais de **Saúde**), UPAs (Unidades de Pronto Atendimento), UBSs (Unidades Básicas de Saúde) e UBSFs (Unidades Básicas de Saúde da Família).

Também é possível ligar em centrais de ajuda: GAV (141), CVV (188) e Corpo de Bombeiros (193).

Figura 16 – Matéria na íntegra do dia 29 de setembro de 2014 do *Midiamax*: "Garoto de 12 anos usa arma do pai policial e morre com tiro na cabeça em Campo Grande"

Garoto de 12 anos usa arma do pai policial e morre com tiro na cabeça em Campo Grande

Arquivo Em 12h34 - 29/09/2014 POLÍCIA



O incidente aconteceu na manhã desta segunda-feira (29), quando o garoto se arrumava para ir à escola. Pai e mãe recebem atendimento médico e estão em estado de choque

Um garoto de 12 anos morreu na manhã desta segunda-feira (29), por volta das 6 horas, com um tiro na cabeça. O incidente aconteceu no Bairro Cabreúva, região central de Campo Grande. Segundo informações, o garoto se preparava para ir à escola quando entrou no quarto dos pais e pegou uma pistola .40, entrou no quarto e atirou contra a cabeça.

A arma seria do pai, que é cabo da Polícia Militar

De acordo com vizinhos, o fato pegou todos de surpresa porque o menino era bom filho, não apresentava sinais de depressão e era um atleta, sendo três vezes campeão de taekwondo. A mãe está em estado de choque e o pai precisou ser levado para uma unidade de saúde para receber atendimento médico porque ficou muito abalado.

O Corpo de Bombeiros foi chamado, mas ao chegar ao local o garoto já estava morto. A PM e a Perícia também foram acionadas para atender à ocorrência. O corpo foi encaminhado para o Imol (Instituto de Medicina e Odontologia Legal). A polícia não descarta a hipótese de suicídio.

Figuras 17 e 18 – Matéria na íntegra do dia 10 de setembro de 2015 do *Midiamax*: "Com mais de 12 suicídios registrados por mês, é preciso discutir o tema em MS"

Com mais de 12 suicídios registrados por mês, é preciso discutir o tema em MS

Mikaele Teodoro Em 15h04 - 10/09/2015 COTIDIANO

O Estado aparece em 4º no ranking brasileiro

Todas as vezes em que um suicídio se torna público, vem à tona a necessidade de se prevenir os casos. Por um ou dois dias, os jornais e revistas falam sobre o assunto, mas logo a "poeira abaixa" e o assunto sai de cena. No entanto, os casos, estes não cessam. São milhares de registros diários em todo o Brasil e boa parte deles em Mato Grosso do Sul.

Em 2015, foram registrados 109 suicídios no Estado. Mais de 12 por mês e 6 a cada 15 dias. Mas o número pode ser muito maior. Se levado em consideração os dados da OMS (Organização Mundial da Saúde) – estima-se que para cada caso de suicídio registrado, cinco não foram relatados. E para cada tentativa, outras dez ocorreram – são mais de 500 casos de suícídio e milhares de tentativas.

No primeiro semestre do ano, três casos seguidos chocaram a Capital. No dia 12 de abril, um advogado de 27 anos se jogou do 27º andar de um hotel de luxo em Campo Grande. No dia 13 do mesmo mês, uma estudante de 28 anos, caiu do 3° andar do prédio da universidade em que cursava matemática Dias depois, um homem de 46 anos tomou altas doses de remédios para dormir e também provocou a própria morte. Nos três casos, há indícios de depressão.

Segundo levantamento da Associação de Cabos e Soldados da PM e Bombeiros, três casos de policiais que tiraram a própria vida foram registrados somente neste ano. No último mês, em Porto Murtinho, um delegado aposentado de 61 anos foi encontrado morto embaixo de uma ponte. Por conta de uma "carta de alívio" escrita por ele, acredita-se que tenha cometido suicídio. Ele também sofria de depressão.

Aliás, a depressão e outros transtornos mentais são tidos como importantes fatores desencadeadores do suicídio. Apesar de números tão alarmantes, o assunto ainda é tratado como tabu. Evita-se o assunto, o que só colabora para seu aumento. Segundo Carlos Correia, voluntário do CVV, entidade que atua gratuitamente na prevenção do suicídio há 53 anos, as pessoas que tentam suicídio pedem ajuda, mas, normalmente, não são compreendidas. "Deixar de falar sobre o assunto só colabora para esse distanciamento social", comenta. "O assunto suicídio deveria fazer parte, de forma muito natural, da roda de amigos, nas escolas, casas religiosas e dentro das casas", complementa.

Para tentar destruir o tabu que cerca o assunto, foi criada a campanha "Setembro Amarelo". Com ela, o objetivo é chamar atenção para o tema e, mais que isso, colocá-lo em discussão e conscientizar a população de que existe prevenção em mais de 90% dos casos. Quando a rede de prevenção não funciona, os casos passam e poucos entram nos registros.

Diante desse trágico cenário, Mato Grosso do Sul é destaque. Há anos figuramos no topo da lista de Estados com o maior índice de suicídios do Brasil. Hoje, aparece em quarto lugar no ranking de mortes por suicídios, conforme dados do "Mapa da Violência", divulgado em 2014.

Estrutura

De acordo com a Secretaria Municipal de Saúde Pública, Campo Grande tem seis CAPs (Centros de Atenção Psicossocial). Destes, apenas três oferecem atendimento 24 horas. Os espaços contam com profissionais multidisciplinares para o atendimento aos pacientes, que não precisam passar por triagem. No entanto, a estrutura é pequena, de acordo com especialistas, e o número deveria ser muito maior.

Há também, várias instituições e projetos de apoio e prevenção. Um deles é o **Projeto Labirinto** que discute com crianças e adolescentes as causas e forma de prevenção do suicídio. Qualquer escola ou empresa pode agendar uma visita do grupo de instrutores.

Além disso, o grupo de pesquisa em Bioética do HU oferece o **Primeiro Curso de Prevenção do Suicídio do Brasil**. Serão 50 vagas para interessados em participar das 200 horas do curso que é gratuito.

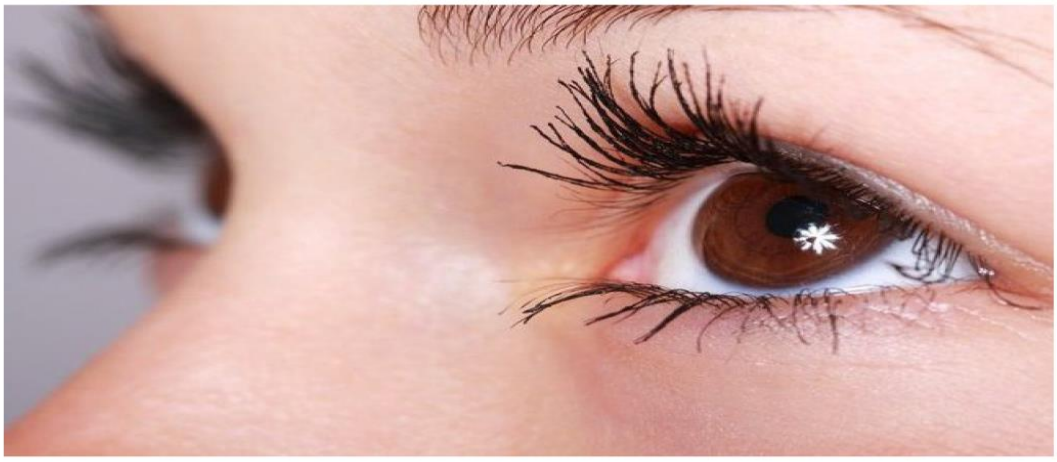
Apoio também pode ser encontrado com o **Grupo Amor e Vida.** Há doze anos eles realizam trabalho de profunda escuta e relação de ajuda à sociedade Brasileira com trabalho humanitário da busca do equilíbrio emocional e prevenção da autodestruição. Interessados podem ligar no número 141.

Aos familiares enlutados, o **Gaepe** (Grupo de Apoio Espiritual às Pessoas Enlutadas) oferece assistência. Por lá, o atendimento é feito no sentido de acolher e ouvir as famílias por meio de rodas de conversas e bate-papos. As ações do "Setembro Amarelo" serão realizadas em todas as cidades brasileiras e em Campo Grande, a ideia é oferecer informações em praças e terminais de ônibus.

Figuras 19 e 20 – Matéria na íntegra do dia 30 de setembro de 2016 do *Midiamax*: "Setembro Amarelo: para quem já pensou em encerrar a própria vida, cada dia é uma vitória"

Setembro Amarelo: para quem já pensou em encerrar a própria vida, cada dia é uma vitória

Tatiana Marin Em 21h01 - 30/09/2016 COTIDIANO



'A vontade de viver é maior'

O Setembro Amarelo chega ao fim com vários acontecimentos dramáticos envolvendo suicídio em Mato Grosso do Sul. O mês da campanha de prevenção aos casos foi sacudido com boatos, rumores e mais notícias de mortes do que gostaríamos de publicar. Finalizando o mês, mas não as iniciativas de remover o tabu que cerca o assunto, trazemos a história de uma sobrevivente. Do sofrimento às tentativas, hoje ela luta constantemente com este fantasma, mas afirma que a vontade de viver é maior! Cada dia é para ser comemorado, como uma vitória.

Falando calma e pausadamente, nossa personagem contou sua história, de quem tentou não só uma, mas 3 ou 4 vezes, como ela própria diz. "Sempre fui uma pessoa triste. Depressão não começa de uma hora pra outra. Minha família tem essa característica depressiva. Hoje entendo que a tristeza que sentia desde a infância e a adolescência não era frescura e sim uma doença muito séria", recorda ela. "Trabalhava e estudava e achava que ia passar. Mas não passa! O certo é pedir ajuda!"

Derrota para a dor

Foi quando teve câncer que ela sucumbiu ao sofrimento. Há 6 anos, quando tinha 36, foi diagnosticada com um tumor maligno na mama. Além do tratamento e seus efeitos, as pessoas não sabiam como lidar com o fato e ela passou a ficar mais depressiva.

“Achei que conseguiria lidar com a situação. A primeira quimioterapia foi tranquila, mas no segundo ciclo o cabelo começou a cair e passei muito mal. Eu achava que seria forte, dispensei peruca e lenço, mas depois eu vi que não estava dando conta. As pessoas me olhavam com dó e comiseração, achavam que eu ia morrer”.

Ingestão de remédios e pulsos cortados foram os métodos utilizados. Os familiares a encontravam e levavam ao hospital, onde ficava internada para desintoxicação. Porém a última tentativa foi mais grave, ficou em coma. “Quando saí do coma minha família quis me internar em uma clínica psiquiátrica e eu aceitei. Eu quis. Foram 40 dias muito difíceis, pois eu ficava junto com pacientes com outras patologias”.

“Não queria mais viver mesmo! Morrer pra mim era uma solução, hoje eu sei que não é, mas era a única saída que eu encontrava. A sociedade diz que quem tenta suicídio, o faz somente para chamar atenção, mas eles não sabem o quanto dói! As pessoas não compreendem, elas julgam, elas não sabem o que se passa.”

Minimizar o sofrimento do outro é um dos maiores erros que se comete com pessoas depressivas. O capelão Edilson dos Reis, coordenador do curso de prevenção ao suicídio do HU/UFMS diz que somente quem carrega a dor é que sabe o quanto ela pesa. “Tinha gente que me criticava ao extremo, outros ajudavam. Quem realmente é amigo e te ama te respeita. Muitos se aproximaram e muitos se afastaram. Mas eu compreendo as pessoas, é difícil entender”.

O gatilho que a levou tentar suicídio pela primeira vez foi quando ficou sabendo de comentários a seu respeito. “Eu trabalhava na área da saúde na época em que estava me tratando do câncer. Uma pessoa me contou que um médico havia dito que eu não teria 3 meses de vida. Então eu pensei ‘vou morrer mesmo, por que vou ficar sofrendo?’ Minhas unhas caíram, meus cabelos caíram, eram vários os efeitos colaterais”.

Ela abandonou o tratamento do câncer por pelo menos três vezes. Talvez nas mesmas ocasiões em que tentou se matar. Passaram-se os três meses da previsão dada pelo médico. Passaram-se as tentativas. E ela sobreviveu. “Família e amigos me motivaram a continuar a viver. Vi que minha mãe estava sofrendo com essa situação”.

Luta constante

“Hoje ainda tenho meus momentos de altos e baixos, mas a vontade de viver é maior. Os pensamentos ainda passam pela minha cabeça. Quem tenta se matar e sobrevive não está imune a isso. Mas eu pretendo não fazer mais. Mas é como aquele diabinho que fica te cutucando e luto contra isso todos os dias!”

Nossa personagem passou por um momento que a abalou muito. O irmão gêmeo foi assassinado em um assalto, há três meses. “Sofri muito, mas tenho minha mãe e não posso deixar a peteca cair”, conta ela.

“Quando penso em morrer, me deito, peço pra Deus acalmar coração, leio a Bíblia e

penso na minha mãe. Ela não suportaria mais esta tragédia. Tenho algumas amigas com quem converso também. Elas são amigas mesmo. E quando estou triste, procuro compartilhar, elas conseguem entender. Quem sofre quer um ombro amigo. Eu sou importante e, apesar de tudo, vale a pena viver. Ninguém está aqui por acaso, por isso tento viver a vida da melhor forma possível”.

Uma das receitas desta sobrevivente é se permitir sofrer, não esconder o sentimento. “Quando estou com vontade de chorar, eu choro. Há alguns dias chorei bastante, conversei comigo e no dia seguinte me senti melhor e procuro me ocupar o máximo possível. Tenho meu companheiro e meus animais de estimação que me cercam”.

Apesar de não desejar se identificar para esta reportagem, ela diz que conta sua história e conversa sobre suicídio. “Quando vejo alguém reclamando da vida eu conto minha experiência. Morrer não resolve”, ensina ela.

O conselho é que “as pessoas fiquem atentas. O quadro de depressão é nítido, você vê nos olhos, a pessoa depressiva não quer participar de nada. E muita coisa, muito sofrimento e, às vezes, a gente não dá conta”. Por anos, ela fez

tratamento e tomava vários remédios e hoje não passa mais por terapia e não faz uso de medicamentos.

Ela recomenda que aqueles que sofrem devem procurar ajuda. “Psiquiatria é uma profissão fantástica. Eu digo que psiquiatra coloca sal em cima da ferida, mas só assim pra curar. Tem que ficar falando. As pessoas precisam entender que não é médico de louco, psiquiatra é essencial, mas as pessoas tem vergonha. Não pode ser assim”.

Setembro amarelo

Durante todo o mês de setembro, entidades como Centro de Valorização da Vida (CVV), Conselho Federal de Medicina (CFM) e Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) colocam o tema do suicídio em pauta. O **Jornal Midiamax** endossa a campanha e promove reflexões por meio das reportagens que noticiam suicídio, a fim de romper com o tabu que promove desinformação. Confira, a seguir, algumas matérias especiais escritas pelos jornalistas do **Midiamax**:

MS tem segunda maior taxa de suicídio entre jovens
Famílias usam a fé para superar a dor da perda
Como identificar e ajudar quem apresenta tendências suicidas
Campanha na internet oferece 'ombro virtual' e divide opiniões
Crise financeira pode elevar risco de suicídio, diz psiquiatra
Confinamento cultural' reflete altas taxas de suicídio
Deixar de falar sobre suicídio aumenta ainda mais o tabu', afirma voluntária do CVV

Figuras 21 e 22– Matéria na íntegra de 22 de setembro de 2017 do *Midiamax*: "Mais de 11 mil pessoas se suicidam por ano no Brasil, aponta estudo"

Mais de 11 mil pessoas se suicidam por ano no Brasil, aponta estudo

Joaquim Padilha Em **13h18 - 22/09/2017** COMPORTAMENTO

Boletim mostra que indígenas são os que mais se matam

Cerca de 11 mil pessoas morrem vítimas do suicídio todos os anos no Brasil. Esses são os dados apresentados pelo Ministério da Saúde no primeiro boletim epidemiológico sobre suicídio, divulgado nesta quinta-feira (21).

As estatísticas mostram que, entre 2011 e 2016, mais de 62,8 mil pessoas tiraram suas próprias vidas no Brasil. A maioria, 79%, foram homens, enquanto 21% são mulheres. O boletim faz parte das ações do Setembro Amarelo, mês dedicado à prevenção ao suicídio.

Segundo o boletim, para cada mulher que se matou, quatro homens cometeram suicídio. Para a diretora do Departamento de Vigilância e Doenças e Agravos Não-Transmissíveis, Fátima Marinho, o número de suicídios pode ser maior.

Segundo ela, há um tabu sobre o suicídio, principalmente nas classes sociais mais alta, o que dificulta a identificação dos casos. "As pessoas mais pobres, em geral, captamos a morte porque ela vai pro IML", diz Fátima

Grupos

A maior taxa de mortalidade entre os grupos étnicos é entre indígenas, sendo que 44,8% dos suicídios entre índios ocorre com pessoas de 10 a 19 anos. A cada 100 mil habitantes, são registradas 15,2 mortes entre indígenas, 5,9 entre brancos, 4,7 entre negros e 2,4 entre amarelos.

A secretaria Especial de Saúde Indígena, Lívia Vitenti, aponta como motivo para as mortes de indígenas o alto uso de álcool entre essa população, as disputas territoriais e conflitos com a população não indígena.

O boletim mostra também que os idosos, de 70 anos ou mais, estão entre as maiores taxas, chegando a 8,9 suicídios para cada 100 mil habitantes. Para Fátima, isso ocorre pois eles são vítimas de doenças crônicas, depressão e abandono familiar.

A maioria absoluta dos suicídios, 62%, foram por meio de enforcamentos. Mas os suicidas também utilizaram armas de fogo e intoxicação para tirar as próprias vidas. Nos EUA, o mais comum é o uso da arma de fogo, onde são liberadas.

Mais solteiros se suicidam do que pessoas que mantém relacionamentos afetivos, segundo as estatísticas: 60,4% dos casos registrados são de pessoas solteiras, viúvas ou divorciadas, e 31,5% eram casadas ou mantinham relação estável.

Figura 23 – Matéria na íntegra do dia 22 de setembro de 2018 do *Midiamax*: "Precisamos falar de suicídio, um dos maiores tabus do jornalismo"

Precisamos falar de suicídio, um dos maiores tabus do jornalismo

Ao contrário do que se pensa, assunto deve ser noticiado, mas de forma responsável e contextualizada

Guilherme Cavalcante Em **08h58 - 22/09/2018** COTIDIANO

Em números absolutos, porém, o Brasil de dimensões continentais ganha visibilidade nos relatórios: é o oitavo país com maior número de suicídios no mundo, segundo ranking divulgado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) em 2014.

Depressão, drogas, abusos e bullying

O suicídio na juventude intriga médicos, pais e professores também pelo paradoxo que representa: o sofrimento num período da vida associado a descobertas, alegrias e amizades, não a tristezas e morte.

O tema foi debatido na quinta-feira numa roda de conversa organizada pelo Centro Acadêmico Sir Alexander Fleming (Casaf), do curso de Medicina da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com a presença de estudantes e professores.

Durante o mês de setembro, campanha quer promover informações sobre suicídio, na perspectiva da prevenção (Foto: Divulgação | ABP)

É nesse contexto que, desde 2014, a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e o Conselho Federal de Medicina (CFM) realizam a campanha Setembro Amarelo, cujo objetivo é colocar o assunto em pauta na sociedade, sempre na perspectiva da prevenção. E o jornalismo tem papel fundamental na iniciativa. Neste ano, o tema do Setembro Amarelo é "Suicídio é uma emergência médica", e escancara a necessidade de se tratar o tema como um problema de saúde pública.

Suicídio: por que noticiar?

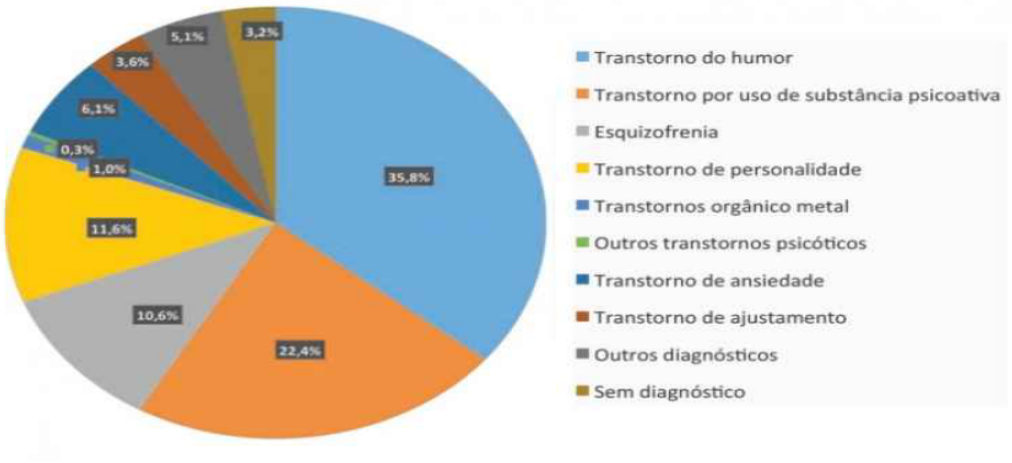
A ideia de que noticiar suicídios pode provocar a repetição de episódios semelhantes, o que é conhecido como Efeito Werther (personagem da literatura alemã do Século XVIII que se matou por um amor não correspondido e que teria influenciado leitores a fazer o mesmo) é controversa. Por um lado, está o fato de que pessoas com predisposição ao suicídio podem entender certas reportagens – ou filmes, livros e demais narrativas – como uma sugestão, caso o conteúdo seja apresentado de forma inadequada.

Do outro, especialistas no assunto entendem que uma boa reportagem, que apresente recursos para que a pessoa com propensão a se matar possa encontrar outro caminho, pode salvar vidas.

O médico psiquiatra Marcos Estevão dos Santos Moura destaca papel do jornalismo na prevenção ao suicídio (Foto: Luiz Alberto | Arquivo Midiamax)"90% dos episódios são decorrentes de transtornos mentais e podem ter tratamento eficaz. E quando a

pessoa não vê saída, ela ou algum ente querido pode encontrar numa reportagem uma alternativa", explica Marcos Estevão dos Santos Moura, psiquiatra de Campo Grande associado à ABP.

Segundo ele, transtornos mentais como depressão, esquizofrenia, transtornos de personalidade, reações decorrentes do uso de drogas lícitas ou ilícitas e demais problemas de ordem psicológica podem ser tratados se houver diagnóstico e acompanhamento médico. "São informações importantes para constar numa reportagem realmente informativa", completa.



Principais causas de suicídio (Fonte: ABP)

O que está errado?

Os principais problemas de conteúdos jornalísticos sobre suicídio moram na condução da pauta, muitas vezes tratada de forma meramente factual e superficial, e no detalhamento inadequado das mortes, como descrição de método, divulgação de cartas de despedida e demais informações que transformam os acontecimentos em sensacionalismo sob holofotes.

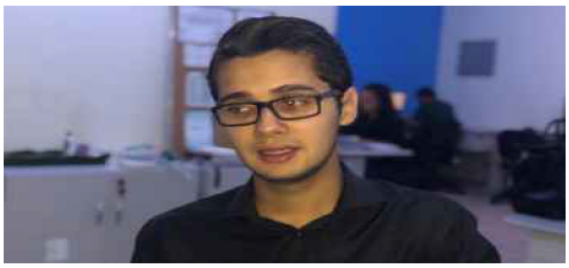
"É desta forma que o tema é inadequadamente abordado no jornalismo e o papel de contribuir com a prevenção não é alcançado. Em alguns casos, pode até estimular alguns indivíduos em situação de maior vulnerabilidade. É por isso que

Avanços

Para o jornalista e pesquisador Patrick Alif Fertrin Batista, que investiga em seu curso de mestrado a relação entre portais de imprensa de Mato Grosso do Sul e temas considerados estigmatizantes, houve avanços consideráveis na imprensa do Estado ao noticiar o suicídio.

"Os principais veículos têm apresentado uma evolução significativa não só em relação ao suicídio, mas em relação a todos os temas considerados complexos, como aborto, questões de gênero e sexualidade e drogas", destaca o pesquisador. "Em relação ao suicídio, já percebemos que as reportagens são mais completas, trazem a fala de especialistas e não se limitam ao factual", completa.

Segundo o levantamento de Batista, o ano de 2015, o primeiro no qual notou-se um engajamento da imprensa com o Setembro Amarelo, é considerado uma espécie de marco. A partir dessa data, a abordagem adequada sobre suicídio nos jornais teriam se tornado mais consistentes.



O jornalista e pesquisador Patrick Alif observa evolução na imprensa de MS no trato com o tema tabu (Foto: GC | Midiamax)

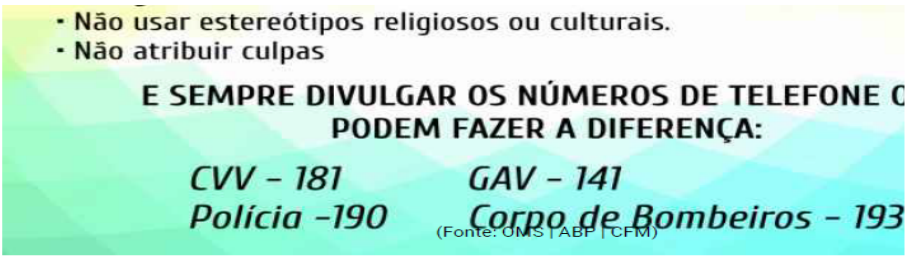
"Entre os destaques estão as alternativas ao suicídio. O leitor se depara com informações tanto para dar suporte a alguém como para que possa ele mesmo buscar ajuda, para si. Isso é importante, porque além de colocar o assunto em discussão, pode efetivamente ajudar as pessoas", explica.

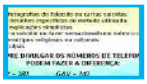
Todavia, segundo Batista, os problemas em noticia suicídio ainda persistem, sobre tudo nos jornais menores e do interior do Estado. Dentre as inadequações mais comuns, continuam a divulgação de fotos, descrição de método de suicídio, eufemismos desnecessários e publicação de cartas suicidas.

"Quando o repórter detalha esse método, ocorre aquilo que chamamos de 'trigger', ou 'gatilho', que são as situações que podem refletir no comportamento do leitor. Se ele enfrenta uma depressão, um luto, ou qualquer condição que seja considerada vulnerável para o autoextermínio, há a possibilidade dele reproduzir, sim, o que lê", detalha. "Ou pode induzir que o leitor banalize esses episódios tão lamentáveis", completa.

Precisamos falar de suicídio, um dos maiores tabus d...

< PREV 1 de 2 NEXT >





O interesse por tratar o suicídio no jornalismo ocorreu ainda na graduação. Junto ao jornalista Victor Hugo Sanches Pereira, o pesquisador desenvolveu um livro reportagem sobre tema semelhante ao de sua dissertação. Naquela etapa, o capelão Edilson dos Reis foi co-orientador. Daí, surgiu a parceria, na qual desde 2015 o trio promove workshops voltados a jornalista.

Nos encontros, eles apresentam aos profissionais as principais orientações para tratarem do suicídio na pauta diária. Para tanto, seguem um Manual elaborado no ano 2000 pela OMS (Organização Mundial da Saúde), que aponta os caminhos para uma reportagem informativa sobre o tema. A ABP, que encampa a campanha Setembro Amarelo, também atualiza as informações sempre que pertinente **(clique AQUI para fazer o download da última versão).**

"É importante que essas informações circulem e que sejam tratadas pelos profissionais de jornalismo já durante a formação. O suicídio como tabu pode impedir que vidas sejam salvas. Precisamos continuar falando sobre esse tema", conclui o pesquisador.

Confira as reportagens já publicadas na série sobre suicídio no Jornal Midiamax:

- **Mal que não se vê: estudo liga uso de agrotóxicos a tentativas de suicídio em MS**
  Não é drama: quase 200 jovens tentaram se matar em Campo Grande nos últimos 6 meses

Figuras 24 e 25 – Matéria na íntegra do dia 30 de setembro de 2018 do *Midiamax*: "Setembro Amarelo: jovens superam preconceito sobre depressão e relatam superação"

Setembro Amarelo: Jovens superam preconceito sobre depressão e relatam superação

Preconceito começa com os pais e até pacientes, que não aceitam diagnóstico

Cleber Rabelo Em **12h17 - 30/09/2018** COTIDIANO

Foto: Minamar Júnior

"Chega de frescura", "para de fazer birra", "vai procurar uma igreja", "deixa de mimimi". Antes de acreditar que suicídio seria uma maneira de por fim ao sofrimento causado pela depressão, a advogada E.C.B, de 29 anos, e o músico C.B.R, de 34 anos, escutaram muitas vezes de seus familiares essas frases citadas acima.

Para as famílias dos dois personagens, a cura da depressão está na igreja, no trabalho ou em qualquer atividade que ocupe a cabeça, desconsiderando que o problema seja de fato uma doença e que tenha que ser tratada como tal.

A advogada de 29 anos enfrenta depressão desde a adolescência. A psicóloga da escola onde ela estudava, percebeu o comportamento retraído da estudante em sala de aula e na época chamou os pais para uma conversa. "A psicóloga alertou minha mãe sobre o meu comportamento, mas percebeu que minha família era religiosa e não acreditava em doenças psicológicas. Ela recomendou aulas de música e pintura, mas infelizmente não adiantou."

A depressão persistiu na vida de E.C.B até a fase adulta. Aos 28 anos, a advogada pensou em cometer suicídio. "Eu cheguei a um ponto que não conseguia me olhar no espelho, já não saía de casa e fiquei quatro dias sem tomar banho. Foi quando questionei a razão pela qual estava viva", relata a advogada.

Foto: Minamar Júnior

Mas foi durante a última crise de pânico que a advogada desistiu da ideia de suicídio. “Meu ex-marido disse que sozinha eu não venceria esse mal. Essas palavras ficaram gravadas em minha memória. Foi a partir daquele dia que comecei a aceitar a ideia de procurar um psicólogo. No início eu não acreditava no tratamento, mas com o tempo, fui percebendo que me escutava mais e conseguia raciocinar. A terapia ajudou a me conhecer melhor e lembrar que tenho uma família, razão pela qual ainda estou viva”, conta a advogada.

O músico C.B.R, de 34 anos, enfrenta depressão desde os dez anos. A família dele também não acreditava em doenças psicológicas. O músico enfrentava a doença na infância, mas não sabia do que se tratava. “Eu sentia uma tristeza profunda, um desânimo e vontade de desaparecer. Quando falei para os meus pais, eles pediram para que eu frequentasse uma igreja e arrumasse um serviço. Para eles a solução do problema era essa.”

C.B.R foi levado ao psiquiatra aos 19 anos, depois de procurar igreja, trabalho e realizar vários exames cardiológicos. “Minha família já havia sido orientada por um cardiologista para que procurasse um psiquiatra, mas minha mãe foi categórica em responder ao médico que eu não tinha motivos para ser doido.

Com o tempo, fui perdendo peso, não saia do quarto e percebi que minha mãe ficou preocupada, por isso me levou ao psiquiatra.”

Foto: Minamar Júnior

Durante a consulta com o psiquiatra, o músico relata que em poucos minutos ele chegou a um diagnóstico. “Falei que tinha crises de pânico, medo de ambiente cheio, medo de passar mal em público e ele me interrompeu dizendo: é síndrome do pânico e tem tratamento. Minha vida mudou naquele momento, porque eu realmente pensava que era louco.”

O músico começou o tratamento com remédios controlados e voltou a ter uma vida normal, mas a ideia de suicídio veio durante o tratamento. “Mesmo percebendo que estava melhorando, minha mãe continuou não aceitando que o filho dela tivesse problemas psicológicos, então resolveu esconder os remédios, para ver como eu ficaria. Foi terrível, meu organismo já estava acostumado com a medicação e a depressão voltou em escala muito maior. Eu não conseguia levantar da cama, até que cheguei à conclusão de que não valia a pena viver nesse sofrimento.”

Segundo o músico, a falta do remédio provocou uma crise muito forte, que deixou a mãe assustada e devolveu a medicação. “Eu realmente pensei em tomar uma overdose, quase cometi suicídio, mas mesmo naquele momento consegui raciocinar sobre razões que valiam a pena viver. Pensei no sofrimento que causaria à minha família e logo desisti do suicídio”, relata o músico.

DEPRESSÃO TEM TRATAMENTO

A psicóloga Karoline Vieira Mincarone afirma, que não só os pais tem preconceito em admitir que os filhos tenham algum tipo de doença psicológica, mas em alguns casos, os próprios pacientes não aceitam essa condição. “Para algumas pessoas, é muito difícil reconhecer que precisam de ajuda. Aceitar a doença é um grande passo durante o tratamento.”

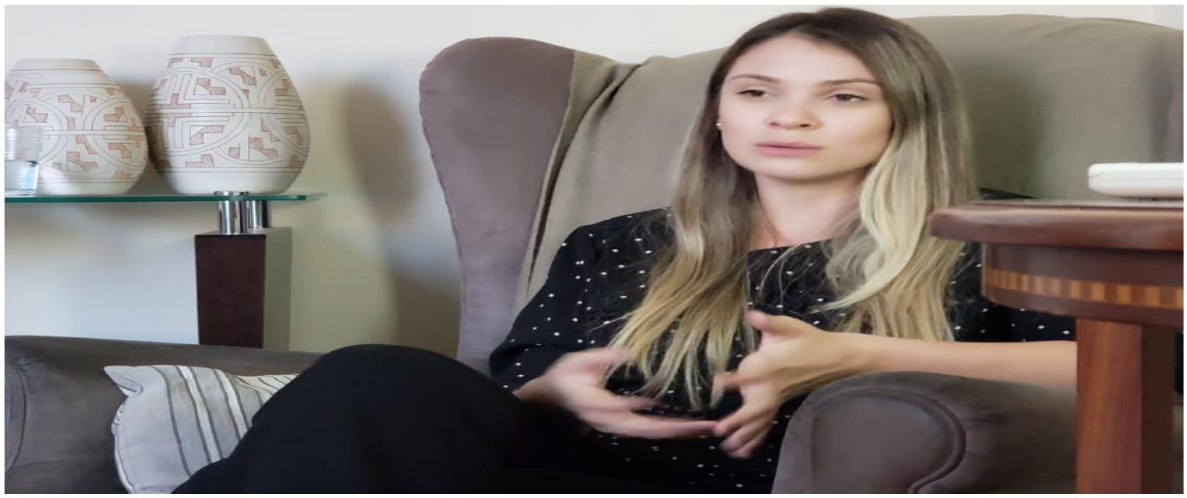


Foto: Cleber Rabelo

Segundo a psicóloga, o tratamento a partir da terapia, promove questões de autoconhecimento e ensina o paciente a traçar estratégias para lidar com a depressão. "A depressão é uma doença que gera comportamentos negativos na vida da pessoa, e ela consequentemente sofre com aquilo. O objetivo da terapia é encontrar caminhos para que o paciente aprenda a lidar melhor com cada situação, no sentido da superação."

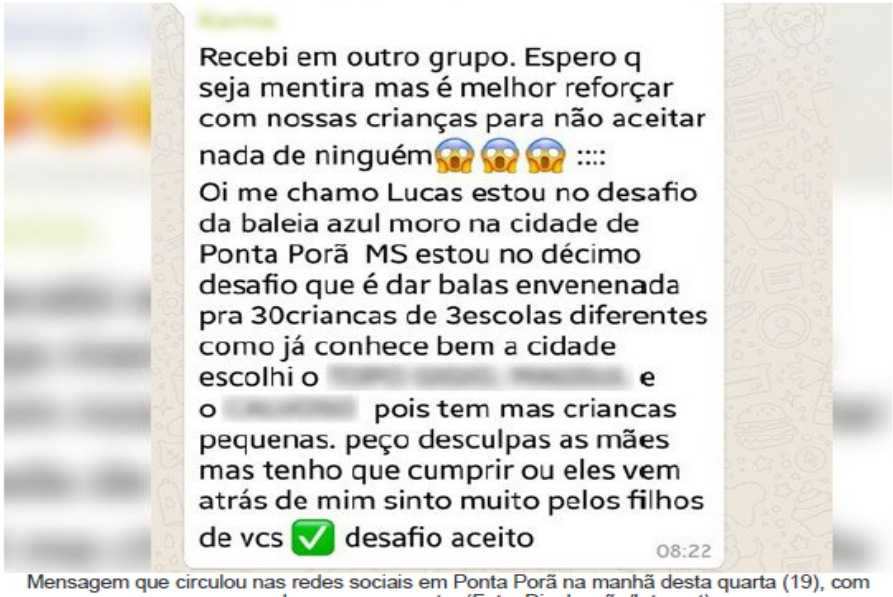
A psicóloga ressalta que é importante os pais estarem atentos em relação ao comportamento dos filhos. "Mesmo em casos de pessoas alegres, que tenham depressão, é possível identificar sinais através de publicações em redes sociais, contato com amigos íntimos, é muito difícil o paciente não expressar nenhum tipo de sinal. É preciso também tomar cuidado com quem avisa que vai cometer suicídio, porque existe um mito, de que pessoas que falam, não se matam. A pessoa pode avisar de outras maneiras, é questão de percepção. O familiar deve ficar atento, porque é possível evitar uma tragédia e tratar a depressão", afirma a psicóloga.

Figuras 26 e 27 – Matéria na íntegra do dia 19 de abril de 2017 do *CG News*: "Mensagem sobre 'jogo da morte' chega à polícia e põe escolas em alerta"

Mensagem sobre 'jogo da morte' chega à polícia e põe escolas em alerta

Autor de mensagem que corre em redes sociais estaria participando do game' Baleia Azul', que incentiva práticas de violência, automutilação e atos suicidas.

Anahi Gurgel



Mensagem que circulou nas redes sociais em Ponta Porã na manhã desta quarta (19), com ameaças de envenenamento. (Foto: Divulgação/Internet)

Professores de duas escolas de Ponta Porã procuraram a 1ª Delegacia da Polícia Civil do município, distante 346 quilômetros de Campo Grande, na manhã desta quarta-feira (19), depois que tiveram acesso a uma mensagem com ameaças de envenenamento aos alunos.

A suspeita é que o autor do texto estaria participando do "Baleia Azul", jogo que está chamando atenção do mundo todo por incentivar atos violentos, a automutilação e comportamento suicida entre jovens.

De acordo com o registro, uma professora teria recebido a mensagem repassada por outras pessoas como alerta aos pais e responsáveis, e solicitaram medidas investigativas para apurar a autoria e veracidade do teor.

Confira na íntegra a mensagem:

"Oi me chamo Lucas estou no desafio da Baleia Azul moro na cidade de Ponta Porã MS estou no décimo desafio que é dar balas envenenadas para 30 crianças de 3 escolas diferentes como já conhece bem a cidade escolhi o Magsul, Topo Gigio e Calvoso, pois tem mais crianças pequenas. Peço desculpas às mães mas tenho que cumprir ou eles vêm atrás de mim sinto muito pelos filhos de vcs ** desafio aceito".

Fato semelhante foi registrado no município de Ipanema, em Minas Gerais, também nesta quarta-feira, quando mensagem que circulou em redes sociais dizia que jovem daria balas envenenadas para crianças de três escolas da cidade. A Polícia Militar, no entando, considerou o fato um boato.

O **Campo Grande News** entrou em contato com o delegado Lucas Caires, responsável pela 1ª DP do município, e também com a assessoria de imprensa da Polícia Civil de Mato Grosso do Sul para obter informações oficiais sobre o caso, mas até o fechamento da matéria não houve retorno.

Jogo periogoso - O Baleia Azul, ou "Blue Whale", é um game de internet que teria surgido na Rússia, estaria levando jovens a praticarem mutilações e até o suicídio. O jogo seria

coordenado por um curador ou moderador que distribui tarefas a partir de comunidades fechadas de Facebook ou **WhatsApp**.

Jogo de internet "Baleia Azul" estaria incentivando adolescentes a cometerem automutilação e até suicídio. (Imagem: Internet)

Ele instiga jogadores, a grande maioria adolescentes, a cumprirem 50 desafios diariamente. O último deles é retirar a própria vida.

Entre os desafios do game estão escrever frases e fazer desenhos com objetos pontiagudos na palma da mão e nos braços, mutilar partes do corpo, ficar pendurado em guindastes, assistir a filmes de terror e subir em telhados de madrugada, ir a uma estrada de ferro de madrugada, e, enfim, cometer suicídio.

São mais de 56 mil vídeos sobre o assunto no YouTube. Vários grupos fechados em redes sociais com adolescentes comentam o tema. Autoridades de alguns países, como a Inglaterra, já emitiram alertas sobre o jogo.

No município de Pará de Minas, em Minas gerais, o falecimento do jovem Gabriel Antônio dos Santos Cabral, de 19 anos, está sendo investigada como relacionada ao "jogo da morte".

A família informou que ele estava tentando deixar o grupo da internet, mas que vinha sendo muito pressionado. O rapaz, que sofria de depressão, teria ingerido diversos medicamentos e o corpo foi encontrado pela esposa, no quarto do casal.

Outro caso investigado pela polícia ocorreu em Vila Rica, no Mato Grosso, onde a morte da adolescente Maria de Fátima da Silva Oliveira, de 16 anos, teria relação com o “Baleia Azul”.

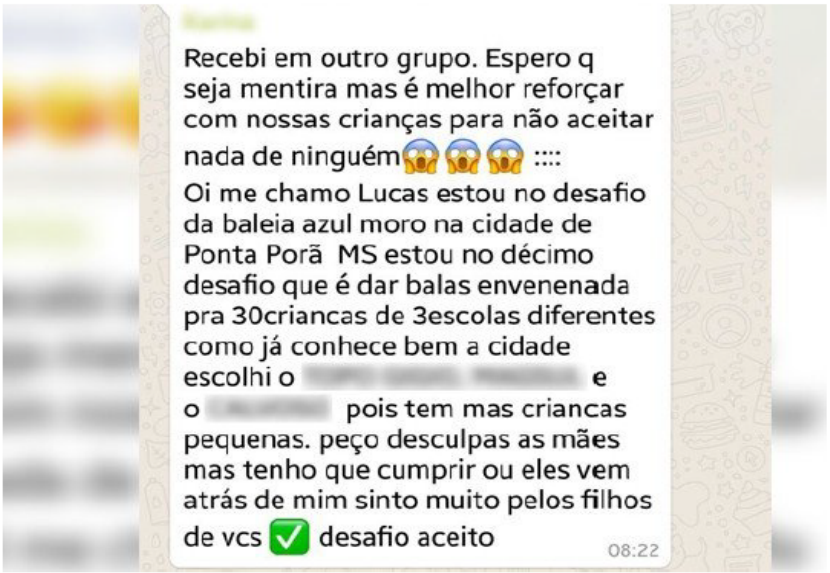
A jovem foi encontrada morta na última terça-feira (11) dentro de uma represa.

Figura 28 – Matéria na íntegra do dia 19 de abril de 2017 do *CG News*: "Carta sobre 'jogo do suicídio' será enviada a pais e professores de MS"

Carta sobre 'jogo do suicídio' será enviada a pais e professores de MS

Orientações sobre o "Baleia Azul" serão direcionadas a docentes, pais e responsáveis de todas as escolas estaduais

Anahi Gurgel



Mensagem que circulou nas redes sociais de Ponta Porã, na manhã desta quarta-feira (19), levou professores a registrarem ocorrência na Polícia Civil. (Imagem:Internet)

Uma carta com orientações sobre o jogo "Baleia Azul", que estaria estimulando a automutilação e práticas suicidas em adolescentes, está sendo elaborada pela Secretaria Estadual de **Educação**. O objetivo é que o texto, com alertas e esclarecimentos sobre o "jogo mortal", seja encaminhado a professores, pais e responsáveis de alunos de todas as escolas da rede estadual de ensino.

"A carta será concluída ainda nesta quarta-feira (19) e direcionada às instituições o mais rápido possível", informou a secretária Maria Cecília Amêndola da Motta.

A preocupação veio à tona na manhã de hoje, quando professores de três colégios de Ponta Porã registraram boletim de ocorrência na 1ª Delegacia de Polícia Civil do município depois que tiveram acesso a uma mensagem ameaçadora.

Nela, um jovem identificado como Lucas, afirma ser morador de Ponta Porã e estar participando do desafio da Baleia Azul, o que o levaria a dar balas envenenadas para 30 crianças das escolas Magsul, Topo Gigio e Calvoso. A mensagem encerra com pedido de desculpas às mães: " mas tenho que cumprir ou eles vêm atrás de mim. sinto muito pelos filhos de vcs ** desafio aceito".

A Polícia Civil de Mato Grosso do Sul, por meio da assessoria de imprensa, informou que, conforme levantamento, foi registrado boletim de ocorrência envolvendo o jogo "Baleia Azul" somente em Ponta Porã.

"Os professores se sentiram no dever de requisitar a ação policial e registraram a ocorrência para se sentirem mais seguros, mas não há qualquer indício da veracidade do fato", informa a fonte oficial da corporação.

A nota ressalta que o texto da mensagem é exatamente o mesmo que está circulando nas redes sociais de outros estados da Federação, portanto, não é possível afirmar nem se o autor da mensagem seria morador de Ponta Porã.

“Muitas pessoas aproveitam o calor dos assuntos que preocupam a sociedade para fazer brincadeiras de mau gosto e emplacar boatos". Por enquanto, não houve nenhum caso propriamente dito de jovens envolvidos com o jogo da internet, o que inclui Campo Grande, onde não há registro na DPCA (Delegacia Especializada de Proteção a Criança e Adolescente).

O Baleia Azul, ou “Blue Whale”, é um game que está preocupando a população em diversos países do mundo e, recentemente, no Brasil. O jogo teria sido criado na Rússia e propagado para outros lugares por meio da web, em grupos fechados do Facebook e **WhatsApp**, com foco principalmente em adolescentes.

Funciona com um moderador, que lança 50 desafios 'macabros', que vão desde a escrita de frases e códigos feitos com lâminas em mãos e braços, frequentar locais perigosos de madrugada, como telhados de edifícios, trilhos de trem e guinchos, até a tarefa final, que é retirar a própria vida.

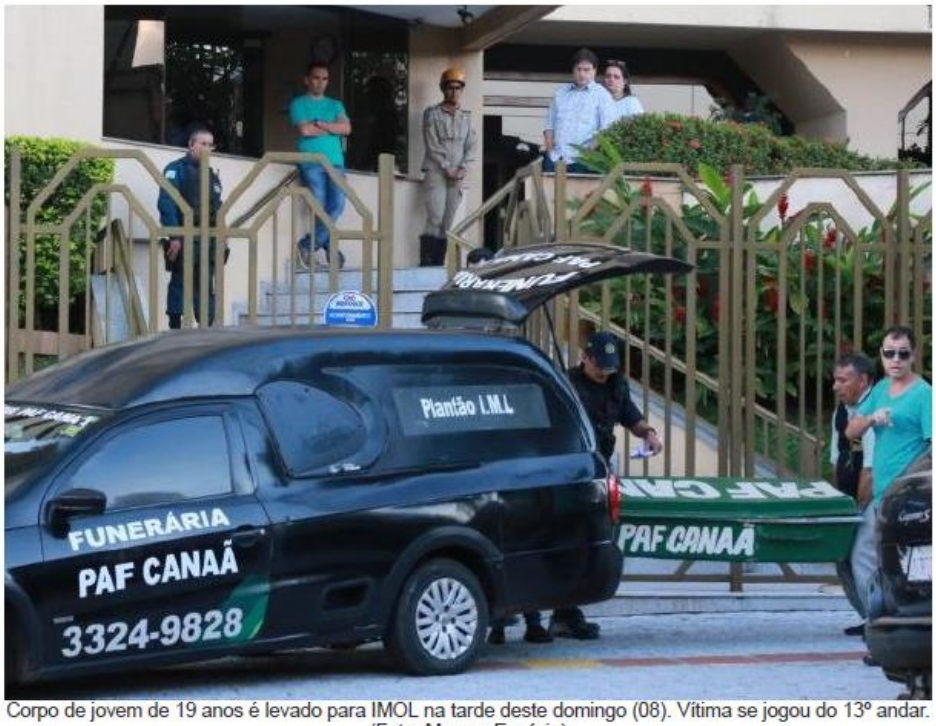
Casos misteriosos de mortes de jovens em Minas Gerais e Mato Grosso estão sendo investigados para averiguar a relação com o Baleia Azul.

Figuras 29 e 30 – Matéria na íntegra do dia 07 de maio de 2017 do *CG News*: "Polícia diz que jovem sofria de depressão e se jogou do 13º andar"

Polícia diz que jovem sofria de depressão e se jogou do 13º andar

Rapaz de 19 anos participava de comunidades de jogos online e já teria tentado tirar a própria vida outras vezes.

Anahi Gurgel



Corpo de jovem de 19 anos é levado para IMOL na tarde deste domingo (08). Vítima se jogou do 13º andar. (Foto: Marcos Ermínio)

A Polícia Civil confirmou que a morte do jovem de 19 anos, após queda do 13º andar de um prédio localizado na região central de Campo Grande, foi provocada pela própria vítima, que se jogou da janela de seu quarto por volta das 16h deste domingo (7).

A informação foi repassada pelo delegado da Depac (Delegacia de Pronto Atendimento Comunitário), Camilo Kettenhuber Cavalheiro, que atendeu ocorrência no edifício José Dias de Carvalho, na Rua Antônio Maria Coelho, em frente ao Hipermercado Extra.

Ele disse que os pais da vítima encontravam-se no apartamento no momento em que o jovem se jogou. "O garoto sofria de depressão profunda desde os 11 anos, tinha acompanhamento psiquiátrico até 3 vezes por semana e fazia uso de medicamentos controlados", contou.

O delegado informou ainda que o jovem já havia ameaçado tirar a própria vida diversas vezes e que, inclusive, teria cortado com uma tesoura a grade do quarto, no mês passado.

"Nesse dia, a mãe chegou no quarto a **tempo** de retirar o filho da janela, que estava se preparando para saltar", relata.

O que pode ter contribuído para essa atitude, segundo o delegado, é que a vítima participava de muitos grupos de jogos online. "Foram encontradas conversas de chats, que indicaram que recentemente ele foi expulso de uma comunidade virtual, o que teria agravado seu estado de abatimento", relata o delegado.

Notebook de jovem foi levado pela polícia para verificar relação com jogos virtuais. (Foto: Marcos Ermínio).

Titular da Depac, Camilo Cavalheiro, em frente a edifício. "A família está muito abalada". (Foto: Marcos Ermínio)

A polícia levou notebook e computador do jovem para investigar o caso que, aparentemente, não teria relação com o jogo "Baleia Azul". "Não encontramos nenhuma referência específica a esse game. Estamos levando os equipamentos para verificar todas as possibilidades", disse.

Camilo Cavalheiro contou ainda que os pais do jovem são franceses, muito rígidos, e exigiam muito do filho em relação aos estudos, mas que haviam decidido reduzir a cobrança e estimular o garoto a fazer supletivo. O jovem tinha outras duas irmãs, que não residem em Campo Grande.

O Corpo de Bombeiros foi acionado para atender a ocorrência, mas quando chegou ao local encontrou o rapaz morto. O corpo foi levado para o Imol (Instituto de Medicina e Odontoplogia Legal).

Figura 31 – Matéria na íntegra de 09 de maio de 2017 do *CG News*: "Jovens entre 15 e 29 anos são os que mais tentam tirar a própria vida"

Jovens entre 15 e 29 anos são os que mais tentam tirar a própria vida

Este ano, entre janeiro e março 220 pessoas tentaram se matar, a maioria mulheres; psiquiatra liga casos à imaturidade

Anahi Gurgel

Em um período de 1 ano e 3 meses, 1098 pessoas tentaram o suicídio em Campo Grande, segundo a Sesau. (Foto: André Bittar)

A morte de um rapaz de 19 anos, que se jogou do 13º andar do edifício onde morava, na tarde de domingo (7), em Campo Grande, reacende um sinal de alerta na sociedade sobre as tentativas de suicídio entre jovens e adolescentes, especialmente quando há diagnóstico de depressão grave e tentativas anteriores de tirar a própria vida.

Dados da Sesau (Secretaria Municipal de **Saúde**), por meio do NPV (Núcleo de Prevenção às Violências e **Acidentes** e Promoção à **Saúde**), mostram que entre os meses de janeiro e março de 2017, foram 220 tentativas de suicídio na Capital, 13 a mais em relação ao mesmo período de 2016.

Os números revelam que, do total nos três primeiros meses do ano, 126 dos que tentaram se matar têm idade entre 15 e 29 anos.

Ainda levando em conta o primeiro trimestre de 2017, foram registradas 163 tentativas de suicídio por mulheres e 57 homens. Também aparecem nas estatísticas 11 adolescentes com idade entre 10 e 14 anos.

Para o psiquiatra Marcos Estevão Mourão, o alto índice entre jovens se deve a vários fatores, mas está muito ligado à imaturidade. "O jovem tem dificuldade em lidar com as situações da vida, elaborar e resolver problemas de forma adequada", analisa.

Ele também diz que as mulheres tentam se matar mais vezes, mas os homens cometem mais suicídio. "São três tentativas femininas para uma masculina, mas a situação se inverte para casos que se tornam óbitos. Para cada mulher que se mata, três homens tiram a própria vida", revela.

O rapaz que se matou no domingo sofria de depressão desde os 11 anos de idade, tomava medicamentos de uso controlado e fazia tratamento psiquiátrico semanalmente, segundo

informações policiais. Ele já havia tentado o suicídio outras vezes, cortando a grade que protegia a janela do quarto.

"Pessoas que cometem o suicídio já tentaram outras vezes ou já manifestaram essa vontade anteriormente. É fundamental se atentar a sinais de desespero, desamparo e desesperança. O problema pode ser genético, afetando pessoas com depressão grave e que já têm histórico na família", alerta o psiquiatra.

Ele informou que a cada 40 segundos 1 pessoa comete suicídio no mundo. E a cada 3 segundos uma pessoa tenta suicídio. "É questão de **saúde pública**. Assim que for identificado perfil suicida, a procura por ajuda profissional deve ser imediata", diz.

Tentativas de Suicídio em Campo Grande 2017

Faixa etária	Masculino	Feminino	TOTAL/até Março
10 a 14 anos	0	11	11
15 a 19 anos	12	41	53
20 a 29 anos	29	44	73
30 a 39 anos	8	34	42
40 a 49 anos	4	18	22
50 a 59 anos	3	11	14
60 a 69 anos	0	2	2
70 a 79 anos	1	0	1
80 anos emais	0	2	2
Total	**57**	**163**	**220**

Fonte: SINAN-NET/NPV/CVE/DVS/SESAU*Dados sujeito a alterações.

Tentativas de suicídio em 2016 - Nos primeiros meses de 2016, foram registrados 207 casos, sendo 77 por homens e 130 por mulheres. Foram 98 com idade entre 10 e 29 anos.

Em todo o ano passado, também foi contabilizado um um total de 878 casos, sendo 285 em homens e 593 em mulheres, a maioria com idade entre 15 e 39 anos.

Desse total, houve 316 registros de pessoas que já haviam tentado suicídio outras vezes, ou seja, reincidência de 37%. Os dados referentes à 2017 ainda estão sendo tabulados.

Entre os meios de agressão utilizados, foram 497 por envenenamento e intoxicação, 110 por objetos perfurocortantes, 49 por enforcamento, 12 por substâncias inflamáveis, 5 por objetos contundentes (como madeiras e pedras), 5 armas de fogo.

Outros 137 foram tentativas por outros meios como, se atirar de prédio, de ponte ou se jogar em frente de carros. Foram ignorados os meios de agressão em 63 casos.

As informações são fornecidas também pela Superintendência de Vigilância em **Saúde** e Coordenadoria de Vigilância Epdemiológica da Sesau, disseminadas por meio do Sinan/Net (O Sistema de Informação de Agravos de Notificação).

Figuras 32 e 33 – Matéria na íntegra do dia 21 de julho de 2017 do *CG News*: "Polícia do Rio encontra jovens de MS entre aliciados para 'Baleia Azul'"

Polícia do Rio encontra jovens de MS entre aliciados para 'Baleia Azul'

Operação desencandeada em oito estados localizou telefones com DDD 67 em grupos na internet usados para propor torturas

Rafael Ribeiro

Imagens de criança auto-mutilada após acreditar em corrente da Baleia Azul: game pode levar ao suicídio (Foto: Internet)

A Polícia Civil do Rio de Janeiro confirmou ao **Campo Grande News** que encontrou telefones de crianças e adolescentes menores que 16 anos de Mato Grosso do Sul em celulares apreendidos durante operação desencandeada na última terça-feira (18) em oito estados contra o jogo da Baleia Azul, uma corrente virtual que induz ao suicídio e auto-fragelação. As investigações duraram três meses e continuam para localizar mais autores.

Ao todo, 24 mandados de busca e apreensão foram cumpridos em Amazonas, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe. Mais de 50 celulares e computadores foram apreendidos, em 20 municípios diferentes.

Um jovem de 23 anos, Matheus Silva, preso em Nova Iguaçu (RJ), confessou ser o 'curador' principal de uma das correntes criadas. 'Curador' é o responsável por impor os desafios de tortura física e psicológica, sempre sob intensas ameaças.

Segundo a polícia do Rio, números de telefone com o DDD 67, de nosso Estado, apareciam em grupos criados pelos 'curadores' para impor os desafios macabros Às crianças e adolescentes.

A polícia, contudo, confirma apenas que esses telefones seriam de potenciais vítimas, não de responsáveis pelo jogo. Por questões de segurança, o órgão não revelou a quantidade de telefones do Estado encontrado, a cidade deles ou qualquer indício de seus perfis.

"Trata-se de crimes em que necessitamos preservar e proteger as crianças", disse a delegada Fernanda Fernandes, da Delegacia de Repressão a Crimes de Informática do Rio de Janeiro.

Matheus Silva foi acusado de ser um dos principais propagadores do jogo no Brasil (Foto: Divulgação/Polícia Civil do Rio)

Há indícios, no entanto, que o grupo, apesar do aliciamento, não tenha ferido jovens no Estado. Na coletiva realizada no dia da operação, a polícia fluminense destacou que foram identificados crianças e adolescentes feridos por conta do bando no próprio Rio, além do vizinho Mato Grosso e também no Pará.

"São ameaças fortes para a cabeça infantil, que envolvem dizer que os pais serão mortos e coisas do tipo. Algumas vítimas estavam muito marcadas quando nós as encontramos", disse a delegada Daniela Terra, uma das responsáveis pela investigação.

O delegado Paulo Lauretto, titular da Depca (Delegacia Especializada em Proteção à Criança e ao Adolescente), que investiga o Baleia Azul no Estado, disse que não havia sido comunicado pela polícia do Rio sobre o encontro dos telefones.

Segundo a Safernet (associação que combate violação de direitos humanos na internet), o jogo surgiu de uma notícia falsa na Rússia que se espalhou a partir de 2015.

Em Mato Grosso do Sul, a corrente veio à tona justamente em abril, depois que professores de Ponta Porã (a 323 km de Campo Grande) tiveram acesso a uma mensagem com ameaça de envenenamento a crianças de três colégios particulares locais. O caso foi parar no 1ª DP da cidade, onde foi registrado boletim de ocorrência e o inquérito segue em aberto.

No Brasil, dois casos estão sendo investigados com possibilidade de relação ao game da morte. Um deles é no município de Pará de Minas, em Minas gerais, com o falecimento do jovem Gabriel Antônio dos Santos Cabral, de 19 anos, que sofria de depressão. A família informou que ele estava tentando deixar o grupo da internet, mas que vinha sendo muito pressionado.

Outro caso ocorreu em Vila Rica, no Mato Grosso, onde o corpo da adolescente Maria de Fátima da Silva Oliveira, de 16 anos, que também estaria com sintomas de depressão, foi encontrado dentro de uma represa.

As recomendações para as famílias são: monitorar o uso da internet, frequentar as redes sociais dos filhos, observar comportamentos estranhos e, sobretudo, conversar e conscientizar os adolescentes a respeito das consequências de práticas que nada têm de brincadeira. Atenção redobrada com os jovens que apresentem tendência a depressão, pois eles costumam ser especialmente atraídos por jogos como o da Baleia Azul.

Figura 34 – Matéria na íntegra do dia 14 de abril de 2017 do *Midiamax*: "Adolescente brasileiro é vítima do Baleia Azul, o jogo do suicídio"

Adolescente brasileiro é vítima do Baleia Azul, o jogo do suicídio

Diego Alves Em **01h11 - 14/04/2017** BRASIL

'Desafios de graus variáveis de dificuldade'

A morte de um adolescente de 19 anos de Pará de Minas, na Região Central de Minas Gerais é investigada pela Polícia Civil; ele seria a primeira vítima mineira de um jogo internacional de desafios que levam seus participantes ao suicídio.

Chamado Baleia Azul, esse game de origem russa começa por meio de contatos com grupos secretos do Facebook e culmina com um administrador repassando 50 desafios de graus variáveis de dificuldade, sendo a última tarefa a pessoa dar cabo da própria vida.

Gabriel Antônio dos Santos Cabral tinha mulher e uma filha de apenas 40 dias e segundo sua mãe, Maria de Fátima Santos, de 37, vinha tentando deixar esse grupo, mas sofria uma pressão muito grande e nos últimos dias vinha agindo de forma estranha. O corpo dele foi encontrado pela mulher sobre a cama do casal, depois que ela voltou do pernoite na casa da mãe, nesta quarta-feira. A Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros foram acionados e os socorristas encontraram cinco cartelas vazias de um antidepressivo. Estima-se que o rapaz tenha ingerido dezenas desses comprimidos na noite anterior. O caso está sendo investigado na Delegacia Regional de Pará de Minas, onde o telefone celular da vítima está sendo periciado.

De acordo com a Polícia Civil, o grupo que Gabriel participava está sendo investigado e foram encontrados participantes de todos os estados do Brasil, com idades entre 10 e 20 anos. Gabriel foi enterrado nesta manhã sob muita comoção. Uma de suas irmãs chegou a desmaiar. Na família todos comentavam não esperar por esse tipo de desfecho, comentando que o rapaz era trabalhador, pagava as próprias contas de aluguel e da casa, e estava planejando uma festa de aniversário para a filha, no fim deste ano.

A mãe conta que só soube sobre o jogo no último domingo (9/4), quando o próprio filho a contou sobre sua participação. "Pedi a ele para sair disso. Que isso era coisa do diabo, de quem tem pacto com o demônio e está coletando as almas dos outros. Ele disse que tentava sair, mas que as pessoas do grupo adicionavam ele de volta, atormentavam meu filho, ele não sabia mais o que fazer", relata Maria de Fátima.

Segundo a mãe contou à polícia, o jovem disse que já tinha cumprido alguns desafios, como tirar uma fotografia assistindo a um filme de terror, filmar a ele mesmo no alto de um edifício e chegou a se cortar tentando desenhar uma baleia no braço com uma lâmina de barbear quebrada, desafio que não terminou. O remédio que ele tomou era uma prescrição médica para a insônia e a enxaqueca que o afligiam, segundo a mãe. "Ele tinha dificuldades para dormir e dores de cabeça, enxaquecas. O médico tinha prescrito e ele tomou tudo", conta.

Como funciona

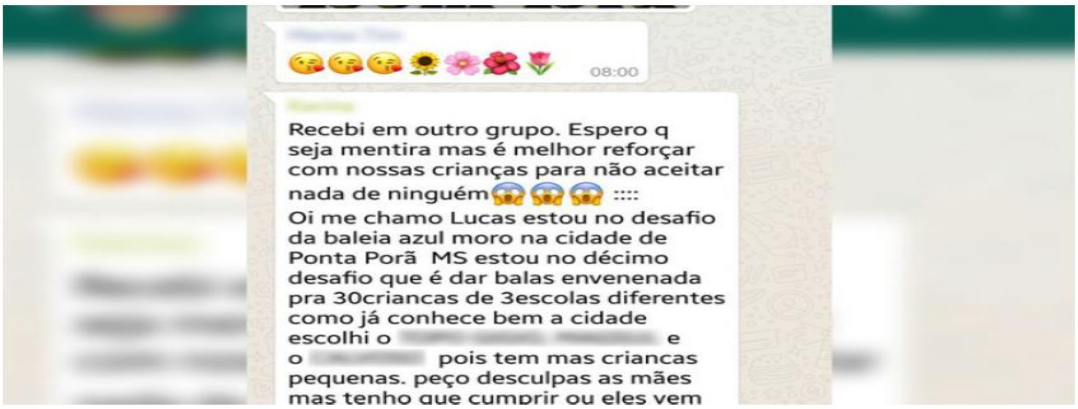
O jogo tem um curador ou moderador que distribui os desafios a partir de um grupo secreto onde os contatos são inciados pelo Facebook. Entre os desafios estão provas mórbidas que de certa forma preparam os participantes para o suicídio.

São desafios típicos, por exemplo: escrever frases e fazer desenhos com lâminas na palma da mão e nos braços, assistir a filmes de terror de madrugada, subir no alto de um telhado ou edifício, escutar músicas depressivas, mutilar partes do corpo – como os lábios -, ficar doente, ir a uma estrada de ferro de madrugada, receber e aceitar uma data para a sua morte e cumprir essa missão.

Figura 35– Matéria na íntegra do dia 19 de abril de 2017 do *Midiamax*: "Aviso de envenenamento em desafio do 'Baleia Azul' deixa escolas de MS em alerta"

Aviso de envenenamento em desafio do 'Baleia Azul' deixa escolas de MS em alerta

Renata Em 13h45 - 19/04/2017 POLÍCIA



Mensagem foi divulgada no WhatsApp

Na manhã desta quarta-feira (19), diretores de três colégios em Ponta Porã, cidade a 346 quilômetros de Campo Grande, procuraram a polícia após uma mensagem com ameaça de envenenamento de alunos chegou para uma professora. Na mensagem, um suposto morador em Ponta Porã diz que isso faz parte de um dos desafios do 'Baleia Azul'.

Conforme as informações registradas pelos responsáveis pelas escolas, no início da manhã chegou ao conhecimento de pessoas ligadas ao colégio a seguinte mensagem

"Oi me chamo Lucas estou no desafio da Baleia Azul moro na cidade de Ponta Porã MS estou no décimo desafio que é dar balas envenenadas para 30 crianças de 3 escolas diferentes como já conhece bem a cidade escolhi o ***– os nomes dos colégios serão preservados –*** *pois tem mais crianças pequenas. Peço desculpas às mães mas tenho que cumprir ou eles vêm atrás de mim sinto muito pelos filhos de vocês ** desafio aceito".*

Os responsáveis pelas escolas procuraram a 1ª Delegacia da cidade e solicitaram investigação do caso e do teor das mensagens. Uma professora recebeu a mensagem e imagens capturadas da tela do celular com o texto foram encaminhadas para a polícia.

O caso é tratado como ameaça e também envenenamento de água potável ou de substância alimentícia ou medicinal, na forma tentada.

‘Baleia Azul’

Apontado como um jogo que teve origem na Rússia, o ‘Baleia Azul’ tem um curador ou moderador que distribui os desafios a partir de um grupo secreto onde os contatos são iniciados pelo Facebook. Entre os desafios estão provas mórbidas que de certa forma preparam os participantes para o suicídio.

São desafios típicos, por exemplo: escrever frases e fazer desenhos com lâminas na palma da mão e nos braços, assistir a filmes de terror de madrugada, subir no alto de um telhado ou edifício, escutar músicas depressivas, mutilar partes do corpo – como os lábios -, ficar doente, ir a uma estrada de ferro de madrugada, receber e aceitar uma data para a sua morte e cumprir essa missão.

Na última semana, a morte de Gabriel Antônio dos Santos Cabral, de 19 anos, passou a ser investigada após a família descobrir que ele jogava o ‘Baleia Azul’. O caso aconteceu em Pará de Minas, Gabriel tinha mulher e uma filha de apenas 40 dias e segundo sua mãe, Maria de Fátima Santos, de 37, vinha tentando deixar esse grupo, mas sofria uma pressão muito grande.

O corpo dele foi encontrado pela mulher sobre a cama do casal. A Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros foram acionados e os socorristas encontraram cinco cartelas vazias de um antidepressivo. Estima-se que o rapaz tenha ingerido dezenas desses comprimidos na noite anterior.

Figuras 36 e 37 – Matéria na íntegra do *Midiamax* do dia 20 de abril de 2017 na íntegra: "Para vereadores, 'Baleia Azul' é reflexo de internet demais e amor de menos"

Para vereadores, 'Baleia Azul' é reflexo de internet demais e amor de menos

Ludyney Moura Em **15h35 - 20/04/2017**

'Vara da infância era a da goiabeira', disse um deles

Durante a sessão desta quinta-feira (20) na Câmara de Campo Grande, os vereadores discutiram sobre o jogo, criado na Rússia, conhecido como 'Baleia Azul', que incita os participantes a atos de mutilação e até suicídio.

Responsável por levar o assunto ao plenário, o vereador Delegado Wellington (PSDB) afirmou que o Poder Público precisa se atentar para o jogo, que classificou de 'massacre digital'. O tucano chegou a sugerir envio de ofício para o Google e Facebook, e disparou que a 'tecnologia é perversa e que a rede social promove auto-mutilação'.

Para alguns vereadores, mudanças no comportamento das famílias resultam no suicídio de crianças e adolescentes que participam do 'Baleia Azul'.

"Família é a base de tudo, os pais acham que obrigação de educar é da creche. Outra coisa é a falta da religiosidade, falta de Deus. A escola ajuda, mas não resolve de verdade. Na minha época a vara da infância era a vara da goiabeira. Não tinham psicólogo", disparou Veterinário Francisco (PSB).

Para Ayrton Araújo (PT), os pais precisam proibir os filhos de acessar o Facebook. "Hoje os filhos estão ai para o mundo educar. Porque hoje não pode encostar no filho que ele faz um ofício. Isso é por causa da globalização, falta de amor e carinho", disse o petista, que revelou que começou a trabalhar com 10 anos de idade, ajudando o pai.

Valdir Gomes (PP) sugeriu aos colegas uma conversa com a secretária municipal de educação e uma visita às escolas, para se inteirar melhor do assunto. Odilon Junior (PDT) afirmou que o jogo 'é um sintoma da falência da instituição família'.

O também pedetista Ademir Santana sugeriu um projeto de lei que proíba alunos da rede pública de usar celular nas dependências dos colégios.

"Escola não é lugar de ficar no Facebook, no Whats. Pelo menos vamos tentar proibir que eles (crianças e adolescentes) fiquem sem celular um período", disse Santana, que não teve atenção de todos os colegas durante sua fala já que alguns justamente mexiam em seus smartphones.

André Salineiro disse que os brasileiros querem justiça, mas que não denunciam os responsáveis pelo jogo (criado na Rússia), enquanto Papy (SD) afirmou que o parlamento precisa 'ficara atento para consolidar o ambiente familiar'.

Audiência

O vereador Enfermeiro Fritz (PSD) revelou que a comissão de saúde da Casa já prepara para a próxima quarta-feira (26) uma audiência pública com tema 'suicídio na adolescência', com foco no jogo Baleia Azul. O evento será às 14 hs, na Câmara, e será aberto ao público.

Figura 38 – Matéria na íntegra do *Midiamax* do dia 25 de abril de 2017: ““Reprodução irresponsável e satânica”, diz Marquinhos sobre baleia azul”

“Reprodução irresponsável e satânica”, diz Marquinhos sobre baleia azul

Clayton Neves Em **22h27 - 25/04/2017**

Desafio incentiva o suicídio

O Prefeito de Campo Grande Marquinhos Trad (PSDB) classificou o ‘jogo’ Baleia Azul, que incentiva a prática de suicídio entre jovens e adolescentes, como “reprodução irresponsável e satânica”. A declaração foi feita na tarde desta terça-feira (25), durante abertura dos jogos escolares.

Em sua fala durante a cerimônia, Trad afirmou que ao contrário de municípios que atuam na remediação, sua gestão está focada prevenção, incentivando que “crianças e adolescentes tornem-se homens e mulheres de bem, úteis na sociedade”.

Contudo, Marquinhos afirmou que ainda assim, o Baleia Azul também também é assunto prioritário. “É um problema que se for deixado de lado é fatal, se não fosse assim o Brasil inteiro não estaria alardeado. Todos estão preocupados com essa reprodução irresponsável e satânica que mutila os jovens e leva alguns deles a praticarem atos contra a própria vida”, explicou.

‘Baleia Azul’

Apontado como um jogo que teve origem na Rússia, o ‘Baleia Azul’ tem um curador ou moderador que distribui os desafios a partir de um grupo secreto onde os contatos são iniciados pelo Facebook. Entre os desafios estão provas mórbidas que de certa forma preparam os participantes para o suicídio.

São desafios típicos, por exemplo: escrever frases e fazer desenhos com lâminas na palma da mão e nos braços, assistir a filmes de terror de madrugada, subir no alto de um telhado ou edifício, escutar músicas depressivas, mutilar partes do corpo – como os lábios -, ficar doente, ir a uma estrada de ferro de madrugada, receber e aceitar uma data para a sua morte e cumprir essa missão.

Na última semana, a morte de Gabriel Antônio dos Santos Cabral, de 19 anos, passou a ser investigada após a família descobrir que ele jogava o ‘Baleia Azul’. O caso aconteceu em Pará de Minas, Gabriel tinha mulher e uma filha de apenas 40 dias e segundo sua mãe, Maria de Fátima Santos, de 37, vinha tentando deixar esse grupo, mas sofria uma pressão muito grande.

O corpo dele foi encontrado pela mulher sobre a cama do casal. A Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros foram acionados e os socorristas encontraram cinco cartelas vazias de um antidepressivo. Estima-se que o rapaz tenha ingerido dezenas desses comprimidos na noite anterior.

Figura 39 – Matéria na íntegra do *Midiamax* de 25 de abril de 2017: "Crescimento constante: taxa de suicídio entre jovens sobre 10% desde 2002"

Crescimento constante: taxa de suicídio entre jovens sobe 10% desde 2002

Clayton Neves Em **16h32 - 22/04/2017** BRASIL

Foram 2.898 suicídios de jovens de 15 a 29 anos em 2014

De assunto mantido entre quatro paredes a tema de série na internet, o suicídio de jovens cresce de modo lento, mas constante no Brasil: dados ainda inéditos mostram que, em 12 anos, a taxa de suicídios na população de 15 a 29 anos subiu de 5,1 por 100 mil habitantes em 2002 para 5,6 em 2014 – um aumento de quase 10%.

Os números obtidos com exclusividade pela BBC Brasil são do Mapa da Violência 2017, estudo publicado anualmente a partir de dados oficiais do Sistema de Informações de Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde.

Um olhar atento diante de uma série histórica mais longa de dados permite ver que o fenômeno não é recente nem isolado sobre o que acontece com a população brasileira. Em 1980, a taxa de suicídios na faixa etária de 15 a 29 anos era de 4,4 por 100 mil habitantes; chegou a 4,1 em 1990 e a 4,5 em 2000. Assim, entre 1980 a 2014, houve um crescimento de 27,2%.

Criador do Mapa da Violência, o sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz destaca que o suicídio também cresce no conjunto da população brasileira. A taxa aumentou 60% desde 1980.

Em números absolutos, foram 2.898 suicídios de jovens de 15 a 29 anos em 2014, um dado que costuma desaparecer diante da estatística dos homicídios na mesma faixa etária, cerca de 30 mil.

"É como se os suicídios se tornassem invisíveis, por serem um tabu sobre o qual mantemos silêncio. Os homicídios são uma epidemia. Mas os suicídios também merecem atenção porque alertam para um sofrimento imenso, que faz o jovem tirar a própria vida", alerta Waiselfisz, coordenador da Área de Estudos da Violência da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso).

O sociólogo aponta Estados do Centro-Oeste e Norte em que a taxa de suicídio de jovens é maior, num fenômeno que os especialistas costumam associar aos suicídios entre indígenas: Mato Grosso do Sul (13,6) e Amazonas (11,9).

Na faixa etária de 15 a 29 anos, a taxa de suicídio tem se mantido sempre um pouco acima da verificada na população brasileira como um todo, segundo a publicação "Os Jovens do Brasil", lançada por Waiselfisz em 2014, com um capítulo sobre o tema.

Segundo a publicação, o Brasil ainda apresenta taxas de suicídio relativamente baixas na comparação internacional feita com base em dados compilados pela ONU.

Em países como Coreia do Sul e Lituânia, a taxa no conjunto da população supera 30 por 100 mil habitantes; entre jovens, supera 25 por 100 mil habitantes na Rússia, na Bielorússia e no Cazaquistão.

Em números absolutos, porém, o Brasil de dimensões continentais ganha visibilidade nos relatórios: é o oitavo país com maior número de suicídios no mundo, segundo ranking divulgado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) em 2014.

Depressão, drogas, abusos e bullying

O suicídio na juventude intriga médicos, pais e professores também pelo paradoxo que representa: o sofrimento num período da vida associado a descobertas, alegrias e amizades, não a tristezas e morte.

O tema foi debatido na quinta-feira numa roda de conversa organizada pelo Centro Acadêmico Sir Alexander Fleming (Casaf), do curso de Medicina da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com a presença de estudantes e professores.

Segundo especialistas ouvidos pela BBC Brasil, o problema é normalmente associado a fatores como depressão, abuso de drogas e álcool, além das chamadas questões interpessoais – violência sexual, abusos, violência doméstica e bullying.

A cientista política Dayse Miranda, coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Suicídio e Prevenção da UERJ, participou do debate e destacou os relatos dos estudantes.

"Fiquei impressionada como os alunos falaram de sofrimento, seja deles, seja a dificuldade para lidar com o sofrimento de outros jovens, além do uso excessivo de medicamentos, que eles naturalizam", afirma.

"Um deles disse considerar impossível um aluno passar pelo terceiro ano de Medicina sem usar remédios para ansiedade e depressão."

A coordenadora-geral do centro acadêmico de Medicina, Elisabeth Amanda Gomes Soares, de 22 anos, aluna do sexto período, diz que a intenção ao promover o evento foi debater a saúde mental do estudante.

Segundo ela, o aluno de Medicina muitas vezes acaba se distanciando das questões mais humanas e esquece a vida social e familiar para se dedicar ao curso, sucumbindo às pressões.

"É muita cobrança por competitividade, nota, sucesso, presença... Temos de discutir isso dentro do curso, é um tema ainda pouco falado", afirma.

Dayse Miranda destaca, entre os jovens que cometem suicídio, o grupo que tem de 15 a 24 anos. "É um período que inclui adolescência, problemas amorosos, entrada na faculdade, pressão social pelo sucesso... Depois dos 25 anos, já é um jovem adulto, as preocupações mudam, já são mais relacionadas a emprego", avalia.

"Também alerto não ser possível falar do jovem como um grupo único. Há diferenças entre grupos sociais. O aluno de Medicina é parte de uma elite. Como é em outros grupos? Temos de discutir esse tema seriamente, pois o problema vem crescendo."

Ambiente escolar

Psiquiatra da infância e da adolescência e pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Carlos Estelita estuda a interface entre o suicídio e outros fenômenos violentos – desde famílias que vivem em comunidades urbanas tomadas por tiroteios e vivem o estresse diário dos confrontos até jovens indígenas que se sentem rejeitados tanto por suas tribos como por grupos brancos.

O bullying no ambiente escolar é citado por ele como um dos principais elementos associados ao suicídio. “Pessoas que seguem qualquer padrão considerado pela maioria da sociedade como desviante, seja o tênis diferente, a cor da pele, o peso, o cabelo ou a orientação de gênero, são hostilizadas continuamente e entram em sofrimento psíquico”, afirma Estelita, professor do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, ligado à Fiocruz.

“Temos de alertar também para a transformação do modelo tradicional de família e para o fato de que a escola nem sempre consegue incluir esse jovem.”

Outra dificuldade é falar do assunto com jovens. Muitas vezes, estratégias que funcionam com adultos não têm o mesmo resultado quando usadas com adolescentes – e, entre as peculiaridades desse grupo, está a forma como usa a internet e as redes sociais.

A rede vem sendo palco para grupos que não só romantizam o suicídio, mas exortam jovens a cometê-lo, usando a falsa ideia do desafio. O psiquiatra sublinha a necessidade de uma política nacional de atendimento a urgências, pois, muitas vezes, os profissionais não sabem como lidar com casos de tentativas de suicídio.

A psicóloga Mariana Bteshe, professora da Uerj, diz que os pais devem estar atentos a qualquer mudança brusca no comportamento do jovem, como, por exemplo, um adolescente expansivo que, de repente, fica introspectivo, agressivo, tem insônia, dorme demais ou passa muito tempo no quarto.

Mais uma vez, o alerta especial vai para o uso da internet, e Bteshe lista, na contramão do jogo que incentivaria o suicídio, iniciativas que tentam combater a depressão e lançam desafios “do bem”, como o jogo da Baleia Rosa.

“Muitas vezes o jovem fica muito tempo na internet, e os pais não sabem o que ele anda vendo ou com quem anda falando. É preciso que a família, mantendo a privacidade do jovem, busque uma forma de contato com ele e abra um espaço de diálogo”, afirma a psicóloga, que defendeu na Fiocruz uma tese de doutorado sobre suicídio.

Bteshe reitera que silenciar sobre suicídio não ajuda a combater o problema. Este é um dos tabus associados ao tema, o chamado “Efeito Werther” – a ideia de que falar de suicídio pode inspirar ondas de casos por imitação.

O nome vem do protagonista do livro Os Sofrimentos do Jovem Werther , de Goethe, publicado em 1774, sobre um rapaz que se suicida após um fracasso amoroso e cujo exemplo teria provocado outros suicídios de jovens.

Atualmente, diz a psicóloga, a diretriz da OMS é abordar o tema sem glamour, sem divulgar métodos e sem apontar o suicídio como solução para os problemas – agindo sem preconceito e oferecendo ajuda a quem precisa.

Figuras 40 e 41 – Matéria na íntegra do *Midiamax* do dia 31 de maio de 2017 na íntegra: "Violação de túmulos e cadáveres em MS pode estar ligada ao jogo 'Baleia Azul'"

Violação de túmulos e cadáveres em MS pode estar ligada ao jogo 'Baleia Azul'

Arlindo Florentino Em **19h21 - 31/05/2017** **POLÍCIA**

Polícia registrou segundo caso em menos de 10 dias

Todas as pistas foram apagadas, mas a violação de uma sepultura no cemitério de Rio Brilhante, a 158 quilômetros de Campo Grande, (a segunda este mês), pode estar ligada ao jogo de desafios "Baleia Azul". Esta é uma das linhas de investigação a ser adotada pelo delegado André Luiz de Mendonça, titular da delegacia de Rio Brilhante.

O fato aconteceu no último dia 28, quando foi feito o Boletim de Ocorrência de violação de sepultura, pois a urna funerária foi encontrada ao lado do túmulo e com a tampa quebrada

O primeiro caso deste mês foi registrado na fronteira do Brasil com o Paraguai no dia 18. Trabalhadores de um cemitério de Pedro Juan Caballero, no Paraguai acionaram a polícia depois de encontrarem, o túmulo de um brasileiro violado, e o corpo jogado ao chão sem a cabeça e um dos braços.

O fato de dois casos semelhantes acontecerem em datas tão próximas, chamou a atenção do delegado. "É apenas uma suposição. Não temos nada que possa nos dar a certeza, mas dois casos assim, em datas tao proximas, chama a atenção e por aquilo que sabemos do jogo, a ida a um cemitério está entre os desafios", afirmou.

O delegado, deixou claro que as investigações estão na estaca zero, pois não há qualquer pista. "Quando nós fomos informados e nos dirigimos ao cemitério, os funcionários já haviam recolocado a urna na sepultura e inclusive cimentado a parte superior. Desta forma qualquer vestígio que os responsáveis pelo crime possam ter deixado, foram apagados", disse o delegado.

“As investigações estão prosseguindo e os responsáveis por este ato podem dar um vacilo e comentar o feito. Além disso os nossos policiais já contam com algumas informações e esperamos identificar e responsabilizar os ou o criminoso em pouco tempo”, concluiu.

O jogo

O jogo de desafios “Baleia Azul” difundido mais entre jovens, teria sido o responsável por vários fatos “estranhos” em várias partes do mundo. Nele, um coordenador, que consegue o domínio dos participantes vai lançando desafios. Entre eles está a auto medicação, mutilação, jejum de vários dias, abandono do lar entre outros e o ponto máximo seria o suicídio

Figuras 42 e 43 – Matéria na íntegra do *Midiamax* do dia 22 de julho de 2017 na íntegra: "Pedofilia e rituais em cemitérios, a cara oculta dos curadores do Baleia Azul'"

Pedofilia e rituais em cemitérios, a cara oculta dos curadores do Baleia Azul

Diego Alves Em **23h10 - 22/07/2017** BRASIL

'50 desafios'

Mateus, de 23 anos, foi acordado pela polícia na última terça-feira às seis da manhã. Morador de uma comunidade da Baixada Fluminense, pobre região na área metropolitana do Rio, era o alvo principal de uma operação que procurava os responsáveis pelo Baleia Azul, um macabro jogo virtual que, em 50 desafios, incita jovens à automutilação e ao suicídio.

No mesmo dia, mais quatro jovens foram presos em São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A operação, comandada pela Delegacia de Repressão a Crimes de Informática do Rio, revelou ainda as sombras dos supostos líderes do jogo. Além de guiar jovens vulneráveis em processos autodestrutivos e cobrar imagens que provassem a superação de cada etapa, alguns dos curadores estariam usando o material com fins de pedofilia.

Os presos, que podem responder por formação de quadrilha, lesão corporal ou até por homicídio, são considerados curadores, figura chave no jogo virtual, cuja origem, cheia de lendas e meias verdades, foi identificada na Rússia. São os curadores quem propõem à vítima o uso de objetos cortantes para escrever

códigos, cortar os lábios ou desenhar uma baleia no antebraço usando uma gilete como pincel para, depois, exigir o envio de fotos que provem a realização dos objetivos.

No caso das meninas, ainda eram pedidos registros delas em suas roupas íntimas mostrando as lesões. São os curadores quem marcam a data e a forma com a qual o jovem terminará com sua vida, às vezes se atirando de algum lugar, outras ingerindo quantidades absurdas de remédios.

Ainda sonolento, Mateus se descreveu para os policiais que entraram na sua casa como “um dos curadores mais conhecidos do Rio”. “Sempre aconselhei eles a não se matarem” disse, ainda sentado na cama. “Mas uma vez que entravam no jogo não tinham alternativa”. Cabia ao curador também ameaçar as vítimas, induzi-las a acreditar que sabiam tudo sobre sua vida após hackear seus computadores, embora não tivessem nenhuma intenção ou poder de atacá-las. Jovens que participaram do jogo relataram que foram ameaçados pelos organizadores quando quiseram sair. “Eu sei como fazer você voltar a jogar, e as pessoas a sua volta é que vão sofrer”, recebeu uma das vítimas no Rio, cujo curador ainda não foi preso.

O jogo, que estourou no Brasil em abril com várias tentativas de suicídio, converteu os dramas de saúde dos jovens em casos de polícia, trouxe pânico aos pais e disparou alertas nos hospitais brasileiros, que nos últimos anos já têm presenciado um aumento de casos de suicídios entre adolescentes. O Baleia Azul, com supostas vítimas espalhadas pelo país todo, escancarava assim a necessidade de se discutir um tabu: o do suicídio entre jovens, um fenômeno que cresce no mundo inteiro, de acordo com informações da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Mateus, pedreiro desempregado, disse ter acompanhado os desafios de cerca de 30 jovens, mas insistiu, sempre sem perder a calma, não ter matado ninguém. Amante do rock, é considerado “um cara tranquilo” pelo seu advogado. Com a ressalva, segundo a polícia, de que tinha uma caveira embaixo da cama e gostava de visitar os cemitérios à noite e fazer rituais que incluíam abrir os túmulos e tirar tecidos humanos para fazer chás.

Enquanto Mateus relatava que para ele já foi normal a vontade de se matar, seus apadrinhados, um casal, com quem o jovem conversava pela rede social, era preso na casa que dividia em São Paulo. Rodrigo e Letícia, ajudante de um mercado e uma maquiadora de 23 e 21 anos, eram administradores de um grupo no Facebook chamado “Estou bem triste”, com mais de 9.000 membros.

A partir dele, segundo os investigadores, incitavam aos integrantes a participarem do jogo. Eles negaram sua vinculação com o Baleia Azul, mas Rodrigo se ocupava do tema no seu perfil: “Eu achei que era mentira, mas realmente tem gente que passa horas assistindo outras pessoas a jogarem um jogo ao invés de jogar [...] Descartem suas vidas logo”. Ou :“Essas pessoas colocando foto de baleia azul no Facebook insinuando que vão se matar, mas só querem atenção mesmo. Se elas se matassem de verdade, a gente iria se livrar de uma escória de gente retardada na internet. Seria ótimo”.

Mas os problemas legais de Rodrigo não se limitam às postagens sobre o jogo virtual. No seu celular foi encontrada a foto de um púbis com uma suástica desenhada com gilete e, segundo os agentes e o próprio depoimento do suspeito, é investigado pela Polícia Federal por manter um site de pedofilia. Não é o único. No Rio Grande do Sul, um menor de 15 anos, também identificado pela polícia do Rio como curador, guardava farto material pornográfico de menores no computador. Considerado um adolescente "aparentemente normal" pelos policiais que o prenderam, há indícios de que usava diversos perfis falsos nas redes sociais evoluindo do seu perfil de hacker ao de estelionatário.

Por fim, em Santa Catarina, era presa a quinta suspeita, que surpreendeu os investigadores por sua frieza, mas negou ter atuado como curadora. Emily, desempregada de 21 anos, conversava pela rede social com Mateus e postava frequentemente no grupo de Facebook "Estou bem triste" administrado pelo casal de São Paulo. "Sou uma curadora e tenho até aproximadamente 40 baleias [vítimas]", dizia numa das postagens. "É egoísmo querer que alguém permaneça vivo contra sua vontade, só por agradar a própria família [...] Queria dizer que sim, o jogo é real. E, sim, muita gente irá morrer. Agradeçam a mim e a outros curadores".